

A LUZ DA ALMA

Ciência e Efeito

PARÁFRASE DOS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

COM COMENTÁRIOS DE ALICE A. BAILEY

Título do original em inglês:

The Light of the Soul

Tradução: Núcleo Aquariano Brasil

1ª edição digital em português, 2025

A LUZ DA ALMA

Ciência e Efeito

PARÁFRASE DOS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

COM COMENTÁRIOS DE ALICE A. BAILEY

“Antes que a alma possa ver, é preciso conquistar a harmonia interior e os olhos carnaís devem ficar cegos a toda ilusão.

Antes que a alma possa ouvir, a imagem (o homem) deve ficar surda aos rugidos e aos sussurros, aos bramidos dos elefantes furiosos e aos ressonantes zumbidos do vaga-lume dourado.

Antes que a alma possa compreender e lembrar, deve se unir àquele que fala no silêncio, como a mente do ceramista primeiro se une à forma que a argila modelará.

Então a alma ouvirá e lembrará.

E a Voz do Silêncio falará ao ouvido interno”.

Extraído de “A Voz do Silêncio”

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Ciência da Raja Yoga, ou “Ciência Régia da Alma”, conforme exposta por seu principal intérprete, Patanjali, terá no Ocidente, no devido tempo, sua maior expressão, o que se deve ao fato de que – sob a lei dos ciclos – a quinta raça-raiz (na quinta sub-raça) deve inevitavelmente alcançar o ponto culminante. Na economia das raças, referido ponto exemplifica-se pelo uso correto da mente e pelo uso que a alma faz dela para alcançar os objetivos grupais e o desenvolvimento da consciência grupal no plano físico.

Até o presente a mente ou se corrompeu, pela dedicação a fins materiais, ou foi endeusada. Através da ciência da Raja Yoga, a mente será conhecida como o instrumento da alma e o meio pelo qual o cérebro do aspirante se iluminará e conquistará o conhecimento dos temas referentes ao reino da alma.

Também nos termos da lei da evolução, como a mente é o quinto princípio, a quinta raça-raiz tem uma correspondência intrínseca com ela e a quinta sub-raça de maneira ainda mais estreita que qualquer outra. Seria do interesse dos estudantes ter presente as seguintes correspondências:

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 1. Quinta raça-raiz | ária. |
| 2. Quinta sub-raça | anglo-saxã. |
| 3. Quinto princípio | manas ou mente. |
| 4. Quinto plano | o mental. |
| 5. Quinto raio | conhecimento concreto. |

As diversas Yogas tiveram seu lugar no desenvolvimento do ser humano. Na primeira raça puramente física, denominada lemuriana, a yoga imposta à época para a humanidade infantil foi a Hatha Yoga, a yoga do corpo físico, que incute na consciência o uso e a manipulação dos diversos órgãos, músculos e partes da estrutura física. Para os adeptos desta época, o problema era ensinar aos seres humanos, pouco mais que animais então, a função, a importância e o uso dos diversos órgãos, para que pudessem controlá-los de maneira consciente, e também compreender o significado simbólico da estrutura corporal humana. Assim, naquela época longínqua, mediante a prática da Hatha Yoga, o ser humano chegava ao portal da iniciação. A iniciação mais elevada que o ser humano era capaz de conquistar, àquela época, era a terceira, que resultava na transfiguração da personalidade.

Na era atlante, os filhos dos homens progrediram pela instituição de duas yogas. Primeiro, a yoga denominada Laya Yoga, a yoga dos centros, que produziu a estabilização do corpo etérico e dos centros no homem e o desenvolvimento da natureza astral e psíquica. Em seguida, a Bhakti Yoga, que brotou do desenvolvimento do corpo emocional ou astral, foi incorporada à Laya Yoga e assim se assentaram os fundamentos do misticismo e do fervor devocional, que constituem o estímulo subjacente ao longo da nossa raça-raiz específica, a ária. Nesta época, o objetivo era a quarta iniciação. O tema relativo às grandes iniciações foi debatido com mais profundidade em minha obra anterior, *Iniciação Humana e Solar*.

Agora, na raça ária, a prática da Raja Yoga viabiliza a subjugação do corpo mental e o controle da mente, e a quinta iniciação, a do adepto, é a meta para a humanidade em evolução. Todas as Yogas, pois, tiveram seu lugar e serviram a um propósito útil, o que revelará que todo retorno às práticas de Hatha Yoga ou que se ocupem especificamente do desenvolvimento dos centros, fomentado pelos vários tipos de práticas de meditação e exercícios respiratórios é, sob determinado aspecto, um retrocesso. Pela prática da Raja Yoga, como será possível ver, e assumindo aquele ponto de comando direcionador que o homem que centraliza a consciência na alma haverá de encontrar, as outras formas de Yoga são desnecessárias, pois a Yoga maior inclui automaticamente todas as menores em seus resultados, embora não nas práticas.

Quando as práticas da yoga forem estudadas, ficará evidente a razão pela qual o dia da oportunidade acaba de chegar. O Oriente preservou as regras para nós, desde eras imemoriais. Alguns orientais (e um pequeno número de adeptos ocidentais) valeram-se destas regras e se submeteram à disciplina desta rigorosa ciência. Assim a continuidade da Doutrina Secreta, da Sabedoria Atemporal, foi preservada para a raça, e o pessoal da Hierarquia do nosso planeta foi reunido. Na época do Buda, e devido ao estímulo que Ele produziu, houve uma grande reunião de Arhats, homens que haviam alcançado a liberação através do esforço autoiniciado. Este período, na nossa raça ária, caracterizou o auge do Oriente. A partir de então, o fluxo da vida espiritual vem se deslocando de maneira constante para o Ocidente, onde podemos ver agora um ponto culminante correspondente, que alcançará o apogeu entre os anos de 1965 e 2025. Para este fim, os adeptos de Oriente e Ocidente trabalham unidos, pois sempre cumprem a Lei.

Este próximo impulso (como foi na época do Buda) é um impulso de Segundo Raio e não tem nenhuma relação com qualquer impulso de Primeiro Raio, como aquele que gerou H. P. Blavatsky. Os impulsos de Primeiro Raio surgem nos primeiros vinte e cinco anos de cada século e alcançam o apogeu no plano físico ao longo dos últimos vinte e cinco anos. O interesse que a Raja Yoga está despertando agora, como também o estudo desta ciência e das regras que ela estabelece para o desenvolvimento do homem, são indicativos da tendência geral do crescente impulso de Segundo Raio, interesse que será cada vez maior. Chega, assim, o dia da oportunidade.

Há três livros que devem estar nas mãos de todo estudante, o *Bhagavad Gita*, o *Novo Testamento* e os *Aforismos da Yoga*, pois eles contêm um quadro completo da alma e do respectivo desenvolvimento.

O *Gita* nos deu, em seus dezoito capítulos, uma descrição da alma, de Krishna, o segundo aspecto, em sua verdadeira natureza como Deus em manifestação, culminando no maravilhoso capítulo em que Ele se revela a Arjuna, o aspirante, como a alma de todas as coisas e o ponto de glória por trás do véu de todas as formas.

O *Novo Testamento* descreve para nós a vida de um Filho de Deus em plena manifestação e, liberada de todo véu, a alma em sua verdadeira natureza caminha na Terra. À medida que estudamos a vida do Cristo, fica claro para nós o que é desenvolver os poderes da alma, alcançar a liberação e, em plena glória, tornar-se um Deus caminhando na Terra.

Os *Aforismos da Yoga* incorporam para nós as leis desta formação, assim como as regras, os métodos e os meios pelos quais – quando devidamente seguidos – um homem se torna “tão perfeito como o Pai nos Céus é perfeito”. Etapa por etapa, desvenda-se diante de nós um sistema de desenvolvimento gradativo, que conduz o homem do estágio do homem bom comum ao de aspirante, iniciado e mestre, até o elevado ponto da evolução em que hoje se encontra o Cristo. Afirmou João, o discípulo amado, que “seremos como Ele, pois O veremos como Ele é” e, quando a alma se revela ao homem em encarnação no plano físico, causa sempre uma grande transformação. O próprio Cristo declarou que “Maiores obras do que Eu faço, fareis vós”, prometendo-nos “o reino, o poder e a glória”, desde que a nossa aspiração e perseverança sejam suficientes para nos conduzir pelo espinhoso caminho da Cruz e nos habilitem a trilhar aquela senda que “conduz, montanha acima” até o topo do Monte da Transfiguração.

Como é promovida esta grande mudança? De que maneira o homem, vítima dos seus desejos e da natureza inferior se torna o homem triunfante, que vence o mundo, a carne e o mal? Ela é viabilizada quando o cérebro físico do homem em encarnação torna-se consciente do ego, da alma, e este entendimento claro e consciente só é possível quando o verdadeiro ego está apto a “refletir a si mesmo na substância mental”. A alma se libera inerentemente dos objetos e

permanece sempre no estado de unidade isolada. O homem em encarnação, porém, deve chegar à compreensão, em cérebro físico e consciente, desses dois estados de ser; ele tem de se liberar, conscientemente, de todos os objetos de desejo e permanecer como um todo unificado, desapegado e liberado de todos os véus, de todas as formas dos três mundos. Quando o estado consciente do ser, como o homem espiritual conhece, também se tornar a condição de percepção do homem em encarnação física, a meta terá sido atingida. O homem deixou de ser vítima do mundo, que é o que o corpo físico faz dele, quando se encontra identificado com referido corpo. Caminha livre, “com o rosto resplandecente” (I. Cor. 3) e a luz do seu semblante se projeta sobre tudo com que faz contato. Seus desejos já não impelem a carne à atividade, nem o corpo astral o oprime e domina.

Mediante o desapaixamento e o equilíbrio dos pares de opostos, ele se liberou dos seus estados de ânimo, comoções, ânsias, desejos e reações emocionais que caracterizam a vida do homem comum e atingiu o ponto de paz. O mal do orgulho, símbolo da natureza mental usada de maneira indevida, e as falsas percepções da mente, são superados e ele se libera dos três mundos. A natureza da alma, as qualidades e atividades inerentes à natureza amorosa do Filho de Deus, a sabedoria que demonstra quando amor e atividade (segundo e terceiro aspectos) se unem, caracterizam a sua vida na Terra e ele pode dizer, tal como o Cristo “Está consumado”.

A data do nascimento de Patanjali não é conhecida e há muitas controvérsias sobre isso. A maioria das fontes ocidentais autorizadas atribui uma data entre os anos de 820 a.C. a 300 a.C., embora uma ou duas o situe depois de Cristo. As próprias fontes hindus, porém, que supostamente saberiam algo, o situam em data muito anterior, remontando algumas até 10.000 a.C. Patanjali compilou os ensinamentos que, até ele, foram transmitidos oralmente durante muitos séculos. Ele foi o primeiro a transcrever os ensinamentos para uso dos estudantes e, por esta razão, é considerado o fundador da Escola da Raja Yoga. Este sistema, porém, foi utilizado desde o início da raça ária. Os Aforismos da Yoga são os ensinamentos básicos da Escola Trans-himalaiana, à qual pertencem muitos Mestres da Sabedoria, e muitos estudantes sustentam que os essênios e outras escolas de treinamento e pensamento místico, estreitamente conectadas com o fundador do cristianismo e os primitivos cristãos, baseiam-se no mesmo sistema e que seus instrutores foram treinados na grande Escola Trans-himalaiana.

Diga-se ainda que os Aforismos foram ditados e ampliados pelo Irmão Tibetano e que os comentários sobre eles foram escritos por mim e apresentados ao Tibetano para fins de revisão e apreciação. Observemos que a tradução não é literal nem há uma definição exata de cada termo original do sânscrito. Trata-se do empenho de colocar o significado exato em um inglês claro e compreensível, até onde possível nesta língua pouco elástica e imaginativa. Ao estudar os aforismos, o estudante poderá considerar proveitoso, comparar a presente tradução com as demais existentes.

ALICE A. BAILEY

Nova York, maio de 1927.

ÍNDICE POR TEMAS

- LIVRO I. O PROBLEMA DA UNIÃO.
a. Definição das naturezas superior e inferior.
b. Considerações sobre os obstáculos e respectiva eliminação.
c. Resumo do sistema de Raja Yoga.

Tema: A versátil natureza psíquica.
- LIVRO II. AS ETAPAS PARA A UNIÃO.
a. Os cinco obstáculos e respectiva eliminação.
b. Definição dos oito métodos.

Tema: Os métodos de realização.
- LIVRO III. A REALIZAÇÃO DA UNIÃO E RESPECTIVOS RESULTADOS.
a. Meditação e respectivas etapas.
b. Vinte e três resultados da meditação.

Tema: Os poderes da alma.
- LIVRO IV. ILUMINAÇÃO.
a. Consciência e forma.
b. União ou unificação.

Tema: Unidade isolada.

BIBLIOGRAFIA

das traduções e comentários sobre

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

consultados na elaboração da presente obra.

Os Aforismos da Yoga de Patanjali
A Yoga-Darsana
Os Aforismos da Yoga de Patanjali
Os Aforismos da Yoga de Patanjali
Os Aforismos da Yoga de Patanjali
Filosofia da Yoga
Compêndio de Filosofia Raja Yoga
Raja Yoga
O Sistema da Yoga de Patanjali

M. J. Dvivedi.
Ganganatha Jha.
Charles Johnston.
W. Q. Judge.
Rama Prasad.
Tookaram Tatya.
Rajaram Tookaram.
Swami Vivekananda.
J. H. Woods.

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO PRIMEIRO

O Problema da União

1. AUM (OM). As instruções a seguir tratam da Ciência da União.
2. Esta União (ou yoga) é alcançada mediante a subjugação da natureza psíquica e a contenção de chitta (ou mente).
3. Isto feito, o iogue reconhece a si mesmo como é na realidade.
4. Até então o homem interno estava identificado com suas formas e respectivas modificações ativas.
5. Os estados da mente são cinco e sujeitos ao prazer ou à dor; são dolorosos ou não dolorosos.
6. As modificações (atividades) mencionadas são conhecimento correto, conhecimento incorreto, fantasia, passividade (sono) e memória.
7. A base do conhecimento correto é percepção correta, dedução correta e testemunho correto (ou comprovação exata).
8. O conhecimento incorreto se baseia na percepção da forma e não no estado de ser.
9. A fantasia repousa sobre imagens que não têm existência real.
10. A passividade (sono) baseia-se no estado inativo dos vrittis (ou na não percepção dos sentidos).
11. A memória é a retenção do que foi conhecido.
12. O controle dessas modificações do órgão interno, a mente, deve ser promovido por meio de um incansável empenho e do desapego.
13. Incansável empenho é o esforço permanente de conter as modificações da mente.
14. Quando o objetivo a ser conquistado é devidamente valorizado e os esforços em sua direção são persistentes e constantes, a estabilidade da mente (domínio dos vrittis) é alcançada.
15. O desapego é a liberação da ânsia por todos os objetos de desejo, sejam terrenos ou tradicionais, daqui ou do além.
16. A consumação desse desapego resulta no conhecimento exato do homem espiritual, liberado das qualidades ou gunas.
17. Alcança-se a consciência de um objeto pela concentração sobre a sua natureza quádrupla: a forma, pelo exame; a qualidade (ou guna), pela participação com discernimento; o propósito, pela inspiração (ou beatitude) e a alma, pela identificação.
18. Alcança-se um estágio posterior de samadhi quando, pelo pensamento unidirecionado, a atividade exterior é aquietada. Nesta etapa, a substância mental ou chitta responde apenas a impressões subjetivas.
19. O samadhi ora descrito não transpõe os limites do mundo fenomênico; também não vai além dos deuses nem daqueles que se ocupam do mundo concreto.
20. Outros iogues alcançam samadhi e chegam à discriminação do espírito puro por meio da crença, seguida da energia, da memória, da meditação e da correta percepção.
21. A conquista deste estado (consciência espiritual) é rápida para aqueles nos quais a vontade está fortemente ativa.
22. Aqueles que empregam a vontade diferem entre si, pois o uso dela pode ser intenso, moderado ou leve. Com relação à realização da verdadeira consciência espiritual, há ainda um outro caminho.
23. Pela intensa devoção a Ishvara, conquista-se o conhecimento de Ishvara.
24. Ishvara é a alma, intocada por condições limitantes, livre de carma e desejo.
25. Em Ishvara, o Gurudeva, o germe de todo conhecimento, se expande ao infinito.
26. Ishvara, o Gurudeva, como não é limitado pelo fator tempo, é o instrutor dos Senhores primeiros.
27. A Palavra de Ishvara é AUM (ou OM). É o Pranava.
28. Pela emissão da Palavra e pela reflexão sobre seu significado, encontra-se o Caminho.

29. Daí advém a plena realização do Ego (a Alma) e a eliminação de todos os obstáculos.
30. Os obstáculos ao conhecimento da alma são deficiência corporal, inércia mental, questionamento incorreto, desatenção, preguiça, ausência de desapaixonamento, percepção inexata, incapacidade de atingir a concentração, inabilidade de manter a atitude meditativa quando alcançada.
31. Os resultados dos obstáculos sobre a natureza psíquica inferior são: dor, desespero, atividade corporal inapropriada e direcionamento (ou controle) errado das correntes vitais.
32. Para superar os obstáculos e seus efeitos secundários é preciso haver intensa aplicação da vontade sobre determinada verdade (ou princípio).
33. É possível fomentar a paz de chitta (ou substância mental) através da prática da solidariedade, mansidão, firmeza de propósito e desapaixonamento com relação ao prazer e à dor, a todas as formas do bem ou do mal.
34. A paz de chitta também é suscitada pela regulação do prana ou alento vital.
35. É possível treinar a mente para obter a estabilidade através das formas de concentração relacionadas às percepções dos sentidos.
36. Pela meditação na Luz e na Radiância, é possível alcançar o conhecimento do Espírito e, assim, conquistar a paz.
37. Chitta se estabiliza e se libera da ilusão à medida que a natureza inferior se purifica e deixa de ceder ao desejo.
38. Alcança-se a paz (estabilização de chitta) por meio da meditação sobre o conhecimento que os sonhos propiciam.
39. Também se alcança a paz por meio da concentração sobre o que é mais caro ao coração.
40. Assim a realização se estende do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e de annu (o átomo ou partícula) até atma (ou espírito) o conhecimento se aperfeiçoa.
41. Aquele que tem seus vrittis (modificações da substância mental) inteiramente sob controle, chega a um estado de identificação e similitude com o que compreende. Conhecedor, conhecimento e campo de conhecimento se tornam um só, como o cristal toma para si as cores do que reflete.
42. Quando o percebedor mescla a palavra, a ideia (o significado) e o objeto, há a chamada condição mental de raciocínio judicioso.
43. Chega-se à percepção sem o raciocínio judicioso quando a memória deixa de exercer o controle, a palavra e o objeto são transcendidos e apenas a ideia permanece.
44. Os mesmos dois processos de concentração, com e sem ação judiciosa da mente, também podem ser aplicados às coisas sutis.
45. O denso leva ao sutil e o sutil leva, em etapas graduais, ao estado do ser espiritual puro denominado Pradhana.
46. Tudo isto é meditação com semente.
47. Ao alcançar este estado supercontemplativo, o iogue obtém a pura realização espiritual pelo aquietamento equilibrado de chitta (a substância mental).
48. Sua percepção agora é para sempre exata (ou: sua mente revela somente a Verdade).
49. Esta percepção específica é única e revela aquilo que a mente racional (usando testemunho, inferência e dedução) é incapaz de revelar.
50. É adversa às demais impressões ou as suplanta.
51. Quando este estado de percepção é, também ele, refreado (ou suplantado), alcança-se o puro Samadhi.

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO PRIMEIRO

O Problema da União

1. AUM (OM). As instruções a seguir tratam da Ciência da União.

AUM é a Palavra de Glória; significa o Verbo feito carne e a manifestação do segundo aspecto da divindade no plano da matéria. Este resplendor dos filhos da retidão diante do mundo é alcançado mediante o cumprimento das regras aqui contidas. Quando todos os filhos dos homens tiverem demonstrado que são igualmente Filhos de Deus, o Filho de Deus cósmico também brilhará com uma glória ainda mais intensa. O grande iniciado Paulo teve uma visão disto quando afirmou que “toda a criação geme e sofre as dores do parto esperando a manifestação dos filhos de Deus”. (Rom. VIII.)

A Raja Yoga, ou Ciência da União, dá as regras e os métodos para:

1. Estabelecer contato consciente com a alma, o segundo aspecto, o Cristo interno.
2. Adquirir o conhecimento do Eu e manter o controle desse sobre o não-eu.
3. Perceber o poder do ego ou alma na vida diária e a manifestação dos seus poderes.
4. Subjugar a natureza psíquica inferior e expressar as faculdades psíquicas superiores.
5. Colocar o cérebro em conexão harmoniosa com a alma e receber suas mensagens.
6. Avivar a “luz na cabeça”, e o homem se tornar, então, uma Chama viva.
7. Encontrar o Caminho e o homem se tornar ele próprio o Caminho.

As triplicidades a seguir podem ser proveitosas para o estudante, em especial se tiver em conta que a coluna central contém os termos aplicáveis à alma ou segundo aspecto. A união a alcançar é a do terceiro com o segundo aspecto, que é consumada na terceira iniciação (Transfiguração na terminologia cristã). Posteriormente, efetua-se uma síntese entre o terceiro e segundo aspectos unidos com o primeiro:

<i>Primeiro Aspecto</i>	<i>Segundo Aspecto</i>	<i>Terceiro Aspecto</i>
Espírito	Alma	Corpo
Pai	Filho (Cristo)	Espírito Santo
Mônada	Ego	Personalidade
Eu divino	Eu superior	Eu inferior
Vida	Consciência	Forma
Energia	Força	Matéria
A Presença	O Anjo da Presença	O ser humano

É necessário fazer uma clara distinção entre o Princípio Crístico, como indicado acima, que é um aspecto espiritual elevado que todos os membros da humanidade devem atingir, e o mesmo termo aplicado àquela personagem de elevado grau que representa este Princípio, seja na referência histórica ao Homem de Nazaré ou outras.

2. Esta União (ou yoga) é alcançada mediante a subjugação da natureza psíquica e a contenção de chitta (ou mente).

Aquele que procura obter esta união tem duas coisas a fazer:

1. Obter controle sobre a “versátil natureza psíquica”.
2. Impedir que a mente assuma as inúmeras formas que adota com tanta facilidade e que muitas vezes são denominadas “modificações do princípio pensante”.

Esses dois feitos produzem o controle do corpo emocional, portanto, do desejo, e o controle do corpo mental, portanto, de manas ou mente inferior. O estudante deve lembrar que o desejo descontrolado e a mente desordenada bloqueiam a luz da alma e neutralizam a consciência espiritual. É impossível haver união enquanto existirem barreiras, portanto o Mestre direciona a atenção do estudante (no início das instruções) para o trabalho prático a ser empreendido para a liberação desta luz, a fim de que ela possa “brilhar no lugar escuro”, ou seja, no plano físico. É preciso ter presente que, em termos ocultos, quando a natureza inferior está controlada, a natureza superior tem como se manifestar. Quando o segundo aspecto do eu pessoal inferior, o corpo emocional, estiver subjugado ou transmutado, a Luz Crística (o segundo aspecto egoico) poderá ser vista. Posteriormente, nesta luz, a Mônada, o Pai, o Uno, será revelado. De maneira similar, quando o primeiro aspecto do eu pessoal inferior, o corpo mental, estiver dominado, o aspecto Vontade do ego será percebido e, através das suas atividades, será conhecido o propósito do próprio Logos.

Há determinadas linhas de menor resistência na vida espiritual, ao longo das quais são liberadas certas forças ou energias.

a. Emocionais	intuicionais ou búdicas	monádicas	para o coração do aspirante
b. Mentais	espirituais ou áticas	logoicas	para a cabeça do aspirante

Em consequência, é dada ao estudante a PALAVRA de domínio ou controle, como elemento decisivo em todos os seus empenhos.

Chitta é a mente, ou substância mental, o corpo mental, a faculdade de pensar e de criar formas-pensamento, o somatório dos processos mentais; é o material regido pelo ego ou alma, do qual são feitas as formas mentais.

A “*natureza psíquica*” é kama-manas (desejo-mente), o corpo emocional ou astral, levemente matizado pela mente e é o material que reveste todos os nossos desejos e sentimentos e pelo qual eles se expressam.

Estes dois tipos de substância têm uma linha de evolução própria a seguir e a seguem. De acordo com o plano logoico, os espíritos ou centelhas divinas se aprisionam nessas substâncias, sendo primeiro atraídos para elas pela ação combinada de espírito e matéria. Mediante o controle dessas substâncias e o domínio sobre as suas atividades instintivas, referidos espíritos ganham experiência e, com o tempo, a liberação. Assim se promove a união com a alma, união esta reconhecida e experimentada no corpo físico no plano da manifestação mais densa, através do controle consciente e inteligente da natureza inferior.

3. Isto feito, o iogue reconhece a si mesmo como é na realidade.

Este aforismo pode ser descrito da seguinte maneira: O homem que sabe quais são as condições e as cumpriu como indicado no aforismo anterior:

1. Vê o eu.
2. Compreende a verdadeira natureza da alma.
3. Identifica-se com a Realidade interna e não mais com as formas que a ocultam.
4. Habita no centro e não mais na periferia.
5. Alcança a consciência espiritual.
6. Desperta para a identificação com o Deus interno.

Estes três últimos aforismos descrevem o método e a meta em termos claros e exatos e o caminho para as instruções mais detalhadas a seguir fica preparado. O aspirante se vê frente a frente com seu problema, obtém uma pista para solucioná-lo e a recompensa – a união com a alma – se coloca diante do seu olho que busca.

O aforismo a seguir trata brevemente do passado.

4. Até então o homem interno estava identificado com suas formas e respectivas modificações ativas.

Essas formas são as modificações mencionadas nas diversas traduções, que transmitem a verdade sutil relativa à infinita divisibilidade do átomo; são as envolturas que velam e as transformações que mudam rapidamente, impedindo que a verdadeira natureza da alma se manifeste. São as externalidades que impedem que a luz do Deus interno resplandeça, e que são mencionadas em linguagem oculta como “lançando uma sombra diante da face do sol”.

A natureza inerente das vidas que constituem essas formas versáteis e ativas até agora se mostrou forte demais para a alma (o Cristo interno, como denominam os cristãos) e impediu a total expressão dos poderes da alma. Os poderes instintivos da “alma animal”, ou as capacidades do agregado de vidas que conformam as envolturas ou corpos, aprisionam o homem real e limitam os seus poderes. Referidas vidas são unidades inteligentes que se encontram no arco descendente da evolução e que trabalham para obter a autoexpressão. Elas têm, pois, um objetivo diferente do que tem o Homem Interno, dificultando que ele progrida e se autorrealize. Ele fica “enredado nas atividades delas” e tem que se liberar para herdar o seu patrimônio de poder, paz e beatitude. Ele não tem como atingir a “medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef. 4:13) até não haver mais modificações a sentir, até que as formas estejam transformadas, suas atividades aquietadas e o alvoroço serenado.

O estudante é vivamente recomendado a manter em mente a natureza deste aspecto da evolução que se processa em paralelo com a sua própria. Pela correta apreensão deste problema advém a compreensão do trabalho prático a realizar e o iogue em formação pode dar início ao trabalho. As formas inferiores são incessantemente ativas, assumem intermináveis formas de desejos impulsivos ou formas-pensamento dinâmicas. Somente quando o “ato de tomar forma” estiver sob controle e o tumulto da natureza inferior devidamente aquietado é que será possível para a entidade interna regente liberar a si mesma do cativeiro e impor a própria vibração sobre as modificações inferiores.

Esta conquista se faz mediante a concentração – o esforço concentrado da alma de manter continuamente a posição do observador ou percebedor e daquele que vê. Quando ela é capaz de fazer isso, o “espetáculo” inferior das formas em rápidas modificações e do desejo se desvanece e é possível ver e entrar em contato com o reino da alma, o verdadeiro campo do conhecimento da alma.

5. Os estados da mente são cinco e sujeitos ao prazer ou à dor; são dolorosos ou não dolorosos.

No original a palavra “prazer” não aparece; o pensamento implícito é mais técnico e em geral é traduzido como “não doloroso”. Contudo, o pensamento subjacente é o obstáculo à realização, causado pelos pares de opostos. O estudante deve manter em mente que neste aforismo o que está em consideração é chitta ou substância mental, com as modificações pelas quais passa enquanto a versatilidade e a atividade são seus fatores controladores. Ele não deve perder de vista o fato de que estamos tratando da natureza psíquica inferior, que é o termo ocultista aplicado aos processos da mente inferior, como também das reações astrais ou emocionais. Toda atividade havida na natureza inferior é resultado de kama-manas, isto é, da mente matizada com sentimento, vontade-desejo do homem inferior. A meta do sistema Raja Yoga é a substituição destes impulsos pela ação inteligente da alma, o homem espiritual, cuja natureza é amor, cujos atos são sábios (termo compreendido no sentido oculto) e cuja motivação é o desenvolvimento grupal. Assim, a reação denominada dor deve ser transcendida, como também a que é designada pelo termo prazer, pois ambas dependem da identificação com a forma. Devem ser substituídas pelo desapego.

É interessante observar que as modificações desse órgão interno, a mente, são cinco. Manas ou mente, o princípio ativador de chitta ou substância mental, é o quinto princípio e, como tudo mais na natureza, manifesta-se como dualidade, que é a seguinte:

1. Mente concreta inferior, que se manifesta como atividade do corpo mental.
2. Mente abstrata, que se manifesta como aspecto inferior do ego, a alma.

No microcosmo, o homem, a dualidade se torna uma modificação tripla no plano mental e nessa triplicidade temos, em miniatura, uma reprodução da manifestação macrocósmica. As três modificações são:

1. O átomo mental permanente, aspecto inferior da Tríade espiritual ou alma,
2. O corpo egoico, causal, ou karana sarira,
3. O corpo mental, o aspecto superior do eu pessoal inferior.

O corpo mental em si tem cinco modificações ou atividades, sendo, em consequência, um reflexo ou correspondência do quinto princípio, pois se manifesta no quinto plano, o mental. As modificações são o reflexo inferior de manas (ou mente na manifestação microcósmica) e esta mente é um reflexo de mahat (a mente universal) ou mente que se manifesta no macrocosmo. Trata-se de um grande mistério, mas que será revelado ao homem que superar as cinco modificações da mente inferior e que através do desapego do inferior, se identificar com o superior. Ele assim soluciona o mistério de “Makara” e percorre o Caminho dos Kumaras. Temos aqui uma pista para os estudantes mais avançados desta ciência, relativa ao problema esotérico de Makara, aludido na “Doutrina Secreta” de H. P. Blavatsky.

6. As modificações (atividades) mencionadas são conhecimento correto, conhecimento incorreto, fantasia, passividade (sono) e memória.

Há um vasto campo de conhecimento do qual aquele que vê, em um momento ou outro, deve ficar ciente. É da aceitação geral entre os psicólogos ocultistas que há três modos de captar o entendimento:

1. *Conhecimento direto* através dos sentidos, cada sentido, quando em uso, coloca o usuário em contato com uma distinta faixa de vibrações, que se demonstram como manifestações da forma.
2. *Dedução ou inferência*, quando o sujeito utiliza os poderes de raciocínio da mente em relação ao que não é percebido diretamente. Para o estudante ocultista, trata-se da aplicação da Lei de Correspondências ou de Analogia.
3. *Conhecimento direto do iogue ou vedor*, centrado na consciência do eu, o ego em seu próprio plano. Alcança-se pelo uso correto da mente como órgão de visão e transmissão. Diz Patanjali:

“O vedor é conhecimento puro (gnose). Embora puro, ele contempla a ideia apresentada por meio da mente”. (Livro II. Af. 20).

A dedução não é um método seguro de confirmar o conhecimento e as demais modificações se referem, sobretudo, ao uso errado da faculdade de formar imagens (imaginação), à passividade autoinduzida da mente, uma condição de semitranscendência e à retenção de formas mentais dentro da aura mental, pelo uso da memória. Patanjali trata de cada uma destas modificações em aforismos distintos.

7. A base do conhecimento correto é percepção correta, dedução correta e testemunho correto (ou comprovação exata).

Um dos conceitos mais revolucionários ao qual o estudante ocultista precisa se ajustar é o de que a mente é um meio pelo qual se adquire conhecimento. A ideia predominante no Ocidente é que a mente é a parte do mecanismo humano que utiliza o conhecimento. O “processo de ficar dando voltas com as coisas na mente”, de se esforçar para solucionar problemas através de um intenso trabalho mental nada tem a ver com a função de desenvolvimento da alma. Trata-se apenas de uma etapa preliminar, que deve ser substituída por outro método.

O estudante de Raja Yoga deve compreender que a finalidade da mente é ser um órgão de percepção; somente assim ele chegará à correta compreensão desta ciência. Parte do processo a seguir com relação à mente descreve-se como segue:

1. Correto controle das modificações (ou atividades) do princípio pensante.
2. Estabilização da mente e seu uso subsequente pela alma como um órgão de visão, um sexto sentido e a síntese de todos os outros cinco sentidos.

Resultado: Conhecimento correto.

3. Correto uso da faculdade de percepção, de maneira que o novo campo de conhecimento, com o qual se faz contato, seja visto como é.
4. O que é percebido é interpretado de maneira correta mediante a consequente aprovação da intuição e da razão.
5. Correta transmissão para o cérebro físico do que foi percebido; o testemunho do sexto sentido é interpretado corretamente e a comprovação é transmitida no seu sentido oculto exato.

Resultado: Correta reação do cérebro físico ao conhecimento transmitido.

Quando este processo é estudado e acatado, o homem no plano físico se torna cada vez mais cômico das coisas da alma e dos mistérios do reino da alma – ou “Reino de Deus”. A ele é

revelado tudo que diz respeito ao grupo e à natureza da consciência grupal. Observe-se que estas regras são consideradas premissas fundamentais, mesmo atualmente, quando se necessita de um testemunho exato a respeito dos assuntos do mundo. Quando estas mesmas regras forem aplicadas no mundo do esforço psíquico (inferior e superior) conseguiremos simplificar a confusão atual. Um antigo livro escrito para discípulos de determinado grau contém as seguintes palavras, válidas para todos os discípulos probacionários e aceitos. A presente tradução dá o sentido, não é literal:

“Aquele que olha para fora deve cuidar para que a janela pela qual contempla transmita a luz do sol. Se o fizer antes do amanhecer (do seu empenho, A.A.B.) que se lembre de que o orbe solar ainda não surgiu. Não é possível perceber contornos nítidos e espectros e sombras, espaços sombrios e áreas em completa escuridão ainda confundem a visão”.

No fechamento desta sentença há um símbolo singular, que transmite à mente do discípulo o seguinte pensamento: “Mantenha silêncio e guarde a sua opinião”.

8. O conhecimento incorreto se baseia na percepção da forma e não no estado de ser.

Este aforismo é um pouco difícil de comentar. O significado é o seguinte: Conhecimento, dedução e decisão com base nas externalidades e na forma pela qual qualquer vida em qualquer reino da natureza esteja se expressando é (para o ocultista) conhecimento falso e inexato. Nesta etapa do processo evolutivo, nenhuma forma de nenhum tipo está à altura da vida imanente nem é dela uma expressão adequada. Nenhum adepto verdadeiro julga uma expressão da divindade pelo terceiro aspecto. A Raja Yoga treina o homem para atuar no segundo aspecto e, através do segundo aspecto, a se colocar em relação com a “verdadeira natureza” latente em toda forma. O “ser” é a realidade essencial e todos os seres estão batalhando em prol da verdadeira expressão. Portanto, todo conhecimento que é adquirido por meio das faculdades inferiores e que se baseie no aspecto forma é conhecimento incorreto.

Apenas a alma percebe corretamente; apenas a alma tem o poder de estabelecer contato com o germe ou princípio budi (na fraseologia cristã é o princípio crístico) que se encontra no coração de todo átomo, seja o átomo da matéria estudado no laboratório do cientista, seja o átomo humano no cadinho da experiência diária, seja o átomo planetário, em cujo círculo-não-se-passa estão contidos todos os reinos da natureza, ou o átomo solar, Deus em manifestação por meio de um sistema solar. O Cristo “sabia o que havia no homem”, por isso pôde ser um Salvador.

9. A fantasia repousa sobre imagens que não têm existência real.

Vale dizer que as imagens não têm existência real, na medida em que são concebidas pelos próprios homens, construídas dentro de suas próprias auras mentais, energizadas pela vontade ou desejo e, em consequência, dissipadas quando a atenção se direciona para outro lado.

“Energia segue o pensamento” é um dos princípios básicos do sistema Raja Yoga, válido também para as imagens da fantasia. As imagens fantasiosas classificam-se principalmente em três grupos, sobre os quais o estudante deveria refletir.

1. As formas-pensamento que ele próprio constrói, as quais têm vida efêmera e dependem da qualidade dos seus desejos; como não são nem boas nem más, nem baixas nem elevadas, podem ser vitalizadas pelas tendências baixas e pelas aspirações idealísticas, como também por todos os estágios intermediários entre esses dois extremos. O aspirante deve tomar cuidado para não as confundir com a realidade. Caberia dar aqui um exemplo, diz respeito à facilidade com que as pessoas consideram ter visto um dos Irmãos (ou Mestres de Sabedoria), quando

tudo o que perceberam foi uma forma mental de um Deles; o desejo é pai do pensamento e, assim, são vítimas daquela forma de percepção incorreta que Patanjali denomina de “fantasia”.

2. As formas-pensamento que são criadas pela raça, nação, grupo ou organização. As formas-pensamento grupais de qualquer tipo (da forma planetária à forma construída por qualquer conjunto de pensadores) são o somatório da “Grande Ilusão”. O estudante sério tem aqui uma pista.

3. A forma-pensamento criada por um homem desde a sua primeira manifestação na forma física, denominada “Morador do Umbral”. Sendo criação do eu inferior pessoal e não da alma, é impermanente e mantida apenas pela energia inferior do homem. Quando o homem começa a atuar como alma, esta “imagem” que ele criou, através da sua “fantasia” ou reação à ilusão, dissipa-se mediante um supremo esforço. Termina a sua existência real quando não há nada no aspirante para nutri-la e compreender isto o habilita a se libertar do cativeiro.

Este aforismo é um daqueles que, embora aparentemente curto e simples, tem profundo significado; é estudado pelos altos iniciados que estão aprendendo a natureza do processo criador do planeta e ocupados na dissipação do maya planetário.

10. A passividade (sono) baseia-se no estado inativo dos vrittis (ou na não percepção dos sentidos).

Talvez seja necessário apresentar aqui uma explicação sobre a natureza dos vrittis. Os vrittis são as atividades da mente que ocorrem na relação consciente entre o sentido empregado e o que é percebido pelo sentido. Com exceção de uma determinada modificação do processo mental ou de uma tomada de consciência de que “eu sou eu”, os sentidos podem estar ativos e, ainda assim, o homem estar inconsciente deles. O homem é consciente do que vê, saboreia e ouve; diz, “eu vejo, eu saboreio, eu ouço”. Trata-se da atividade dos vrittis (ou das percepções mentais que têm relação com os cinco sentidos) que o capacita a reconhecer o fato. Ao se recolher da percepção ativa dos sentidos, deixando de utilizar a consciência “dirigida para fora” e abstraindo a consciência da periferia para o centro, ele pode causar uma condição de passividade – uma falta de sensibilização, que não é o samadhi do iogue, nem a conquista da concentração em um ponto, como a que o estudante de yoga aspira, mas que é uma forma de transe. Este aquietamento autoimposto não apenas é nocivo à conquista da yoga mais elevada, como extremamente perigoso em muitos casos.

Os estudantes deveriam se lembrar de que a atividade correta e o uso correto da mente é a meta da yoga, e que o estado chamado de “mente vazia” e uma condição de receptividade passiva, em que as relações sensoriais estejam cortadas ou atrofiadas não fazem parte do processo. O sono a que se refere aqui não é a passagem do corpo para o estado de repouso, mas o adormecimento dos vrittis. É a negação dos contatos dos sentidos sem que o sexto sentido, a mente, assuma as atividades deles. Nesta condição de sono, o homem fica predisposto à alucinação, à ilusão, às impressões erradas e às obsessões.

Há vários tipos de sono, mas em um comentário como este só é possível apresentar uma curta enumeração.

1. O sono comum do corpo físico, em que o cérebro não responde a nenhum contato dos sentidos;

2. O sono dos vrittis, ou das modificações dos processos mentais que correlacionam o homem com seu ambiente, através dos sentidos e da mente;

3. O sono da alma que, falando em termos ocultos, cobre parte da experiência humana, a que vai da primeira encarnação humana de um homem até que ele *desperte* para o conhecimento do plano e se esforce por alinhar o homem inferior com a natureza e a vontade do homem espiritual interno;
4. O sono do médium comum, em que o corpo etérico é parcialmente deslocado para fora do corpo físico e também separado do corpo astral, produzindo uma condição muito real de perigo;
5. O Samadhi, ou sono do iogue, resultado da retirada científica e consciente do homem real da sua tríplice envoltura inferior, a fim de trabalhar em níveis superiores, em preparação para a prestação de determinado serviço ativo nos níveis inferiores;
6. O sono dos Nirmanakayas, que é uma condição de intensa concentração espiritual e foco no corpo espiritual ou átmico, no qual a consciência que se dirige para fora se retira não apenas dos três planos do esforço humano, como também das duas expressões inferiores da Tríade espiritual. Para fins do seu singular e específico trabalho, o Nirmanakaya “adormece” para todos os estados, com exceção do terceiro, o plano átmico.

11. A memória é a retenção do que foi conhecido.

A memória diz respeito a vários grupos de realizações, ativas ou latentes; refere-se a determinados acervos de fatores conhecidos, que podem ser relacionados como segue:

1. As imagens mentais do que é tangível, objetivo e que o pensador conheceu no plano físico.
2. As imagens kama-manásicas (ou desejo-mente inferior) de desejos passados e respectiva gratificação. A “faculdade de criar imagens” do homem comum baseia-se em seus desejos (desejos elevados ou baixos, na direção da aspiração ou da degradação, no sentido de puxar para baixo) e a gratificação conhecida. É igualmente válido para a memória do glutão, por exemplo, com a imagem latente que tem de um jantar suculento e para a memória do santo ortodoxo, baseada no quadro que faz de um céu jubiloso.
3. A atividade da memória que resulta do treinamento mental, do acúmulo de fatos adquiridos, da consequência de leituras ou ensinamentos e que não se baseia meramente no desejo, mas cuja base é o interesse intelectual.
4. Todos os diversos contatos que a memória retém e reconhece como procedentes das percepções dos cinco sentidos inferiores.
5. As imagens mentais, latentes na faculdade de composição da memória, que são a totalidade do conhecimento contatado e as compreensões evocadas pelo correto uso da mente como sexto sentido.

Todas essas formas da faculdade da memória devem ser descartadas e não mais utilizadas; devem ser reconhecidas como modificações da mente, do princípio pensante e, portanto, como parte da versátil natureza psíquica que deve ser dominada para que o iogue tenha a expectativa de chegar à liberação da limitação e de toda atividade inferior. É esta a meta.

6. Finalmente (pois não é necessário relacionar subdivisões mais complexas), a memória também inclui as experiências acumuladas e obtidas pela alma ao longo das muitas encarnações e armazenadas na verdadeira consciência da alma.

12. O controle dessas modificações do órgão interno, a mente, deve ser promovido por meio de um incansável empenho e do desapego.

Bastam curtas explicações para um aforismo tão fácil de compreender como este; intelectualmente, o sentido é claro; na prática, porém, é de difícil execução.

1. O *órgão interno* é a mente, como se sabe. Os pensadores ocidentais devem se lembrar que o ocultismo oriental não considera os órgãos como órgãos físicos. A razão está em que o corpo físico, na forma densa ou concreta, não é considerado um princípio, apenas o resultado tangível da atividade dos princípios reais. Os órgãos, em termos ocultos, são centros de atividade como a mente, os diferentes átomos permanentes e os centros de força nas várias envolturas. Todos eles têm suas “sombras” ou resultados objetivos e tais emanações resultantes são os órgãos físicos externos. O cérebro, por exemplo, é a “sombra” ou o órgão externo da mente, e o investigador deduzirá que os conteúdos da cavidade cerebral têm uma analogia com os aspectos do mecanismo humano existentes no plano mental. Esta última frase deve ser enfatizada; ela dá uma pista para quem estiver apto a aproveitá-la.

2. *Incansável empenho* significa literalmente prática constante, repetição perseverante e o esforço reiterado de impor um novo ritmo sobre o antigo e extirpar hábitos e modificações profundamente arraigados, através do estabelecimento da impressão da alma. O iogue ou Mestre resulta da persistência paciente; sua conquista é fruto de um esforço permanente, baseado na apreciação inteligente do trabalho a ser feito e da meta a ser alcançada e não em uma empolgação esporádica.

3. O *desapego* é o que, a certa altura, induz todas as percepções dos sentidos a executarem as suas legítimas funções. Através do desapego às formas de conhecimento com as quais os sentidos colocam o homem em contato, elas vão perdendo o domínio sobre ele; chega enfim a hora em que ele é liberado e se torna mestre dos seus sentidos e de todos os contatos sensoriais. Não significa isto que os sentidos sejam atrofiados e inutilizados, mas um estado em que são úteis para o iogue quando e como ele quiser, por exemplo, para aumentar a sua eficiência no serviço e no esforço grupal.

13. Incansável empenho é o esforço permanente de conter as modificações da mente.

Este aforismo é um dos mais difíceis de traduzir de maneira a transmitir seu real significado. A ideia envolvida é a de constante esforço que o homem espiritual faz para dominar as modificações ou flutuações da mente e para controlar a versátil natureza psíquica inferior, a fim de expressar a sua própria natureza espiritual. Assim e somente assim o homem espiritual pode viver a vida da alma a cada dia no plano físico. Em sua tradução, Charles Johnston procura nos dar o significado das palavras “o uso correto da vontade é o esforço permanente de permanecer no ser espiritual”.

A ideia envolvida é a de aplicar à mente (considerada como sexto sentido) o mesmo domínio ao qual estão sujeitos os cinco sentidos inferiores: suas atividades externas são detidas e deixam de responder à puxada ou atração de seus respectivos campos de conhecimento.

14. Quando o objeto a ser conquistado é devidamente valorizado e os esforços em sua direção são persistentes e constantes, a estabilidade da mente (domínio dos vrittis) é alcançada.

Todos os seguidores da Raja Yoga devem ser, primeiro, devotos. Somente o intenso amor pela alma, e tudo que o conhecimento da alma acarreta, conduzirá o aspirante dotado de suficiente constância à sua meta. O objetivo em vista – a união com a alma e, em consequência, com a

Superalma e com todas as almas – deve receber uma justa avaliação; as razões desta conquista, uma correta apreciação e os resultados a obter devem ser ardentemente desejados (ou amados) para que o aspirante decida empreender um esforço forte o suficiente para lhe facultar domínio sobre as modificações da mente e, em consequência, sobre toda a sua natureza inferior. Quando esta apreciação for autêntica o bastante e sua capacidade de avançar com o trabalho de subjugação e controle for *ininterrupta*, chegará o momento em que o estudante conhecerá de maneira consciente, e cada vez mais, o significado do controle sobre as modificações.

15. O desapego é a liberação da ânsia por todos os objetos de desejo, sejam terrenos ou tradicionais, daqui ou do além.

Outra descrição de desapego é “ausência de sede”. É este o termo oculto mais correto a usar, pois envolve a ideia dual de água, símbolo da existência material, assim como de desejo, qualidade do plano astral, cujo símbolo também é a água. Temos aqui a ideia do homem como “peixe”, singularmente precisa. Este símbolo (como acontece com todos os símbolos) tem sete significados, e dois deles se aplicam aqui.

1. O peixe é o símbolo do aspecto Vishnu, o princípio crístico, o segundo aspecto da divindade, o Cristo em encarnação, seja o Cristo cósmico (expressando a Si mesmo através de um sistema solar) seja o Cristo individual, o salvador em potencial dentro de todo ser humano. É o “Cristo em ti, esperança de glória” (CI I:27). Se o estudante também analisar o Avatar de Vishnu como peixe aprenderá ainda mais.

2. O peixe que nada nas águas da matéria, uma extensão da mesma ideia, mas reduzida à presente expressão mais óbvia, o homem como personalidade.

Deixando de haver todo anseio por qualquer objeto que seja e deixando de haver desejo de renascer (que resulta sempre do anseio pela “expressão-forma” ou manifestação material) atinge-se a verdadeira “ausência de sede” e o homem liberado vira as costas para todas as formas nos três mundos inferiores e se torna um verdadeiro salvador.

A *Bhagavad Gita* contém as seguintes palavras iluminadoras:

“Aqueles que possuem a sabedoria, unidos na visão da alma, renunciam ao fruto das suas obras, liberados da sujeição do renascimento, chegam ao lar onde não há tristeza”.

“Quando a tua alma tiver passado para além da selva da ilusão, não mais considerarás o que deve ser ensinado ou o que foi ensinado”.

“Quando, afastada do ensinamento tradicional, a tua alma permanecer constante, firme na visão da alma, alcançarás então a união com a Alma”. (*Gita* II, 51, 52 e 53.)

J. H. Woods esclarece este trecho na tradução do comentário de Veda Vyasa, aqui transcrito:

“O desapaixonamento é a consciência de ser um Mestre por parte daquele que se liberou da sede por objetos visíveis ou revelados”.

“A substância mental (*chitta*) – se libera da sede de objetos visíveis, como mulheres ou alimento ou bebida ou poder, se libera da sede de objetos revelados (nos Vedas) como a conquista do paraíso, o estado desencarnado ou a dissolução na matéria original – se mesmo quando em contato com objetos, sejam ou não supranormais, em virtude da sua elevação, ele estiver cômico da inadequação dos objetos – terá a consciência de ser um Mestre...”

A palavra “tradicional” afasta o pensamento do estudante daquilo que em geral é considerado como objeto de percepção sensória no mundo das formas-pensamento, aquela “floresta da ilusão” que é construída pelas ideias dos homens sobre Deus, o céu ou o inferno. A sublimação de tudo isto e sua expressão mais elevada nos três mundos é o “devachan”, que é a meta da maioria dos filhos dos homens. A experiência devachânica, porém, deve ser transformada, oportunamente, em realização nirvânica. Será proveitoso para o estudante lembrar que o céu, objeto do seu desejo e de sua aspiração, e que é produto do ensinamento tradicional e de todas as formulações dos credos doutrinários, tem vários significados para o ocultista. Para fins de maior entendimento, serão úteis as seguintes definições:

1. *Céu*, estado de consciência no plano astral que é a concreção dos anseios e desejos do aspirante por repouso, paz e felicidade. Baseia-se nas “formas do contentamento”. Trata-se de uma condição de deleite sensório, que cada indivíduo constrói para si mesmo, sendo, portanto, tão diversificada como são as pessoas que participam dela. Para alcançar o céu é preciso praticar o desapego. Existe a crença de que quem dele desfruta é o eu inferior e o homem despojado apenas do corpo físico, antes de passar do corpo astral para o plano mental.

2. *Devachan*, estado de consciência no plano mental para o qual a alma passa quando é desprovida do seu corpo astral e atua no seu corpo mental ou fica limitada nele. É de ordem mais elevada que o céu comum e nele se desfruta de beatitude mais mental do que normalmente compreendemos pela palavra, embora, ainda assim, esteja no mundo inferior da forma, o qual será transcendido com a cultura do desapego.

3. *Nirvana*, condição para a qual o adepto passa quando os três mundos inferiores deixam de estar “presos” a ele através das suas inclinações ou carma, e que vivencia depois de:

- a. Tomar determinadas iniciações,
- b. Liberar-se dos três mundos,
- c. Organizar o corpo crístico.

No sentido exato, os adeptos que alcançaram o desapego, mas optaram por se sacrificar e permanecer entre os filhos dos homens para servir e ajudá-los, tecnicamente não são Nirvanis¹. São Senhores da Compaixão, comprometidos em “sofrer” com eles e regidos por determinadas condições análogas (embora não idênticas) às condições que regem os homens ainda atados ao mundo da forma.

16. A consumação desse desapego resulta no conhecimento exato do homem espiritual, liberado das qualidades ou gunas.

Ao considerar este aforismo, o estudante deve se lembrar de certos pontos:

1. O homem espiritual é a Mônada,

2. A culminância do processo evolutivo produz não somente a liberação da alma das limitações dos três mundos, como a liberação do homem espiritual de todas as limitações, inclusive as da própria alma. A meta é a ausência de forma ou liberação de toda manifestação objetiva e tangível. O verdadeiro significado fica evidente quando o estudante tem presente a unicidade de espírito e matéria quando em manifestação; por exemplo, os nossos sete planos são os sete subplanos do plano cósmico inferior, o físico. Em consequência, apenas “no momento do fim”, e na dissolução de um sistema solar, será revelado o verdadeiro significado da ausência de forma.

¹ N. do T.: Nirvani, segundo o Glossário Teosófico de H.P.Blavatsky: “Aquele que alcançou o Nirvana, uma alma emancipada”.

3. Os gunas são as três qualidades da matéria, os três efeitos produzidos quando a energia macrocósmica, a vida de Deus, que subsiste independente da tomada de forma, atua ou energiza substância. As três qualidades, os gunas, são:

1. Sattva	Energia do Espírito Mônada	Pai	Ritmo ou vibração harmônica
2. Rajas	Energia da Alma Ego	Filho	Mobilidade ou atividade
3. Tamas	Energia da Matéria Personalidade	Espírito Santo	Inércia

Esses três gunas correspondem à qualidade de cada um dos três aspectos que expressam a Vida Una.

Neste breve comentário, como não poderia deixar de ser, não é possível estender o tema, mas será possível obter uma ideia do que significa a consumação do desapego aplicado ao macrocosmo ou ao microcosmo. Os três gunas terão sido usados, total experiência foi adquirida, consciência, percepção ou sensibilização pelo apego a um objeto ou a uma forma foi desenvolvida, todos os recursos foram utilizados, e o homem espiritual (logoico ou humano), já não tem mais uso nem necessidade deles. Está, pois, liberto dos gunas, liberado da tomada de forma em consequência do apego e entra em um novo estado de consciência sobre o qual é inútil especular.

17. Alcança-se a consciência de um objeto pela concentração sobre a sua natureza quádrupla: a forma, pelo exame; a qualidade (ou guna), pela participação com discernimento; o propósito, pela inspiração (ou beatitude) e a alma, pela identificação.

Ficará evidente, portanto, que a afirmação “tal como o homem pensa, assim ele é” (Prov. 23:7) tem base nos fatos ocultos. Toda forma, de qualquer tipo, tem uma alma, e esta alma ou princípio consciente é idêntica àquela que existe na forma humana; idêntica na natureza, mas não no objeto de desenvolvimento ou grau. O mesmo é válido para as grandes Vidas ou Existências super-humanas nas quais o próprio homem “vive, se move e tem seu ser” (Atos 17: 28), e a cujo estado de desenvolvimento ele aspira.

Quando o aspirante escolhe com cuidado os “objetos” sobre os quais meditará, constrói para si uma escada, através da qual, algum dia, chegará à ausência de objetividade. À medida que a mente assume cada vez mais a atitude meditativa da alma, o cérebro também se torna cada vez mais subjugado à mente, como a mente é subjugada à alma. Assim o homem inferior gradualmente se identifica com o homem espiritual, que é onisciente e onipresente. Adota-se esta atitude meditativa através de um processo quádruplo:

1. *Meditação sobre a natureza de uma forma específica*, compreendendo, à medida que desenvolve a meditação sobre a forma, que ela nada mais é do que um símbolo de uma realidade interna, pois todo o nosso mundo objetivo e tangível é construído de algum tipo de forma (humana, subumana e super-humana), a qual expressa a vida de grande número de seres sencientes.

2. *Meditação sobre a qualidade de determinada forma*, de maneira a obter uma apreciação sobre sua energia subjetiva. É preciso manter em mente que a energia de um objeto pode ser considerada como a cor daquele objeto e, assim, as palavras de Patanjali (IV, 17) são iluminadoras em relação a isto e servem de comentário para este segundo ponto. Recebe a

denominação de “participação com discernimento” e assim o estudante chega ao conhecimento da energia em si mesmo, a qual é uma com o objeto da sua meditação.

3. *Meditação sobre o propósito de qualquer forma específica.* Implica na consideração da ideia por trás ou subjacente a qualquer forma em manifestação e na revelação da sua energia. Esta compreensão leva o aspirante para a frente, para o conhecimento daquela parte no plano ou propósito do Todo, que é o fator motivador da atividade da forma. Assim, através da parte, se estabelece contato com o Todo e ocorre uma expansão de consciência, que implica em beatitude ou deleite. A beatitude sempre se segue à compreensão da unidade da parte com o Todo. Pela meditação sobre os tattvas, energias ou princípios, ou sobre os tanmatras ou elementos que compõem espírito-matéria, resulta um conhecimento do propósito ou plano para as manifestações microcósmicas ou macrocósmicas e, com este conhecimento, sobrevém a beatitude.

Nesses três tipos de meditação há analogias com os três aspectos, espírito, alma e corpo e é um estudo iluminador para o estudante sério.

4. *Meditação sobre a alma*, sobre Aquele que utiliza a forma, que a energiza para entrar em atividade e cujo trabalho está alinhado com o plano. Esta alma, sendo uma com todas as almas e com a Superalma, serve ao plano uno e é consciente do grupo.

Assim, por meio desses quatro estágios de meditação sobre um objeto, o aspirante chega à sua meta, o conhecimento da alma e dos poderes da alma. Ele se identifica conscientemente com a realidade una, e isto em seu cérebro físico. Descobre que a verdade que está em si é a verdade oculta em todas as formas e em todos os reinos da natureza. Em certo momento (uma vez alcançado o conhecimento da alma) chegará ao conhecimento da Oni-alma e se tornará uno com ela.

18. Alcança-se um estágio posterior de samadhi quando, pelo pensamento unidirecionado, a atividade exterior é aquietada. Nesta etapa, a substância mental ou chitta responde apenas a impressões subjetivas.

A palavra “samadhi” é alvo de várias interpretações e se aplica aos diversos estágios da realização do iogue, o que dificulta um pouco para o estudante comum, quando estuda os diversos comentários. Talvez uma das maneiras mais fáceis de compreender o significado é ter em mente que a palavra “Sama” se refere à faculdade da substância mental (ou chitta) de tomar forma ou se modificar de acordo com as impressões externas, as quais chegam à mente através dos sentidos. Quando o aspirante à yoga conquista a aptidão de controlar seus órgãos de percepção sensória, de maneira que eles deixem de comunicar à mente as reações ao que é percebido, produzem-se duas coisas:

- a. O cérebro físico se aquieta e se pacifica,
- b. A substância mental, chitta, deixa de assumir as diversas modificações e se torna igualmente pacífica.

Trata-se de um dos estágios iniciais do Samadhi, mas não é o samadhi do adepto. É uma condição de intensa atividade interna em vez de externa; é uma atitude de concentração unidirecionada. O aspirante, no entanto, é responsivo às impressões dos reinos mais sutis e às modificações que provêm de referidas percepções, as quais são ainda mais subjetivas. Torna-se cômico de um novo campo de conhecimento, embora ainda não saiba qual seja. Ele comprova que há um mundo que não pode ser conhecido por meio dos cinco sentidos, mas que o uso correto do órgão da mente revelará. Percebe o que há por trás das palavras existentes em

um aforismo posterior traduzido por Charles Johnston, que expressa este pensamento em termos particularmente claros:

“O vedor é visão pura... ele vê através da vestidura da mente”. (Livro II. Af. 20).

O aforismo anterior trata do que pode ser chamado de meditação com semente ou com um objeto; esse aforismo considera a próxima etapa, a meditação sem semente ou sem o que o cérebro físico reconheceria como um objeto.

Neste ponto seria útil mencionar as seis etapas da meditação como expostas por Patanjali, pois dão uma indicação de todo o processo de desenvolvimento de que trata este livro:

1. Aspiração.
2. Concentração.
3. Meditação.
4. Contemplação.
5. Iluminação.
6. Inspiração.

Caberia observar que o estudante começa pela *aspiração* ao que está além do seu conhecimento e termina sendo *inspirado* pelo que buscou conhecer. Concentração (ou foco intenso) se converte em meditação e a meditação floresce como contemplação.

19. O samadhi ora descrito não transpõe os limites do mundo fenomênico; também não vai além dos deuses nem daqueles que se ocupam do mundo concreto.

Observe-se que os resultados alcançados nos processos de que tratam os aforismos 17 e 18 só levam o aspirante até as fronteiras do reino da alma, o novo campo de conhecimento do qual se tornou cômico. Ele ainda está confinado aos três mundos. Tudo o que conseguiu fazer foi aquietar as modificações do corpo mental, de maneira que, pela primeira vez, o homem (no plano físico e em cérebro físico) se faz conhecedor do que há por trás dos três mundos – isto é, a alma e respectivo alcance de visão e conhecimento. Ainda tem que fortalecer o vínculo com a alma (tratado nos aforismos 23 a 28) e, tendo transferido a consciência para o homem real ou espiritual, deve começar a trabalhar desta nova perspectiva ou posto privilegiado.

Alguns tradutores expressaram essa ideia como a condição em que o aspirante se torna cômico da “nuvem de coisas cognoscíveis”. A nuvem ainda não se precipitou o suficiente para que, das alturas celestiais, a água caia no plano físico ou para que as “coisas cognoscíveis” se tornem conhecidas no cérebro físico. A nuvem é percebida como resultado da intensa concentração e do aquietamento das modificações inferiores, mas até que a alma ou Mestre assuma o controle, o conhecimento da alma não pode ser vertido no cérebro físico através do sexto sentido, a mente.

A ciência da yoga é uma ciência real e o verdadeiro samadhi ou realização só será alcançado quando os estudantes a abordarem segundo as etapas corretas e empregarem métodos científicos.

20. Outros iogues alcançam samadhi e chegam à discriminação do espírito puro por meio da crença, seguida da energia, da memória, da meditação e da correta percepção.

Nos grupos de iogues tratados acima, a percepção se limitava ao mundo fenomênico, e devemos compreender nesta perspectiva apenas os três mundos da percepção mental, percepção astral e sentidos físicos. São contatadas e conhecidas as energias que produzem a concreção e a força motriz do pensamento, à medida que produzem efeitos no plano físico. Mas aqui o iogue se

transporta para regiões mais espirituais e sutis e se torna cômico do que o eu (em sua verdadeira natureza) percebe e conhece. Entra no mundo das causas. No primeiro grupo estariam compreendidos todos aqueles que estão percorrendo o caminho do discipulado e sobre o período que vai da entrada no Caminho Probacionário até a tomada da segunda iniciação. O segundo grupo compreende os discípulos mais avançados – os quais, tendo controlado e transmutado toda a natureza inferior – fazem contato com sua Mônada, espírito ou “Pai no Céu” e discernem o que a Mônada percebe.

A primeira forma de realização advém para aqueles que estão em processo de sintetizar os seis centros inferiores no centro da cabeça, pela transmutação dos quatro inferiores nos três superiores e, em seguida, do coração e da garganta na cabeça. O segundo grupo – pelo conhecimento da lei – trabalha com todos os centros transmutados e purificados. Os iogues sabem como alcançar o verdadeiro samadhi ou estado de abstração oculta pela capacidade de recolher as energias para o loto de mil pétalas da cabeça e, daí, abstrai-las através dos outros dois corpos mais sutis até que tudo esteja centralizado e enfocado no veículo causal, o *karana sarira*, o loto egoico. Patanjali nos diz que isso se produz em cinco etapas. Os estudantes devem ter presente que tais etapas se referem às atividades da alma, à realização egoica e não às reações do homem inferior e do cérebro físico.

1. *Crença*. Em seu próprio plano, a alma exercita uma condição análoga à da crença do aspirante na alma ou aspecto crístico, mas neste caso o objetivo é o entendimento do que o Cristo ou alma está procurando revelar: o espírito ou Pai no Céu. Primeiro o discípulo chega ao conhecimento do anjo da Sua Presença, o anjo solar, ego ou alma. É a obra do grupo anterior. Posteriormente faz contato com a própria Presença, e a Presença é espírito puro, o absoluto, o Pai do Ser. Este grupo de iniciados conheceu o eu e o não-eu. Agora a visão do não-eu se desvanece e desaparece e apenas o espírito é reconhecido. A crença deve ser sempre a primeira etapa. Primeiro a teoria, depois a experimentação e, finalmente, a realização.

2. *Energia*. Quando a teoria é apreendida, quando a meta é percebida, sobrevém a atividade – a correta atividade e o correto uso da força, assim a meta ficará mais próxima e a teoria será um fato.

3. *Memória* ou atenção correta. Trata-se de um fator interessante no processo, pois envolve o correto esquecimento ou a eliminação da consciência do ego de todas as formas que até então velaram o Real. Estas formas são autoescolhidas ou autocriadas. É o que leva à condição de verdadeira captação ou capacidade de registrar corretamente o que a alma percebeu e o poder de transferir aquela percepção correta para o cérebro do homem físico. A referência aqui é a esta memória. Não se refere especificamente à rememoração das coisas do passado, mas engloba o ponto de realização e a transferência de referida realização para o cérebro, onde deve ser registrada e, finalmente, ser recordada à vontade.

4. *Meditação*. O que foi visto e registrado no cérebro e o que emanou da alma deve ser meditado e, assim, tecido na trama da vida. É por meio desta meditação que as percepções da alma se tornam reais para o homem no plano físico. É uma meditação bastante elevada, pois se segue à etapa contemplativa e é meditação da alma com o objetivo de iluminar o veículo no plano físico.

5. *Correta percepção*. A experiência da alma e o conhecimento do espírito ou aspecto Pai começa a fazer parte do conteúdo do cérebro do Adepto ou Mestre. Ele conhece o plano tal como encontrado nos níveis elevados e está em contato com o Arquétipo. Se posso ilustrar desta maneira, este grupo de iogues atingiu o ponto em que estão aptos a perceber o plano conforme existe na mente do “Grande Arquiteto do Universo”, e agora estão em contato com Ele. O outro tipo de iogue alcançou o ponto em que eles estão aptos a estudar os esquemas diretores do grande plano e, assim, a colaborar inteligentemente na construção do Templo do Senhor. A

percepção mencionada é de ordem tão elevada que é praticamente inconcebível para os discípulos que não sejam avançados, mas, ao apreciar estas etapas e graus, o aspirante não só chega à compreensão de onde está o seu problema imediato e em que ponto se encontra, como também a uma apreciação da beleza de todo o esquema.

21. A conquista deste estado (consciência espiritual) é rápida para aqueles nos quais a vontade está fortemente ativa.

E naturalmente assim é. À medida que a vontade, refletida na mente, vai predominando no discípulo, ele desperta este aspecto de si mesmo que está em relação com o aspecto vontade do Logos, o primeiro aspecto ou Pai. As linhas de contato são:

1. Mônada ou o Pai no Céu, o aspecto vontade,
2. Atma ou vontade espiritual, o aspecto mais elevado da alma,
3. O corpo mental ou Vontade inteligente, o aspecto mais elevado da personalidade,
4. O centro da cabeça.

É esta a linha que seguem aqueles que praticam a Raja Yoga e que leva à realização do espírito e ao Adeptado. No entanto, há outra linha:

1. A Mônada,
2. O Filho ou aspecto crístico,
3. O aspecto amor ou aspecto sabedoria,
4. Budi ou amor espiritual, o segundo aspecto da alma,
5. O corpo emocional, o segundo aspecto da personalidade,
6. O centro do coração.

É a linha que seguem o bhakti, o devoto e o santo e conduz ao conhecimento da alma e à santidade. A primeira linha mencionada é a que a nossa raça ária deve seguir. A segunda linha foi a via de realização dos atlantes.

Se os estudantes considerarem cuidadosamente o contido nestas tabelas obterão muita luz. A necessidade de uma forte e energética vontade ficará evidente no estudo do caminho da iniciação. Apenas uma vontade férrea e uma resistência firme, forte, inabalável conduzirão o aspirante por este caminho e para a clara luz do dia.

22. Aqueles que empregam a vontade diferem entre si, pois o uso dela pode ser intenso, moderado ou leve. Com relação à realização da verdadeira consciência espiritual, há ainda um outro caminho.

Neste ponto seria prudente esclarecer os dois caminhos pelos quais os homens alcançam a meta: o conhecimento da vida espiritual e a emancipação. Há o *caminho da yoga*, delineado por Patanjali e no qual, pelo uso da vontade, alcança-se a discriminação entre o eu e o não-eu e se chega ao espírito puro. É o caminho para a quinta raça, a ária, para aqueles cuja função é desenvolver o quinto princípio ou mente e, assim, se tornarem verdadeiros filhos da mente. Sua função é se converter em estrelas de cinco pontas, a estrela do homem perfeito em toda a sua glória. Através deste caminho, os cinco planos da evolução humana e super-humana são dominados e atma (a vontade de Deus, o aspecto Pai) é revelado por meio de budi (ou consciência crística), tendo por veículo manas ou mente superior.

O outro caminho é o da devoção pura. Pela intensa adoração e total consagração, o aspirante chega ao conhecimento da realidade do espírito. Para muitos é o caminho de menor resistência; foi o método de alcançamento da raça anterior à ária. Este método ignora em grande parte o

quinto princípio e, sendo o caminho do intenso sentimento, leva à sublimação da percepção sensorial. Através deste método, os quatro planos são dominados e budi (ou o Cristo) é revelado. Os estudantes deveriam estabelecer claramente a diferença entre esses dois caminhos, tendo em mente que o ocultista branco fusiona os dois e, se nessa vida seguir o caminho da Raja Yoga com fervor e amor será porque, em outras vidas, terá colocado os pés no caminho da devoção e encontrado o Cristo, o Budi interno. Nesta vida ele recapitulará a experiência e exercitará intensamente a vontade e o controle da mente o que, afinal, lhe revelará seu Pai no Céu, o espírito puro. Com relação a este aforismo, os analistas assinalam que os que seguem o método da Raja Yoga e usam a vontade se dividem em três grupos principais. Por sua vez, esses grupos se dividem em nove. Há os que usam a vontade com tal intensidade que alcançam resultados muito rápidos, embora acompanhados de determinados perigos e riscos. Há o risco de desenvolvimento desequilibrado, da negação do lado do coração, da natureza e de determinadas destruições que mais tarde terão de ser remediadas. Há os aspirantes cujo progresso é menos rápido, e que são representativos do caminho do meio. Avançam de maneira constante e moderada e são chamados de “adeptos discriminadores”, pois não permitem excesso de nenhum tipo. Neste ciclo específico, é o método recomendado aos homens. Há ainda aquelas almas nobres, cuja vontade se caracteriza por uma perseverança imperturbável e que avançam com firmeza e sem desvios e, a certa altura, chegam à meta. Distinguem-se pela intensa tenacidade. O progresso é lento, são as “tartarugas” do caminho, tal como as do primeiro grupo são as “lebres”.

Em alguns dos livros antigos há relatos detalhados dos três grupos de aspirantes, que são descritos sob os três símbolos a seguir:

1. O grupo intenso é representado pela *cabra*, e os aspirantes deste tipo encarnam com frequência sob o signo de Capricórnio.
2. O grupo moderado é representado pelo *peixe* e muitos que nascem sob o signo de Peixes se encontram nesta categoria.
3. O grupo ponderado ou lento é representado pelo *caranguejo* e muitas vezes vêm à encarnação sob o signo de Câncer.

Nestes três grupos há várias subdivisões e é interessante observar que, nos arquivos dos Senhores do Carma, a maioria desses três grupos passa pelo signo de Libra (ou balança) ao se aproximar do término dos seus esforços. Quando em encarnação sob este signo, eles equilibram os pares de opostos com cuidado, igualam o desenvolvimento unilateral, modificando a dessemelhança dos esforços até então e começam a “estabelecer um ritmo equilibrado”. A partir daí, com frequência entram no signo de Aquário e se tornam portadores da água, tendo que levar “nas próprias cabeças o cântaro da água viva”. A rapidez com que escalam a montanha da iniciação tem de se modificar, ou “a água derramará e o cântaro se quebrará”. Como a água se destina a saciar a sede das massas, eles precisam acelerar o progresso, pois a necessidade é grande. Assim, “os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros” e lebre e tartaruga cumprirão a meta.

23. Pela intensa devoção a Ishvara, conquista-se o conhecimento de Ishvara.

Ishvara é o filho em manifestação através do sol. É o aspecto macrocósmico. Ishvara é o filho de Deus, o Cristo cósmico, resplandecente no coração de todos nós. A palavra “coração” é usada aqui em sua conotação oculta. As correspondências a seguir são iluminadoras e devem ser estudadas com cuidado.

	<i>Aspecto</i>		<i>Qualidade</i>	<i>Centro</i>	<i>Macrocosmo</i>
Espírito	Pai	Mônada	Vontade	Cabeça	Sol central espiritual.
Alma	Filho	Ego	Amor	Coração	Coração do sol.
Corpo	Espírito Santo	Personalidade	Inteligência ativa	Garganta	Sol físico.

Ishvara é o segundo aspecto e, portanto, o real significado deste aforismo é que pela intensa devoção e amor a Ishvara, o Cristo em manifestação, é possível conhecer aquele Cristo ou alma e estabelecer contato com Ele. Ishvara é Deus no coração de todo filho de Deus; é encontrado na caverna do coração; é alcançado pelo amor puro e serviço devotado e, quando alcançado, será visto sentado sobre o loto de doze pétalas, segurando nas mãos a “joia no loto”. Assim o devoto encontra Ishvara. Quando o devoto se torna um raja iogue, Ishvara revelará a ele o segredo da joia. Quando o Cristo é conhecido como o rei no trono do coração, Ele revelará o Pai aos Seus devotos. Mas o devoto tem de palmilhar o Caminho da Raja Yoga e combinar conhecimento intelectual, controle mental e disciplina para alcançar a verdadeira revelação. O místico oportunamente se tornará ocultista: as qualidades da cabeça e as qualidades do coração devem ser igualmente desenvolvidas, pois são ambas divinas.

24. Ishvara é a alma, intocada por condições limitantes, livre de carma e desejo.

Temos aqui um quadro do homem espiritual tal como é na realidade, pois expressa a sua relação com os três mundos. É o estado do mestre ou adepto, da alma que herdou seu direito de primogenitura e não está mais sob o controle das forças e energias da natureza inferior. Neste aforismo e nos três que se seguem, é exposto o quadro do homem liberado, que passou pelos ciclos da encarnação e que batalhando e pela experiência, descobriu o verdadeiro eu. Aqui está descrita a natureza do anjo solar, o filho de Deus, o Ego ou Eu superior. Afirma-se que é:

1. *Intocado por condições limitantes.* Não está mais “encerrado, aprisionado e confinado” pelo quaternário inferior. Não está mais crucificado na cruz da matéria. As quatro envolturas inferiores – densa, etérica, emocional e mental – já não são sua prisão. Passam a ser instrumentos que ele pode usar ou desocupar como quiser. Sua vontade funciona livremente e, se ele permanecer no reino dos três mundos, será por opção própria e a limitação autoimposta terminará quando quiser. É senhor nos três mundos, um filho de Deus que domina e controla as criações inferiores.

2. *Livre do carma.* Pelo conhecimento da lei ele ajustou todo o seu carma, pagou todas as dívidas, acertou todas as obrigações, saldou todas as contas contra ele e, pela realização subjetiva, entrou conscientemente no mundo das causas. O mundo dos efeitos, no que diz respeito aos três mundos, ficou para trás. Assim, ele deixa de ativar (de maneira cega e pela ignorância) condições que produzirão efeitos maus. Trabalha com a lei e toda demonstração de energia (a palavra falada e a ação encetada) é empreendida com total conhecimento do resultado a ser obtido. Nada do que faz produz resultados maus e, portanto, nada acarreta carma. Os homens comuns tratam dos efeitos e, cegamente, vão abrindo caminho através deles. O Mestre trata das causas, e os efeitos que Ele produz, pelo exercício da lei, não O limitam nem O detêm.

3. *Livre do desejo.* Nada da percepção sensorial das coisas nos três planos O atrai e seduz. Sua consciência está direcionada para dentro e para cima, não mais para baixo e para fora. Está no centro e a periferia já não o atrai. O anseio por experiências, a ânsia pela existência no plano físico e o desejo pelo aspecto forma em suas muitas variações já não exercem nenhuma atração sobre ele. Experimentou, conhece, sofreu e foi forçado à encarnação devido à ânsia pelo não-eu. Tudo isso agora acabou e Ele é uma alma liberada.

25. Em Ishvara, o Gurudeva, o germe de todo conhecimento se expande ao infinito.

No sentido macrocósmico, Deus é o Mestre de tudo e o somatório da onisciência, sendo o somatório de todos os estados de consciência (como se vê). Ele é a alma de todas as coisas, e a alma do átomo da matéria, assim como as almas dos homens são parte da Sua realização infinita. A alma do ser humano é potencialmente a mesma e tão logo a consciência deixe de se identificar com seus veículos ou órgãos, o germe de todo conhecimento começa a se expandir. No discípulo, o adepto, Mestre ou Mahatma, no Cristo, Buda e no Senhor do Mundo, Que é mencionado na Bíblia como o Ancião dos Dias, este “germe de todo conhecimento” é visto em diversas etapas de desenvolvimento. A consciência de Deus lhes pertence, passando de uma iniciação para a outra. Em toda etapa o homem é o amo e senhor, mas mesmo além do ponto atingido, sempre surge a possibilidade de outra expansão e o processo é sempre o mesmo. Os seguintes enunciados resumem este processo:

1. O impulso ou determinação de obter o novo conhecimento,
2. A manutenção da consciência no ponto já desenvolvido e o uso dela e, do ponto alcançado, o trabalho em prol de futuras realizações,
3. A superação das dificuldades decorrentes das limitações dos veículos da consciência e do carma,
4. Os testes ocultos que são aplicados ao aprendiz quando demonstra capacidade,
5. O triunfo do estudante,
6. O reconhecimento do seu triunfo e conquista por parte dos Guias da raça, a Hierarquia planetária,
7. A visão do que está à frente.

Assim segue o desenvolvimento e, em cada ciclo de esforço, o filho de Deus em evolução assume o seu direito de primogenitura e toma a posição do conhecedor, “Aquele que ouviu a tradição, experimentou a dissolução do que até então havia, viu o que está oculto àqueles que obedecem a tradição, adotou o que recém descobriu, doou as posses adquiridas àqueles que estendem as mãos vazias e passou para as aulas internas do conhecimento”.

Para os estudantes, seria proveitoso, no estudo desses poucos aforismos relativos a Ishvara, manter em mente que eles fazem referência ao filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, ao se manifestar por meio do sistema solar, a alma macrocósmica. O significado secundário também faz referência ao divino filho de Deus, o segundo aspecto monádico, ao se manifestar por meio de um ser humano. É a alma microcósmica. Os seguintes sinônimos do aspecto Ishvara são úteis.

O Macrocosmo

Ishvara, o segundo aspecto	Cuja natureza é amor.
O Filho de Deus	O revelador do Pai.
O Cristo cósmico	Deus em encarnação.
Vishnu	Segunda pessoa da Trindade hindu.
A Alma de todas as coisas	Átomos e almas são termos sinônimos.
O Oni-eu	O somatório de todos os eus.
Eu sou Aquele	Consciência de grupo.
AUM	Palavra da Revelação.
O Verbo	Deus encarnado.
O Gurudeva	O Mestre de todos.
A luz do mundo	Brilhando nas trevas.

O Microcosmo

O segundo aspecto	Amor sabedoria.
O filho do Pai	O revelador da Mônada.
O Cristo	Cristo em vós, esperança de glória.
A Alma	Consciência.
O Eu superior	O Senhor dos corpos.
O Ego	A Identidade autorrealizadora.
O Verbo	Deus em encarnação.
AUM	A Palavra da revelação.
O Mestre	O eu no trono.
O radiante Augoeides	A luz interna.
O Homem espiritual.	Utilizando o homem inferior.

26. Ishvara, o Gurudeva, como não é limitado pelo fator tempo, é o instrutor dos Senhores primevos.

Desde que as condições de espaço e tempo existem, sempre houve aqueles que alcançaram a onisciência, aqueles cujo germe de conhecimento foi submetido ao oportuno cultivo e se desenvolveu até florescer na plenitude da glória da alma liberada. Esta condição foi possível por meio de determinados fatores:

1. A identificação de cada alma individual com a Superalma.
2. A força atrativa da Superalma, à medida que gradualmente atraía para Si a alma separada de todas as coisas. Trata-se da própria força da evolução, o maior agente atrativo, que faz retornar as unidades exteriorizadas da Vida divina, as unidades de consciência, à fonte de origem. Ela causa a resposta da alma individual à força da alma cósmica.
3. Pelo intenso treinamento para a culminação propiciado pela Hierarquia oculta, as almas recebem o estímulo e a vitalização que lhes possibilita progredir com mais rapidez.

O estudante de ocultismo deve ter em mente que este processo vem se desenvolvendo em rondas e ciclos anteriores ao nosso planeta Terra. Os primeiros Senhores ou Sábios são os grandes Adeptos que – tendo "provado a experiência" segundo a Lei do Renascimento, foram iniciados nos mistérios pelo Iniciador uno, o representante da Superalma no nosso planeta. Por sua vez, tornaram-se instrutores e iniciadores dos mistérios.

O Mestre único mora internamente; é a alma, o regente interno, o pensador em seu próprio plano. É parte comum do Todo, da Oni-alma. Cada expansão de consciência que o homem vivencia o qualifica para ser um Mestre para aqueles que não conheceram a mesma expansão. Assim – alcançada a maestria – nada há a encontrar (falando em termos de reino humano), a não ser Mestres que são também discípulos, todos são aprendizes e todos são instrutores, diferindo apenas em grau de realização. Por exemplo:

- a. Os aspirantes ao caminho são discípulos de discípulos menores,
- b. Os probacionários no caminho são discípulos de discípulos de grau mais elevado,
- c. Os discípulos aceitos são discípulos de um adepto ou de um Mestre,
- d. O adepto é discípulo de um Mestre,
- e. O Mestre é discípulo de um Mahatma,
- f. Os Mahatmas são discípulos de iniciados de graus ainda mais elevados,
- g. Esses, por Sua vez, são discípulos do Cristo ou do dirigente que esteja à frente do departamento de instrução,
- h. O dirigente do departamento de instrução é discípulo do Senhor do Mundo,

i. O Senhor do Mundo é discípulo de um dos três espíritos planetários que representam os três aspectos maiores,

j. E Eles, por Sua vez, são discípulos do Logos Solar.

Ficará evidente para o estudante cuidadoso o quanto são todos interdependentes, e como a realização de um exerce profundos efeitos sobre todo o corpo. O termo discipulado tem conotação genérica, pois cobre todos os estados ou condições de ser no quarto e quinto reinos (humano e espiritual) em que são impulsionadas determinadas expansões de consciência através de treinamento específico.

27. A Palavra² de Ishvara é AUM (ou OM). É o Pranava. (Consulte Livro I, Af. 1).

Os estudantes devem ter em mente que há três Palavras ou sons básicos em manifestação no que diz respeito ao reino humano. São elas:

I. *A Palavra ou nota da Natureza.* É a Palavra ou som de todas as formas existentes na substância do plano físico e, como sabido, é emitida na nota fundamental "FÁ". É uma nota com a qual o ocultista branco nada tem a fazer, pois seu trabalho não consiste em aumentar o tangível, mas em manifestar o subjetivo ou intangível. É a Palavra do terceiro aspecto, o aspecto Brahma ou Espírito Santo.

II. *A Palavra Sagrada.* É a Palavra de Glória, AUM. É o Pranava, o próprio som da Vida consciente ao ser exalada em todas as formas. É a Palavra do segundo aspecto e, tal como a Palavra da Natureza, quando emitida corretamente, produz as formas destinadas a revelar a alma ou segundo aspecto, tal como o Pranava, quando corretamente emitido, demonstra o Pai ou Espírito por meio da alma. É a Palavra dos filhos de Deus encarnados. Em um comentário tão curto como esse não é possível redigir um tratado sobre este segredo dos segredos e grande mistério das eras. Tudo que se pode fazer é expor determinados fatos sobre o AUM e deixar que o estudante amplie o conceito e capte o significado dos curtos enunciados feitos, de acordo com a condição da sua intuição.

III. *A Palavra Perdida.* A Maçonaria preservou para nós o conceito desta palavra perdida. É a Palavra do primeiro aspecto, o aspecto Espírito e apenas o iniciado de terceiro grau pode realmente começar a procurá-la, pois somente a alma liberada é capaz de encontrá-la. Esta palavra diz respeito às altas iniciações e para nós é inútil considerá-la mais extensamente.

É possível apresentar as seguintes formulações com relação à Palavra Sagrada, que devem ser estudadas com zelo:

1. AUM é a Palavra de glória e é o Cristo em nós, esperança de glória.

2. A Palavra, quando captada corretamente, faz com que o segundo aspecto, ou aspecto crístico da divindade, resplandeça intensamente.

3. É o som que traz a alma encarnada à manifestação (macrocósmica ou microcósmica), o ego, o Cristo e faz com que o "radiante Augoeides" seja visto na Terra.

4. É a Palavra que libera a consciência e, quando corretamente compreendida e usada, libera a alma das limitações da forma nos três mundos.

² N. do T.: No original *Word*, pode ser traduzido como Palavra ou Verbo.

5. AUM é o sintetizador dos três aspectos e, portanto, é essencialmente a Palavra do reino humano, no qual se encontram as três linhas da Vida divina – espírito, alma e corpo.

6. É também, em um sentido especial, a Palavra da quinta raça, a ária. O trabalho desta raça é revelar de maneira nova e íntegra a natureza da Entidade interna, da alma dentro da forma, o Filho da mente, o Anjo solar, o quinto princípio.

7. O significado da Palavra só se torna evidente depois que a "luz interna" é plenamente captada. Empregando-a, a "centelha" se torna uma luz radiante, a luz se torna uma chama e a chama, oportunamente, se torna um sol. Empregando-a, "nasce o sol da retidão" na vida de todo homem.

8. Cada uma das três letras tem relação com os três aspectos e cada uma pode ser aplicada a quaisquer das triplicidades conhecidas.

9. O Mestre, o Deus interno, é realmente a Palavra, o AUM, e é verdade dizer deste Mestre (que se encontra no coração de todos os seres) "no princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus (daí a dualidade) e o Verbo era Deus". Pelo emprego da Palavra, o homem chega a compreender:

- a. A sua própria divindade essencial,
- b. O propósito do processo de tomada de forma,
- c. A constituição e a natureza dessas formas,
- d. A realidade da consciência ou a relação do eu divino ou espírito com a forma, seu oposto polar.

No desenvolvimento evolutivo denominamos esta relação de consciência e a característica essencial desta consciência é o amor.

10. O Guru ou Mestre que conduz o estudante às portas da iniciação e que o assiste em todos os testes e processos iniciais e subsequentes representa, igualmente, a Palavra e, pelo uso científico deste grande som, Ele produz certo estímulo e vitalização nos centros do discípulo, assim possibilitando determinados desenvolvimentos.

Não é conveniente acrescentar nada mais sobre a Palavra Sagrada. Foi dado o suficiente para indicar ao aspirante seu propósito e potência. Haverá mais a comunicar ao estudante, de outras maneiras e em outras ocasiões, à medida que – através do estudo e do esforço autoiniciado – ele chegar às conclusões corretas. Acrescente-se que esta grande Palavra, quando alvo de meditação, apresenta uma pista para o verdadeiro sentido esotérico das palavras contidas na *Doutrina Secreta* de H. P. Blavatsky, a saber:

"A Vida que discernimos como Forma Una de Existência, manifestando-se no que denominamos Matéria; ou o que, separando incorretamente, denominamos Espírito, Alma e Matéria no homem. A Matéria é o veículo para a manifestação da Alma neste plano de existência e a Alma é o veículo em um plano superior para a manifestação do Espírito, e esses três são a Trindade sintetizada pela Vida, que a todos permeia".

28. Pela emissão da Palavra e pela reflexão sobre seu significado, encontra-se o Caminho.

Trata-se de uma paráfrase bastante genérica, contudo expressa o correto significado dos termos usados em sânscrito. Apenas Vivekananda, entre os vários tradutores, interpreta da seguinte maneira:

"A recitação do OM e a meditação sobre o seu significado (é o Caminho)".

Os demais tradutores omitem as três palavras finais, embora a inferência esteja clara.

A expressão "a emissão da Palavra" não deve ser interpretada de maneira literal; a "emissão" esotérica baseia-se no estudo da Lei da Vibração e na gradual afinação das vibrações inferiores das envolturas ou vestes da consciência, de maneira a se sincronizarem com a nota ou som do morador consciente. Falando corretamente, a Palavra deve ser entoada pela alma ou ego em seu próprio plano e a vibração; ulteriormente, exercerá efeito sobre os vários corpos ou veículos que abrigam aquela alma. Este processo, portanto, é mental e só pode ser realmente feito por aqueles que – através da meditação e da disciplina, vinculados ao serviço – realizaram a unificação consciente com a alma. Os aspirantes a esta condição têm de utilizar os potentes fatores da imaginação, visualização e *perseverança na meditação* para atingirem este estágio inicial. Observe-se que este estágio tem de ser alcançado, ainda que apenas em um grau relativamente pequeno, para que o aspirante possa se tornar um discípulo aceito.

O processo de emissão da Palavra é dual, como enfatizado no presente aforismo.

Há, primeiro de tudo, o ato do ego, o anjo solar, eu superior ou alma, que entoa a Palavra do próprio plano, nos níveis abstratos do plano mental. Ele dirige aquele som, através do sutratma e as vestes da consciência ao cérebro físico do homem em encarnação, a sombra ou reflexo. Esta "emissão" deve ser repetida com constância. O Sutratma é a ligação magnética que a *Bíblia* cristã denomina de "cordão prateado", o fio de vida que conecta a Mônada, o Espírito no homem, com o cérebro físico.

Em segundo lugar, há a diligente reflexão do homem no cérebro físico sobre aquele som, à medida que o reconhece. Faz-se menção aqui aos dois polos do ser: a alma e o homem em encarnação e, entre esses dois, encontra-se o fio, ao longo do qual vibra o Pranava (ou palavra). É preciso que os estudantes da ciência esotérica reconheçam a técnica deste processo traçado. No caso da entoação da Palavra, temos os seguintes fatores:

1. A alma, que a emite ou exala.
2. O sutratma ou fio, ao longo do qual o som vibra e é transportado ou transmitido.
3. As vestiduras da consciência, mental, emocional e etérico, que vibram em resposta à vibração ou alento e são assim estimulados.
4. O cérebro, que pode ser treinado para reconhecer aquele som e vibrar em uníssono com o alento.
5. O ato subsequente do homem em meditação. Ele ouve o som (às vezes denominado a "voz mansa e delicada"³ ou a "Voz do Silêncio"), o reconhece pelo que é e, em profunda reflexão, assimila os resultados da atividade da sua alma.

Depois, tendo o aspirante penetrado nos mistérios e aprendido a unificar a alma e o homem inferior de maneira que funcionem como uma unidade coordenada na Terra, o homem aprende a emitir a Palavra no plano físico com o objetivo de despertar as forças latentes nele e, assim, estimular os centros. Desta maneira participa cada vez mais do trabalho criador, mágico e psíquico da manifestação, sempre com o objetivo de beneficiar seus semelhantes e, assim, promover os planos da Hierarquia planetária.

³ N. do T.: Conforme a Bíblia, em 1Rs:19.

29. Daí advém a plena realização do Ego (a Alma) e a eliminação de todos os obstáculos.

Quando o Mestre interno é conhecido, a afirmação do seu poder é cada vez mais percebida e o aspirante submete a sua natureza inferior ao controle deste novo regente.

Observe-se que a total e final eliminação dos obstáculos acontece *depois* de se produzir o lampejo inicial de que ele tomou consciência. A sequência dos acontecimentos é a seguinte:

1. Aspiração pela obtenção do conhecimento da alma.
2. Tomada de consciência dos obstáculos, ou entendimento das coisas que impedem a conquista do verdadeiro conhecimento.
3. Compreensão intelectual da natureza de referidos obstáculos.
4. Determinação de eliminá-los.
5. Um repentino lampejo ou visão da Realidade da alma.
6. Renovada aspiração e firme determinação de fazer desta visão fugaz uma realidade permanente durante a experiência no plano inferior.
7. A batalha de Kurukshetra, com Krishna, a alma, alentando Arjuna, o aspirante, a manter um esforço firme e constante. A mesma ideia aparece no *Antigo Testamento*, no caso de Josué, diante das muralhas de Jericó.

Será útil concluir este comentário com os Afs. 31, 32, 33 e 34 do Livro IV:

31. Quando, pela remoção dos obstáculos e purificação das envolturas, a totalidade do conhecimento se torna acessível, nada mais resta ao homem por fazer.

32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria), pela natureza inerente dos três gunas, chegam ao fim, pois cumpriram o seu propósito.

33. O tempo, sequência das modificações da mente, também chega ao fim, dando lugar ao Eterno Agora.

34. O estado de unidade isolada se torna possível quando as três qualidades da matéria (os três gunas ou potências da natureza) deixam de exercer controle sobre o Eu. A consciência espiritual pura se retira no Uno.

30. Os obstáculos ao conhecimento da alma são deficiência corporal, inércia mental, questionamento incorreto, desatenção, preguiça, ausência de desapaixonamento, percepção inexata, incapacidade de atingir a concentração, inabilidade de manter a atitude meditativa quando alcançada.

Obstáculo I. Deficiência corporal.

É interessante observar que o primeiro obstáculo se relaciona com o corpo físico. Os aspirantes deveriam se lembrar disso e procurar ajustar o veículo físico às demandas que posteriormente serão feitas a ele. Os reajustes serão importantes e estão compreendidos em quatro grupos:

1. A imunidade do corpo contra os ataques das doenças ou indisposições. Em si, isto é um processo tríplice, que implica em:
 - a. A extirpação da doença existente.
 - b. O refinamento e a purificação do corpo, a fim de reconstruí-lo oportunamente.

c. A proteção do corpo contra ataques futuros e sua utilização como veículo da alma.

2. O fortalecimento e refinamento do corpo etérico, para que finalmente se sintonize e, assim, a tarefa de direcionamento da força possa ser empreendida sem perigo. O discípulo tem que passar as forças que utiliza em seu trabalho através do seu corpo.

3. O desenvolvimento e o despertar dos centros do corpo etérico; a centralização dos fogos do corpo e sua correta progressão ao longo da coluna vertebral, a fim de uni-los ao fogo da alma.

4. A coordenação das duas divisões do corpo físico e o alinhamento subsequente com a alma, mediante o sutratma ou fio, que é o vínculo magnético.

O terceiro reajuste mencionado só pode ser empreendido sem perigo depois de ter empregado e desenvolvido os primeiros três métodos de Yoga. São eles:

1. Os cinco mandamentos. (Consulte o Livro II, Af. 30 e 31).

2. As cinco regras. (Consulte o Livro II, Af. 32 a 45).

3. O correto equilíbrio. (Consulte o Livro II, Af. 46 a 48).

Aqueles que aspiram à yoga muitas vezes se esquecem deste ponto, por isto os desastres e os transtornos que advêm com frequência a quem se ocupa prematuramente de despertar os centros e avivar o fogo serpentino. Somente quando a relação entre o aspirante e a economia social (como os mandamentos expõem) estiver completamente estabelecida; somente quando se trabalhou na tarefa de purificar e regularizar a tríplice natureza inferior (como as regras dispõem); e somente quando o equilíbrio e o controle da natureza emocional foi alcançado e o correto equilíbrio foi obtido, quem aspira a Raja Yoga pode começar sem perigo o trabalho mais esotérico e oculto, vinculado com os fogos do seu pequeno sistema. Nunca será demais enfatizar este ponto. Somente quando o homem alcançar um grau muito avançado no discipulado ele poderá se ocupar conscientemente e sem perigo dos fogos vitais e dirigir a correta ascensão pela coluna vertebral. Poucos “cumpriram a lei e os mandamentos”.

Obstáculo II. Inércia mental.

O seguinte e grande obstáculo básico (esses obstáculos são expostos na ordem do seu poder relativo exercido sobre o homem comum) é a incapacidade de pensar com clareza sobre o problema da realização. Salvo se a ação for precedida de um claro pensar, não haverá impulso suficiente nem será possível apreciar a magnitude do problema. A inércia mental se deve à condição letárgica da “vestidura da consciência”, que chamamos de corpo mental, e ao ritmo pesado que tem na maior parte das pessoas. É por esta razão que a Raja Yoga necessariamente exerce mais atrativo para os de tipo mental que para os puramente devotos, e também porque quem possui um corpo mental bem equipado e que é usado de maneira ativa pode se treinar com mais rapidez nesta ciência sagrada. Para a maioria das pessoas, despertar o corpo mental, desenvolver o interesse intelectual e substituir o controle emocional pelo mental deve preceder toda compreensão posterior sobre a necessidade do cultivo da alma. Primeiro é necessário fazer contato com o mecanismo mental e usá-lo, para depois estar apto a apreciar de maneira inteligente a natureza do pensador.

Quando isto for captado, a contribuição para o desenvolvimento humano das grandes escolas de pensamento denominadas: Ciência Mental, Ciência Cristã (Christian Science), Novo Pensamento e outros grupos que enfatizam os estados mentais será devidamente avaliada. A família humana somente agora está começando a se dar conta da “vestidura da consciência” que chamamos de corpo mental.

A maioria dos homens ainda tem que construir esta vestidura que os estudantes ocultistas denominam de corpo mental. Dentre estes trabalhadores serão extraídos os verdadeiros iogues de Raja Yoga.

Obstáculo III. Questionamento incorreto.

É a etapa seguinte, que também depende, em certa medida, do desenvolvimento mental. Alguns tradutores chamam isto de “dúvida”. O questionamento incorreto tem como base a percepção inferior e a identificação do homem real com o instrumento ilusório, seu corpo mental, que o leva a duvidar das verdades eternas e da existência das realidades fundamentais, e a buscar a solução de seus problemas no efêmero e transitório e nas coisas dos sentidos.

Há um questionamento correto e adequado. É aquela formulação de perguntas à qual o Cristo se referiu com as palavras: “Pedi e recebereis”. Todos os verdadeiros Mestres do Oriente cultivam deliberadamente esta faculdade indagativa em seus discípulos. Ensinam a eles a formular perguntas sobre as realidades internas e, em seguida, a encontrar as respostas por si mesmos, buscando a fonte de todo conhecimento, latente no coração de todos os seres. Questionar de maneira inteligente e encontrar a resposta significa primeiramente ter se liberado de toda autoridade externa imposta, de toda tradição e da imposição de todo dogma teológico, religioso ou científico. Somente assim é possível descobrir a realidade e perceber a verdade.

“Quando a tua Alma tiver passado para além da selva da ilusão, não mais considerarás o que deve ser ensinado ou o que foi ensinado”.

“Quando afastada do ensinamento tradicional a tua Alma permanecer constante, firme na visão da alma, alcançarás então a união com a Alma”. Gita II, 51.52.

Obstáculo IV. Desatenção.

Alguns traduzem a atitude mental tratada aqui como “instabilidade”. Na realidade é a versátil atitude mental que faz com que o unidirecionamento e a atenção sejam tão difíceis de alcançar. Literalmente, é a tendência da substância mental de criar formas-pensamento, descrita também como a “tendência da mente de saltar de um objeto para outro”. Consulte Livro III, Af. 11.

Obstáculo V. Preguiça.

Todos os analistas estão de acordo com esta tradução, empregando os termos indolência, languidez ou preguiça. Isto não se refere tanto à inércia mental (pois pode ir em paralelo a uma aguda percepção mental) como àquela preguiça do homem inferior que o impede de se pôr à altura da identificação intelectual e da aspiração interna. Foi dito ao aspirante o que ele tem de fazer, os “métodos da yoga” lhe foram esclarecidos. Ele vislumbrou o ideal e está ciente dos obstáculos; na teoria, sabe quais são os passos que tem de dar, mas falta equivalência entre o que faz e o que sabe. Há uma lacuna entre a sua aspiração e a sua atuação. Embora almeje alcançar e saber, o trabalho para cumprir as condições lhe é muito árduo. A sua vontade não é ainda forte o bastante para forçá-lo a avançar. Deixa o tempo passar e não faz nada.

Obstáculo VI. Ausência de desapaixonamento.

Alguns o traduziram muito acertadamente por “vício por objetos”, que é o desejo pelas coisas materiais e dos sentidos. É o amor pelas percepções sensoriais e a atração por tudo o que faz o homem retornar seguidamente para a existência no plano físico. O discípulo deve cultivar o *desapaixonamento*, ou a atitude de nunca se identificar com nenhum tipo de forma, mas se manter afastado e desapegado, livre das limitações impostas pelas posses e pertences. Este ponto é tratado em muitos aforismos e não é necessário ampliá-lo aqui.

Obstáculo VII. Percepção inexata.

A incapacidade de perceber corretamente e de visionar as coisas como são na realidade é consequência natural dos seis obstáculos anteriores. Enquanto o pensador se identificar com a forma, enquanto as vidas menores das vestiduras inferiores da consciência o aprisionarem e ele se recusar a se separar do aspecto material, as suas percepções continuarão a ser inexatas. A visão compreende diversos tipos, que podem ser especificados como segue:

1. *A visão física* revela a natureza do plano físico, e é obtida por meio dos olhos que, com a lente ocular, fotografam o aspecto da forma tangível sobre a maravilhosa película fotográfica que todo homem possui. Esta visão é restrita e limitada.

2. *A visão etérica* é uma faculdade do olho humano que vai se desenvolvendo rapidamente e, com o tempo, revelará a aura de saúde de todas as formas dos quatro reinos da natureza; viabilizará o reconhecimento das emanções prânicas vitais de todos os centros vivos e demonstrará as condições dos mesmos.

3. *A clarividência* é a faculdade de ver no plano astral, um dos “siddhis” ou poderes psíquicos inferiores. É obtida pela sensibilidade da superfície de todo o “corpo de sentimento” ou envoltura emocional; é a percepção sensória levada a uma condição muito avançada. É enganosa e, fora a sua analogia superior, que é a percepção espiritual, trata-se da apoteose de maya ou ilusão.

4. *A visão simbólica* é uma faculdade do corpo mental e o fator que produz a percepção das cores, dos símbolos geométricos, da visão quadridimensional e dos sonhos e visões que resultam da atividade mental e não da visão astral. Muitas vezes estas visões têm o caráter de previsão.

Esses quatro tipos de visão são a causa da percepção errada e só produzirão ilusões e erros, até que os tipos superiores de visão, relacionados abaixo, os suplantem. Referidos tipos superiores de visão contêm os outros.

5. *A visão pura.* Patanjali a define como:

“O vedor é Conhecimento puro (gnose). Embora puro, ele contempla a ideia apresentada por meio da mente”. (Livro II, Af. 20).

As palavras “conhecimento puro” foram traduzidas por “visão pura”, faculdade da alma, que é conhecimento puro e que se manifesta quando a alma usa a mente como instrumento de visão. Charles Johnston traduz este aforismo da seguinte maneira: “O vedor é visão pura... Ele vê através da vestidura da mente”.

É esta clara captação do conhecimento e perfeita compreensão das coisas da alma a característica do homem que, por meio da concentração e da meditação, alcançou o controle da mente. A mente então se torna a janela da alma e, através dela, o homem espiritual pode contemplar um campo de conhecimento novo e mais elevado. Simultaneamente, com o desenvolvimento deste tipo de visão, a glândula pineal torna-se ativa e o terceiro olho (em matéria etérica) se desenvolve em uma atividade paralela.

6. *A visão espiritual ou verdadeira percepção* é o tipo de visão que abre o mundo intuicional ou plano búdico, e leva quem a possui para além dos níveis abstratos do plano mental. As coisas do espírito puro e os propósitos básicos que subjazem em toda manifestação são assim compreendidos, tal como a visão pura permitiu, a quem a tem, a capacidade de extrair das fontes

da sabedoria pura. Com o desenvolvimento desta visão, o centro alta maior torna-se ativo e o loto de mil pétalas se abre.

7. *A visão cósmica*, cuja natureza é inconcebível para o homem, caracteriza o conhecimento das Existências que se manifestam através de um esquema planetário em um sistema solar, assim como o homem se manifesta por meio dos seus corpos.

Pelo estudo desses tipos de percepção, o estudante poderá apreciar com exatidão o trabalho que deve realizar. Ele é assim ajudado a determinar o lugar que ocupa no momento presente e, em consequência, a se preparar inteligentemente para o próximo passo.

Obstáculo VIII. Incapacidade de atingir a concentração.

Os dois últimos obstáculos indicam que “as coisas velhas podem desaparecer” e o novo homem assumir seu patrimônio. O método do discípulo deve incluir não só a autodisciplina ou a subjugação das vestiduras ou envolturas, como também o serviço ou a identificação com a consciência grupal. Deve incluir também as duas etapas de concentração, enfoque ou controle da mente e meditação, o processo estável de refletir sobre aquilo com o qual a alma fez contato e conhece. Elas serão tratadas mais adiante e não as comentaremos mais detalhadamente agora.

Obstáculo IX. Inabilidade de manter a atitude meditativa.

É evidente que os seis primeiros obstáculos se referem às condições erradas e, os últimos três, aos resultados de tais condições. Eles contêm um indicativo do método de se liberar dos estados de consciência errados.

O aforismo a seguir é muito interessante, pois trata dos efeitos produzidos nos quatro corpos da natureza inferior, no caso do homem que não superou os obstáculos.

31. Os resultados dos obstáculos sobre a natureza psíquica inferior são: dor, desespero, atividade corporal inapropriada e direcionamento (ou controle) errado das correntes vitais.

Cada um desses quatro resultados expressa a condição do homem inferior e trata dos efeitos da centralização ou identificação errada.

1. *A dor* é o efeito gerado quando o corpo astral ou emocional está polarizado de maneira errada. *Dor* é o efeito da incapacidade de balancear corretamente os pares de opostos, indica falta de equilíbrio.

2. *Desespero* é efeito do remorso produzido no corpo mental e, em si, uma característica do que poderíamos chamar de “natureza mental não regenerada”. O aspirante tem a percepção do que poderia ser, embora os obstáculos ainda o vençam; tem incessante consciência do fracasso, o que produz nele uma condição de remorso, desgosto, desespero e consternação.

3. *Atividade corporal inapropriada*. A condição interna se manifesta no plano físico como uma intensa atividade, uma busca fremente de soluções ou alívio; um constante ir e vir em busca de paz. Nesta época é a principal característica da nossa mental raça ária, e a causa do esforço, intenso e combativo, exercido em todas as atividades da vida. Os processos educacionais contribuíram em grande medida para isto, pois eles aceleram o corpo mental. A grande contribuição da educação (em escolas, faculdades, universidades e atividades afins) foi estimular

o corpo mental do homem. Tudo faz parte do grande plano, que tende sempre para o objetivo específico, o desenvolvimento da alma.

4. *Direcionamento errado das correntes vitais.* É o efeito produzido no corpo etérico em razão da agitação interna. Para o estudante de ocultismo, as correntes vitais são duas:

- a. O alento vital ou prana,
- b. A força vital ou os fogos do corpo.

É o uso indevido do alento da vida ou a utilização errada do prana que causa oitenta por cento das doenças físicas atuais. Os outros vinte por cento se devem a que a força vital é mal dirigida através dos centros, atacando principalmente os vinte por cento da humanidade compostos dos que se pode dizer que são polarizados mentalmente. A chave para o estudante esotérico que aspira obter a liberação não está nos exercícios respiratórios nem em nenhum sistema de desenvolvimento dos sete centros do corpo, mas na intensa concentração interna sobre o viver rítmico e na cuidadosa organização da vida. À medida que assim faz, a coordenação dos corpos sutis, com o físico de um lado, e com a alma de outro, produzirá o ajuste automático e consequente das energias prânicas e vitais.

32. Para superar os obstáculos e seus efeitos secundários é preciso haver intensa aplicação da vontade sobre determinada verdade (ou princípio).

Seria oportuno para o aspirante à yoga observar que há sete métodos de alcançar a paz e assim chegar à meta, os quais serão tratados a seguir. Cada um tem uma relação precisa com os sete obstáculos considerados acima.

<i>Obstáculo</i>	<i>Solução</i>
1. Deficiência corporal	Um viver sadio e salutar. (I. 33.)
2. Inércia mental.	Controle da força vital. (I. 34.)
3. Questionamento incorreto	Pensamento unidirecionado. (I. 35.)
4. Desatenção	Meditação. (I. 36.)
5. Preguiça	Autodisciplina. (I. 37.)
6. Ausência de desapaixamento	Análise correta. (I. 38.)
7. Percepção inexata	Iluminação. (I. 39.)

Corrigir as condições erradas é de suma importância nas etapas iniciais da yoga, por isso o Livro I enfatiza este tópico. No entanto, uma compreensão teórica dos obstáculos e da respectiva solução de nada servem se a vontade não for intensamente aplicada. Somente o esforço da vontade constante, firme e persistente, atuando por meio da mente, será capaz de levar o aspirante das trevas para a luz e conduzi-lo da morte para a imortalidade.

Com o princípio compreendido, o discípulo pode trabalhar com inteligência, daí a necessidade da correta compreensão dos princípios ou qualidades pelos quais é possível conhecer a verdade a respeito da Realidade ou Deus.

Todas as formas existem a fim de expressar a verdade. Pela firme aplicação da vontade de Deus no Todo, a verdade se revela por meio da matéria. Quando a verdade, ou princípio básico, for conhecida, o espírito será revelado. Quando o discípulo compreender os princípios que as suas diferentes formas, envolturas ou corpos devem expressar, saberá dirigir com exatidão a sua vontade e, assim, produzirá as condições desejadas. As envolturas e veículos são, simplesmente, seus corpos de manifestação nos diversos planos do sistema e referidas envolturas devem expressar o princípio que constitui a característica ou qualidade subjacente de cada plano. Por exemplo, os sete princípios que dizem respeito ao homem são:

1. Prana	energia vital	corpo etérico	plano físico.
2. Kama	desejo, sentimento	corpo astral	plano astral.
3. Manas inferior	mente concreta	corpo mental	plano mental.
4. Manas superior	mente abstrata	corpo egoico	plano mental.
5. Budi	intuição	corpo búdico	plano búdico.
6. Atma	vontade espiritual	corpo átmico	plano átmico.

E o que corresponde ao “princípio ilimitado e imutável” no macrocosmo, a Mônada (em seu próprio plano), é o sétimo princípio. Há outras maneiras de enumerar os princípios, e Subba Rao está correto quando diz que só existem cinco princípios. Os dois superiores, atma e a vida monádica, não são princípios.

Pela aplicação consciente da vontade em cada plano, o veículo é direcionado, de maneira constante e cada vez mais, a expressar com maior precisão a verdade una. É este o verdadeiro significado do aforismo em consideração e o indicativo da razão pela qual os adeptos ainda estudam este tratado sobre a yoga. A compreensão da verdade que possuem ainda não está completa em todos os planos, e as regras básicas permanecem sempre válidas, embora a aplicação varie. Os princípios são aplicáveis a todas as diferenciações e a todos os estados de ser.

À medida que o homem estuda as esferas nas quais a sua consciência atua, à medida que compreende os veículos que deve utilizar em determinada esfera, à medida que desperta para o conhecimento da qualidade divina específica que o corpo está destinado a expressar, como parte ou aspecto de uma verdade ou realidade, se dá conta das impropriedades presentes, dos obstáculos que bloqueiam e das dificuldades a sobrepujar. Em seguida, vem a aplicação e a concentração da vontade sobre o princípio ou qualidade que está procurando expressar. Assim a manifestação inferior se alinha com a superior, pois “como o homem pensa, assim ele é”.

33. É possível fomentar a paz de chitta (substância mental) através da prática da solidariedade, mansidão, firmeza de propósito e desapaixonamento com relação ao prazer e à dor, a todas as formas do bem ou do mal.

Este aforismo trata do corpo físico, que vivencia experiências no plano físico e que utiliza a consciência cerebral. A tendência deste corpo dirige-se para todas as outras formas objetivas e é propenso (no estado não regenerado) a gravitar com facilidade em torno dos objetos materiais. A natureza destes objetos dependerá do grau de evolução do ego que está experimentando. É preciso ter este ponto muito em conta ao estudar esse aforismo, do contrário a cláusula final será mal interpretada. É necessário exercer uma ação discriminadora com referência a todas as demonstrações de força, do bem e do mal; a lei atua aqui, mas a emancipação das formas físicas que referida energia possa assumir, se produz pela prática do desapaixonamento com relação a estas formas objetivas. Caberia observarmos que a *solidariedade* em pauta diz respeito à nossa relação com os demais peregrinos ou com o quarto reino da natureza; a *mansidão* trata da nossa relação com os animais ou terceiro reino; a *firmeza de propósito* se refere à nossa relação com a Hierarquia do planeta, e o *desapaixonamento* à nossa atitude frente às reações do eu pessoal inferior. Portanto, fica claro o alcance deste aforismo, que diz respeito a todas as vibrações cerebrais do discípulo.

Em consequência, o corpo físico é considerado como o veículo que:

- a. Ajuda os nossos semelhantes,
- b. Trata o reino animal com mansidão.
- c. Serve no plano físico em colaboração com a Hierarquia.

d. Disciplina os apetites físicos e conquista o desapaixamento com relação a todas as formas de atração para os apetites e os sentidos, sejam ou não considerados prejudiciais. Todos deverão ser transcendidos.

Assim se alcança a paz, a paz de chitta ou substância mental, a paz das reações cerebrais e, oportunamente, a tranquilidade e calma totais. Esta ideia é bem expressa por Charles Johnston na tradução desse aforismo: “A natureza psíquica passa para uma jubilosa paz” e o homem expressa plenitude, uma natureza equilibrada e cabal sensatez de pensamentos e atos. Toda deficiência corporal é assim superada e a plenitude expressa a natureza da manifestação.

34. A paz de chitta também é suscitada pela regulação do prana ou alento vital.

Os estudantes fariam bem em observar que Patanjali inclui o Pranayama (a Ciência da Respiração ou da energia prânica), entre outros métodos, para alcançar “a paz de chitta”. No entanto, não a enfatiza especialmente. Como já foi assinalado, pranayama é um termo que pode ser aplicado a três processos, todos inter-relacionados e afins:

1. *A ciência do viver rítmico* ou a regulação dos atos da vida cotidiana pela organização do tempo e o uso inteligente do espaço. Por meio disto o homem se converte em adepto, em criador no plano físico e em colaborador nos planos da Hierarquia, tal como se manifestam na evolução cíclica.

2. *A ciência da respiração* ou a vitalização do homem inferior, por meio da inalação e da exalação. O homem conhece a si mesmo, ocultamente, como uma “alma viva” e usa o fator da respiração. Por este meio se torna consciente da unidade da vida e da relação existente entre todas as formas onde mora a vida de Deus. Torna-se um irmão, como também um adepto, e sabe que a fraternidade é um fato da natureza e não uma teoria sublime.

3. *A ciência dos centros* ou laya yoga é a aplicação da lei sobre as forças da natureza e o uso científico de referidas forças pelo homem. Implica na passagem de certos setenários de energia através dos centros, ao longo da coluna vertebral até a cabeça, em determinada e específica progressão geométrica. Isto faz do homem um psíquico apto e desenvolve nele determinados poderes latentes que, uma vez desenvolvidos, o colocam em contato com a alma de todas as coisas e com o aspecto subjetivo da natureza.

É muito significativo observar que este método de chegar à paz se segue ao método de viver de maneira sadia, o que resulta em um corpo físico sadio. Posteriormente, quando Patanjali volta a se referir à regulação da respiração e das correntes de energia, apresenta-a como o quarto método da yoga e afirma que somente quando se alcançar o correto equilíbrio (terceiro método), por haver guardado os Mandamentos e as Regras (métodos um e dois), esta regulação deve ser empreendida. Os estudantes devem estudar estes métodos e observar que só é permitido ao homem se ocupar dos centros depois que tiver equilibrado a sua vida e purificado a sua natureza, de tal forma que já não exista perigo.

35. É possível treinar a mente para obter a estabilidade através das formas de concentração relacionadas às percepções dos sentidos.

Estamos tratando das formas de desenvolvimento e de controle que resultam na chamada “jubilosa paz”. Vimos que as corretas relações grupais e um viver rítmico produzirão a condição em que é alcançado o aquietamento dos veículos ou envolturas, podendo o homem inferior então refletir adequadamente o homem superior ou espiritual. Estamos tratando agora de determinados aspectos da filosofia da Raja Yoga e a chave para compreender este aforismo está na palavra *desapego*. O aspirante (à medida que estabelece contatos sensórios e que por meio dos cinco

sentidos se relaciona com o mundo fenomênico) assumirá gradualmente e cada vez mais a posição do observador. Assim a sua consciência vai se transferindo lentamente da esfera dos veículos sensórios para a do “morador do corpo”.

É interessante observar aqui os ensinamentos hindus sobre os usos da língua e de toda a zona do nariz e do palato. Os ensinamentos orientais ortodoxos apresentam as seguintes sugestões:

<i>Método</i>	<i>Sentido</i>	<i>Resultado</i>
1. Concentração na ponta do nariz	olfato	perfumes.
2. Concentração na raiz da língua	audição	sons.
3. Concentração na ponta da língua	paladar	chamas.
4. Concentração na metade da língua	tato	vibração.
5. Concentração no palato	visão	imagens, visões.

O aspirante não deve entender estas coisas literalmente, nem procurar meditar às cegas, por exemplo, sobre a ponta da língua. A lição a aprender, de acordo com a lei de analogia, é que a língua simboliza a faculdade criadora, o terceiro aspecto em sua natureza quádrupla. A relação dos cinco sentidos (sintetizados aqui na região da boca) com os cinco raios que formam a síntese regida pelo Mahachohan (diretor do aspecto de terceiro raio em nosso planeta) será muito iluminadora. Seria valioso para os estudantes elaborarem a analogia entre estes cinco raios, os cinco sentidos e a boca, como órgão da palavra. À medida que o estudo vai se processando, será observado que dois outros órgãos físicos, o corpo pituitário e a glândula pineal correspondem aos outros dois aspectos, amor-sabedoria e poder organizador, vontade ou propósito. Os sete pontos na cabeça (e todos situados em uma área relativamente pequena) são os símbolos, em matéria física, dos três grandes aspectos que se manifestam como os sete.

Portanto, à medida que o aspirante assume a posição de regente dos sentidos e de analisador de todas as suas percepções sensórias, ele vai se concentrando mais mentalmente, de maneira gradual, e o iogue avançado é capaz de se identificar, em todo momento, com qualquer uma das energias de raio, excluindo as demais, se assim quiser.

O estudante fica advertido a não supor que esta “jubilosa paz” pode ser alcançada por uma dada meditação sobre qualquer sentido específico. Pela compreensão das leis da criação e do som, pelo estudo da placa sonora da boca e do método pelo qual a fala é viabilizada, é possível chegar ao conhecimento dos processos criadores do mundo, e o homem adquire o entendimento das leis pelas quais todas as formas vêm à existência. Os sentidos de todos os iogues são natural e anormalmente aguçados, fato que deve ser lembrado.

36. Pela meditação na Luz e na Radiância, é possível alcançar o conhecimento do Espírito e, assim, conquistar a paz.

O estudante deve observar que cada um dos métodos que delineamos diz respeito a certos centros. Há sete métodos de realização e, em consequência, podemos deduzir que os sete centros estão envolvidos.

1º Método. Af. 33. Centro plexo solar.

É possível fomentar a paz de chitta (ou substância mental) através da prática da solidariedade, mansidão, firmeza de propósito e desapaixonamento com relação ao prazer e à dor, a todas as formas do bem ou do mal.

2º Método. Af. 34. Centro na base da coluna vertebral.

A paz de chitta também é suscitada pela regulação do prana.

3º Método. Af. 35. Centro entre as sobrancelhas.

É possível treinar a mente para a estabilidade através das formas de concentração relacionadas às percepções dos sentidos.

4º Método. Af. 36. Centro coronário.

Pela meditação na Luz e na Radiância, é possível alcançar o conhecimento do Espírito e, assim, conquistar a paz.

5º Método. Af. 37. Centro sacro.

Chitta se estabiliza e se libera da ilusão à medida que a natureza inferior se purifica e deixa de ceder ao desejo.

6º Método. Af. 38. Centro laríngeo.

Alcança-se a paz (estabilização de chitta) por meio da meditação sobre o conhecimento que os sonhos propiciam.

7º Método. Af. 39. Centro cardíaco.

Também se alcança a paz por meio da concentração sobre o que é mais caro ao coração.

Estes métodos deveriam ser cuidadosamente considerados, mesmo que não seja possível dar detalhes sobre o procedimento. O estudante só pode considerar o princípio e a lei envolvidos. Além disso, deve lembrar que todos esses centros têm correspondências na matéria etérica da região da cabeça e que, quando os sete centros da cabeça estiverem despertos, as contrapartes também despertam de maneira segura. Esses sete centros da cabeça correspondem, no microcosmo, aos sete Rishis da Ursa Maior, os protótipos dos sete Homens celestiais, e os sete centros especificados acima se relacionam com a energia dos sete Homens celestiais.

Não é necessário nos estendermos aqui sobre estes sete centros, salvo para indicar o seguinte:

1. O aspirante pode considerar simbolicamente cada centro como um loto.
2. Este loto é formado por unidades de energia que se movem ou vibram de maneira específica, e as ondas vibratórias assumem as formas que denominamos pétalas do loto.
3. Cada loto contém:
 - a. um certo número de pétalas,
 - b. um pericarpo ou cálice que o sustenta.
 - c. um centro de luz branca pura, denominado “joia”.
4. Cada centro corresponde a um planeta sagrado, o corpo de manifestação de um dos sete Homens celestiais.
5. Cada centro deve ser desenvolvido pelo emprego da Palavra. Esta palavra é AUM, e deve surgir oportunamente no centro vibrante. Quando brilhar perfeitamente dentro da roda, este centro estará perfeitamente desperto.

6. Certas qualidades do Sol são qualidades dos centros.

a. Qualidade do plexo solar	calor.
b. Qualidade do centro na base da coluna vertebral	fogo kundalini.
c. Qualidade do centro ajna, entre as sobrancelhas	luz iluminadora.
d. Qualidade do centro da cabeça	luz fria.
e. Qualidade do centro sacro	umidade.
f. Qualidade do centro da garganta	luz vermelha.
g. Qualidade do centro do coração	luz irradiante ou magnética.

Este aforismo recomenda praticar a meditação sobre a luz e a radiância, e ensina que por meio dessa luz e da capacidade de usá-la, é possível chegar ao conhecimento do espírito. No centro do “chakra do coração” mora Brahma, diz a antiga Escritura, e Ele se revela na luz. Portanto, o aspirante deve se tornar consciente do “ponto de luz dentro da roda de doze raios” e, à medida que se concentra sobre este ponto de luz, o Caminho que o aspirante deve trilhar quando quer alcançar a meta lhe é revelado. A primeira coisa revelada é a escuridão, e isso deve ser lembrado. Em termos de misticismo ocidental, produz “a noite escura da alma”. No entanto, não nos deteremos no aspecto místico, pois é necessário manter as nossas conclusões tanto quanto possível dentro das linhas esotéricas. A verdade, em termos do misticismo cristão, já foi muitas vezes tratada adequadamente.

37. Chitta se estabiliza e se libera da ilusão à medida que a natureza inferior se purifica e deixa de ceder ao desejo.

Trata-se de uma tradução particularmente livre, pois as palavras usadas em sânscrito são difíceis de interpretar com exatidão. Expressa a ideia de que quando os órgãos de percepção e os contatos sensoriais são continuamente repelidos pelo homem real (que deixou de se identificar com eles), ele fica então “liberado da paixão”, supera o calor ou desejo pelos objetos, liberando-se da sua natureza inferior sensória. O resultado é a correspondente estabilidade mental e a capacidade de se concentrar, porque a substância mental deixa de estar sujeita às modificações produzidas pelas reações sensoriais de todo tipo, quer as qualifiquemos de boas ou más.

Isto vem sendo recomendado em vários sistemas e um dos métodos sugeridos é a meditação constante sobre grandes entidades, como Krishna, o Buda e o Cristo, que se liberaram de todas as reações dos sentidos. Esta ideia se destaca em algumas das traduções, mas, embora indicada em certo ponto de vista, não parece ser a ideia principal. A liberação do apego se produz quando os fogos do desejo são superados, e embora o centro sacro seja representado como especificamente relacionado com a natureza sexual (quando se expressa no plano físico), simboliza qualquer apego entre a alma e qualquer objeto desejado que não seja o espírito.

38. Alcança-se a paz (estabilização de chitta) por meio da meditação sobre o conhecimento que os sonhos propiciam.

As palavras significativas neste aforismo 38 são “o conhecimento que os sonhos propiciam”. A este respeito é interessante o comentário sobre o Af. 10. O ocultista oriental usa a palavra “sonho” em um sentido muito mais técnico que o ocidental, o que o aspirante deve captar plenamente. Para o oriental, a condição de sonho mais profundo é a condição de que o homem real está mergulhado na encarnação física. Corresponde ao estado de sonho causado pela vibração das células do cérebro físico. Caos, falta de continuidade e acontecimentos irregulares estão presentes, junto com a incapacidade de recordar verdadeira e exatamente quando despertamos. Esta condição é o sonho no plano físico. Além disso, há a condição de sonho em que o homem participa quando está imerso em uma percepção sensória de qualquer tipo, seja de prazer ou de dor, e que é experimentada no corpo astral ou emocional. O conhecimento adquirido no plano físico é, na maioria, instintivo; o que se obtém no sonho astral é em grande

parte sensório. Um é compreensão racial e grupal; o outro é relativo ao não-eu e à relação do homem com o não-eu.

Além disso, temos um estado mais elevado de consciência no sonho, em que entra em jogo uma faculdade de outro tipo, que podemos chamar de *imaginação*, trazendo a sua própria forma de conhecimento. A imaginação implica em certos estados mentais, como:

- a. Memória das coisas como foram conhecidas, como estados de consciência,
- b. Previsão das coisas tal como podem ser conhecidas ou dos estados de consciência,
- c. Visualização das condições imaginárias e, em seguida, a utilização da imagem invocada como uma forma, pela qual é possível fazer contato com um novo reino de conhecimento, quando aquele que sonha pode se identificar com o imaginado.

Nesses três estados de sonho temos a condição do pensador nos três planos dos três mundos, desde o estado de selvageria ignorante até o do homem inteligente comum, condição que leva em seguida a um estado muito mais elevado de consciência no sonho.

O verdadeiro emprego da imaginação requer um alto grau de controle e poder mental que, quando existem, conduz oportunamente ao estado de “samadhi”, condição em que o adepto pode fazer o homem inferior dormir e ele próprio passar para o reino onde os próprios “sonhos de Deus” são conhecidos e pode conhecer, ver e fazer contato com as imagens que a Deidade criou. Desta maneira o adepto poderá participar inteligentemente do grande plano da evolução.

Para além deste estado de samadhi há o estado de sonho dos Nirmanakayas e dos Budas, e assim sucessivamente, na escala da vida hierárquica, até conhecer o Grande Sonhador, o Uno, o Narayana único, o Senhor do Mundo, o Ancião dos Dias, nosso Logos planetário. O estudante só pode alcançar uma compreensão muito vaga da natureza destes estados de sonho, à medida que estuda a ideia transmitida na afirmação anterior de que, para o ocultista, a vida no plano físico não é mais que um sonho.

39. Também se alcança a paz por meio da concentração sobre o que é mais caro ao coração.

O aforismo 39, na sua simplicidade, comporta um potente atrativo. Nele é possível traçar as diversas etapas da realização – desejo, anseio, determinação concentrada de possuir, negação de tudo o que não atende a este requisito, esvaziamento das mãos para ficar livre para novas posses, em seguida a posse em si, a satisfação, a paz. Mas, como acontece com tudo o que pertence aos desejos inferiores, a paz é temporária, um novo desejo desperta e o que se reteve com tanta satisfação é abandonado. Apenas o que é a fruição das eras, apenas o que é a recuperação das antigas posses satisfazem plenamente. Portanto, que o estudante analise e comprove se o que é mais caro ao seu coração é temporário, transitório e efêmero, ou se é, como disse o grande Senhor, “o tesouro acumulado nos céus”.

Chegamos agora ao aforismo 40, o mais abrangente do livro. É preciso assinalar que esses “sete caminhos para a paz psíquica”, como são denominados, abrangem os sete métodos dos sete raios em relação ao controle da natureza psíquica. É importante enfatizar isto. Os sete caminhos têm relação direta com as quatro iniciações no umbral, pois nenhum filho de Deus poderá tomar uma iniciação maior se não tiver conquistado uma certa medida de paz psíquica. Será do interesse do estudante apurar esses sete caminhos para a paz em relação com qualquer um dos sete raios e determinar o caminho para o raio que pareça ser apropriado para ele.

40. Assim a realização se estende do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e de annu (o átomo ou partícula) até atma (ou espírito) o conhecimento se aperfeiçoa.

Esta tradução não observa os termos sânscritos com exatidão, mas ainda assim expressa o significado exato do original, o que é de importância vital. Um antigo versículo de uma das escrituras ocultas, que serve para esclarecer a ideia deste aforismo, diz:

“Dentro da partícula, Deus pode ser visto. Dentro do homem, Deus pode reinar. Ambos se encontram dentro de Brahma; não obstante, tudo é um só. O átomo é como Deus, Deus é como o átomo”.

É uma verdade oculta manifesta que, quando o homem passa a conhecer a si mesmo, de acordo com a grande lei de analogia, passa a conhecer a Deus. Este conhecimento compreende cinco grandes aspectos:

1. As formas,
2. Os componentes da forma,
3. As forças,
4. Os grupos,
5. A energia.

O homem deve compreender a natureza do seu corpo e de todas as suas envolturas e isto diz respeito ao conhecimento que ele tem da forma. Descobre que as formas são compostas de átomos ou “pontos de energia” e que, nesse sentido, todas são iguais. Este conhecimento se refere aos componentes da forma. Em seguida, chega à compreensão do conjunto de energias dos átomos que constituem as suas formas ou, em outras palavras, o conhecimento das diversas forças, cuja natureza é determinada pelo ritmo, a atividade e a qualidade dos átomos que formam a envoltura ou envolturas. Este conhecimento diz respeito às forças. Posteriormente, descobre formas análogas com vibrações e manifestações de força também análogas, e esse conhecimento se refere aos grupos. Em consequência, o homem descobre o lugar que lhe cabe e sabe qual é o seu trabalho. Finalmente, alcança o conhecimento do que diz respeito a todas as formas e do que controla todas as forças e que é o poder motivador de todos os grupos. Este conhecimento se refere à energia e tem a ver com a natureza do espírito. Por meio destas cinco realizações o homem chega à maestria, porque a realização implica em certos fatores que poderiam ser enumerados como:

1. Aspiração,
2. Estudo e pesquisa,
3. Experimentação,
4. Descoberta,
5. Identificação,
6. Realização.

O adepto pode se identificar ou penetrar na consciência do infinitamente pequeno. É capaz de se identificar com o átomo de substância e conhecer o que ainda é desconhecido para o cientista moderno. Compreende também que o reino humano (composto de átomos humanos) é o ponto do meio ou estação intermediária na escala de evolução e, portanto, o infinitamente pequeno está relativamente tão longe dele como o infinitamente grande. O caminho a percorrer para abarcar a consciência mais diminuta de todas as manifestações de Deus é tão longo como o de abarcar a consciência maior, um sistema solar. No entanto, em todos estes campos da consciência, o método de dominá-los é o mesmo – meditação perfeitamente concentrada, que leva a exercer perfeito poder sobre a mente, a qual é constituída de tal forma que atua tanto

como um telescópio, que põe o observador em contato com o macrocosmo, como um microscópio, que o põe em contato com o átomo mais diminuto.

41. Aquele que tem seus vrittis (modificações da substância mental) inteiramente sob controle chega a um estado de identificação e similitude com o que compreende. Conhecedor, conhecimento e campo de conhecimento se tornam um só, como o cristal toma para si as cores do que reflete.

Este aforismo é consequência lógica do anterior. O vedor perfeito abrange em sua consciência todo o campo do conhecimento, do ponto de vista do observador ou percebedor e do ângulo da identificação. É uno com o átomo de substância, sendo capaz de conhecer o universo mais diminuto; é uno com o sistema solar, o universo mais vasto que lhe é permitido conhecer neste ciclo maior. Ele vê que a sua alma e a alma do átomo e do sistema são idênticas – em uma observa a potencialidade e na outra (do ponto de vista humano), uma incompreensível ordem que leva à perfeição final. A atividade que mantém os elétrons unidos em torno do centro é reconhecida como de natureza idêntica àquela que mantém os planetas em suas órbitas em torno do sol, e entre estas duas manifestações divinas situa-se toda a série de formas.

O estudante ocultista deve compreender que as formas são diversas e inúmeras, mas todas as almas são idênticas à Superalma. O conhecimento total da natureza, qualidade, chave e nota de uma alma (seja de um átomo químico, de uma rosa, uma pérola, um homem ou um anjo) revelaria todas as almas existentes na escala da evolução. O processo é o mesmo para todas: *Reconhecimento*, é o uso dos órgãos dos sentidos, incluindo o sexto, a mente, para apreciar a forma e seus elementos constituintes; *Concentração*, um ato de vontade com o qual a forma é afastada pelos sentidos e o conhecedor passa por trás dela para aquilo que vibra em sintonia com a sua própria alma. Assim chega ao conhecimento – conhecimento do que a forma (ou campo de conhecimento) procura expressar – de sua alma, tom fundamental ou qualidade. Segue-se a *Contemplação*, a identificação do conhecedor com aquilo dentro de si mesmo que é idêntico à alma dentro da forma. Os dois são então um só, chegando a uma total realização. Isto pode ser cultivado de forma muito prática entre os seres humanos. Deve haver reconhecimento do contato gerado entre duas pessoas que podem se ver, ouvir e tocar; o resultado é o reconhecimento superficial da forma. Mas uma outra etapa é possível, na qual o homem vai mais além da forma e passa a perceber a qualidade do seu irmão; pode tocar o aspecto da consciência que é análogo ao seu. Torna-se consciente da qualidade da vida do irmão, da natureza dos seus planos, aspirações, esperanças e objetivos. Conhece o irmão, e quanto mais conhecer a si mesmo e a sua própria alma, mais profundo será o conhecimento do irmão. Finalmente, poderá se identificar com o irmão e se tornar como ele é, sabendo e sentindo o que a alma do irmão sabe e sente. É este o significado por trás das palavras ocultas da Epístola de São João: “Seremos como Ele, porque O veremos como Ele é”.

Seria proveitoso relacionar novamente alguns sinônimos, pois se os mantivermos em mente, eles esclarecerão grande parte dos ensinamentos dos aforismos e capacitarão o estudante a aplicar estas ideias de maneira prática em sua própria vida.

Espírito	Alma	Corpo.
Mônada	Ego	Personalidade.
Eu divino	Eu Superior	Eu inferior.
Percebedor	Percepção	O que é percebido.
Conhecedor	Conhecimento	O campo de conhecimento.
Pensador	Pensamento	A mente (o cristal que reflete o pensamento do pensador).

Também é útil lembrar que:

1. No plano físico, o percebedor utiliza os cinco sentidos a fim de chegar ao campo do conhecimento.
2. Nossos três planos nos três mundos constituem o corpo físico denso d'Aquele em Quem "vivemos, nos movemos e temos nosso ser".
3. No plano astral ou emocional, o percebedor usa os poderes inferiores de clarividência e clariaudiência e, quando são mal utilizados, revelam a serpente no jardim.
4. No plano mental, o percebedor usa a psicomетria e a simbologia (inclusive a numerologia e a geometria) para compreender os níveis mentais inferiores.
5. Apenas quando estes três forem considerados inferiores e constituintes do aspecto forma, o percebedor chega a uma condição em que pode começar a compreender a natureza da alma e o verdadeiro significado dos aforismos 40 e 41.
6. Ao alcançar este ponto, ele começa a discriminar e a usar a mente como sexto sentido, chegando por este meio à qualidade subjetiva ou vida que há por trás do campo do conhecimento ou forma, o qual é a natureza da alma dentro da forma e é, potencialmente e de fato, onisciente e onipresente.
7. Quando tiver chegado à alma de determinada forma e feito contato com ela, por meio da sua própria alma, descobre que todas as almas são uma só e que pode se colocar facilmente na alma de um átomo ou de um beija-flor, ou ampliar seu conhecimento em outra direção e saber que é uno com Deus e com todas as existências super-humanas.

42. Quando o percebedor mescla a palavra, a ideia (o significado) e o objeto, há a chamada condição mental de raciocínio judicioso.

Neste aforismo e no seguinte, Patanjali amplia a verdade formulada anteriormente (consulte Af. 7) e ensina que a meditação é de dois tipos:

1. *Com um objeto ou com semente*, portanto utilizando nela a mente racional e judiciosa, o corpo mental com sua faculdade de concretização e capacidade de criar formas mentais.
2. *Sem um objeto ou sem semente*, empregando uma faculdade distinta, que só é possível quando a mente concreta é compreendida e utilizada corretamente, o que implica na capacidade de "aquietar as modificações da mente", reduzir "chitta" ou substância mental à quietude, de maneira que possa tomar o tom do conhecimento superior e refletir as realidades superiores.

O percebedor deve chegar a um conhecimento das coisas subliminais pelo processo inicial da captação da forma externa, em seguida passando para além dela, chegando ao estado interno dessa forma, ao que produz a externalidade (força de determinado tipo), até chegar, finalmente, à causa de ambas. Estes três são denominados neste aforismo de:

A ideia	a causa por trás da forma objetiva.
A palavra	o som que produz a forma.
O objeto	a forma produzida pelo som para expressar a ideia.

Os estudantes devem compreender que isto cobre o estado meditativo anterior e, como a mente inferior é utilizada no processo, é o método *separatista*. As coisas são separadas em suas partes componentes, descobrindo-se que – como tudo na natureza – são tríplices. Uma vez que isto tenha sido captado, o significado esotérico e a importância de toda meditação ficam evidentes e

é esclarecido o método que desenvolve um ocultista. No processo de chegar à compreensão da natureza, o ocultista trabalha sempre para dentro, a partir da forma externa, a fim de descobrir o som que a criou, ou o conjunto de forças que produziu a forma externa; cada conjunto de forças tem seu próprio som, produzido por sua ação combinada. Tendo feito esta descoberta, penetra ainda mais até chegar à causa, ideia ou pensamento divino (que emana do Logos planetário ou solar) e que fez surgir o som, assim produzindo a forma.

No trabalho criador, o adepto começa de dentro e – conhecendo a ideia que procura se corporificar em uma forma – emite certas palavras ou sons, atraindo determinadas forças que produzem (mediante a ação combinada) uma forma de determinado tipo. Quanto mais elevado for o nível do qual o adepto trabalha, mais elevadas serão as ideias que captar e mais simples ou sintéticos os sons que emite.

Contudo, os estudantes de Raja Yoga têm que captar os fatos básicos que dizem respeito a todas as formas e se familiarizar, durante a meditação, com o trabalho de separar as triplicidades, para que possam, oportunamente, estar aptos a fazer contato, *à vontade*, com qualquer um dos aspectos componentes. Desta maneira compreende-se a natureza da consciência, pois o percebedor (treinado em tais diferenciações) é capaz de entrar na consciência dos átomos que compõem qualquer forma tangível, se introduzir mais e penetrar na consciência das energias que produzem o corpo objetivo e que são, literalmente, o que foi denominado de “Hostes da Voz”. Com o tempo, ele pode estabelecer contato com a consciência desta Grande Vida que é responsável pela palavra original. São esses os grandes marcos, mas entre eles há muitas graduações de vidas, responsáveis pelos sons intermediários, que é possível conhecer e fazer contato.

43. Chega-se à percepção sem o raciocínio judicioso quando a memória deixa de exercer o controle, a palavra e o objeto são transcendidos e apenas a ideia permanece.

Esta condição é o estado de “meditação sem semente”, desprovida do uso racional da mente e da sua faculdade de concretização. O objeto (trazido à consciência da mente por meio da rememoração ou memória) já não é mais considerado e nem é ouvida a palavra que o designa e expressa seu poder. Apenas a ideia, da qual os outros dois são expressões, é percebida, e o percebedor entra no reino das ideias e das causas. Isto é contemplação pura, desprovida de formas e de pensamentos. Nesta condição, o percebedor observa o mundo das causas; vê com clara visão os impulsos divinos; em seguida, tendo contemplado o mecanismo interno do reino de Deus, reflete no corpo mental aquietado o que viu, e este corpo mental projeta o conhecimento obtido no cérebro físico.

44. Os mesmos dois processos de concentração, com e sem ação judiciosa da mente, também podem ser aplicados às coisas sutis.

O significado deste aforismo está claro e não necessita de explicações. A palavra “sutil” tem um significado muito amplo, mas (do ponto de vista de Patanjali) é mais aplicada àquele algo essencial, do qual nos tornamos conscientes depois de termos empregado os cinco sentidos, por exemplo, a rosa é uma forma objetiva tangível, seu perfume é a “coisa sutil” por trás da forma, a qual expressa a sua qualidade para o ocultista e é resultado dos elementos mais sutis que produzem a sua manifestação. Os elementos mais grosseiros produzem a forma, mas dentro da forma grosseira há uma mais sutil, à qual só podemos chegar pela percepção aguda ou um sentido esclarecido. No comentário da tradução de Woods, as seguintes palavras podem esclarecer isto e, se o estudante avançado meditar sobre elas, descobrirá que são de profundo significado oculto:

"... o átomo da terra é produzido pelos cinco elementos do fogo, entre os quais predomina o elemento fogo do odor. Da mesma maneira, o átomo da água é produzido pelos quatro elementos do fogo, entre os quais predomina o elemento fogo do paladar. De maneira similar, o átomo do fogo é produzido pelos três elementos do fogo, excluindo os elementos fogo do odor e do paladar, entre os quais predomina o elemento fogo da cor. Também o átomo do vento é produzido por dois elementos do fogo, começando com o odor, e entre esses dois predomina o elemento fogo do tato. Da mesma maneira, o átomo do ar do elemento fogo é somente som".

Se estendermos esta ideia ao macrocosmo, veremos que podemos meditar sobre a forma externa de Deus na natureza, com ou sem a ação judiciosa da mente. Depois de ter adquirido experiência na meditação e por um ato da vontade, o estudante estará apto a meditar sobre a natureza subjetiva e sutil de Deus, como manifestada sob a grande Lei da Atração, à qual o cristão se refere quando diz que "Deus é Amor". A natureza de Deus, a grande força "amor" ou atração, é responsável pelas "*coisas sutis*" veladas pelas *coisas externas*.

45. O denso leva ao sutil e o sutil leva, em etapas graduais, ao estado do ser espiritual puro denominado Pradhana.

Que o estudante se lembre aqui dos graus ou estágios sucessivos pelos quais deve passar, à medida que penetra no coração do mais íntimo:

- | | |
|------------|---|
| 1. O denso | forma, bhutas, envolturas racionais tangíveis. |
| 2. O sutil | a natureza ou as qualidades, os tanmatras, os indryas ou sentidos, os órgãos dos sentidos e o que se sente. |

Estes podem ser aplicados aos planos dos três mundos nos quais o homem está implicado e têm estreita relação com os pares de opostos que ele deve equilibrar no plano emocional. Por trás deles temos o estado equilibrado denominado Pradhana, que é a causa do que é possível tocar fisicamente e perceber sutilmente. Este estado de equilíbrio pode muito bem ser denominado de substância primária insolúvel, matéria unida ao espírito, embora indiferenciada, sem forma ou marca distintiva. Por trás destes três, temos novamente o Princípio Absoluto, mas estes três são tudo que o homem pode conhecer enquanto está em manifestação. Diz Vivekananda em seu comentário:

"Os objetos densos são apenas os elementos e tudo é construído com eles. Os cinco objetos começam com os Tanmatras ou as cinco partículas. Os órgãos, o egoísmo da mente (o conjunto de todos os sentidos), a substância mental (a causa de toda manifestação), o estado de equilíbrio de sattva, rajas e tamas (as três qualidades da matéria. A.A.B.) – denominados Pradhana (o primordial⁴), Prakriti (natureza) ou Avyakta (imanifestado), todos estão incluídos na categoria dos cinco objetos, somente Purusha (a alma) é excluída desta definição".

Vivekananda traduz Purusha como "alma"; mas em geral a tradução é espírito e se refere ao primeiro aspecto.

46. Tudo isto é meditação com semente.

Os quatro últimos aforismos tratam das fórmulas de concentração que foram construídas em torno de um objeto. Referido objeto poderá se referir ao sutil e intangível do ângulo do plano físico, porém (do ponto de vista do homem real ou espiritual) o fato do não-eu está implicado. Diz respeito ao que (em qualquer um dos seus aspectos) pode levá-lo a reinos que não são primordialmente os do espírito puro. No entanto, devemos lembrar que todas as quatro etapas são necessárias e devem preceder toda realização mais espiritual. A mente do homem não é constituída para poder captar as coisas do espírito. À medida que passa de uma etapa de

⁴ N. do T.: No original em inglês, "Chief".

meditação “com semente” para outra, aproxima-se cada vez mais da fonte de todo conhecimento e, oportunamente, entrará em contato com aquilo sobre o qual medita. Então captará a natureza do pensador como espírito puro e passos, etapas, objetos, sementes, órgãos, formas (densas ou sutis) desaparecerão e só se conhecerá o espírito. Também serão transcendidos o sentimento e a mente, e só se verá ao próprio Deus; as vibrações inferiores deixarão de ser sentidas, a cor deixará de ser vista; somente a luz será conhecida; a visão desaparecerá e só se ouvirá o som ou palavra. O “Olho de Shiva” permanecerá, e com isso o vedor se identificará.

Na quádrupla eliminação acima há indícios das etapas para chegar à realização, as etapas que levam o homem para fora do mundo da forma, para o reino do sem forma. Seria do interesse do estudante comparar as quatro etapas, pelas quais se desenvolve a meditação “com semente”, com as quatro mencionadas acima. Também é possível assinalar que em qualquer meditação na qual a consciência é reconhecida, um objeto está presente; em qualquer meditação em que o percebedor está consciente do que vai ver, ainda há uma condição de percepção de forma. Apenas quando todas as formas e o próprio campo de conhecimento se perdem de vista, e o conhecedor reconhece a si mesmo como o que essencialmente é (estando submerso na contemplação da sua própria natureza espiritual pura), é possível chegar à meditação ideal sem forma, sem semente, sem objeto. Neste ponto falham a linguagem do ocultista e do místico, porque a linguagem diz respeito à objetividade e à sua relação com o espírito. Portanto, esta condição superior de meditação é comparável ao estado de sonho ou transe, mas é a antítese do sonho físico ou do transe do médium, porque o homem espiritual está plenamente desperto nestes planos que transcendem toda definição. Está plenamente consciente da sua Identidade Espiritual direta.

47. Ao alcançar este estado supercontemplativo, o iogue obtém a pura realização espiritual pelo aquietamento equilibrado de chitta (a substância mental).

As palavras sânscritas empregadas neste aforismo só podem ser traduzidas em termos claros se usarmos determinadas frases para tornar a versão compreensível no nosso idioma. Este aforismo seria expresso, literalmente, como segue: “A clara lucidez começa com o aquietamento de chitta”. Tenhamos presente que a ideia em pauta é a pureza em seu verdadeiro sentido, denotando “liberação de toda limitação” e que significa, portanto, a conquista da realização espiritual pura. O resultado é contato da alma com a Mônada ou espírito, e o conhecimento deste contato é transmitido ao cérebro físico.

Isto só é possível em uma etapa muito avançada da prática da yoga, quando a substância mental está completamente aquietada. O Pai no Céu é conhecido, tal como revelado pelo Filho à Mãe. Somente sattva (ritmo) se manifesta, pois rajas (atividade) e tamas (inércia) foram dominados e controlados. Devemos lembrar que sattva se refere ao ritmo das formas, nas quais o iogue atua e somente quando expressam o mais elevado dos três gunas (ou qualidades da matéria) o aspecto espiritual ou mais elevado é conhecido, somente quando rajas domina, o segundo aspecto é conhecido; somente quando tamas prevalece o aspecto inferior é conhecido. Há uma analogia interessante entre o aspecto inércia (tamas) da matéria e a condição dos corpos do iogue, quando se encontra no samadhi mais elevado. O movimento sáttvico ou rítmico é tão completo, que aos olhos do homem comum parece ter alcançado um estado de quietude, que é a sublimação da inércia ou condição tamásica da substância mais densa.

As palavras extraídas do comentário deste aforismo, na tradução de Woods, seriam úteis:

“Quando liberado do obscurecimento causado pela impureza, sattva ou substância pensante, cuja essência é luz, aflui em contínua limpidez, não oprimido por rajas nem tamas. É a clareza. Quando esta clareza surge no estado equilibrado superreflexivo, o iogue alcança a calma interna imperturbável, vale dizer, a visão fulgurante (sputa) de percepção interna, que não atravessa

sucessivamente uma ordem sequencial (dos processos comuns da experiência), tendo por objetivo a coisa tal como realmente é... Impureza é o aumento de rajas e tamas. E é a contaminação, cuja característica distintiva é o obscurecimento. Clareza é estar livre disto”.

O homem conseguiu (graças à disciplina e à prática dos métodos da yoga e pela perseverança na meditação) se dissociar de todas as formas e se identificar com o sem forma.

Chegou ao centro do coração do seu ser. A partir deste ponto de pura realização espiritual, está apto a trabalhar cada vez mais no futuro. Com a prática, fortalece esta compreensão, de maneira que contempla toda a vida, trabalho e circunstâncias, como um desfile passageiro que não lhe diz respeito. Contudo, pode dirigir o holofote do espírito puro sobre eles; ele próprio é luz, conhece a si mesmo como parte da “Luz do Mundo” e “nesta luz verá a luz”. Conhece as coisas como são e se dá conta de que tudo o que até então considerou real nada mais é do que ilusão. Trespassei o grande maya e o ultrapassei, chegando até a luz que o produz e, para ele, não é mais possível cometer erros no futuro; seu sentido de valores está correto, seu senso de proporção está exato. Não está mais sujeito à incorreção, está livre da ilusão. Quando este ponto é assimilado com clareza, nem a dor nem o prazer o afetam mais, pois está imerso na perfeita e perene felicidade da Realização do Ser.

48. Sua percepção agora é para sempre exata (ou: sua mente revela somente a Verdade).

As duas traduções foram transcritas, pois parece que juntas dão uma ideia mais real do que separadamente. A palavra “exata” é utilizada no sentido oculto e se refere à perspectiva do Percebedor sobre todos os fenômenos. O mundo de ilusão ou o mundo da forma deve ser “conhecido com exatidão”. Vale dizer, literalmente, que é preciso apreciar a relação de toda forma com seu nome ou palavra original. Quando o processo evolutivo culminar, toda forma de manifestação divina deverá responder exatamente ao seu nome, ou à palavra que estabeleceu o impulso original e assim trouxe uma vida à existência. Assim, a primeira tradução enfatiza esta ideia e contém os três fatores:

1. a ideia,
2. a palavra,
3. a forma resultante.

que, inevitavelmente, trazem uma outra triplicidade,

1. o tempo que conecta esses fatores,
2. o espaço que os produz,
3. a evolução, o processo de produção.

Um dos resultados é a demonstração da lei e o cumprimento exato do propósito de Deus. É o que compreende o iogue que conseguiu eliminar todas as formas da sua consciência e se tornou consciente do que se encontra por trás de todas as formas. A segunda tradução revela como ele faz isso. Como a substância mental está agora perfeitamente aquietada e o homem polarizado no fator que não é a mente nem nenhuma das envolturas, ela está apta a transmitir ao cérebro físico, de maneira inequívoca, precisa e sem erros, o que foi percebido na Luz do Shekinah, procedente do Sanctum Sanctorum, onde o homem conseguiu penetrar. A verdade é conhecida e a causa de todas as formas em todos os reinos da natureza é revelada. É esta a revelação da verdadeira magia, a chave da grande obra mágica, na qual todos os verdadeiros iogues e adeptos participam.

49. Esta percepção específica é única e revela aquilo que a mente racional (usando testemunho, inferência e dedução) é incapaz de revelar.

O significado seria que a mente do homem, em seus diversos aspectos e empregos, pode revelar as coisas que dizem respeito à objetividade, mas apenas a identificação com o espírito é capaz de revelar a natureza e o mundo do espírito. “Nenhum homem viu a Deus em momento algum; o Filho único, o Unigênito, que mora no seio do Pai, O revelou”. Até que o homem se reconheça como um Filho de Deus, até que o Cristo em todo homem se manifeste e a vida crística alcance plena expressão, até que o homem seja uno com a realidade espiritual interna, seu verdadeiro ser, será impossível obter o conhecimento específico aqui referido (conhecimento de Deus e do espírito, independente da matéria ou forma). O testemunho das eras assinala a existência de uma força ou vida espiritual no mundo; da experiência extraída da vida de milhões de seres se infere que o espírito existe; da consideração do mundo ou grande maya se deduz que uma causa existente e persistente por si mesma deve estar por trás deste maya. Somente o homem, porém, capaz de transcender todas as formas e todas as limitações nos três mundos (mente, emoção e as coisas dos sentidos, ou “o mundo, a carne e o diabo”) pode *saber*, para além de toda controvérsia e argumento, que Deus é, e que ele mesmo é Deus. Então conhece a verdade e a verdade o liberta.

O campo do conhecimento, os instrumentos de conhecimento e o próprio conhecimento são transcendidos e o iogue chega ao grande conhecimento de que só Deus existe, que a Sua vida é Una e que palpita no átomo microscópico e também no átomo macrocósmico. Com esta Vida ele se identifica. Descobre-a no coração do seu próprio ser, e ali pode se fundir com a vida de Deus, tal como existe no derradeiro átomo primordial, ou pode expandir seu conhecimento até conhecer a si mesmo como a vida do sistema solar.

50. É adversa às demais impressões ou as suplanta.

Antes de alcançar a verdadeira percepção, o observador dependia de três outros métodos para apurar a verdade, todos eles limitados e imperfeitos. São eles:

1. *As percepções sensórias.* Com este método o morador no corpo averigua a natureza do mundo objetivo, valendo-se dos cinco sentidos. Conhece a objetividade e a tangibilidade, à medida que ouve, vê, toca, saboreia e cheira as coisas do mundo físico. Contudo, ocupa-se dos efeitos que a vida subjetiva produz, mas não tem nenhum indício das causas ou das energias subjetivas, das quais são produto. Em consequência, a interpretação é falsa, leva-o a uma identificação errada e a uma série de valores incorretos.

2. *A percepção mental.* Pelo uso da mente, o observador se torna consciente de outros graus de fenômenos e se põe em relação com o mundo do pensamento ou com aquela condição da substância em que os impulsos mentais do nosso planeta e de seus habitantes são registrados, e com as formas criadas por estes impulsos vibratórios, as quais expressam certas ideias e desejos – atualmente, sobretudo desejos. Devido à percepção errada resultante do uso dos sentidos e da interpretação equivocada das coisas percebidas, tais formas mentais são em si deformações da realidade e expressam apenas os impulsos e reações grosseiros que emanam dos reinos inferiores da natureza. Os estudantes deveriam lembrar que somente quando o homem começa realmente a utilizar o seu corpo mental (em vez de ser usado por este) faz contato com as formas mentais criadas pelos guias da raça, percebendo-as com toda exatidão.

3. *O estado supercontemplativo.* Nesta condição, a percepção é infalivelmente exata e os outros métodos de visão são observados em sua correta proporção. O observador não necessita mais dos sentidos, exceto para os fins do seu trabalho de construção nos respectivos planos. Ele agora está de posse de uma faculdade que o salvaguarda de todo erro e de um sentido que só

Ihe revela as coisas como são. As condições que regem este estado podem ser enumeradas como:

1. O homem está polarizado em sua natureza espiritual.
2. Reconhece-se e atua como a alma, o Cristo.
3. A substância mental ou chitta se encontra em estado de quietude.
4. O sutratma ou fio funciona adequadamente e seus corpos inferiores estão alinhados sobre ele, produzindo um canal direto de comunicação com o cérebro físico.
5. O cérebro está treinado para servir apenas como delicado receptor das impressões da verdade.
6. O terceiro olho está em processo de desenvolvimento. Mais tarde, à medida que os centros despertam e são controlados conscientemente, põem o homem em relação com os diversos setenários de energia nos sete planos do sistema e, em razão da faculdade de percepção da verdade estar desenvolvida, o homem está protegido do erro e do perigo.

Charles Johnston o expressou com clareza e habilidade ao comentar este aforismo:

“Cada estado ou campo da mente, cada campo de conhecimento (por assim dizer) alcançado pelas energias mentais e emocionais é um estado psíquico, assim como a imagem mental de um cenário com atores é um estado ou campo psíquico. Quando a visão pura do poeta, do filósofo, do santo, ocupa todo o campo, as imagens e visões menores são todas excluídas. Esta elevada consciência substitui todas as consciências menores. No entanto, em certo sentido, o que se vê como parte, mesmo pela visão de um sábio, ainda contém um elemento de ilusão, um tênue véu psíquico, não importa o quanto seja puro e luminoso. É o último e mais elevado estado psíquico”.

51. Quando este estado de percepção é, também ele, refreado (ou suplantado), alcança-se o puro Samadhi.

O grande instrutor Patanjali, depois de nos guiar pelas diversas etapas da consciência em expansão, a partir da meditação “com semente” a esta em que os sentidos e a mente são suplantados, nos conduz ao estado para o qual não há terminologia adequada. O iogue do Oriente aplica a palavra *Samadhi* ao estado de consciência em que se faz contato, se vê e se conhece o mundo no qual o homem espiritual atua e os planos e níveis sem forma do nosso sistema solar. O vedor, usando o instrumento que Ihe é proporcionado, faz contato, à vontade, com o campo de conhecimento dos três mundos, o reino de maya e da ilusão; mas um novo mundo se abre para ele, no qual vê que a sua consciência é uma com todas as demais energias ou expressões conscientes da Vida divina. Retira-se o derradeiro véu da ilusão; a grande heresia da separatividade é vista em sua natureza real e o vedor pode dizer com Cristo:

“Mas não rogo somente por estes, mas também por aqueles que não de crer em mim através da sua palavra; para que todos sejam uno, como Tu, Pai, em mim e eu em ti, que também eles sejam um conosco, para que o mundo creia que Tu me enviaste. A glória que me deste eu lhes dei, para que sejam um, assim como nós somos um. Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, para que o mundo saiba que Tu me enviaste e que os amou como também a mim amou” (João 17, 20-23).

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO SEGUNDO

Etapas para a União

1. A yoga da ação, que leva à união com a alma, é aspiração ardente, leitura espiritual e devoção a Ishvara.
2. O objetivo desses três é viabilizar a visão da alma e eliminar as obstruções.
3. As dificuldades que produzem obstáculos são: avidya (ignorância), o senso de personalidade, o desejo, o ódio e o apego.
4. Avidya (ignorância) é a causa de todas as outras obstruções, quer estejam latentes, em processo de eliminação, superadas ou em plena atuação.
5. Avidya é a condição de confusão entre o permanente, o puro, o bem-aventurado e o Eu, com o impermanente, impuro, doloroso e o não-eu.
6. O senso de personalidade se deve a que o conhecedor se identifica com os instrumentos do conhecimento.
7. O desejo é o apego aos objetos de prazer.
8. O ódio é a aversão por qualquer objeto dos sentidos.
9. O apego é o intenso desejo pela existência senciente, que é inerente a toda forma, é autopetruante e conhecido até pelos mais sábios.
10. Quando esses cinco obstáculos são conhecidos em sua sutilidade, podem ser superados por meio de uma atitude mental oposta.
11. As atividades dos obstáculos devem ser extintas pelo processo de meditação.
12. O próprio carma tem raízes nesses cinco obstáculos e deve frutificar nesta vida ou em outra posterior.
13. Enquanto existirem as raízes (ou samskaras), elas frutificarão como nascimento, vida e experiências, cujo resultado será prazer ou dor.
14. Essas sementes (ou samskaras) produzem prazer ou dor de acordo com as causas de origem, se foram o bem ou o mal.
15. O homem iluminado considera que toda a existência (nos três mundos) é dor, devido às atividades dos gunas, que são tríplices e produzem consequências, ansiedades e impressões subliminais.
16. A dor que ainda está por vir pode ser evitada.
17. A ilusão de que o Percebedor e o percebido são uma e a mesma coisa é a causa (dos efeitos que produzem dor) que deve ser evitada.
18. O que é percebido tem três qualidades: sattva, rajas e tamas (ritmo, movimento e inércia), e consiste nos elementos e nos órgãos dos sentidos, cujo uso produz experiência e, oportunamente, a liberação.
19. Os gunas (ou qualidades da matéria) dividem-se em quatro: o específico, o inespecífico, o indicado e o intocável.
20. “O vedor é conhecimento puro (gnose). Embora puro, ele contempla a ideia apresentada por meio da mente”.
21. Tudo o que é, existe para bem da alma.
22. Para o homem que alcançou a yoga (ou união), o universo objetivo já não existe. No entanto, continua existindo para aqueles que ainda não se liberaram.
23. A associação da alma com a mente e, assim, com tudo o que a mente percebe, produz a capacidade de entender a natureza do que é percebido e igualmente do Percebedor.
24. A causa dessa associação é ignorância ou avidya, o que deve ser superado.
25. Quando a ignorância chega ao fim, devido à não associação com as coisas percebidas, obtém-se a grande liberação.
26. O estado de escravidão é superado por meio da discriminação perfeitamente mantida.

27. O conhecimento (ou iluminação) conquistado é sêtu plo e atingido gradualmente.
28. Com os métodos da yoga praticados com constância e a impureza superada, sobrevém o saber, que leva à plena iluminação.
29. Os oito métodos da yoga são: os mandamentos ou yamas, as regras ou nijamas, a postura ou asana, o correto controle da força vital ou pranayama, a abstração ou pratyahara, a atenção ou dharana, a meditação ou dhyana e a contemplação ou samadhi.
30. Os yamas ou os cinco mandamentos são inofensividade, veracidade, não furtar, continência, não ser avaro.
31. Os yamas ou os cinco mandamentos constituem o dever universal, independente de raça, lugar, espaço de tempo ou ocorrência.
32. Os nijama (ou as cinco regras) são purificação interna e externa, contentamento, ardente aspiração, leitura espiritual e devoção a Ishvara.
33. Quando pensamentos contrários à yoga estão presentes, é preciso cultivar seus opostos.
34. Os pensamentos contrários à yoga são: nocividade, falsidade, furto, incontinência e avareza, sejam cometidos pessoalmente, fazendo que outros os cometam ou aprove m, sejam decorrentes da avareza, da raiva ou da delusão (ignorância), sejam veniais, capitais ou mortais. Resultam sempre em dor intensa e ignorância. Por esta razão, os pensamentos opostos devem ser cultivados.
35. Frente a quem aperfeiçoou a inofensividade, cessa toda hostilidade.
36. Em quem a verdade frente a todos os seres está aperfeiçoada, observa-se de imediato o efeito das suas palavras e atos.
37. Quando o não furtar está aperfeiçoado, o iogue pode ter tudo que desejar.
38. Pela prática da continência, adquire-se energia.
39. Quando a abstenção de avareza é perfeita, chega-se à compreensão da lei do renascimento.
40. A purificação interna e externa produz aversão à forma, tanto à própria como a todas as formas.
41. Pela purificação também sobrevém a quietude de espírito, a concentração, o domínio dos órgãos e a capacidade de ver o Eu.
42. Como resultado do contentamento, alcança-se a beatitude.
43. Pela ardente aspiração e pela eliminação de toda impureza, aperfeiçoam-se os poderes do corpo e dos sentidos.
44. A leitura espiritual resulta no contato com a Alma (ou Uno divino).
45. Pela devoção a Ishvara atinge-se a meta da meditação (ou samadhi).
46. A postura adotada deve ser estável e cômoda.
47. A estabilidade e a comodidade da postura devem ser alcançadas mediante um leve e persistente esforço e a concentração da mente no infinito.
48. Isto alcançado, os pares de oposto deixam de limitar.
49. Atingida a correta postura (asana), segue-se o correto controle do prana e a adequada inspiração e expiração da respiração.
50. O correto controle do prana (ou das correntes vitais) é externo, interno ou imóvel; está sujeito a lugar, espaço de tempo e número, sendo também prolongado ou breve.
51. Há uma quarta etapa que transcende aquelas que dizem respeito às fases interna e externa.
52. Por esse meio, aquilo que obscurece a luz vai desaparecendo gradualmente.
53. E a mente está preparada para a meditação concentrada.
54. A abstração (ou pratyahara) é a subjugação dos sentidos pelo princípio pensante e o afastamento deles do que previamente era seu objeto.
55. O resultado desses métodos é a total subjugação dos órgãos dos sentidos.

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO SEGUNDO

Etapas para a União

1. A yoga da ação, que leva à união com a alma, é aspiração ardente, leitura espiritual e devoção a Ishvara.

Devemos ter presente que estamos começando o livro que descreve a parte prática do trabalho, apresenta as regras que o aspirante que quer alcançar a meta deve seguir e indica os métodos que fomentarão a realização da consciência espiritual. O Livro Primeiro tratou do objetivo. Ao término do Livro Primeiro, o aspirante naturalmente exclama: “Como é certo e desejável, mas como se faz? O que devo fazer? Por onde começarei?”

Patanjali começa pelo princípio e, neste segundo livro, indica:

1. Os requisitos básicos da personalidade.
2. Os obstáculos que o discípulo decidido poderá observar.
3. Os oito “métodos da yoga” ou os oito tipos de atividade que viabilizarão os resultados necessários.

A própria simplicidade desta elaboração já faz que tenha um valor muito grande; não há confusão nem dissertações complexas, mas uma exposição clara e simples dos requisitos.

Seria útil apresentarmos as distintas “yogas”, a fim de oferecer ao estudante um conceito claro a respeito das respectivas diferenças para que, assim, cultivem a discriminação. As principais yogas são três, as outras são parte de um destes três grupos:

- | | |
|----------------|----------------------------------|
| 1. Raja Yoga | a yoga da mente ou da vontade, |
| 2. Bhakti Yoga | a yoga do coração ou devocional, |
| 3. Karma Yoga | a yoga da ação. |

A *Raja Yoga* se destaca por si mesma, e é a ciência soberana entre todas as yogas; é a culminância de todas as outras, o acme e o que conclui a obra de desenvolvimento no reino humano. É a ciência da mente e da vontade plena de propósito, e submete as envolturas superiores do homem nos três mundos ao Regedor interno. Esta ciência coordena o tríplice homem inferior, obrigando-o a adotar a posição de que nada mais é do que o veículo para a alma ou Deus interno. Inclui as outras yogas e se beneficia das conquistas havidas, sintetiza o trabalho da evolução e coroa o homem como rei.

A *Bhakti Yoga* é a yoga do coração; consiste em submeter todos os sentimentos, desejos e emoções ao bem-amado, visto e conhecido no coração. É a sublimação de todos os amores inferiores e a subordinação de todas as ambições e desejos ao anseio único de conhecer o Deus do amor e o amor de Deus.

Ela foi a ciência “real” da última raça-raiz, a atlante, assim como a Raja Yoga é a grande ciência de nossa civilização ária. A Bhakti Yoga tornava o expoente um arhat, conduzia-o à quarta iniciação; a Raja Yoga o converte em adepto e o leva ao portal da quinta iniciação. Ambas levam à liberação, pois os arhats se liberam do ciclo de renascimento, mas a Raja Yoga o libera para a

prestação de um serviço pleno e para o trabalho como Mago Branco. A Bhakti Yoga é a yoga do coração e do corpo astral.

A *Carma Yoga* tem uma relação específica com a atividade do plano físico e com a ativação dos impulsos internos em manifestação objetiva. Na forma mais antiga e simples, foi a yoga da terceira raça-raiz, a lemuriana, e as duas expressões mais conhecidas são:

- a. Hatha Yoga,
- b. Laya Yoga.

A primeira diz respeito especificamente ao corpo físico, seu funcionamento consciente (não subconsciente nem automático), e as diversas práticas que propiciam ao homem o controle sobre os diversos órgãos e sobre todo o mecanismo do corpo físico. A outra tem a ver com o corpo etérico, com os centros de força ou chakras deste corpo, com a distribuição das correntes de força e com o despertar do fogo serpentino.

Se dividirmos o tronco humano em três seções, é possível afirmar que:

1. A Carma Yoga resultava no despertar dos quatro centros situados abaixo do diafragma.
2. A Bhakti Yoga resultava na transmutação e na transferência nos dois centros situados acima do diafragma, mas ainda no torso, o cardíaco e o laríngeo.
3. A Raja Yoga sintetiza todas as forças do corpo na cabeça, de onde as distribui e controla.

A Raja Yoga, da qual Patanjali trata principalmente, inclui os efeitos das outras. Só é possível praticá-la depois de ter aplicado as demais, embora não nesta vida. A evolução permitiu que todos os filhos dos homens (prontos para ser chelas ou discípulos) passassem pelas diversas raças e, na raça lemuriana (ou na cadeia ou ciclo maior anterior) todos foram iogues de Hatha e Laya Yoga. O resultado foi o desenvolvimento e o controle do corpo físico em sua dupla natureza, densa e etérica.

Ao passar pela raça atlante, foi desenvolvido o corpo astral ou de desejos, e a flor dessa raça foram os verdadeiros filhos e devotos da Bhakti Yoga. Agora, na raça atual, o mais elevado dos três corpos deve ser levado a pleno desenvolvimento, e a Raja Yoga está destinada a fazê-lo, sendo este o objetivo da obra de Patanjali. A raça ária contribuirá para a economia geral com este desenvolvimento mais pleno, e todos os membros da família humana (com exceção de um percentual que veio muito tarde para alcançar o pleno florescimento da alma) se manifestarão como filhos de Deus, com poderes divinos desenvolvidos e utilizados conscientemente no plano e corpo físicos. Afirma Patanjali que três coisas fomentarão isto, vinculadas à prática de determinados métodos e regras, e são:

1. Ardente aspiração, o domínio do *homem físico*, de maneira que cada átomo do seu corpo arda em zelo e empenho.
2. Leitura espiritual, que se refere à capacidade do *corpo mental* de ver por trás do símbolo, ou de fazer contato com o subjetivo por trás do objeto.
3. Devoção a Ishvara, que se relaciona com o *corpo astral ou emocional*, a entrega do coração em amor a Deus – Deus em seu próprio coração, Deus no coração do irmão e Deus visto em todas as formas.

Aspiração ardente é a sublimação da Carma Yoga. Devoção a Ishvara é a sublimação da Bhakti Yoga, enquanto que leitura espiritual é o primeiro passo para a Raja Yoga.

“Devoção a Ishvara” é um termo amplo e geral, que cobre a relação do eu pessoal com o Eu Superior, Ishvara, o princípio crístico no coração. Inclui também a relação do Ishvara individual com o Ishvara universal cósmico; trata da realização da alma no homem que é parte integrante da Superalma. O resultado é consciência grupal, o objetivo da ciência real.

A devoção envolve certos fatores cujo conhecimento será de grande valor para o devoto. São eles:

1. A capacidade de se descentralizar, de mudar a própria atitude da autocentralização e do egoísmo para a de entrega ao bem-amado. Todas as coisas são tidas como perdidas no empenho de atingir o objeto da devoção.

2. A obediência ao objeto amado, uma vez conhecido. Algumas traduções dizem “obediência absoluta ao Mestre”, o que estaria correto e exato, mas como a palavra *Mestre*, para o estudante esotérico, faz pensar em um dos adeptos, optamos por traduzir como “Ishvara”, o único Deus no coração do homem, o Jiva divino ou “ponto da vida divina” no centro do ser humano. É o mesmo em todo homem, seja um selvagem ou um adepto; a diferença reside apenas no grau de manifestação e de controle. A verdadeira ciência da yoga nunca ensina nem exige obediência absoluta a determinado guru ou mahatma no sentido de rendição total da vontade. Ensina a rendição do homem inferior à vontade do Deus interno, e todos os métodos e regras da yoga têm esta finalidade específica. Que se tenha isto muito presente. A “leitura espiritual” é o passo preliminar mais significativo e ocultista.

Toda forma é resultado do pensamento e do som. Toda forma vela ou oculta uma ideia ou conceito, portanto, nada mais é do que o símbolo ou experimento de representação de uma ideia. Isto é válido, sem exceção, para todos os planos do nosso sistema solar, nos quais se encontram as formas, criadas por Deus, homem ou deva.

Um dos objetivos do treinamento dos discípulos é habilitá-los a sondar o que existe por trás da forma em qualquer reino da natureza e, assim, sondar a natureza da energia espiritual que a trouxe à existência. A amplitude deste simbolismo cósmico ficará evidente até para o pensador mais superficial, e o iniciante no caminho do discipulado deve aprender a relacionar as muitas formas que expressam determinadas ideias básicas em grupos específicos; deve interpretar as ideias subjacentes aos símbolos específicos e descobrir os impulsos característicos e latentes em cada forma. Ele pode começar a fazer isto na prática, no ambiente e no lugar onde se encontra. Pode descobrir qual é a ideia que a forma do seu irmão vela e pode também buscar Deus por trás do corpo de todo homem.

Por conseguinte, o aforismo em consideração leva o aspirante ao aspecto mais prático da vida, coloca-o diante de três perguntas básicas e, à medida que procura respondê-las de maneira correta, inevitavelmente se capacitará para trilhar o caminho. As perguntas são:

1. Para que objetivo tendem todos os anseios e aspirações da minha alma, para Deus ou para as coisas materiais?
2. Ponho toda a minha natureza inferior sob o controle de Ishvara, o verdadeiro homem espiritual?
3. Vejo a Deus em todas as formas e circunstâncias nos meus contatos diários?

2. O objetivo desses três é viabilizar a visão da alma e eliminar as obstruções.

É interessante observar que as palavras “visão da alma” precedem a ideia de eliminar os obstáculos ou obstruções, demonstrando que a visão é possível, até mesmo para aqueles que ainda não se aperfeiçoaram. A visão chega nos momentos de exaltação e elevada aspiração a que a maioria dos filhos dos homens é susceptível e proporciona o incentivo necessário para produzir a determinação e perseverança que a eliminação dos obstáculos requer. As palavras: “eliminação das obstruções” ou “modificação dos obstáculos” (como às vezes são traduzidas) são uma expressão ampla e genérica. Os estudiosos hindus assinalam que significam até mesmo a extirpação das sementes desses obstáculos e sua total destruição pelo fogo; assim como uma semente seca e queimada não é mais capaz de brotar, se torna estéril e não mais produz crescimento, também as sementes das quais brotam as obstruções para a vida do espírito serão igualmente infecundas. Referidas sementes se classificam em três grupos, cada um produzindo uma grande colheita de obstáculos ou obstruções nos três planos da evolução humana – as latentes no corpo físico, as que produzem obstáculos no corpo astral e as latentes no corpo mental. Cada grupo é de três tipos, constituindo literalmente nove tipos de sementes:

1. Sementes trazidas de vidas anteriores,
2. As semeadas nesta vida,
3. As sementes trazidas ao campo da vida de cada um do campo familiar ou racial ao qual pertence.

São essas sementes que dificultam ou obstruem a visão da alma e a livre atuação da energia espiritual. Patanjali as classifica em cinco tipos e as trata especificamente. Alguns estudiosos usam a palavra distrações, e todos os três termos são igualmente corretos, qualquer um pode ser usado. Seria possível assinalar que:

1. A palavra *obstrução* é tecnicamente mais correta quando aplicada ao plano físico.
2. A palavra *obstáculo* é mais iluminadora quando aplicada às coisas que, por meio do corpo astral, impedem a visão da alma.
3. A palavra *distração* se refere mais especificamente às dificuldades que acometem o homem que procura aquietar a mente e, assim, alcançar a visão da alma.

3. As dificuldades que produzem obstáculos são: avidya (ignorância), o senso de personalidade, o desejo, o ódio e o apego.

São as cinco ideias ou conceitos errados que, durante éons e muitas vidas, impedem que os filhos dos homens compreendam que são filhos de Deus. São esses conceitos que levam o homem a se identificar com o inferior e o material e a se esquecer das realidades divinas. Esses conceitos equívocos converteram a Mônada divina em filho pródigo, levando-o a países longínquos para se alimentar com os refugos da existência mortal. Devem ser superados e eliminados antes que o homem possa “elevar os olhos” e contemplar novamente o Pai e o lar do Pai e, assim, estar apto a trilhar conscientemente o Caminho de retorno.

Assinale-se que dois dos obstáculos, avidya (ignorância) e o senso de personalidade, se referem ao homem, a síntese no plano físico; que o desejo tem relação com seu corpo astral ou veículo sensório e que o ódio e o apego são produtos do egoísmo (o princípio do ahamkara) que anima o corpo mental. A tríplice personalidade é, pois, o campo para as sementes e no solo da vida pessoal nos três mundos elas se propagam, florescem e crescem, para obstruir e enterrar o

homem real. Essas sementes devem ser destruídas e, no processo de destruição, acontecem três coisas:

1. Esgota-se carma.
2. Alcança-se a liberação.
3. Aperfeiçoa-se a visão da alma.

4. Avidya (ignorância) é a causa de todas as outras obstruções, quer estejam latentes, em processo de eliminação, superadas ou em plena atuação.

O que primeiro chama a atenção neste aforismo é a sua abrangência. Ele nos leva a pensar na causa-raiz de todo mal e, quando se refere às obstruções, abrange todas as condições possíveis da existência. Este aforismo resume a condição de todo homem, desde a etapa selvagem, e através das condições intermediárias, até o estado de arhat, no qual se desprende das últimas cadeias da ignorância. Afirma que a razão de que exista o mal, e sejam evidentes o egoísmo e os desejos pessoais de todo tipo, reside na grande e básica condição, ou seja, na limitação da própria forma, avidya ou ignorância.

Desde o início das suas pesquisas sobre as leis do desenvolvimento espiritual, o estudante é alertado de que deve ter em conta dois fatores, com base no fato da própria manifestação:

1. O fato do não-eu, para o qual são atraídos os pontos divinos da vida espiritual e que, durante o período de evolução, os incorpora.
2. O fato das limitações que a tomada de forma exige

Os dois fatores acima devem ser reconhecidos como válidos para o Logos solar, o Logos planetário, um homem ou um átomo. Toda forma de vida divina (a infinitesimal e a infinitamente grande) vela ou oculta um fragmento de energia espiritual. O resultado, para o ponto de existência espiritual, é necessariamente o isolamento, a separação, circunscrevendo-se em si mesmo, e só os contatos da própria existência e a luta da unidade espiritual dentro da forma podem produzir a eventual liberação.

Entrementes, e durante o processo da encarnação, o ponto de vida velado permanece na ignorância do que existe fora de si mesmo e, gradualmente, deve abrir caminho para maior emancipação e liberdade.

De início só é consciente da esfera da sua própria forma, ignorando tudo o que está fora de si mesmo. Os contatos produzidos pelo desejo são os fatores pelos quais a ignorância se converte em conhecimento, e o homem (pois só consideramos a unidade humana a este respeito, embora as leis básicas sejam válidas para todas as formas de vida divina) gradualmente se torna consciente de si mesmo, tal como é, e do seu ambiente. Como o ambiente é tríplice: físico, astral e mental, e ele possui três veículos para fazer contato com os três mundos, o período coberto por este despertar é imenso. Diz o Antigo Comentário a este respeito:

“Na Câmara da Ignorância são conhecidas as tríplices envolturas. A vida solar em seu ponto mais denso é contatada e o homem emerge plenamente humano”.

Então o homem se dá conta de algo mais, *do grupo* ao qual pertence, e o faz quando descobre que a sua própria realidade interna está latente em sua personalidade. Aprende que ele, o átomo humano, é parte de um grupo ou centro no corpo de um Homem celestial, um Logos planetário, e que deve desenvolver a percepção:

- a. da vibração do seu grupo,
- b. do propósito do seu grupo,
- c. do centro do seu grupo.

É esta a etapa correspondente ao Caminho probacionário ou do discipulado, até a terceira iniciação. Assim prossegue o Antigo Comentário:

“Na Câmara do Conhecimento é estabelecido contato com o mistério central. O método de liberação é conhecido, a lei é plenamente cumprida e o homem emerge a ponto de se tornar um adepto”.

Por fim, o homem entra na Câmara da Sabedoria, na qual fora admitido ocasionalmente (e cada vez com mais frequência) depois da primeira grande iniciação, aprende o lugar que seu grupo ocupa no plano planetário e tem um vislumbre do esquema cósmico. A ignorância (segundo entendemos o termo) é, naturalmente, superada, mas nunca se ressaltará o bastante que o adepto ainda tem muito por conhecer, e que o próprio Cristo, o grande Instrutor do Mundo, não conhece tudo o que está contido na consciência do Rei do Mundo. Os aforismos de Yoga de Patanjali, porém, só tratam da superação da ignorância que mantém o homem na roda de renascimento e o impede de desenvolver os verdadeiros poderes da alma. Diz o Antigo Comentário a respeito desta etapa final:

“Na Câmara da Sabedoria, a luz brilha plenamente sobre os caminhos do adepto. Ele vê e conhece a sétima parte e visualiza todo o restante. Ele próprio é um setenário e desta Câmara ele emerge Deus”.

5. Avidya é a condição de confusão entre o permanente, o puro, o bem-aventurado e o Eu, com o impermanente, impuro, doloroso e o não-eu.

Esta condição de ignorância, ou “estado de avidya”, caracteriza aqueles que ainda não discriminam entre o real e o irreal, a morte e a imortalidade, a luz e as trevas. Rege, portanto, a vida nos três mundos, porque existe uma analogia de avidya em todos os planos, tal como o homem em encarnação a experimenta no plano físico. É uma limitação do próprio espírito, assim como um corolário indispensável para a tomada de forma. A unidade espiritual nasce cega e sem os sentidos. Toma forma no início das eras e dos ciclos de renascimento, em um estado de total inconsciência. Tem que se tornar consciente de tudo que há a seu redor; para isto, primeiro tem que desenvolver os sentidos, para que contato e sensibilização sejam possíveis. São muito conhecidos os métodos e processos pelos quais o ser humano fez evoluir os cinco sentidos ou meios de acesso ao não-eu e qualquer livro de fisiologia dará as informações necessárias. Em relação à unidade espiritual, três fatores serão levados em conta:

1. Os sentidos devem ser desenvolvidos.
2. Em seguida é preciso reconhecê-los e usá-los.
3. Posteriormente, ocorre um período em que o homem espiritual utiliza os sentidos para atender seus desejos e, assim fazendo, identifica-se com seu instrumento de manifestação.

O homem é duplamente cego, pois não só nasce cego e sem os sentidos, como também é mentalmente cego, não vê a si mesmo nem vê as coisas como são, e comete o erro de se considerar a forma material, o que faz durante muitos ciclos. Não tem senso dos valores nem de proporção, ele olha para o transitório, doloroso, impuro, material, o homem inferior (suas três envolturas), como se fosse ele mesmo, como se fosse a realidade. Não é capaz de se dissociar das suas formas. Os sentidos são parte da forma; não são o homem espiritual, o morador da forma, são parte do não-eu e o meio para fazer contato com o não-eu planetário.

Por meio da discriminação e do desapaixonamento, o eu, que é permanente, puro e bem-aventurado, pode, com o tempo, se dissociar do não-eu, que é transitório, impuro e cheio de dor.

Enquanto o homem não compreender isto, estará em estado de avidya. Quando está em processo de realização, o homem é um buscador de vidya, o conhecimento, um caminho quádruplo. Quando a alma é conhecida tal qual é, e o não-eu está relegado ao lugar que lhe compete como envoltura, veículo ou implemento, o próprio conhecimento é transcendido e o conhecedor permanece só. Isto é a liberação e a meta.

6. O senso de personalidade se deve a que o conhecedor se identifica com os instrumentos do conhecimento.

Este aforismo é um comentário do anterior. O estudante deve lembrar que o conhecedor, o homem espiritual, tem vários instrumentos para estabelecer contato com o ambiente, a fim de se tornar cada vez mais consciente de:

1. Suas três envolturas ou corpos, que são seus meios de contato nos três planos:
 - a. o corpo físico,
 - b. o corpo emocional ou astral,
 - c. o corpo mental.
2. No plano físico, os seus cinco sentidos: audição, tato, visão, paladar e olfato.
3. A mente, o sexto grande sentido, que tem um uso tríplice. No entanto, a maioria dos homens só a emprega de uma única maneira:

O primeiro uso e mais comum é reunir os contatos conhecidos e transmiti-los como informação ao ego ou conhecedor, de maneira muito similar ao que o sistema nervoso faz, quando telegrafia para o cérebro os contatos externos que estabelece. É este uso da mente que produz primitivamente o senso da personalidade, o qual começa a se desvanecer, à medida que os outros usos se tornam possíveis.

O segundo uso da mente é aquele que os cinco primeiros métodos da yoga produzem – o poder de transmitir ao cérebro os pensamentos, os desejos e a vontade do ego ou alma. Isto proporciona ao eu pessoal no plano físico um reconhecimento da realidade e o senso de identificação com o não-eu vai se tornando cada vez menor.

O terceiro uso da mente é o que a alma faz dela como órgão de visão, por cujo intermédio o reino da própria alma é contatado e conhecido. É o que se produz mediante os últimos três métodos da yoga.

É preciso enfatizar que se trata de um fato muito importante. Se o aspirante considerar o desenvolvimento e o pleno emprego do sexto sentido como objetivo imediato, e mantiver em mente os três propósitos para o qual se destina, ele fará rápidos progressos, o senso de personalidade se desvanecerá e sobrevirá a identificação com a alma. O senso de personalidade é um dos maiores grilhões que mantêm os filhos dos homens cativos. É onde deve aplicar o machado à raiz da árvore.

7. O desejo é o apego aos objetos de prazer.

De nenhuma maneira se trata de uma tradução literal; mas dá a ideia básica, com tanta clareza, que é melhor traduzir este aforismo tal como foi feito.

Os objetos que produzem prazer são todos os apegos que o homem adquire, desde o estado selvagem da infante humanidade, até os graus avançados do discipulado; englobam o desejo

pelos objetos densos do plano físico, assim como os apegos às coisas, ocupações e reações, que as atividades emocionais ou intelectuais proporcionam. Implicam em toda a gama ou campo da experiência sensorial, desde a reação do selvagem ao calor e a uma boa refeição, até o êxtase do místico. Desejo é um termo genérico, que cobre a tendência do espírito de se exteriorizar na vida da forma. Pode significar o deleite do canibal pelo que come, o amor de um homem pela família, a apreciação do artista frente a uma bela pintura, ou a adoração do devoto ao Cristo ou ao seu Guru. Desejo é todo apego, em grau maior ou menor, e o progresso da alma parece depender de um objeto ou outro dos sentidos, até que chega o momento em que o homem fica só, diante de si mesmo. Ele exauriu todos os objetos de apego e até mesmo o seu guru parece que o abandonou. Uma única realidade lhe resta, a realidade espiritual que é ele mesmo, e seu desejo então se dirige para dentro. Já não se extroverte, pois encontra o Reino de Deus interiormente. Abandona todo desejo. Estabelece contatos e continua se manifestando e trabalhando nos planos da ilusão, mas a partir do centro em que mora seu Eu divino, o somatório de todos os desejos. Nada mais o atrai, nem o leva aos atalhos do prazer ou da dor.

8. O ódio é a aversão por qualquer objeto dos sentidos.

Este aforismo é a antítese do anterior. O verdadeiro iogue não sente nem aversão nem desejo. Está equilibrado entre esses pares de opostos. O ódio traz separação, enquanto o amor revela a unidade subjacente em todas as formas. O ódio é resultado da concentração na forma e o esquecimento do que toda forma, em maior ou menor grau, revela. O ódio é o sentimento de repulsão e leva o homem a se afastar do objeto odiado; é o contrário da fraternidade e, portanto, é a transgressão de uma das leis básicas do sistema solar. O ódio é a negação da unidade, ergue barreiras e produz as causas que levam à cristalização, destruição e morte. É energia empregada para repelir, em vez de sintetizar e, assim, é contrária à lei de evolução.

O ódio, na realidade, é resultado do senso de personalidade e da ignorância, além da aplicação indevida do desejo. É praticamente a culminação dos outros três. Foi o senso de personalidade e a ignorância extrema, vinculados ao desejo de ganho pessoal, que produziu no coração de Caim o ódio a Abel e causou o primeiro assassinato ou destruição da forma de um irmão. Isto deveria ser considerado cuidadosamente, porque o ódio e a aversão sempre estão presentes, em certo grau, em todo coração humano. Apenas quando o ódio for totalmente superado pelo amor ou pelo sentido de unidade, a morte, o perigo e o medo desaparecerão da família humana.

9. O apego é o intenso desejo pela existência senciente, que é inerente a toda forma, é autopetruante e conhecido até pelos mais sábios.

Este tipo de apego é a causa básica de toda manifestação. É inerente à relação dos dois grandes opostos, espírito e matéria; é o fator que rege a manifestação logoica, razão pela qual até “os mais sábios” estão sujeitos a ele. Este tipo de apego é também uma faculdade automática que se autorreproduz e se autopetrua e é preciso lembrar que a superação desta tendência, mesmo quando o adepto a leva ao estágio mais elevado, é somente uma superação relativa. Enquanto o Logos do nosso sistema solar, ou Espírito Absoluto, encarnar por meio de um sistema solar, esta tendência estará presente no espírito planetário mais excelso e na existência espiritual mais elevada. O máximo que se pode alcançar na superação do apego ou extinção do desejo é o desenvolvimento do poder de equilibrar os pares de opostos em qualquer dado plano, de maneira a deixar de ser retido pelas formas desse plano e a retirada ser possível. O estudante comum dá um significado muito secundário às palavras matar o apego e o desejo, interpretando-as em termos do seu próprio e reduzido progresso. São simplesmente palavras que procuram expressar de forma muito inadequada e apenas simbólica uma atividade oculta. Elas só podem ser realmente entendidas em termos da Lei de Atração e Repulsão e pela compreensão do sistema de vibrações ocultas.

A vontade de viver ou de se manifestar é parte do impulso da Vida divina, portanto, é correta. A vontade de ser ou de se manifestar em um plano específico, ou por meio de um grupo específico de formas, é incorreta quando essa esfera de manifestação foi transcendida; o mal aparece quando qualquer conjunto peculiar de formas tiver cumprido o propósito de proporcionar os meios para fazer contatos e adquirir experiências e nada mais tem a ensinar, pois o mal é apenas a tendência a voltar a usar as formas e práticas que o morador interno transcendeu. Por esta razão, os grosseiros pecados animais são universalmente considerados maus, pois em geral se reconhece que o Morador na forma do homem já superou o terceiro reino ou reino animal.

Um adepto, pois, transcendeu o apego à forma nos três planos (físico, astral e mental) e matou toda ânsia pelas formas desses planos. Quando a vida ou Espírito se retira, a forma morre ocultamente. Quando o pensamento do ego ou Eu Superior está ocupado em seu próprio plano, não há energia se exteriorizando na matéria dos três mundos, de maneira que não é possível a construção de formas nem o apego a elas. Isto está de acordo com a verdade oculta de que *“energia segue o pensamento”* e também em linha com o ensinamento de que o corpo do princípio crístico (o veículo búdico) só começa a se coordenar à medida que os impulsos inferiores vão se desvanecendo. Também é consistente com o fato de que o veículo causal, o corpo do Eu Superior, nos níveis abstratos do plano mental, adquire beleza, dimensão e atividade, com maior rapidez durante as etapas do discipulado do que foi possível em todo o ciclo de encarnações anteriores. A energia egoica não é estritamente exteriorizadora, dirige-se, mais literalmente, ao próprio desenvolvimento. O apego à forma, ou a atração da forma para o Espírito é o grande impulso involutivo. A repulsão da forma e a sua consequente desintegração é o grande impulso evolutivo.

10. Quando esses cinco obstáculos são conhecidos em sua sutilidade, podem ser superados por meio de uma atitude mental oposta.

A expressão “conhecidos em sua sutilidade” poderia ser substituída por: “quando compreendidos pelo homem interno”. A ideia por trás das palavras foi bem explicada por Dvivedi no comentário:

“Tendo descrito a natureza das 'distrações', o autor indica o caminho para suprimi-las. Elas se classificam em dois tipos, sutis e grosseiras. As primeiras são as que existem na condição adormecida, na forma de impressões, enquanto as segundas afetam concretamente a mente. As primeiras podem ser totalmente suprimidas, basta adquirir domínio sobre tudo o que as favorece, isto é, o princípio pensante”.

É este o primeiro trabalho de quem aspira à yoga. Deve compreender a natureza dos obstáculos e, em seguida, dedicar-se a vencê-los, fazendo isto do plano mental. Tem que adquirir controle sobre o mecanismo pensante e, em seguida, aprender a usar referido mecanismo e, uma vez cumprido, começar a anular os obstáculos por meio de correntes contrárias. Os próprios obstáculos são resultado de hábitos de pensar errados e do uso indevido do princípio pensante. Quando eles forem “conhecidos em sua sutilidade” como *sementes* das formas “produtoras de obstáculos”, podem ser então extintos nos estados latentes por meio de hábitos corretos de pensar, o que resultará na configuração dos meios para a liberação.

A ignorância, avidya, deve ser suplantada pelo verdadeiro conhecimento ou vidya. Como é bem sabido, nesta quarta raça, neste quarto globo e na quarta ronda, os quatro vidyas, as quatro nobres verdades e os quatro elementos básicos constituem o somatório desse conhecimento.

Os quatro vidyas da filosofia hinduísta são:

1. Yajna vidya. A execução de rituais religiosos visando obter certos resultados. Magia cerimonial. Diz respeito ao som, portanto a akasha ou éter do espaço. “Yajna” é a deidade invisível que impregna o espaço.

2. Maha vidya. O grande conhecimento mágico. Degenerou no culto tântrico. Trata com o aspecto feminino ou aspecto matéria (mãe). É a base da magia negra. A verdadeira maha yoga tem a ver com a forma (segundo aspecto) e sua adaptação ao Espírito e suas necessidades.
3. Guhya vidya. A ciência dos mantras. O conhecimento secreto dos mantras místicos. A potência oculta do som, do Verbo.
4. Atma vidya. Verdadeira sabedoria espiritual.

As quatro nobres verdades foram expressas nas palavras de Buda nos seguintes termos:

“O Excelso dirigiu-se assim aos irmãos:

‘Irmãos, pela incompreensão e por não descortinar as Quatro Verdades árias, deambulamos de cá para lá durante a longa jornada (ou renascimento), vocês e eu. Quais são as Quatro Verdades árias?

A Verdade do Mal; a Verdade da Causa do Mal; a Verdade da Cessação do Mal; a Verdade do Caminho que leva à Cessação do Mal.

Porém, irmãos, quando essas Quatro Verdades árias forem compreendidas e penetradas, então será desarraigado o anseio de existir e cortado o fio que conduz ao renascimento, e já não se retornará mais à existência’.

Assim falou o Excelso. Depois que o Bem-aventurado assim falou, o Mestre acrescentou:

‘Cegos às Quatro Verdades árias sobre as coisas,
Cegos para ver as coisas como realmente são,
Longa foi nossa jornada através de diversos nascimentos.
Quando elas são vistas, desaparece o cordão da vida,
Não há mais manifestação quando se corta a raiz do Mal’.

Os quatro elementos foram definidos no seguinte trecho de *A Doutrina Secreta*, (Volume 1):

“O ovo áurico estava rodeado de sete elementos naturais, quatro manifestos (éter, fogo, ar, água) e três secretos”.

11. As atividades dos obstáculos devem ser extintas pelo processo de meditação.

A “atitude mental oposta”, mencionada no aforismo anterior, faz uma nítida referência às sementes ou tendências latentes que subsistem nos corpos mental e de desejo. Esta atitude mental deve se converter em ativa meditação mental e pensamento concentrado para que as atividades do corpo físico se submetam a um controle similar. Grande parte do que fazemos é automático, consequência de velhos hábitos mentais e emocionais. Instintivamente, devido às práticas antigas e por sujeição a um mundo de formas tangíveis, as nossas atividades do plano físico são regidas por estes cinco obstáculos, os quais devem ser eliminados. Em paralelo, há que se tratar das sementes latentes e suprimir as atividades externas. A constante oposição da atitude mental se ocupa dos primeiros; a meditação que põe em atividade os três fatores, o pensador, a mente e o cérebro físico, se ocupará dos demais; não se deve esquecer disso, porque de outra maneira a teoria não se converterá em prática inteligente. Como o Livro Terceiro trata deste processo de meditação, não é necessário nos estendermos aqui.

12. O próprio carma tem raízes nesses cinco obstáculos e deve frutificar nesta vida ou em outra posterior.

Enquanto o homem, no plano físico, estiver sujeito aos obstáculos ou regido por eles, iniciará atividades que produzirão efeitos inevitáveis e estará atado à roda de renascimentos e condenado a tomar forma. O estudante deveria observar cuidadosamente que estes cinco obstáculos são a causa de todas as atividades da personalidade ou homem inferior. Tudo o que faz tem base em um deles; toda ação do homem comum nos três mundos é consequência da ignorância, acompanhada das identificações e reações erradas.

À medida que os obstáculos são vencidos e a ignorância, que é o campo de cultivo de todos eles, é substituída pela sabedoria divina, haverá cada vez menos efeitos a neutralizar no plano físico e as cadeias que atam o homem à grande roda da manifestação física serão cortadas, uma após a outra. Essas cadeias são tríplexes, assim como três são os campos da ignorância e três os grandes planos da consciência, que são o campo da evolução humana. Quando o campo da ignorância se torna o campo da experiência consciente, quando as cadeias são percebidas como grilhões e limitações, o aspirante a discípulo terá dado um enorme passo adiante no processo de liberação. Quando ele estiver apto a levar a luta para dentro, o que Ganganatha Jha chama de “vida imanifestada” e nós costumamos denominar de “planos sutis”, ingressa na Câmara do Conhecimento e corta os grilhões que kama (desejo) e o uso errado da mente forjaram com tanta sutilidade. Posteriormente ingressa na Câmara da Sabedoria e aprende certos métodos esotéricos e ocultistas para acelerar o processo de liberação.

13. Enquanto existirem as raízes (ou samskaras), elas frutificarão como nascimento, vida e experiências, cujo resultado será prazer ou dor.

O principal trabalho do estudante ocultista é manipular força e penetrar no mundo em que as forças se põem ativamente em movimento, produzindo efeitos fenomênicos. Ele tem que estudar e compreender, de maneira prática e inteligente, a ação da Lei de Causa e Efeito, sem se ocupar dos efeitos, concentrando a atenção nas causas que os produzem. Com relação a si mesmo, chega a compreender que a principal causa do fenômeno da sua existência objetiva nos três mundos é o próprio ego, e que as causas secundárias são o conjunto dos impulsos egoicos fundamentais, que desenvolveram nele a capacidade de resposta aos contatos sensórios nos três planos. Estes impulsos produziram efeitos, que (estando sujeitos à lei) devem se manifestar objetivamente no plano físico. Portanto, atribui-se muita importância à necessidade de estabelecer contato egoico direto, por meio do cordão ou sutratma, pois somente assim o aspirante poderá determinar as causas que subjazem nas manifestações presentes da sua vida, ou começar a se ocupar das samskaras ou sementes das suas atividades futuras. Referidas sementes são de natureza kama-manásicas (em parte emocionais, em parte mentais), pois o desejo é potente em efeitos e produz o veículo físico em seus dois aspectos:

- a. Manas inferior ou mente concreta, fator básico na produção do corpo etérico.
- b. Kama ou desejo, principal fator para trazer o veículo físico denso à existência.

Os dois juntos são responsáveis pela existência manifestada.

É bem sabido que a árvore da vida é representada com as raízes para cima e as folhas para baixo. A mesma representação simbólica é válida para a diminuta árvore da vida do ego. As raízes se encontram no plano mental. O crescimento e a frutificação para a objetividade são observados no plano físico. Portanto, é necessário que o aspirante aplique o machado à raiz da árvore, isto é, que se ocupe dos pensamentos e desejos que produzem o corpo físico. Para se ocupar daquilo que continuará a mantê-lo na roda do renascimento, ele deve penetrar no reino

subjetivo. Quando as sementes forem extirpadas, a frutificação deixará de ser possível. Quando a raiz é separada das suas externalidades em qualquer dos três planos, a energia da vida não pode mais fluir para baixo. As três palavras, nascimento, vida e experiência, resumem a existência humana, seu objetivo, método e meta, e não é necessário nos ocuparmos disto. Este aforismo se ocupa de todo o tema do carma (ou Lei de Causa e Efeito), tópico que é muito vasto para nos estendermos aqui. Basta dizer que, do ponto de vista dos Aforismos da Yoga, o carma é de três tipos:

1. *Carma latente*. São as sementes e causas que ainda não se desenvolveram, estão inativas e devem crescer até frutificar em alguma parte da vida presente ou vidas subsequentes.
2. *Carma ativo*. São as sementes e causas em processo de frutificação; a vida atual está destinada a proporcionar o solo necessário para a frutificação.
3. *Carma novo*. São as sementes ou causas que estão se produzindo nesta vida e que inevitavelmente regerão as circunstâncias de alguma vida futura.

O iniciante na ciência da yoga pode começar por se ocupar do carma ativo, interpretando cada acontecimento e circunstância da vida como a disposição das condições com as quais pode esgotar uma série de efeitos específicos e se empenhar em observar seus pensamentos para não semear novas sementes e para que nenhum carma futuro possa frutificar em alguma vida posterior.

É muito difícil para o neófito trabalhar com as sementes do carma latente, e neste ponto seu Mestre pode ajudá-lo, manipulando as circunstâncias e se ocupando do ambiente nos três mundos para que este tipo de carma se esgote mais rapidamente e desapareça.

14. Essas sementes (ou samskaras) produzem prazer ou dor de acordo com as causas de origem, se foram o bem ou o mal.

Há de se observar que o bem é o que tem relação com o princípio único, com a realidade que mora em todas as formas, com o Espírito do homem, à medida que se revela por meio da alma, e com o Pai ao se manifestar por meio do Filho. O mal se relaciona com a forma, o veículo e a matéria; na realidade, diz respeito à relação do Filho com seu corpo de manifestação. Se o Filho de Deus (cósmico ou humano) está limitado, aprisionado e cego por sua forma, é este o poder do mal sobre ele. Se está consciente do seu próprio eu, desatado das formas e livre da escravidão da matéria, é este o poder do bem. A total liberação da matéria causa a perfeita felicidade ou prazer – a alegria da realização. O mal causa dor, pois a medida com que o corpo de manifestação limita o Regente Interno é a medida do seu sofrimento.

15. O homem iluminado considera que toda a existência (nos três mundos) é dor, devido às atividades dos gunas, que são tríplices e produzem consequências, ansiedades e impressões subliminais.

Os três “gunas” são as três qualidades da própria matéria: sattva, raja e tamas, ou ritmo, atividade e inércia, inerentes a todas as formas. O estudante deve lembrar que toda forma, em todos os planos, possui esta característica, e que o mesmo se aplica à forma mais elevada e à mais baixa; a manifestação dessas qualidades difere somente em grau.

Para o homem que está alcançando a perfeição, vai ficando cada vez mais evidente que toda forma, através da qual o homem espiritual divino se manifesta, produz limitação e dificuldades. O veículo físico do adepto, embora construído de substância de natureza predominantemente

sáttvica, equilibrada e rítmica, confina-o ao mundo do esforço físico e limita os poderes do verdadeiro homem. Generalizando, é possível dizer que:

1. O atributo inércia (ou tamas) caracteriza o eu pessoal inferior e as envolturas do tríplice homem inferior.
2. O atributo atividade é a principal característica da alma e é a qualidade que causa a intensa atividade e a constante labuta do homem, ao buscar experiência e, mais tarde, ao procurar servir.
3. O atributo ritmo ou equilíbrio é a qualidade do espírito ou Mônada, e também a tendência à perfeição, que é a causa da evolução do homem em tempo e espaço e o fator que leva a vida através de todas as formas até a consumação. Contudo, devemos ter em conta que estas três são qualidades da substância, pela qual o tríplice espírito se manifesta neste sistema solar. Não conhecemos ainda a natureza do espírito, portanto só podemos pensar em termos de forma, por mais transcendentais que sejam as formas. Apenas as almas que alcançaram a iniciação mais elevada e puderam transpor o nosso círculo-não-se-passa solar conhecem algo da natureza essencial do que chamamos espírito.

Voltando à manifestação prática dos três gunas nos três mundos (em relação ao homem), observa-se que:

1. O atributo de equilíbrio ou ritmo caracteriza o veículo mental. Quando o corpo mental está organizado e o homem é dirigido pela mente, a sua vida também se estabiliza e se organiza, e a orientação dos seus assuntos prossegue de maneira equilibrada.
2. A qualidade de atividade ou mobilidade é a característica da natureza emocional ou astral e, quando predomina, a vida é caótica, violenta, emocional e sujeita a todos os estados de ânimo e sentimentos. É essencialmente a qualidade da vida de desejo.
3. A inércia é a qualidade que domina o corpo físico e todo o objetivo do ego é quebrar esta inércia e impulsionar o veículo inferior à atividade, o que produzirá os fins desejados. É esta a razão do uso e da necessidade do guna da mobilidade e da plena atuação da natureza emocional ou de desejos nas etapas iniciais do esforço.

A dor é produto das atividades da forma, pois a dor resulta da diferença inerente entre os pares de opostos, espírito e matéria. Ambos os fatores se mantêm essencialmente “em paz” até que entram em conjunção e causam uma resistência mútua, produzindo fricção e sofrimento quando unidos em tempo e espaço.

Patanjali assinala que esta dor é abrangente, pois cobre o passado, o presente e o futuro.

1. *Consequências.* A dor é produto da atividade do passado e do esgotamento do carma quando se manifesta para corrigir os equívocos e pagar o preço dos erros cometidos. O cumprimento das obrigações e dívidas passadas é sempre um processo doloroso. Certas ocorrências do passado tornam necessárias as condições da hereditariedade, do ambiente, do tipo de corpo e de forma, tanto do veículo como das relações grupais, o que é doloroso para a alma, assim confinada.

2. *Ansiedades.* Dizem respeito ao presente e em alguns casos são traduzidas por apreensões. Se o estudante analisar este termo observará que não só engloba o medo do sofrimento, como também o medo de fracassar no corpo espiritual em serviço. Esses medos também produzem dor e mal-estar e seguem em paralelo com o despertar do homem real que descobre o seu patrimônio.

3. *Impressões subliminais*. Relacionam-se com o futuro e se referem às premonições de morte, sofrimento e necessidades que dominam tantos filhos dos homens. É o medo do desconhecido e do que pode nos acontecer, a nós ou a outros, o que, por sua vez, produz dor.

16. A dor que ainda está por vir pode ser evitada.

As palavras em sânscrito deste aforismo encerram uma ideia dúplice. Demonstram, em primeiro lugar, que certos tipos de “suplícios” (segundo algumas traduções) podem ser evitados por um reajuste correto das energias do homem, de maneira que, por uma mudança na atitude mental, as reações dolorosas deixam de ser possíveis e, pela transmutação dos seus desejos, as antigas “dores” ficam impossibilitadas. Demonstram, em segundo lugar, que a vida será vivida no presente de maneira a não iniciar causas que produzam efeitos dolorosos. Esta dupla conclusão fará com que o iogue adote em sua vida uma disciplina dual, envolvendo a firme determinação de praticar o desapego e a constante disciplina da natureza inferior. O resultado será uma atividade mental de tal natureza que as antigas tendências, anseios e desejos deixem de atrair e nenhuma atividade que produza carma ou resultados posteriores será favorecida.

O que é passado só agora pode ser resolvido, e o tipo de carma que traz dor, tristezas e suplícios deve ser autorizado a seguir seu curso. O carma atual, ou a precipitação dos efeitos que o ego tem intenção de esgotar no presente ciclo de vida, deve igualmente desempenhar a sua parte na emancipação da alma. No entanto, o homem espiritual pode reger de tal forma o homem inferior que os eventos do carma (ou os efeitos que se manifestam no mundo físico objetivo) não causem angústia nem dor, pois serão vistos e enfrentados pelo iogue destituído de apegos, que também não permitirá colocar em movimento causas que produzam dor.

17. A ilusão de que o Percebedor e o percebido são uma e a mesma coisa é a causa (dos efeitos que produzem dor) que deve ser evitada.

Este aforismo nos leva novamente à grande dualidade básica da manifestação, a união de espírito e matéria. A interação entre eles causa todas as modificações ou atividades nos diversos planos que produzem a forma, sendo também a causa das limitações que a consciência pura impõe a si mesma. Em um breve comentário como este é impossível esclarecer plenamente este tema. Tudo que é possível fazer é tratar do tema no que afeta o homem, podendo se resumir da seguinte maneira: toda dor e tristeza são causadas pelo homem espiritual quando se identifica com as formas objetivas nos três mundos e com o reino fenomênico, no qual referidas formas desenvolvem suas atividades. Quando ele é capaz de se desprender do reino dos sentidos e reconhecer “que ele não é o que é visto, tocado e ouvido”, pode então se liberar de todas as limitações da forma e permanecer separado como o percebedor e ator divino. Ele usará as formas como quiser, a fim de alcançar certos fins específicos, mas não cairá no engano de considerá-las como se fossem ele mesmo. Seria proveitoso para o estudante aprender a ser consciente de que, nos três mundos (que dizem respeito apenas ao aspirante nesta etapa), ele é o fator mais elevado das tão conhecidas triplicidades:

O Percebedor	A percepção	O que é percebido.
O Pensador	O pensamento	As formas-pensamento
O Conhecedor	O conhecimento	O campo de conhecimento
O Vedor	A vista	O que é visto
O Observador	A observação	O que é observado.
O Espectador	A visão	O espetáculo

e muitas outras também bem conhecidas.

O grande objetivo da Raja Yoga é liberar o pensador das modificações do princípio pensante, a fim de não se submergir no grande mundo de ilusões mentais nem se identificar com o puramente fenomênico. Ele se mantém livre e desapegado, e usa o mundo dos sentidos como campo para desenvolver atividades inteligentes e não como campo de experimentação e esforços para adquirir experiência.

Deve lembrar que os meios de percepção são os seis sentidos, a saber, audição, tato, visão, paladar, olfato e a mente, e que os seis devem ser transcendidos e reconhecidos pelo que são. Os meios de percepção revelam o grande maya ou mundo de ilusão, composto de formas de todo tipo, construídas de substância que deve ser estudada em sua constituição atômica e molecular e seus elementos básicos que dão a tal substância suas diferenciações e qualidades específicas. Para fins de estudo, seria conveniente lembrar que é necessário pesquisar a natureza dos seguintes fatores existentes no polo oposto do espírito, que chamamos de matéria:

1. Os átomos.
2. A matéria molecular.
3. Os elementos.
4. Os três gunas ou qualidades.
5. Os tattvas ou diferenciações da força em seus sete tipos.

Pela compreensão da natureza e das diferenciações da matéria chega ao entendimento do mundo da forma, que durante tanto tempo manteve o espírito prisioneiro. É o que Pantajali assinala no aforismo a seguir.

18. O que é percebido tem três qualidades: sattva, rajas e tamas (ritmo, movimento e inércia), e consiste nos elementos e nos órgãos dos sentidos, cujo uso produz experiência e, oportunamente, a liberação.

Este é um dos aforismos mais importantes do livro, porque, em poucas e concisas palavras, resume a natureza da substância, assim como sua constituição, propósito e razão de ser. Cada uma das frases merece uma ampla consideração, pois as palavras: “qualidades”, “elementos”, “sentidos”, “evolução” e “liberação” expressam a totalidade dos fatores envolvidos no crescimento do homem, e são as que mais dizem respeito à unidade humana, englobando a sua trajetória desde o momento em que encarnou pela primeira vez, o transcurso do longo ciclo de vidas, até passar pelos diversos portais da iniciação, em direção à vida maior do cosmo.

O que primeiro caracteriza o homem é a *inércia*, e é de natureza tão pesada e densa, que são necessários muitos e violentos contatos para que ele tome ciência do ambiente, do que o rodeia, para posteriormente analisá-lo de maneira inteligente. Os grandes elementos terra, água, fogo e ar desempenham seu papel na construção das suas formas e estão incorporados em seu próprio ser. Os diversos órgãos dos sentidos entram em atividade de maneira paulatina; primeiro, os cinco sentidos e, em seguida, quando a segunda qualidade de rajas ou atividade está firmemente estabelecida, o sexto sentido, a mente, também começa a se desenvolver. Posteriormente, ele começa a perceber tudo o que circunda no mundo fenomênico, as mesmas qualidades e elementos que existem nele próprio e seu conhecimento vai aumentando com rapidez. Deste ponto passa a estabelecer uma distinção entre ele próprio, como o Percebedor, e o que percebe como suas formas e o mundo em que elas existem. O sexto sentido se torna cada vez mais dominante e, a certa altura, começa a ser controlado pelo verdadeiro homem, que passa para o estado sáttvico, no qual se harmoniza consigo mesmo e, em consequência, com tudo que o circunda. Sua manifestação torna-se rítmica e sintonizada com o grande todo. Como espectador, contempla o espetáculo e procura que as formas, por meio das quais atua no mundo fenomênico, estejam devidamente controladas e que todas as suas atividades se desenvolvam em harmonia com o grande plano.

Quando assim é, ele faz parte do todo, livre e liberado do controle que o mundo da forma exerce, dos elementos e dos sentidos. Ele os usa, não é usado por eles.

19. Os gunas (ou qualidades da matéria) dividem-se em quatro: o específico, o inespecífico, o indicado e o intocável.

É interessante observar a característica quádrupla dos gunas ou qualidades (o somatório dos atributos ou aspectos da substância do nosso sistema solar). Esta divisão setenária apresenta uma analogia com os setenários existentes por todo o nosso universo manifestado. Temos, primeiro, os três principais aspectos da substância mental:

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 1. Substância sáttvica | ritmo, equilíbrio, harmonia |
| 2. Substância rajásica | mobilidade, atividade |
| 3. Substância tamásica | inércia, estabilidade. |

Dividem-se em:

- | | |
|-------------------|---|
| 1. O específico | os elementos manifestados, a forma |
| 2. O inespecífico | os sentidos, as reações da força, os tanmatras |
| 3. O indicado | a substância primária, os tattvas, a matéria atômica |
| 4. O intocável | a grande Existência, que é o somatório de todos eles. |

Este aforismo destina-se a englobar as técnicas do aspecto forma da manifestação, quer se refiram à manifestação de um átomo humano ou de uma deidade solar e indica simplesmente a triplicidade natural da substância, sua natureza setenária e diversas mutações. Expressa a natureza deste aspecto da vida divina que os hindus chamam de Brahma e os cristãos de Espírito Santo. É o terceiro aspecto de Trimurti ou Trindade, o aspecto matéria inteligente ativa, com a qual se há de construir o corpo de Vishnu, o Cristo Cósmico, a fim de que Shiva, o Pai ou Espírito, tenha um meio de revelação. Portanto, será oportuno indicar a natureza das quatro divisões dos três gunas, depois de dar também os sinônimos.

Os três gunas:

1. As qualidades da matéria.
2. Os aspectos da substância pensante, ou da mente universal.
3. Os atributos da matéria- força.
4. As três potestades.

Estas triplicidades devem ser estudadas cuidadosamente, pois por meio delas será possível obter os diversos graus de consciência. Neste ponto, estamos tratando das grandes formas ilusórias, com as quais o Homem Real se identifica (com a dor e o sofrimento resultantes) durante o transcurso do longo ciclo de manifestação, do qual deve finalmente se liberar. Implica em uma ideia ainda mais ampla, o aprisionamento da vida de um Logos solar na forma de um sistema solar, seu desenvolvimento evolutivo por meio de referida forma, e a perfeição e liberação eventuais desta vida ao término do grande ciclo solar. O ciclo menor do homem está contido neste maior, e a sua realização e a natureza da sua liberação são apenas relativos em relação ao todo maior.

1. Classificação específica dos gunas.

Esta classificação específica ou particularizada dos gunas compõe-se de dezesseis partes, que se referem principalmente à reação do homem frente ao mundo objetivo tangível:

- a. *Os cinco elementos*: éter, ar, fogo, água e terra, que são efeitos diretamente envolvidos em um som ou palavra subjetiva ou inespecífica.
- b. *Os cinco órgãos dos sentidos*: ouvido, pele, olho, língua e narinas, que são os órgãos físicos ou canais que possibilitam a identificação com o mundo tangível.
- c. *Os cinco órgãos de ação*: voz, mãos, pés, órgãos de excreção e órgãos de procriação.
- d. *A mente*, que é o sexto sentido, o órgão que sintetiza todos os outros órgãos dos sentidos e que a certa altura os suplantará.

Estes dezesseis meios de percepção e atividade no mundo fenomênico são canais para o verdadeiro homem pensante. Eles demonstram a sua realidade ativa e são o somatório dos fatos físicos relativos a todo filho de Deus encarnado. Similarmente, na sua conotação cósmica, são a totalidade dos fatos que demonstram a realidade de uma encarnação cósmica. “O Verbo se faz carne”, tanto em sentido individual como cósmico.

2. *Classificação inespecífica dos gunas.*

São em número de seis e dizem respeito ao que está por trás do específico. Referem-se ao subjetivo e intangível e à demonstração da força produtora de formas específicas.

Nos livros hindus são denominados tecnicamente de tanmatras. Têm mais a ver com a consciência do que com a forma e são as “modificações especiais de budi ou consciência” (Ganganatha Jha). São eles:

- 1. O elemento da audição, ou o que produz o ouvido, a audição rudimentar.
- 2. O elemento do tato, ou o que produz o mecanismo do tato, a pele, etc., o tato rudimentar.
- 3. O elemento da visão, ou o que produz o olho.
- 4. O elemento do paladar, ou o que produz o mecanismo do paladar.
- 5. O elemento do olfato, ou o que produz o mecanismo do olfato.

Por trás desses cinco elementos encontra-se o sexto tanmatra ou modificação do princípio consciência, o denominado “*senso de personalidade*”, a consciência do “eu sou eu”, o princípio ahamkara, o qual produz o sentido de realidade pessoal e de que cada um de nós é uma unidade de consciência separada. É a base da “grande heresia da separatividade” e a causa do homem real ou espiritual ser atraído pela grande ilusão, o que obriga o homem, durante largos éons, a se identificar com as coisas dos sentidos, levando-o, com o tempo, até a etapa em que busca a liberação.

3. *O indicado.*

Por trás das dezesseis divisões especializadas e das seis não especializadas, subjaz a causa de todas elas, que os livros hindus chamam de Budi ou razão pura, o intelecto separado da mente inferior, algumas vezes denominado de intuição, cuja natureza é amor-sabedoria. É a vida ou princípio crístico que, no processo de encarnar ou de tomar uma forma, tal como a conhecemos, se manifesta como o específico e o inespecífico. Para a maioria, está apenas “indicado”. Supomos que esteja aí. O trabalho da Raja Yoga é levar esta vaga suposição ao pleno conhecimento, de maneira que a teoria se torne um fato e que o latente e fruto de uma crença possa ser reconhecido e identificado pelo que é.

4. O intocável.

Chegamos, finalmente, à quarta classificação dos gunas ou aspectos, aquilo “em quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”, o Deus intocável ou desconhecido. É a grande forma de existência na qual se encontram as nossas pequenas formas. É o somatório da substância pensante da qual as nossas pequenas mentes são parte; a manifestação integral de Deus por meio do Cristo cósmico, do qual cada pequeno filho de Deus é uma parte. A mente do homem ainda não é capaz de conceber este algo intocável e desconhecido.

20. “O vedor é conhecimento puro (gnose). Embora puro, ele contempla a ideia apresentada por meio da mente”.

Já foi feita referência à excelente tradução de Johnston a esse aforismo, que diz: “O vedor é visão pura. Embora puro, ele olha através da vestidura da mente”. Ganganatha Jha projeta ainda mais luz ao expressar: “O espectador é senciência absoluta e, embora puro, ainda contempla ideias intelectualizadas”. A ideia veiculada é que o homem verdadeiro, o espectador, o percebedor ou pensador, é o somatório de todas as percepções, quer por meio dos sentidos ou da mente inferior; ele é em si mesmo conhecimento, visão clara ou verdadeira percepção. Tudo que existe nos três mundos existe por causa dele e para ele; é ele a causa da sua existência e quando já não o busca nem se esforça por visualizá-lo, deixa de existir para ele. Este aforismo é um dos versículos fundamentais do livro, e dá a chave de toda a ciência da yoga. Sua formulação oculta certas ideias que abrangem todo o fundamento desta ciência. Os estudantes deveriam prestar muita atenção ao exposto. Exerce um efeito mântico quando enunciado como uma afirmação e, se o aspirante o emprega constantemente, com o tempo lhe demonstrará a verdade da formulação de que: “como o homem pensa, assim ele é”.

“Eu sou conhecimento puro. Embora puro, contemplo as ideias apresentadas valendo-me da mente”.

Temos aqui:

1. O *vedor* ou aquele que contempla e considera (do seu ponto de vista divino) este mundo de efeitos, este grande maya da ilusão.

2. A *ideia apresentada*. A ideia que transmite é de que todo tipo de forma que passa diante do espectador, no grande panorama da vida nos três mundos, é “uma ideia-apresentada”, portanto, são pensamentos corporificados de algum tipo e assim devem ser considerados. A tarefa do ocultista é trabalhar com a força subjacente em todas as formas e não tanto com a forma, que nada mais é do que o efeito de alguma causa. Este método de trabalho só pode se desenvolver de maneira gradual. O espectador vai passando paulatinamente das formas e seu verdadeiro significado em seu próprio ambiente imediato e em seu próprio e pequeno mundo, pelas diversas formas do processo mundial, até que o mundo das causas lhe é revelado e o mundo dos efeitos assume uma posição secundária.

Primeiramente percebe as formas nos três mundos. Aos poucos se dá conta daquilo que as originou e do tipo de força que as trouxe à existência. Mais tarde descobre a ideia que elas corporificam e, ao seguir progressivamente a sua trajetória, para adiante ou para trás, até a fonte de origem, entra em contato com as grandes vidas que são a causa da manifestação. Assim sai da esfera da objetividade, dos mundos mental, emocional e físico, e entra no reino da alma ou causa subjetiva desta tríplice manifestação. É o mundo das ideias e, portanto, do conhecimento puro, da razão pura e da mente divina. Posteriormente, em uma etapa muito avançada, ele se põe em contato com a Vida una que sintetiza as muitas vidas, o Propósito uno que fusiona as muitas ideias em um só plano homogêneo.

3. *A mente.* É o instrumento que o vedor emprega para perceber as ideias apresentadas ou formas mentais. Para maior clareza, é preciso ter em conta que as ideias apresentadas se dividem em cinco grupos de formas-pensamento:

a. As formas objetivas tangíveis do mundo físico do viver diário, com as quais o vedor se identificou durante um longo tempo, nas épocas mais primitivas e selvagens da existência humana.

b. Os estados de ânimo, sentimentos e desejos, que adquirem forma no mundo astral, o mundo das emoções.

c. As formas-pensamento em uma infinidade de variações, que enchem o mundo mental.

Por meio das “ideias apresentadas” o vedor passa a conhecer o não-eu.

d. As formas mentais que o homem pode criar quando aprende a controlar seu instrumento mental e é capaz de discriminar entre o mundo ilusório das ideias apresentadas e as realidades que constituem o mundo do espírito.

Por meio deste processo, o homem chega a conhecer a si mesmo. Ao longo da grande experiência de conhecer o não-eu e conhecer a si mesmo, ele usa a mente como meio de investigação, explicação e interpretação, pois os sentidos e todos os seus canais de contato enviam constantemente informações e reações à mente, através do instrumento inferior do cérebro. Tendo alcançado esta etapa, o vedor fica então apto a usar a mente em sentido inverso. Em vez de dirigir a atenção ao não-eu ou ao mundo ilusório de efeitos e estudar a sua própria natureza inferior, pode agora, graças ao controle mental obtido, alcançar a quinta etapa:

e. As ideias apresentadas pelo mundo da vida espiritual, o reino do conhecimento espiritual e o reino de Deus no verdadeiro sentido.

Por este meio, o vedor chega a conhecer a Deus tal qual É e a compreender a natureza do espírito. A mente cumpre então três propósitos:

a. Por meio dela, o vedor contempla o reino das causas, o reino espiritual.

b. Por seu intermédio pode interpretar o mundo das causas em termos do intelecto.

c. Usando-a corretamente, o vedor pode transmitir ao cérebro físico do eu pessoal inferior (reflexo do homem verdadeiro no mundo dos efeitos) o que a alma vê e sabe. Forma-se então e entra em atividade efetiva o seguinte triângulo: o vedor ou homem espiritual, a mente, que constrói seu meio de investigação ou a janela através da qual olha (seja para o mundo dos efeitos, para si mesma ou para o mundo das causas), e o cérebro, a placa receptora, na qual o vedor pode imprimir o seu “conhecimento puro”, usando a mente como intérprete e agente transmissor.

21. Tudo o que é, existe para o bem da alma.

Em sua arrogância, o homem não deve tomar o significado deste aforismo como que tudo o criado existe para ele. O sentido é muito mais amplo. A alma a que se refere é a do Ser supremo, da qual a alma do homem é uma parte infinitesimal. O minúsculo mundo do homem, seu pequeno ambiente e contatos existem para fins da experiência que lhe proporciona e da liberação final que produz; é a causa da sua manifestação e o resultado do seu próprio poder mental. Mas, ao seu redor e o compenetrando, existe um algo maior, do qual ele é parte, e todo o vasto universo

planetário e solar existe para o bem da Vida mais vasta, no corpo da qual ele não é mais do que um átomo. Todo o mundo das formas é produto da atividade mental de alguma vida; todo o universo da matéria é o campo de experiência de alguma existência.

22. Para o homem que alcançou a yoga (ou união), o universo objetivo já não existe. No entanto, continua existindo para aqueles que ainda não se liberaram.

Este aforismo encerra o germe de toda a ciência do pensamento. A premissa fundamenta-se no entendimento de que tudo que observamos são modificações da substância mental e de que o pensador cria o seu próprio mundo, quer seja um Deus ou um homem. Quando o indivíduo, por meio da ciência da yoga (a ciência que se ocupa de “suprimir as atividades do princípio pensante”, ou do controle da mente) exerce pleno poder sobre a mente e a substância mental ou matéria do pensamento, ele é liberado do controle dessas formas, as quais mantêm a maioria dos homens detidos nos três mundos.

Ele se afasta da grande ilusão; os corpos que até então o haviam retido deixam de sujeitá-lo; as grandes correntes de ideias, de pensamentos e de desejos que têm origem nas “modificações do princípio pensante”, dos homens aprisionados nos três mundos, não mais o atraem nem o afetam; as miríades de formas mentais, resultantes destas correntes nos mundos mental, astral e físico, já não o afastam das realidades ou do verdadeiro mundo subjetivo das causas e das emanações de força. Ele não se deixa mais enganar e é capaz de discriminar entre o real e o irreal, o verdadeiro e o falso e entre a vida do espírito e o mundo fenomênico. Fica então sujeito às correntes de pensamento e ao mundo das ideias que emanam de grandes entidades e vidas espirituais e o grande plano do Arquiteto do Universo pode se desdobrar ante ele. Está liberado e emancipado, sujeito apenas às novas condições de vida daqueles que alcançaram a grande unificação. As leis dos três mundos não são substituídas, são transcendidas, porque o maior sempre inclui o menor. Embora, para fins de serviço, o homem possa optar por limitar a si mesmo à vida tridimensional aparente, no entanto penetra à vontade em um mundo de dimensões superiores, sempre que for necessário para a expansão do reino de Deus.

O objetivo da ciência da yoga é revelar ao homem como conquistar esta liberação e libertar a si mesmo. Por isso a tendência dos ensinamentos transmitidos por Patanjali, até este ponto, foi indicar o lugar que o homem ocupa no esquema; mostrar a causa básica da sua inquietação e o impulso em realizar determinada atividade, de um tipo ou de outro; demonstrar a razão da existência do grande mundo dos efeitos e incentivar o aspirante a investigar o mundo das causas e, assim, demonstrar a necessidade de maior desenvolvimento e a natureza dos obstáculos a este desenvolvimento, para que o homem fique pronto a exclamar: “Se assim é, quais são os meios pelos quais efetuar esta união com o real e desvanecer a grande ilusão?” Este Livro Segundo apresenta os oito grandes métodos da yoga, proporcionando-nos um arcabouço claro e conciso dos passos precisos a dar para a necessária regulação da vida física, psíquica e mental.

23. A associação da alma com a mente e, assim, com tudo o que a mente percebe, produz a capacidade de entender a natureza do que é percebido e igualmente do Percebedor.

Este aforismo chama a atenção do estudante sobre a principal qualidade que deve desenvolver: a discriminação. O significado, portanto, é bem claro. Os pares de opostos, espírito e matéria, purusha e prakriti, se associam estreitamente e tal união deve ser reconhecida pela alma, a consciência percebora. Através do processo de fusão das dualidades, a alma, o pensador, passa a compreender a sua própria natureza, a natureza espiritual e a natureza do mundo fenomênico que ele percebe, faz contato e usa. O órgão de percepção é a mente e mais os cinco sentidos e, do ponto de vista da alma, constituem um só instrumento. Durante um longo tempo e no transcurso de muitas encarnações, a alma ou pensador se identifica com este órgão de

percepção e nas primeiras etapas, ao empregá-lo, também se identifica com o que percebe. Considera o corpo fenomênico, o corpo físico que usa, como se fosse ele próprio; como mostram as expressões “estou cansado” ou “estou com fome”. Identifica-se com seu corpo de sentimentos ou desejo, e diz: “estou triste” ou “preciso de dinheiro”, e também com seu veículo mental, considerando que ele “pensa isto ou aquilo”. Destas identificações surgem, em todas as partes, as diferenças teológicas e as diversidades doutrinárias e sectárias e, nesta quinta raça-raiz, em especial nesta quinta sub-raça, essa identificação alcança o ponto máximo. É a era do eu pessoal, não a do Eu espiritual. Esta compreensão da natureza inferior é parte do grande processo evolutivo, mas deve ser seguida da compreensão do polo oposto, o Eu espiritual. Isto é o que empreende a alma que começa a praticar a discriminação, de início teórica e intelectualmente (por isso o grande valor da atual época de críticas, debates e polêmicas, pois é parte do processo discriminador planetário) e, mais tarde, de maneira experimental. Com o tempo, esta discriminação resulta em três coisas:

1. Na compreensão da diferença entre espírito e matéria.
2. Na compreensão da natureza da alma, que é produto desta união e que é o filho, produzido pela união de pai-espírito e mãe-matéria.
3. No desenvolvimento, pelo qual a alma começa a se identificar com o aspecto espiritual e não com o mundo fenomênico das formas. Esta última etapa é grandemente ajudada e acelerada pela prática da Raja Yoga, razão da determinação da Hierarquia de proporcionar esta ciência ao crítico e discriminador Ocidente. É preciso ter em conta que, neste processo unificador, a alma passa por grandes etapas, e que a palavra yoga engloba o desenvolvimento evolutivo da Mônada humana. As etapas são:

1. A união da alma com a forma e sua identificação com o aspecto matéria.
2. A união do homem pensador ou reflexo autoconsciente nos três mundos com o homem espiritual em seu próprio plano.
3. A união do homem espiritual ou pensador divino com seu Pai no Céu, a Mônada ou aspecto espírito. A primeira etapa abrange o período da primeira encarnação até a entrada no Caminho Probacionário. A segunda etapa abrange o período do Caminho Probacionário até a terceira iniciação, no Caminho do Discipulado. A terceira etapa abrange as etapas finais do Caminho de Iniciação.

24. A causa dessa associação é ignorância ou avidya, o que deve ser superado.

A causa da alma se identificar com os órgãos de percepção, com o que esses percebem ou levam à consciência da alma reside na ignorância sobre a verdadeira natureza da alma e no impulso para descobrir a própria natureza e poderes. Quando, por esta ignorância e suas consequências, a alma deixa de encontrar aquilo que está procurando, vem a etapa em que a busca assume uma forma distinta e a própria alma procura a realidade, o que pode ser expresso como:

Identificação com o mundo fenomênico e o uso dos órgãos externos de percepção; abrange o período em que o verdadeiro homem está no que é chamado de Câmara da Ignorância. A saciedade, a inquietação e a busca do conhecimento do eu ou alma caracterizam o período dedicado à Câmara do Conhecimento. A realização, a expansão de consciência e a identificação com o homem espiritual abrangem o período dedicado à Câmara da Sabedoria. Aplicam-se a estas três etapas os termos vida humana, vida mística e vida oculta.

25. Quando a ignorância chega ao fim, devido à não associação com as coisas percebidas, obtém-se a grande liberação.

Durante o processo de encarnação, o vedor, a alma, está submerso na grande ilusão ou maya e é prisioneiro das suas próprias formas e criações mentais e daquelas que existem nos três mundos. Considera a si mesmo como parte do mundo fenomênico. Quando, por meio da experiência e da discriminação, é capaz de discernir entre si mesmo e referidas formas, o processo de liberação pode então ter continuidade e, oportunamente, culminar na grande renúncia, a qual libera o homem dos três mundos de uma vez por todas.

É um processo gradual e não pode ser implementado de uma vez só. Abrange duas etapas:

1. A de provação ou, como expressa em termos cristãos, o Caminho de Purificação.
2. A do discipulado, que também tem duas partes:
 - a. O discipulado em si, ou o treinamento e a disciplina constantes a que a alma, dirigida por seu Guru ou Mestre, submete o eu pessoal inferior.
 - b. A iniciação ou expansões gradativas de consciência pelas quais o discípulo passa, guiado pelo Mestre.

Certas palavras descrevem este processo dual:

- a. Aspiração.
- b. Disciplina.
- c. Purificação.
- d. A prática dos métodos de yoga ou união.
- e. Iniciação.
- f. Realização.
- g. União.

26. O estado de escravidão é superado por meio da discriminação perfeitamente mantida.

Neste ponto serão úteis algumas palavras sobre a discriminação, pois é o primeiro grande método para alcançar a liberação ou emancipação dos três mundos. Como se fundamenta na compreensão da dualidade essencial da natureza e na consideração de que é resultado da união dos dois polos do Todo Absoluto, espírito e matéria, a discriminação de início é uma atitude mental que deve ser diligentemente cultivada. Aceita-se a premissa da dualidade como base lógica para ser trabalhada, e a teoria é testada, no empenho de comprovar a verdade. O aspirante então assume definidamente a posição do polo superior (a do espírito manifestando-se como alma, o regente interno) e procura discriminar, nos acontecimentos diários, entre a forma e a vida, a alma e o corpo, entre o somatório da manifestação inferior (o homem físico, astral e mental) e o verdadeiro eu, causa da manifestação inferior.

Além disso, procura cultivar a consciência do real e a rejeição do irreal nos assuntos da vida diária, e aplica esta atitude a todas as suas relações e assuntos. Pela prática persistente e ininterrupta, habitua-se a discernir entre o eu e o não-eu, a se ocupar das coisas do espírito e não do grande maya ou mundo das formas. De início, a distinção é teórica, em seguida é intelectual, mas, posteriormente, assume maior realidade e penetra nos acontecimentos do mundo emocional e físico. Finalmente, o fato de manter este método faz com que o aspirante penetre em uma dimensão totalmente nova e que se identifique com uma vida e um mundo de ser dissociado dos três mundos do esforço humano.

Quando isto acontece, ele se familiariza com o ambiente e não só conhece a forma, como também a Realidade subjetiva que produz ou causa a existência das formas.

Em seguida, passa a cultivar a próxima grande qualidade, que é o desapaixionamento ou ausência de desejos. O homem é capaz de distinguir entre o real e o verdadeiro, entre a substância e a Vida que a anima, mas, ainda assim, deseja ou quer ir para a existência da forma. Também este desejo deve ser superado para ser possível alcançar a liberação, a emancipação ou liberdade perfeitas. Em um dos antigos comentários dos arquivos da Loja dos Mestres, encontram-se as seguintes palavras:

“Não basta conhecer o caminho nem sentir a força que serve para extrair a vida das formas de maya. Deve ocorrer um impulso grandioso e portentoso, no qual o chela rompe, por um ato e uma palavra de Poder, o sutratma ilusório que o liga à forma. Assim como a aranha recolhe em si mesma o fio pelo qual se aventura por reinos desconhecidos, também o chela se retrai em si mesmo, retirando-se de todas as formas, nos três reinos do ser que até agora o mantinham seduzido”.

O exposto acima merece um exame atento e pode ser vinculado com a ideia contida na seguinte frase ocultista: “Antes que o homem possa percorrer o Caminho, ele deve se tornar o próprio Caminho”.

27. O conhecimento (ou iluminação) conquistado é sétuplo e atingido gradualmente.

Os ensinamentos hinduístas sustentam que os estados de consciência da mente são sete. O sexto sentido e seu uso produzem sete modos de pensar ou, colocando de maneira mais técnica, há sete grandes modificações do princípio pensante, que são:

1. *Desejo de conhecimento.* É o que impulsiona o filho pródigo, a alma, para os três mundos de ilusão, ou (levando a metáfora ainda mais longe) impulsiona a Mônada ou Espírito à encarnação. É este desejo básico que causa toda a experiência.

2. *Desejo de liberdade.* O resultado da experiência e das investigações que a alma realiza em seus inúmeros ciclos de vida é a causa do intenso anseio por uma condição diferente, de um grande desejo de liberação e de se libertar da roda de renascimentos.

3. *Desejo de felicidade.* Trata-se de uma qualidade básica de todos os seres humanos, embora se manifeste de várias maneiras. Baseia-se na faculdade inerente da discriminação e na capacidade profundamente arraigada de contrastar o lar do Pai com a condição presente do filho pródigo. É esta inerente capacidade de “bem-aventurança” ou felicidade que produz a inquietação e o impulso para a mudança e que está por trás do próprio impulso evolutivo. É a causa da atividade e do progresso. O descontentamento com a condição presente se baseia na vaga lembrança de uma época de satisfação e perfeita felicidade, a qual deve ser recuperada para ser possível conhecer a paz.

4. *Desejo de cumprir o próprio dever.* As três primeiras modificações do princípio pensante, com o tempo, levam a humanidade em evolução ao estado em que a motivação da vida vem a ser simplesmente o cumprimento do próprio dharma. A ânsia por conhecimento, liberdade e felicidade levou o homem a um estado de total descontentamento. Nada lhe traz alegria ou paz real. Exauriu a si mesmo na busca do júbilo para si próprio. Começa então a ampliar seu horizonte e a procurar (no grupo ou no ambiente) onde pode encontrar aquilo que está buscando. Ele desperta para o sentido de responsabilidade frente aos demais e começa a buscar a felicidade no cumprimento das suas obrigações em relação aos seus dependentes, familiares, amigos e todos os seus contatos. Esta nova tendência é o início da vida de serviço, que o leva, com o

tempo, à plena compreensão do significado da consciência grupal. Disse H.P.B. que o sentido de responsabilidade é o primeiro sinal de que o ego ou princípio crístico está despertando.

5. *Dor*. Quanto mais refinado for o veículo humano, maior será a resposta do sistema nervoso aos pares de opostos, dor e prazer. À medida que o homem avança e vai subindo na escala de evolução da família humana, a capacidade de ser sensível à dor ou à alegria aumenta muito, o que se torna uma grande verdade no caso de um aspirante e de um discípulo. O senso dos valores se torna tão agudo e seu veículo físico tão sensível, que ele sofre mais do que o homem comum, o que o estimula a prosseguir na busca com mais dedicação. A sua resposta aos contatos externos é cada vez mais rápida, e a sua predisposição à dor, física e emocional, aumenta notavelmente, o que é perceptível na quinta raça, em especial na quinta sub-raça, na crescente frequência de suicídios. A capacidade que a raça tem de sofrer se deve ao desenvolvimento e refinamento do veículo físico e à evolução do corpo sensório ou astral.

6. *Medo*. À medida que o corpo mental se desenvolve e as modificações do princípio pensante se tornam mais rápidas, o medo e suas consequências começam a se manifestar. Não se trata do medo instintivo dos animais e das raças selvagens, fundamentado na resposta do corpo físico às condições do plano físico, mas dos medos da mente, baseados na memória, na imaginação, na capacidade de previsão e no poder de visualizar, os quais são difíceis de superar e que somente o ego ou alma pode dominar.

7. *Dúvida*. Trata-se de uma das modificações mais interessantes, pois se refere mais às causas do que aos efeitos. O homem que duvida pode ser descrito, talvez como duvidando de si mesmo como árbitro do próprio destino, duvida de seus semelhantes no que diz respeito à sua natureza e reações, duvida de que Deus ou causa primeira, como testemunham as controvérsias construídas em torno das religiões e seus expoentes; duvida da própria natureza, o que o impele à constante investigação científica e, por último, duvida da própria mente. Quando começa a questionar a capacidade da mente de explicar, interpretar e compreender, praticamente já esgotou todos os seus recursos nos três mundos.

A tendência desses sete estados mentais, resultantes da experiência do homem na Roda da Vida, é levá-lo ao ponto em que se dá conta de que os processos de viver, sentir e pensar no plano físico nada podem lhe proporcionar nem satisfazer. Chega à etapa a que São Paulo se refere quando diz: “Considero tudo perdido, para poder assim ganhar o Cristo”.

Um instrutor hindu descreveu as sete etapas da iluminação da seguinte maneira:

1. A etapa em que o chela se dá conta de que percorreu toda a gama de experiência da vida nos três mundos e pode dizer: “Conheço tudo que há para conhecer. Nada mais resta por conhecer”. O seu lugar na escala evolutiva lhe é revelado e ele sabe o que tem de fazer. Diz respeito à primeira modificação do princípio pensante, o desejo de conhecimento.

2. A etapa em que se libera de toda limitação conhecida e pode dizer: “Eu me libertei de todos os grilhões”. É uma etapa longa, mas o resultado é a liberdade, e diz respeito à segunda das modificações tratadas acima.

3. A etapa em que a consciência transcende totalmente a personalidade inferior e se converte na verdadeira consciência espiritual, centrada no homem real, o ego ou alma, atraindo a consciência da natureza crística, que é amor, paz e verdade. Agora pode dizer: “Alcansei a minha meta. Nada mais me atrai nos três mundos”. O desejo de felicidade foi satisfeito. Transcendeu a terceira modificação.

4. A etapa em que ele pode dizer com toda veracidade: “Cumprí meu dharma e executei todas as minhas obrigações”. Ele esgotou seu carma e cumpriu a lei, convertendo-se em Mestre e apto a professar a lei. Esta etapa se refere à quarta modificação.

5. A etapa em que alcança o pleno controle da mente e é possível dizer: “Minha mente está em repouso”. Somente então, conhecendo o pleno repouso, é possível reconhecer a verdadeira contemplação e o samadhi mais elevado. A glória da iluminação recebida dissipa a dor, a quinta modificação. Os pares de opostos deixam de lutar.

6. A etapa em que o chela se dá conta de que a matéria ou forma não exerce mais poder sobre ele. Pode então dizer: “Os gunas ou qualidades da matéria, nos três mundos, já não me atraem nem recebem resposta de minha parte”. Portanto, o medo foi eliminado, porque nada há no discípulo que atraia o mal, a morte ou a dor. Assim a sexta modificação é superada e substituída pela compreensão da verdadeira natureza da divindade e da absoluta e perfeita felicidade.

7. A sétima e final etapa é a plena realização do ser. O iniciado pode dizer, com pleno conhecimento consciente: “Eu Sou Esse Eu Sou”, e conhece a si mesmo como uno com o Oni-eu. A dúvida não mais domina. A plena luz do dia ou total iluminação acontece, inundando todo o ser do vedor.

São estas as sete etapas do Caminho, as sete estações da cruz, como diz o cristão, as sete grandes iniciações e os sete caminhos para a beatitude. Agora o “Caminho dos justos brilha cada vez mais até o dia da perfeição”.

OS OITO MÉTODOS

28. Com os métodos da yoga praticados com constância e a impureza superada, sobrevém o saber, que leva à plena iluminação.

Chegamos agora à parte prática do livro, na qual são dadas instruções sobre o método a seguir para alcançar a yoga, a plena união ou unificação. O trabalho pode ser considerado dual.

1. A prática dos métodos corretos pelos quais alcançar a união.
2. A disciplina do tríplice homem inferior, a fim de eliminar toda impureza dos três corpos.

A aplicação persistente a este trabalho dual produz dois resultados correspondentes, dependendo cada um da sua causa:

1. A *discriminação* se torna possível. A prática dos métodos leva o aspirante à compreensão científica da diferença que existe entre o eu e o não-eu, entre espírito e matéria. Esse conhecimento deixa de ser teórico e alvo de aspiração, torna-se uma realidade na experiência do discípulo, na qual ele baseará todas as atividades subsequentes.

2. O *discernimento* tem lugar. À medida que o processo de purificação avança, as envolturas ou corpos que velam a realidade se sutilizam e deixam de atuar como véus espessos que ocultam a alma e o mundo onde ela normalmente atua. O aspirante se dá conta de uma parte de si mesmo que, até então, estava oculta e desconhecida. Ele aborda o coração do mistério de si mesmo e se aproxima do “Anjo da Presença”, que só pode ser realmente visto no momento da iniciação. Ele discerne um novo fator e um novo mundo e procura internalizá-los na experiência consciente no plano físico.

Observemos que as duas causas da revelação, a prática dos oito métodos da yoga e a purificação da vida nos três mundos, têm a ver com o homem do ponto de vista dos três mundos e produzem (em seu cérebro físico) o poder de discriminar entre o real e o irreal e de discernir sobre as coisas do espírito. Produzem também certas mudanças nas condições existentes dentro da cabeça, reorganizam os ares vitais e atuam diretamente sobre a glândula pineal e o corpo pituitário. Quando

1. a prática,
2. a purificação,
3. a discriminação,
4. o discernimento

fizerem parte da vida do homem no plano físico, então o homem espiritual, o ego ou pensador, em seu próprio plano, desempenha o seu papel no processo liberador e as duas etapas finais são implementadas de cima para baixo. Este sêxtuplo processo é a analogia, no Caminho do Discipulado, do processo de individualização, por meio do qual o homem-animal, o quaternário inferior (físico, etérico, astral e mental inferior) recebeu esta dupla expressão de espírito, atma-budi, vontade espiritual e amor espiritual, que o completaram e fizeram dele um verdadeiro homem. As duas etapas de desenvolvimento induzidas pelo ego, no aspirante purificado e diligente, são:

1. *Clareza*. A luz na cabeça, que de início é apenas uma chispa, converte-se em uma chama que ilumina todas as coisas, sendo constantemente nutrida de cima. É um processo gradual (consulte o aforismo anterior) e depende da prática persistente, da meditação e do serviço ativo.

2. *Iluminação*. A descida da energia ígnea, que cada vez aumenta mais, intensifica constantemente a “luz na cabeça” ou o brilho no cérebro, na região em torno da glândula pineal. Para o pequeno sistema do tríptico homem em manifestação física, isto é o mesmo que o sol físico para o sistema solar. Com o tempo, a luz se torna um fulgor de glória e o homem se transforma em um “filho da luz” ou em um “sol de retidão”. Assim foram o Buda, o Cristo e todos os grandes Seres que alcançaram a meta.

29. Os oito métodos da yoga são: os mandamentos ou yamas, as regras ou nijamas, a postura ou asana, o correto controle da força vital ou pranayama, a abstração ou pratyahara, a atenção ou dharana, a meditação ou dhyana e a contemplação ou samadhi.

Observe-se que estes métodos ou práticas são aparentemente simples, mas é preciso ter muito em conta que não se referem a algo que se deve realizar em um ou outro plano, em determinado corpo, mas à atividade e prática simultâneas desses métodos nos três corpos ao mesmo tempo, de modo que todo o tríptico homem inferior pratique os métodos que se referem aos veículos físico, astral e mental. Esse ponto é muitas vezes esquecido. Portanto, ao estudar os diversos métodos da yoga ou união, devemos considerá-los na medida em que se aplicam ao homem físico, em seguida ao homem emocional e depois ao homem mental. Por exemplo, o iogue deve compreender o significado da respiração ou da postura correta, posto que se relacionam ao tríptico homem inferior, alinhado e coordenado, mantendo presente que só quando o homem inferior é um instrumento coerente e rítmico, o ego tem a possibilidade de aclará-lo e iluminá-lo. A prática de exercícios respiratórios, por exemplo, muitas vezes levou o aspirante a se concentrar no mecanismo físico de respiração, excluindo a prática análoga do controle rítmico da vida emocional.

Antes de passarmos à consideração de cada um dos métodos da yoga será útil enumerá-los cuidadosamente, dando os sinônimos quando possível.

Primeiro Método

Os Mandamentos. Yamas. Autocontrole ou contenção. Coibição. Abstenção de atos errados. São cinco e se referem à relação do discípulo (ou chela) com seus semelhantes e com o mundo externo.

Segundo Método

As Regras. Nijamas. Correta observância. Também são cinco e muitas vezes denominadas de “observâncias religiosas”, porque se referem à vida interna do discípulo e ao vínculo, o sutratma ou fio que o relaciona com Deus ou Pai no Céu. Ambos, os cinco Mandamentos e as cinco Regras, são a analogia hindu dos dez Mandamentos da Bíblia e cobrem a vida diária do aspirante, na medida que afeta aqueles que o rodeiam e as suas próprias reações internas.

Terceiro Método

Postura. Asana. Correto autodomínio. Correta atitude. Posição. Este terceiro método diz respeito à atitude física do discípulo durante a meditação, à atitude emocional frente ao ambiente ou seu grupo e à atitude mental com relação às ideias, correntes de pensamento e conceitos abstratos. Finalmente, a prática deste método coordena e aperfeiçoa o tríptico homem inferior, de modo que as três envolturas possam formar um canal perfeito para a expressão ou manifestação da vida do espírito.

Quarto Método

Correto controle da força vital. Pranayama. Supressão da respiração. Regulação da respiração. Refere-se ao controle, à regulação e à supressão dos ares vitais, da respiração e das forças ou shaktis do corpo. Na realidade, leva à organização do corpo vital ou corpo etérico, de maneira que as correntes ou forças de vida, que emanam do ego ou homem espiritual em seu próprio plano, possam ser transmitidas corretamente ao homem físico em manifestação objetiva.

Quinto Método

Abstração. Pratyahara. Correta retirada. Coibição. Retirada dos sentidos. Com este método, nos colocamos por trás dos corpos físico e etérico, no corpo emocional, sede dos desejos, da percepção sensória e do sentimento. Nesta altura podemos observar o método ordenado que é seguido na prática da yoga ou união. A atenção se volta para a vida interna e externa do plano físico; cultiva-se a correta atitude frente à tríptica manifestação da vida; o corpo etérico é organizado e controlado e o corpo astral é reorientado, pois a natureza de desejos é subjugada e o homem real vai se retirando gradualmente de todos os contatos dos sentidos. Os dois métodos seguintes dizem respeito ao corpo mental e, o último, ao homem real ou pensador.

Sexto Método

Atenção. Dharana. Concentração. Estabilidade da mente. Com este método o instrumento do Pensador, o Homem Real, é posto sob seu controle. O sexto sentido é coordenado, compreendido, enfocado e utilizado.

Sétimo Método

Meditação. Dhyana. A capacidade do pensador de usar a mente como desejar e de transmitir ao cérebro pensamentos elevados, ideias abstratas e conceitos idealísticos. Este método diz respeito à mente superior e à inferior.

Contemplação. Samadhi. Diz respeito ao ego ou homem real e concerne ao reino da alma. O homem espiritual contempla, estuda e medita sobre o mundo das causas e sobre as “coisas de Deus”. Em seguida, utilizando o seu instrumento controlado, a mente (controlada pela prática da concentração e da meditação) transmite ao cérebro físico, através do sutratma ou fio que atravessa as três envolturas e chega ao cérebro, o que a alma sabe, vê e compreende. Assim produz a plena iluminação.

PRIMEIRO MÉTODO. OS MANDAMENTOS

30. Os yamas ou os cinco mandamentos são inofensividade, veracidade, não furtar, continência, não ser avaro.

Os cinco mandamentos são simples e claros; no entanto, se praticados, fariam um homem perfeito em suas relações com os demais, com os super-homens e com os reinos subumanos. O primeiro mandamento em si, inofensividade, é na realidade um resumo dos outros. Esses mandamentos são muito completos e cobrem a natureza tríplice. Ao estudar esses métodos observaremos a relação deles com determinada parte da tríplice manifestação inferior do ego.

I. Natureza física.

1. *Inofensividade.* Compreende os atos físicos do homem com relação a todas as formas da manifestação divina e diz respeito especificamente à sua natureza *força* ou à energia que expressa através das atividades que empreende no plano físico. Não lesa nem prejudica ninguém.

2. *Veracidade.* Diz respeito principalmente ao uso da fala e dos órgãos do som e se refere à “verdade no seu elemento mais profundo”, de maneira a possibilitar a externalidade da verdade. É um tema muito amplo, que trata da formulação das convicções do homem com relação a Deus, às pessoas, às coisas e às formas, por meio da língua e da voz. “Luz no Caminho” cobre este tópico no aforismo: “Antes que a voz possa falar na presença do Mestre deve ter perdido o poder de ferir”.

3. *Não furtar.* O discípulo é preciso e correto em todos os seus assuntos e não se apropria de nada que não lhe pertence. Trata-se de um amplo conceito, que abrange mais do que o mero fato de se apropriar fisicamente das posses de outro.

II. Natureza Astral.

4. *Continência.* É literalmente a ausência de desejos e rege a exteriorização das tendências para o que não é o eu, cuja expressão no plano físico é a relação entre os sexos. É preciso lembrar, porém, que para o estudante ocultista, esta expressão é considerada apenas como uma forma que o impulso para a exteriorização adota, forma essa que associa estreitamente um homem com o reino animal. Todo impulso que diz respeito às formas e ao homem real e tende a vinculá-lo a uma forma e ao plano físico é considerado como um tipo de incontinência. Há uma incontinência no plano físico que o discípulo deve ter deixado para trás há muito tempo. Mas há também muitas tendências para a busca do prazer, com a consequente satisfação da natureza do desejo e isto, para o verdadeiro aspirante, é igualmente conceituado como incontinência.

III. Natureza mental.

5. *Não ser avaro.* Diz respeito ao pecado da ganância que é, literalmente, furto no plano mental. O pecado da avareza pode levar a diversos pecados no plano físico, e é muito potente. Tem a ver com força mental e é um termo genérico que abrange os fortes anelos oriundos não só do corpo emocional ou kâmico (desejo), como também do corpo mental. Este mandamento é tratado por São Paulo, quando diz: “Aprendi a me manter contente em qualquer estado em que me encontre”. Este estado deve ser alcançado para ser possível aquietar a mente, de tal maneira que os assuntos da alma possam encontrar uma entrada.

31. Os yamas (ou os cinco mandamentos) constituem o dever universal, independente de raça, lugar, espaço de tempo ou ocorrência.

Este aforismo deixa bem patente a universalidade de determinados requisitos e o estudo desses cinco mandamentos, que compõem a base do que o budista chama de “correta conduta”, demonstrará que são a base de toda a verdadeira lei e que descumpri-la constitui ato ilícito. A palavra traduzida como “dever” ou “obrigação” poderia ser expressa pelo abrangente termo *darma*, no que diz respeito aos outros. Darma significa literalmente o cumprimento adequado das próprias obrigações (ou carma) no lugar, nas circunstâncias e no ambiente em que o destino colocou o indivíduo. É necessário observar certos fatores que regem a conduta e não permitir nenhuma tolerância nestes aspectos, independente da nacionalidade, localidade, idade ou qualquer ocorrência que possa surgir. São estas as cinco leis imutáveis que regem a conduta humana e, quando todos os filhos dos homens as cumprirem, será entendido o pleno significado da expressão: “paz para todos os seres”.

SEGUNDO MÉTODO. AS REGRAS

32. Os nijamas (ou as cinco regras) são purificação interna e externa, contentamento, ardente aspiração, leitura espiritual e devoção a Ishvara.

Como dito acima, as cinco regras regem a vida do ser inferior pessoal e formam a base do caráter. O verdadeiro guru ou instrutor não consente ao aspirante as práticas de yoga que tanto interessam ao pensador ou aspirante ocidental e o atraem em razão da aparente simplicidade e da valiosa recompensa (como o desenvolvimento psíquico) até que os yamas e nijamas estejam estabelecidos como fatores regentes da vida diária do discípulo. Primeiro é preciso cumprir os mandamentos e as regras; quando a conduta externa do aspirante frente aos semelhantes e a disciplina interna da vida estiverem de acordo com esses requisitos, é possível dar continuidade às formas e rituais da yoga prática de maneira segura, mas não antes disso.

O descumprimento deste requisito é o que gera muitos dos transtornos entre os estudantes ocidentais da yoga. Não há melhor alicerce para o trabalho do ocultismo oriental do que a rigorosa adesão aos requisitos formulados pelo Mestre dos Mestres no *Sermão da Montanha*. O cristão autodisciplinado, dedicado a uma vida pura e ao serviço altruísta, pode empreender a prática da yoga com muito mais segurança do que seu irmão mundano e egoísta, embora intelectual. Ele não estará sujeito aos mesmos riscos que o seu irmão despreparado.

As palavras “*purificação interna e externa*” se referem às três envolturas que velam o eu, e devem ser interpretadas em sentido dual. Cada envoltura tem sua forma mais densa e tangível que deve ser mantida limpa; há uma lógica de que os corpos mental e astral podem ser mantidos limpos das impurezas que provêm do ambiente, tal como o físico deve ser mantido limpo de impurezas similares. Também as matérias mais sutis desses corpos devem ser mantidas limpas, o que é a base do estudo da pureza magnética e que no Oriente é causa de tantas observâncias, aparentemente inexplicáveis para o ocidental. Por exemplo, a sombra de um estranho projetada

sobre o alimento produz condições de impureza; deve-se à crença de que determinados tipos de emanção de força produzem condições impuras e que embora os métodos de neutralizá-las possam parecer rituais destituídos de valor, a ideia por trás da observância permanece válida. Sabe-se tão pouco sobre as emanções de força do ser humano ou que atuam sobre o mecanismo humano, que o que poderíamos chamar de “purificação científica” ainda está na infância.

O *contentamento* é gerador das condições em que a mente se mantém livre de aborrecimentos; baseia-se no reconhecimento das leis que regem a vida e, sobretudo, da lei do carma. Acarreta o estado mental em que todas as condições são consideradas corretas e justas, sob as quais o aspirante pode trabalhar melhor os seus problemas e alcançar a meta específica de determinada vida. Isto não implica em acomodação nem em submissão que produzem inércia, mas no reconhecimento das habilidades e recursos, no aproveitamento das oportunidades presentes e em permitir que se convertam em qualificações e base para todo progresso futuro. Isto feito corretamente, as três regras restantes serão cumpridas com mais facilidade.

A *ardente aspiração* será tratada mais a fundo no Livro Terceiro, mas caberia assinalar que esta qualidade de “avançar” para o ideal ou de se esforçar pelo objetivo deve ser tão profunda no aspirante à yoga, que nenhuma dificuldade possa fazer com que ele retroceda. Somente com esta qualidade desenvolvida e submetida à prova e quando nenhum problema, nenhuma sombra nem o fator tempo puderem obstruir, o homem terá permissão de se tornar discípulo de um Mestre. Ardente esforço, anseio persistente e perene lealdade ao ideal visualizado são as condições *sine qua non* do discipulado. Estas características devem existir nos três corpos, e levam à constante disciplina do veículo físico, à firme orientação da natureza emocional e a uma atitude mental que permite ao homem “considerar perdidas todas as coisas”, se quer realmente alcançar a sua meta.

A *leitura espiritual* diz respeito ao desenvolvimento do sentido das realidades subjetivas e é nutrida pelo estudo, conforme entendido no sentido físico, e pelo empenho em chegar aos pensamentos que as palavras expressam. Desenvolve-se pelo minucioso exame das causas subjacentes a todos os desejos, aspirações e sentimentos, sendo relacionada, portanto, ao plano astral ou de desejo. Refere-se à leitura de símbolos ou formas geométricas que animam uma ideia ou pensamento, o que diz respeito ao plano mental. Será tratada mais adiante no Livro Terceiro.

Devoção a Ishvara. Em poucas palavras é a atitude do tríplice eu inferior demonstrada como serviço ao ego, o regente interno, Deus ou Cristo interno. Esta devoção será tríplice em sua manifestação e levará o eu pessoal inferior a uma vida de obediência ao Mestre no coração. Oportunamente, guiará o aspirante ao grupo de algum adepto ou instrutor espiritual, levando-o também ao serviço consagrado a Ishvara, o Eu divino que mora no coração de todos os homens e subjaz em todas as formas da manifestação divina.

33. Quando pensamentos contrários à yoga estão presentes, é preciso cultivar seus opostos.

A tradução de Johnston dá a mesma ideia em belas palavras e expõe o método com clareza. Diz ele:

“Quando as transgressões atravancam, o peso da imaginação deve ser lançado no lado oposto”.

Toda a ciência de equilibrar os pares de opostos está contida nestas duas traduções; uma não é completa sem a outra. Muitas vezes é difícil traduzir os antigos termos sânscritos em uma só

palavra ou frase, pois nessa língua uma palavra representa toda uma ideia e precisará de várias frases para transmitir o verdadeiro significado nos limitados idiomas ocidentais.

Nesse aforismo estão compreendidos certos conceitos básicos, os quais, para maior clareza, podemos esquematizar como segue:

1. Como o homem pensa, assim ele é. O que se manifesta na objetividade física é sempre um pensamento e, conforme seja ele ou a ideia, assim será a forma e o propósito na vida.
2. Os pensamentos são de dois tipos: os que tendem à construção de formas, à limitação e à expressão no plano físico e os que tendem a repelir os três planos inferiores e, portanto, o aspecto forma tal como o conhecemos nos três mundos e a levar à união (yoga ou unificação) com a alma ou aspecto crístico.
3. Quando se descobre que os pensamentos habitualmente cultivados produzem reações e resultados astrais e físicos, é preciso entender que eles são contrários à yoga, pois obstam o processo unificador.
4. É preciso cultivar pensamentos contrários a eles; esses podem ser apurados facilmente, porque são os opostos diretos dos pensamentos inibidores.
5. O cultivo de pensamentos que tendem à yoga e levam o homem ao conhecimento de seu eu real e à consequente união com esse eu, envolve um tríplice processo:
 - a. Um novo conceito mental, formulado com clareza e considerado contrário à antiga corrente de pensamento deve ser determinado e analisado.
 - b. Segue-se o uso da imaginação, a fim de levar o pensamento à manifestação, o que leva ao aspecto desejo e, portanto, afeta o corpo astral ou emocional.
 - c. Vem em seguida a visualização definida do efeito do que foi pensado e imaginado, e como se manifestará na vida do plano físico.

Como se descobrirá, isso gera energia. Vale dizer que o corpo etérico é vitalizado ou energizado, graças às novas correntes de pensamentos, e que ocorrem certas transformações e reorganizações que, oportunamente, mudarão por completo as atividades do homem no plano físico. Com esse cultivo constante, ocorre toda uma transformação no tríplice homem inferior e, em certo momento, fica evidente a verdade da frase cristã: “só Cristo é visto e ouvido”, somente o homem real ou espiritual é visto em plena expressão por meio de um instrumento físico, tal como fez o Cristo através do seu instrumento e discípulo, Jesus.

34. Os pensamentos contrários à yoga são: nocividade, falsidade, furto, incontinência e avareza, sejam cometidos pessoalmente, fazendo que outros os cometam ou aprovelem, sejam decorrentes da avareza, da raiva ou da delusão (ignorância), sejam veniais, capitais ou mortais. Resultam sempre em dor intensa e ignorância. Por esta razão, os pensamentos opostos devem ser cultivados.

Observe-se que os cinco mandamentos tratam especificamente dos “pensamentos contrários à yoga” ou união e que, ao serem cumpridos, viabilizarão:

- a. Inofensividade em vez de nocividade.
- b. Verdade, em vez de falsidade.
- c. Não furtar, em vez de furtar.

- d. Autocontrole, em vez de incontinência.
- e. Contentamento, em vez de avareza ou ganância.

Não há desculpas para o aspirante e lhe é esclarecida a verdade de que a transgressão aos mandamentos, seja ela pequena ou grande, produz também resultados. Um “pensamento contrário” deve produzir efeito, o qual é dual: dor e ignorância ou ilusão. Há três palavras que o estudante do ocultismo sempre associa com os três mundos:

1. *Maya ou ilusão*, com referência ao mundo das formas no qual o verdadeiro eu se encontra durante a encarnação, e com o qual, por falta de conhecimento, se identifica durante longos éons.
2. *Engano*, o processo de identificação errada, em que o eu engana a si mesmo e diz: “Eu sou a forma”.
3. *Ignorância ou avidya*, resultado e, ao mesmo tempo, causa desta identificação errada.

O eu é revestido pela forma; é enganado no mundo da ilusão. No entanto, cada vez que mantém “pensamentos contrários à yoga” de maneira plenamente consciente, o eu se submerge ainda mais no mundo ilusório e faz aumentar o véu da ignorância. Cada vez que o “peso da imaginação” é lançado para o lado da natureza real do eu e se desvia do mundo do não-eu, a ilusão diminui, o engano se desvanece e o conhecimento gradualmente substitui a ignorância.

35. Frente a quem aperfeiçoou a inofensividade, cessa toda hostilidade.

Este aforismo demonstra para nós a atuação de uma grande lei. No Livro IV, Af. 17, Patanjali nos diz que a percepção de uma característica, de uma qualidade e de uma forma objetiva depende de que o percebedor possua características, qualidades e capacidades objetivas similares. Esta similitude é a base da percepção. A mesma verdade é assinalada na Primeira Epístola de São João, nas palavras: “Seremos como Ele, porque O veremos como Ele é”. Só é possível estabelecer contato com o que já está presente ou parcialmente presente na consciência do percebedor. Portanto, se há inimizade e ódio no percebedor, é porque há nele sementes de inimizade e ódio. Quando ausentes, nada mais há do que unidade e harmonia. Este é o primeiro passo para o amor universal, o esforço prático do aspirante para se tornar uno com todos os seres. Ele começa em si mesmo e procura erradicar da própria natureza todas as sementes da nocividade. Ocupa-se, assim, da causa que produz a inimizade em relação a ele e aos demais. O resultado natural é que desfruta de paz, e os demais ficam em paz com ele. Em sua presença, até as feras selvagens ficam impotentes, em virtude da condição mental do aspirante ou iogue.

36. Em quem a verdade frente a todos os seres está aperfeiçoada, observa-se de imediato o efeito das suas palavras e atos.

A questão da verdade é um dos grandes problemas que o aspirante tem que resolver; aquele que procurar falar apenas o que é estritamente exato enfrentará dificuldades bem definidas. A verdade é totalmente relativa no curso da evolução e progressiva em sua manifestação. Poderia ser definida como a demonstração, no plano físico, da medida de realidade divina que a etapa de evolução e o meio empregado permitem expressar. A verdade, portanto, implica na capacidade do percebedor ou aspirante de ver corretamente a medida de divindade que reveste determinada forma (tangível, objetiva ou verbal). Implica, portanto, na capacidade de penetrar até o subjetivo e de estabelecer contato com o que toda forma reveste, além da habilidade do aspirante de construir uma forma (tangível, objetiva ou verbal) que expresse a verdade tal qual é. Na realidade, são as duas primeiras etapas do grande processo criador:

1. correta percepção,
2. exata construção,

que levam à consumação de que trata o aforismo em consideração, ou seja, a eficácia de palavras e atos em expressar a realidade ou a verdade tal qual é. Este aforismo é a chave do trabalho do mago e a base da grande ciência dos mantras ou palavras de poder, que constituem o instrumental de todo adepto.

Pela compreensão de:

- a. lei de vibração,
- b. ciência do som,
- c. propósito da evolução,
- d. etapa cíclica atual,
- e. natureza da forma,
- f. manipulação da substância atômica,

o adepto não só vê a verdade em todas as coisas, como também compreende como tornar a verdade visível, desta maneira ajudando o processo evolucionário e “projetando imagens na tela do tempo”. Faz isto por meio de certas palavras e atos. No aspirante, o desenvolvimento desta capacidade se realiza mediante o constante esforço de cumprir os seguintes requisitos:

1. Estrita atenção a cada formulação das palavras que emprega.
2. Sábio emprego do silêncio como fator de serviço.
3. Estudo constante das causas subjacentes a cada ato, a fim de compreender a razão da eficácia ou ineficácia da ação.
4. Esforço constante para ver a realidade em todas as formas. Implica, literalmente, no estudo da lei de causa e efeito ou carma; o objetivo da lei cármica é pôr o polo oposto do Espírito, a matéria, em estrita concordância com os requisitos do espírito, a fim de que a matéria e a forma possam expressar perfeitamente a natureza do espírito.

37. Quando o não furtar está aperfeiçoado, o iogue pode ter tudo que desejar.

Aqui temos a chave da grande lei da oferta e procura. Quando o aspirante aprende a não desejar nada para o eu separado, é possível lhe confiar as riquezas do universo; quando nada exige para a natureza inferior, nem nada reivindica para o tríplice homem físico, tudo que deseja lhe chega, sem que tenha de pedir ou reivindicar. Em algumas traduções isto é expresso da seguinte maneira: “todas as joias são dele”.

É preciso lembrar com cuidado que o furto em questão não se refere apenas a se abster de subtrair coisas tangíveis e físicas, mas também à abstenção de furtar nos planos emocional e mental. O aspirante não pega nada; não reclama para si benefícios emocionais, como amor e simpatia, antipatia ou ódio, nem os absorve quando não lhe pertencem; repudia todo benefício intelectual, não reivindica uma reputação injustificada; não assume o dever, a preferência ou a popularidade de outro e se adere estritamente ao que lhe cabe. O mandado oriental é: “que todo homem se aplique ao próprio darma” e cumpra a sua parte. “Cuide da sua própria vida” é a forma ocidental de ensinar a mesma verdade e transmitir o mandado de que não devemos roubar dos outros a oportunidade de fazer o que é certo, de estar à altura da responsabilidade e de cumprir com o próprio dever. É esta a verdadeira abstenção de furtar, que levará o homem a desempenhar perfeitamente as próprias obrigações, assumir as suas responsabilidades e a

cumprir os seus deveres. Assim deixará de se apropriar de qualquer coisa que pertença ao seu irmão nos três mundos do esforço humano.

38. Pela prática da continência, adquire-se energia.

De maneira geral, a incontinência é considerada como dissipação da vitalidade ou virilidade da natureza animal. O poder de criar no plano físico e de perpetuar a espécie é o ato físico mais elevado de que o homem é capaz. A dissipação dos poderes vitais através de uma vida libertina e da incontinência é o grande pecado contra o corpo físico. Indica que não há reconhecimento da importância do ato procriador, incapacidade de resistir aos desejos e prazeres inferiores e perda do autocontrole. Os resultados deste fracasso estão visíveis na família humana, na pouca saúde, nos hospitais repletos e nos homens, mulheres e crianças enfermiços, debilitados e anêmicos, que vemos por todo lado. Há pouca conservação da energia, e as próprias palavras “dissipação” e “homens dissipados” contêm uma lição.

A primeira coisa que um discípulo deve fazer é aprender sobre a verdadeira natureza da criação e a conservar a energia. Não é o celibato que se impõe, mas sim o autocontrole. No ciclo de vidas relativamente curto em que o aspirante se prepara para percorrer o caminho, possivelmente haverá uma vida, ou talvez várias, em que terá de se abster do ato de procriação, para aprender o total autocontrole e para demonstrar que subjugou completamente a natureza sexual inferior. O correto uso do princípio do sexo, ao lado da conformidade à lei vigente no país, caracteriza o verdadeiro aspirante.

Independente da consideração deste tema em relação à conservação de energia, há outro ângulo a partir do qual o aspirante aborda o problema, e é a transmutação do princípio vital (como se mostra através do organismo físico) em sua expressão dinâmica quando se manifesta por meio do órgão do som, ou criação, mediante a palavra, o trabalho do verdadeiro mago. Como bem sabem todos os estudantes do ocultismo, há uma estreita conexão entre os órgãos de procriação e o terceiro centro maior, o laríngeo, o que fica aparente fisiologicamente na mudança produzida na voz durante o período da adolescência. Mediante a verdadeira conservação da energia e a continência, o iogue se torna um criador no plano mental, pelo uso da palavra e do som; assim, a energia que seria dissipada pela atividade do centro inferior se concentra e se transmuta no grande trabalho criador do mago. Isto se processa mediante a continência, o viver puro e o pensar limpo, não por quaisquer das perversões da verdade ocultista, como a magia sexual e as monstruosas perversões sexuais praticadas por certas escolas pseudo-ocultistas. Elas estão no caminho da escuridão e não levam ao portal da iniciação.

39. Quando a abstenção de avareza é perfeita, chega-se à compreensão da lei do renascimento.

Este aforismo expõe de maneira inequívoca o grande ensinamento de que é o desejo de adotar algum tipo de forma que leva o espírito a encarnar. Quando a ausência de desejos está presente, os três mundos deixam de reter o iogue. Forjamos as nossas cadeias na fornalha do desejo e das diversas ânsias por experiência e por vida na forma.

Com o cultivo e a presença do contentamento, tais cadeias se rompem gradualmente e não se criam outras. À medida que nos desembaraçamos do mundo da ilusão, a nossa visão clareia e, paulatinamente, as leis do ser e da existência ficam visíveis para nós e, pouco a pouco, compreensíveis. Temos a resposta para o *como* e o *porquê* da vida. A razão e o método da existência no plano físico deixam de ser um problema e o iogue compreende a razão da vivência do passado e quais são as suas características; entende a razão do presente ciclo de vida e experiência e é capaz de fazer aplicação prática da lei todos os dias e sabe muito bem o que tem

de fazer para o futuro. Desta maneira libera a si mesmo, não deseja nada dos três mundos e se reorienta para as condições do mundo do ser espiritual.

Nestas qualidades temos o cumprimento dos cinco mandamentos.

40. A purificação interna e externa produz aversão à forma, tanto à própria como a todas as formas.

A paráfrase do Af. 40 não coincide com a tradução técnica das palavras sânscritas, devido ao mal-entendido das palavras usadas. A tradução, literalmente, é: “a purificação interna e externa produz ódio contra o próprio corpo e não intercâmbio com outros corpos”. A tendência dos estudantes ocidentais de interpretar literalmente pede uma tradução mais livre. O estudante oriental, mais versado na apresentação simbólica da verdade já não é tão propenso a se equivocar neste sentido. Ao considerarmos este aforismo, devemos ter presente que a pureza é uma qualidade do espírito.

A purificação é, necessariamente, de vários tipos, e se refere aos quatro veículos (os corpos físico, etérico, emocional e mental) por meio dos quais o homem se põe em contato com os três mundos do seu esforço. Podemos, portanto, diferenciá-los como segue:

a. Pureza externa	veículo físico	corpo denso.
b. Pureza magnética	veículo etérico	pureza interna.
c. Pureza psíquica	veículo astral	pureza emocional.
d. Pureza mental	veículo mental	pureza da mente concreta.

É necessário ter em conta, cuidadosamente, que esta pureza diz respeito à substância da qual cada um dos veículos é composto, e que é alcançada de três maneiras:

1. Pela eliminação da substância impura ou dos átomos e moléculas que limitam a livre expressão do espírito e que o confina na forma, não tendo ele nem entrada nem saída livres.
2. Pela assimilação dos átomos e moléculas que tenderão a prover uma forma pela qual o espírito possa atuar adequadamente.
3. Pela proteção da forma purificada contra contaminação e deterioração.

No Caminho de Purificação ou de Provação tem início o processo de eliminação; no Caminho do Discipulado são aprendidas as regras do processo de construção ou assimilação e, no Caminho de Iniciação (após a segunda iniciação) começa o trabalho de proteção.

No Ocidente, as regras de purificação externa, de sanidade e de higiene são bem conhecidas e amplamente praticadas. O Oriente conhece melhor as regras de purificação magnética. Quando os dois sistemas se sintetizarem e se reconhecerem mutuamente, a envoltura física, em sua natureza dual, atingirá, afinal, um alto grau de refinamento.

No presente ciclo, porém, o interesse da Hierarquia está centrado, em grande parte, no problema da pureza psíquica, razão pela qual se desenvolve atualmente a tendência ao ensinamento ocultista. Está longe do que se entende em geral por desenvolvimento psíquico, não enfatiza os poderes psíquicos inferiores e procura treinar o aspirante nas leis da vida espiritual. Resulta na compreensão da natureza da psique ou alma e no controle da natureza psíquica inferior. O grande “impulso” do esforço hierárquico para este século, de 1926 a 2026, será feito nesta direção, ao lado da difusão das leis do pensamento. Daí a necessidade de divulgar os ensinamentos contidos nos Aforismos da Yoga, pois eles dão as regras para o controle mental,

mas, ao mesmo tempo, tratam extensamente da natureza dos poderes psíquicos e do desenvolvimento da consciência psíquica.

O Livro Terceiro trata desses poderes; seria possível dizer brevemente que todo o tema dos aforismos consiste em desenvolver o controle da mente, com o propósito de estabelecer contato com a alma e obter o consequente controle dos poderes psíquicos inferiores, e esse desenvolvimento deve seguir em paralelo com os poderes superiores. É preciso enfatizar este ponto. A aversão à forma ou “ausência de desejo”, expressão genérica que caracteriza esta condição da mente, é o grande impulso que, com o tempo, leva à total liberação da forma.

Não é a forma, ou tomar forma, que é ruim em si. Tanto as formas como o processo de encarnação são corretos e adequados em seu devido lugar; mas para o homem que já não tem necessidade de experimentar nos três mundos, pois aprendeu as lições necessárias na escola da vida, a forma e o renascimento são ruins e devem ser relegados a uma posição fora da vida do ego. É bem verdade que o homem liberado pode optar por limitar a si mesmo em uma forma para fins específicos de serviço, mas isso ele faz por um ato de vontade e autoabnegação; não se sente impelido a isso pelo desejo, mas pelo amor à humanidade e pelo ardente anseio de permanecer com seus irmãos, até que o último dos filhos de Deus chegue ao portal da liberação.

41. Pela purificação também sobrevém a quietude de espírito, a concentração, o domínio dos órgãos e a capacidade de ver o Eu.

Devemos lembrar que tanto os mandamentos como as regras (yamas e nijamas) têm a ver com o quádruplo eu inferior que funciona nos três mundos, e que muitas vezes recebe a denominação de quaternário inferior. Vimos no aforismo anterior que a purificação necessária é quádrupla e diz respeito aos quatro veículos. Os resultados de tal pureza também são quádruplos e correspondem igualmente às quatro envolturas. De acordo com os veículos, os resultados são:

- | | |
|-----------------------------|--|
| 1. O domínio dos órgãos | o corpo físico. |
| 2. A quietude do espírito | o veículo emocional. |
| 3. A concentração | a mente inferior ou corpo mental. |
| 4. A capacidade de ver o eu | o resultado sintético da tríplice condição das envolturas mencionadas. |

O “*domínio dos órgãos*” concerne especialmente aos sentidos, e é resultado da pureza magnética ou do refinamento do corpo etérico. A este respeito os estudantes devem ter presente que o corpo físico não é um princípio, mas é construído exatamente de acordo com o corpo etérico, que é o veículo magnético no plano físico e que atrai (segundo a própria natureza e elementos constituintes) os átomos e partículas de substância com os quais o físico denso é construído. Quando as percepções sensoriais estão refinadas e sintonizadas com exatidão à condição vibratória do corpo vital, os órgãos dos sentidos ficam totalmente dominados e controlados pelo homem real e, com o tempo, o colocarão em contato com os dois subplanos mais elevados do plano físico, e não com o astral inferior como ocorre agora. A ordem correta deste controle dos órgãos de percepção física ou dos cinco sentidos é a seguinte:

1. Correta percepção intelectual do ideal no plano mental.
2. Desejo puro, isento de amor pela forma, no plano emocional ou astral.
3. Uso e desenvolvimento corretos dos cinco centros na coluna vertebral (base da coluna, sacro, plexo solar, cardíaco e laríngeo), cada um dos quais se encontra no corpo etérico e está vinculado a um dos cinco sentidos.

4. A consequente reação correta dos órgãos dos sentidos às exigências do homem verdadeiro ou espiritual.

Em conexão com o corpo astral, o resultado da purificação é um espírito aquietado ou a “plácida quietude” do veículo, de maneira a refletir adequadamente o princípio crístico ou a natureza búdica. A relação do astral ou princípio kâmico (que utiliza o veículo do meio do tríptico homem inferior) com o princípio búdico (que utiliza o veículo do meio da tríade espiritual ou atma-budi-manas) deve ser cuidadosamente considerada. O aquietamento das emoções e o controle da natureza de desejos precedem sempre a reorientação do inferior. Antes que o desejo de um homem se volte para as coisas do espírito, ele deve cessar de desejar as coisas do mundo e da carne. Sobrevém com isso um período de grandes dificuldades na vida do neófito, processo que para nós está simbolizado na palavra “conversão”, utilizada nos círculos cristãos ortodoxos e que implica em uma “guinada”, com o consequente tumulto temporário, mas que, a certa altura, trará a quietude.

No corpo mental, o efeito da purificação é o desenvolvimento da capacidade de se concentrar ou de se unidirecionar. A mente deixa de ir de um lado para outro, fica controlada, passiva e receptiva às impressões superiores. Como este tópico é tratado extensamente no Livro Terceiro, não nos ocuparemos mais aqui.

Quando os três resultados da purificação se fazem sentir na vida do aspirante, ele está se aproximando de certo ponto culminante, que é a repentina percepção da natureza da alma. O aspirante alcança a visão da realidade que é ele mesmo, e descobre a verdade das palavras de Cristo: “Os puros de coração verão a Deus”. Ele contempla a alma, e a partir de então seu desejo se direciona sempre para a realidade, afastando-se do irreal e do mundo da ilusão.

42. Como resultado do contentamento, alcança-se a beatitude.

Pouco se pode dizer com relação a este aforismo, salvo indicar que todo sofrimento, desgosto e infelicidade têm por base a rebeldia. Do ponto de vista do ocultista, a rebeldia só traz maiores dificuldades, e a resistência só serve para nutrir o mal, qualquer que seja. O homem que aprendeu a aceitar a própria sina, não dissipa o tempo em vãs lamentações e pode dedicar toda a sua energia para o perfeito cumprimento do seu darma ou trabalho obrigatório. Em vez de se queixar e anuviar as questões da vida com preocupações, dúvidas e desespero, desembaraça o caminho mediante a serena compreensão da vida, tal como é, e uma avaliação direta do que pode fazer dela. Assim não desperdiça forças, tempo nem oportunidades, e avança com firmeza para a meta.

43. Pela ardente aspiração e pela eliminação de toda impureza, aperfeiçoam-se os poderes do corpo e dos sentidos.

Embora as duas causas do processo de aperfeiçoamento sejam aspiração e purificação, na realidade constituem uma só e são os dois aspectos da disciplina do Caminho Probacionário. O *Antigo Comentário*, que é a base esotérica dos ensinamentos internos da Raja Yoga, contém algumas frases valiosas, que transmitem o conceito correto:

“À medida que o alento de fogo sobe através do sistema e à medida que o elemento ígneo faz sentir sua presença, vê-se desaparecer o que tende a obstruir e o que estava escuro se ilumina.

O fogo sobe e consome as barreiras; o alento se expande e as limitações desaparecem. Os sete, até então passivos, voltam à vida. Os dez portais, fechados e selados ou entreabertos, se abrem de par em par.

Os cinco grandes meios de contato se precipitam à atividade. Os obstáculos são superados e as barreiras deixam de obstruir. Aquele que foi purificado se torna o grande receptor e o Uno é conhecido”.

Estas palavras tratam da purificação pelo fogo e pelo ar, purificação que se processa no caminho da yoga. A purificação por água tem lugar nas últimas etapas da vida do homem muito evoluído, antes de percorrer o Caminho do Discipulado, e é indicada nas palavras tantas vezes empregadas “águas do infortúnio”. Agora se submete à prova ígnea e toda a natureza inferior passa através do fogo. É este o primeiro significado e o que mais diz respeito ao aspirante. Surge do seu coração quando clama por fogo, expresso nas palavras:

“Busco o Caminho; anseio saber. Percebo visões e impressões profundas e fugazes. Por trás do Portal, do outro lado, está o que chamo de lar, porque o círculo quase foi trilhado na totalidade e o fim se aproxima do princípio.

Busco o Caminho. Meus pés percorreram todos os caminhos. O Caminho do Fogo me chama com irresistível atração. Nada em mim procura o caminho da paz; nada em mim anseia pela terra.

Que venha o fogo; que as chamas devorem; que se queime toda a escória; e que me seja permitido transpor esse Portal, e percorrer o Caminho do Fogo”.

O alento de Deus é sentido como brisa purificadora e é também a resposta da alma à aspiração do discípulo. A alma então “inspira” o homem inferior.

O significado secundário faz referência, naturalmente, de forma direta, à atividade do kundalini ou fogo serpentino, na base da coluna vertebral, à medida que responde à vibração da alma (sentida na cabeça, na região da glândula pineal e denominada: “luz na cabeça”). O fogo kundalini sobe, queima todas as obstruções do canal etérico na coluna vertebral e vitaliza ou eletrifica os cinco centros da coluna e os dois da cabeça. Os ares vitais, dentro dos ventrículos da cabeça, também são postos em atividade e produzem um efeito purificador ou, antes, eliminador. O estudante ainda nada tem que ver com eles, exceto procurar, dentro do possível, que a aspiração do seu coração seja de caráter “ígneo” e que, como é de desejar, prossiga a firme purificação da sua natureza física, emocional e mental. Quando isto acontecer, a resposta da alma será eficaz e as consequentes reações nos centros etéricos ocorrerão com segurança, nos termos da lei e dentro da normalidade.

Os três versículos citados acima se referem a:

- a. Os sete centros, até então passivos.
- b. Os dez portais fechados, os dez orifícios do corpo físico.
- c. Os cinco sentidos, através dos quais é estabelecido contato com o plano físico, abrangendo com estes termos todas as atividades de entrada e saída do plano físico.

Quando todas estas atividades são empreendidas sob a direção da alma ou regedor interno, efetua-se a união com a alma e a consequente identificação com Aquele em Quem vivemos, nos movemos e temos nosso ser.

44. A leitura espiritual resulta no contato com a Alma (ou Uno divino).

Talvez fosse possível traduzir este aforismo de maneira mais literal, dizendo: “a leitura de símbolos produz contato com a alma”. Um símbolo é uma forma de algum tipo que vela ou oculta um pensamento, uma ideia ou uma verdade, e assim é possível estabelecer, como axioma geral, que todo tipo de forma é um símbolo ou o véu objetivo de um pensamento. Quando aplicado a toda forma, refere-se igualmente à forma humana, que está destinada a ser o símbolo (feito à

imagem) de Deus; é uma forma objetiva que vela um pensamento, ideia ou verdade divinos, a manifestação tangível de um conceito divino. A meta da evolução é levar esta forma simbólica objetiva à perfeição. Quando um homem sabe disto, deixa de se identificar com o símbolo, que é a sua natureza inferior. Ele começa a atuar conscientemente como o divino Eu subjetivo interno, que usa o homem inferior para velar e ocultar sua forma e a trabalhar diariamente sobre essa forma, de maneira a modelá-la e forjá-la em um instrumento de expressão adequado. Esta ideia também é transportada para a vida diária, na atitude do homem frente a todas as formas (nos três reinos da natureza) com as quais entra em contato. Procura ver sob a superfície e chegar à ideia divina.

Esta é a quarta Regra e diz respeito à atitude interna que o homem adota frente ao universo objetivo. Poderíamos dizer que as regras têm a ver com a atitude do homem em relação a:

- | | |
|--|--------------------------------|
| 1. Sua própria natureza inferior | purificação interna e externa. |
| 2. Seu carma ou sina na vida. | contentamento. |
| 3. Sua alma ou ego | ardente aspiração. |
| 4. Seu ambiente e contatos no plano físico | leitura espiritual. |
| 5. A Existência una, Deus | devoção a Ishvara. |

Assim esta série de regras encerra a “correta atitude” frente a todas as coisas

45. Pela devoção a Ishvara atinge-se a meta da meditação (ou samadhi).

A meta da meditação é conquistar a capacidade de se pôr em contato com o divino eu interno e, por meio deste contato, chegar à realização da unidade deste eu com todos os eus e com o Oni-eu, não só teoricamente, mas como uma realidade na natureza. É o que se produz quando o estado chamado “samadhi” é alcançado, no qual a consciência do pensador é transferida da consciência do cérebro inferior para a do homem espiritual ou alma, em seu próprio plano. As etapas que regem esta transferência podem ser descritas como:

1. Transferência da consciência do corpo, a consciência instintiva exteriorizada do homem físico, para a cabeça. Requer a retirada consciente da consciência para um ponto dentro do cérebro, nas proximidades da glândula pineal, e a centralização consciente e definida neste ponto.
2. Transferência da consciência da cabeça ou cérebro para a mente ou corpo mental. Nesta transferência, o cérebro permanece intensamente alerta, e a retirada é feita de maneira consciente por meio do corpo etérico, usando o brahmarandra, ou abertura no alto da cabeça. Em nenhum momento o homem se encontra em transe, inconsciente ou adormecido. Ele empreende e realiza ativamente este processo de abstração ou retirada.
3. Transferência da consciência do corpo mental para o corpo do ego, a alma, abrigada no corpo causal ou loto egoico. Produz-se então uma condição em que o cérebro, o corpo mental e o corpo egoico formam uma unidade coerente e em repouso, viva, alerta, positiva e estável.
4. Assim é possível entrar no estado de samadhi ou contemplação espiritual, em que a alma observa seu próprio mundo, percebe a visão das coisas como são, se põe em contato com a realidade e “conhece a Deus”.

Vem em seguida a etapa em que o homem espiritual transmite ao cérebro, por via da mente, o que visualizou, viu, fez contato e conheceu; desta maneira o conhecimento se torna parte do conteúdo do cérebro e fica disponível para uso no plano físico.

É esta a meta do processo da meditação, e os resultados, nas muitas variações, são o tema do Livro Terceiro e se produzem de acordo com os oito métodos da yoga, tratados no Livro

Segundo. Apenas a devoção a Ishvara ou o verdadeiro amor a Deus, com as qualidades associadas de serviço, amor ao próximo e a paciente constância em fazer o bem, levarão o homem por este laborioso caminho de disciplina, purificação e trabalho árduo.

TERCEIRO MÉTODO POSTURA

46. A postura adotada deve ser estável e cômoda.

Este aforismo gerou grandes dificuldades aos estudantes ocidentais, pois o interpretaram inteiramente no sentido físico. É bem verdade que tem um significado físico, mas com relação à tríplice natureza inferior, podemos dizer que se refere a uma posição de constante imobilidade do corpo físico, durante a meditação, uma condição firme e indesviável do corpo astral ou emocional ao passar pela existência do mundo e uma mente inalterável e sem flutuações, sob absoluto controle. Entre essas três, seria possível dizer que a postura física é a de menor importância; a melhor é aquela em que o aspirante é capaz de esquecer com mais rapidez que possui um corpo físico. A melhor postura para o aspirante ocidental, de maneira geral, é uma posição ereta em uma cadeira confortável, a coluna ereta, os pés cruzados de jeito natural, as mãos unidas sobre o colo, os olhos fechados e a cabeça ligeiramente inclinada. No Oriente há uma ciência das posturas, com cerca de oitenta e quatro posições diferentes, algumas das quais muito complicadas e dolorosas. Esta ciência é um ramo da hatha yoga e não deveria ser seguida pela quinta raça-raiz; é remanescente dessa yoga, que era necessária e suficiente para os homens da raça-raiz lemuriana, os quais tinham que aprender a controlar o corpo físico. A Bhakti Yoga, ou yoga da devoção, foi a yoga dos atlantes ou quarta raça-raiz, além de um pouco de hatha yoga. Nesta quinta raça-raiz, a ária, a hatha yoga deveria cair totalmente em desuso no que diz respeito ao discípulo, o qual deveria se ocupar da Raja Yoga e de um pouco de bhakti yoga – ele deveria ser um devoto mental.

O discípulo da era *lemuriana* aprendeu a controlar o corpo físico e a dedicá-lo ao serviço de Ishvara através da hatha yoga, sua aspiração era o controle emocional.

O discípulo da era *atlante* aprendeu a controlar o corpo emocional e a dedicá-lo ao serviço a Ishvara, por meio da prática da bhakti yoga e sua aspiração era o controle mental.

O discípulo da era *ária* tem que aprender a controlar o corpo mental e a dedicá-lo ao serviço a Ishvara, mediante a prática de Raja Yoga e sua aspiração é o conhecimento do morador interno, a alma. Assim, na atual raça-raiz, todo o homem inferior, a personalidade, fica subjugado e acontece a “Transfiguração” da humanidade.

47. A estabilidade e a comodidade da postura devem ser alcançadas mediante um leve e persistente esforço e a concentração da mente no infinito.

Este aforismo encerra os dois aspectos da meditação que apresentam dificuldades: a comodidade do corpo e o controle da mente. Cabe observar que o esforço para alcançar o esquecimento do corpo físico pela postura correta se viabiliza com a prática persistente, serena e regular, e não forçando violentamente o corpo a adotar posturas incômodas e atitudes incomuns. Quando é capaz de fazer isso e a mente pode ficar absorta, considerando as coisas da alma, então a estabilidade e a comodidade caracterizam o homem no plano físico. Ele se esquece do veículo físico e pode então concentrar a mente, e a sua concentração mental torna-se tão unidirecionada que pensar no corpo deixa de ser possível.

48. Isto alcançado, os pares de oposto deixam de limitar.

Os pares de opostos dizem respeito ao corpo de desejos. É significativo que o aforismo anterior só trate da mente e do corpo físico. Neste aforismo, a natureza emocional, se expressando por meio do desejo, não é mais atraída pelo puxão de nenhuma força atrativa. O corpo astral se torna passivo e negativo, sem responder a qualquer sedução do mundo da ilusão.

Há um grande mistério com relação ao corpo astral do homem e da luz astral; a natureza deste mistério só é conhecida até agora pelos iniciados avançados. A luz astral é projetada na objetividade por dois fatores, e o corpo astral do homem responde a estes dois tipos de energia. Essencialmente, pareceriam carecer de atributo ou forma, mas, para se manifestar, dependeriam “do que está em cima e do que está embaixo”. A natureza de desejos do homem, por exemplo, parece responder à atração do grande mundo da ilusão, o maya dos sentidos, ou a voz do ego, que utiliza o corpo mental. As vibrações chegam ao corpo astral a partir do plano físico e do mundo mental e, segundo a natureza do homem e o ponto da evolução que ele alcançou, assim será a resposta ao chamado do superior ou do inferior.

O corpo astral fica atento às impressões egoicas ou então é atraído pela grande quantidade de vozes da Terra. Aparentemente não tem voz nem atributo próprios, o que foi representado para nós no Bhagavad Gita, quando Arjuna se coloca entre as duas forças opostas do bem e do mal e busca a atitude correta frente a ambas. O plano astral é o campo de batalha da alma, o lugar da vitória ou da derrota; é o kurukshetra, no qual se faz a grande escolha.

Nestes aforismos que tratam da postura, a mesma ideia está latente. Os planos físico e mental são enfatizados e destaca-se que, quando estão devidamente ajustados, quando há equilíbrio no plano físico e unidirecionamento no mental, os pares de opostos deixam de ser limitantes. Assim se chega ao ponto de equilíbrio e o homem é liberado. Os pratos na balança da vida do homem ficam absolutamente equilibrados e ele está livre.

QUARTO MÉTODO. PRANAYAMA.

49. Atingida a correta postura (asana), segue-se o correto controle do prana e a adequada inspiração e expiração da respiração.

Temos aqui outro aforismo que provocou muitos mal-entendidos e causou grande dano. Há vários ensinamentos sobre o controle do prana, o que levou muitos a realizarem exercícios respiratórios e a práticas cujo êxito depende da suspensão do processo de respiração. Grande parte disso foi causada pela crença da mente ocidental de que prana e respiração são termos sinônimos, o que não é o caso. Vivekananda assinala este ponto ao comentar este aforismo com as seguintes palavras:

“Quando a postura estiver dominada, o movimento então deve ser interrompido e controlado, chegando-se ao pranayama, o controle das forças vitais do corpo. Prana não é respiração, embora em geral receba esta tradução. É o somatório da energia cósmica, é a energia que há em cada corpo, cuja manifestação mais evidente é o movimento dos pulmões, causado pelo prana inalado na respiração, e é o que procuramos controlar no pranayama. Começamos pelo controle da respiração, como o meio mais fácil de obter controle sobre o prana”.

Prana é o somatório da energia do corpo (o que se aplica igualmente ao corpo planetário e solar), e assim diz respeito à energia que entra no corpo etérico e à sua saída por meio do corpo físico, no que é simbolizado pela necessária inspiração e expiração da respiração. Ao enfatizar o ato físico da respiração, muito se perdeu do verdadeiro sentido desse aforismo.

No estudo do pranayama é preciso levar em conta determinados fatos. Primeiro, que uma das principais funções do corpo etérico é atuar como estimulador e vitalizador do corpo físico denso. É como se o corpo físico denso não tivesse existência independente, mas que simplesmente fosse dirigido e motivado pelo corpo etérico, que é o corpo vital ou de força e que interpenetra todas as partes do veículo denso, sendo o fundamento e a verdadeira substância do corpo físico. Conforme a natureza da força que anima o corpo etérico, conforme a atividade dessa força no corpo etérico, conforme o dinamismo ou o torpor das partes mais importantes do corpo etérico (os centros da coluna vertebral), assim será a atividade correspondente do corpo físico. De maneira similar e simbólica, conforme a integridade do mecanismo respiratório e sua capacidade de oxigenar e purificar o sangue, assim será a saúde ou integridade do corpo físico denso.

Além disso, é preciso lembrar que a chave para a resposta adequada do inferior para o superior situa-se no ritmo e na capacidade do corpo físico de responder ou vibrar, de maneira rítmica, em uníssono com o corpo etérico. Os estudantes descobriram que esta condição é muito facilitada com uma respiração regular e constante, e que a maioria dos exercícios de respiração, quando são enfatizados e os três métodos de yoga já transmitidos (Mandamentos, Regras e Postura) são excluídos, exercem um efeito definido sobre os centros etéricos e podem provocar resultados desastrosos. É sumamente necessário que os estudantes pratiquem os métodos da yoga na ordem dada por Patanjali, e vejam assim que o processo purificador, a disciplina da vida interna e externa e o unidirecionamento da mente devem ser objetivados, antes de tentarem a regulação do veículo etérico por meio da respiração e o despertar dos centros.

O trabalho a ser feito por meio do pranayama seria expresso, brevemente, como segue:

1. A oxigenação do sangue, e assim a purificação das correntes sanguíneas e a consequente saúde física.
2. A colocação do corpo físico em uma vibração sincrônica com a do corpo etérico. O resultado é a completa subjugação do corpo físico denso, que se alinha com o etérico, e as duas partes do veículo físico formam uma unidade.
3. A transmissão de energia via o corpo etérico para todas as partes do corpo físico denso. Esta energia pode provir de várias fontes:
 - a. Da aura planetária. Neste caso trata-se do prana planetário, e assim que concerne principalmente ao baço e à saúde do corpo físico.
 - b. Do mundo astral, via corpo astral. Esta força será puramente kâmica ou de desejo e afetará principalmente os centros situados abaixo do diafragma.
 - c. Da mente universal ou força manásica, que é especialmente uma força mental e irá ao centro laríngeo.
 - d. Do próprio ego, estimulando principalmente os centros coronário e cardíaco.

A maioria das pessoas só recebe força dos planos físico e astral, mas os discípulos recebem força também dos níveis mental e egoico.

50. O correto controle do prana (ou das correntes vitais) é externo, interno ou imóvel; está sujeito a lugar, espaço de tempo e número, sendo também prolongado ou breve.

Este aforismo é muito difícil de entender e seu significado foi obscurecido deliberadamente, devido aos perigos incidentais ao controle das forças corporais. As ideias e os ensinamentos que encerra se dividem em três partes:

I. O controle externo, interno ou imóvel das correntes vitais do corpo (denso e etérico). Diz respeito:

1. Ao mecanismo respiratório e ao uso da respiração.
2. Aos ares vitais e sua irradiação.
3. Aos centros e seu despertar.
4. Ao fogo kundalini e à sua correta progressão ascendente pela coluna vertebral.

II. Ao significado astrológico e à relação do homem com seu grupo, planetário ou outro. A isto se referem as palavras: “lugar, espaço de tempo e número”.

III. Ao processo de iluminação e à resposta do homem físico às impressões superiores por meio do cérebro. Esta capacidade de responder à voz do ego, e de se tornar passivo e receptivo, deve preceder os quatro últimos métodos da yoga, que não se referem de maneira imediata ao plano físico denso ou aos níveis etéricos da consciência.

Portanto, ficará evidente que grande parte dos ensinamentos contidos nesse aforismo só pode ser transmitida de Instrutor para aluno, diretamente e sem perigo, depois do devido estudo das condições corporais desse. Não é possível nem conveniente dar neste livro, destinado ao público geral, as regras, práticas e métodos que habilitam o discípulo treinado a sincronizar instantaneamente o veículo físico denso com o corpo etérico, e a aumentar a densidade da sua aura e irradiá-la, a fim de produzir certos efeitos magnéticos no ambiente e despertar os centros que lhe permitirão manifestar certos poderes psíquicos. Os métodos para despertar o fogo kundalini, e mesclá-lo com a força egoica descendente, também devem ser ensinados ao estudante diretamente por um mestre nessa ciência. É muito perigoso despertar prematuramente o fogo, com a conseqüente destruição de determinadas estruturas protetoras do corpo etérico, e a desintegração das barreiras entre este mundo e o astral, antes de o estudante estar devidamente “equilibrado entre os pares de opostos”. O desenvolvimento prematuro dos poderes psíquicos inferiores, antes do despertar da natureza superior, encerra uma ameaça, e o efeito no cérebro pode ser visto como uma forma de insanidade, leve ou grave. No entanto, serão dadas algumas explicações que permitirão ao verdadeiro estudante ocultista obter as indicações que, se corretamente aplicadas, atuarão como chave para a conquista de maiores informações. O método ocultista sempre foi assim. Portanto, trataremos brevemente destes três pontos:

I. O controle *externo* do prana ou corrente vital diz respeito aos exercícios respiratórios e às práticas rítmicas que levam os órgãos físicos, que têm afinidade com os centros etéricos, a uma condição adequada. O mago branco ou ocultista nunca se ocupa especificamente dos órgãos físicos em si. O mago negro, sim. Os órgãos são: o cérebro, os pulmões, o coração, o baço e os órgãos de reprodução.

O mago negro utiliza definidamente essas partes do corpo físico para gerar um tipo de força que é uma mistura de força etérica e energia física densa, que o habilita a realizar certos tipos de trabalho mágico e também a produzir efeitos nos corpos físicos de animais e homens. Este conhecimento é a base do “vodu” e de todas as práticas que causam o esgotamento e a morte dos que se interpõem no caminho do mago negro ou que ele considera inimigo. O aspirante aos mistérios da Fraternidade da Grande Loja Branca nada tem a fazer com isso. Ele produz a fusão das duas partes do corpo físico denso, a sincronização do ritmo de ambos os corpos e a conseqüente unificação de todo o homem inferior, pondo a atenção na respiração e ritmo etéricos, o que, inevitavelmente, produz o “controle externo das correntes vitais”.

Fomenta-se o controle *interno* das correntes vitais de três maneiras:

1. Pela compreensão intelectual da natureza do corpo etérico e das leis da sua vida.

2. Pelo estudo dos tipos de energia e seu mecanismo, o sistema de centros que existe no corpo etérico.

3. Por certos desenvolvimentos e conhecimentos que chegam ao aspirante quando ele está pronto (depois de ter praticado os métodos anteriores da yoga), e o capacitam a captar determinados tipos de forças, energias ou “shaktis”, a utilizá-los corretamente por meio dos seus próprios centros e a produzir efeitos que podem ser descritos como iluminadores, purificadores, magnéticos, dinâmicos, psíquicos e mágicos.

O controle *imóvel* das correntes vitais é consequência do desenvolvimento correto dos outros dois, o externo e o interno, e deve estar presente para que seja possível praticar o quinto método da yoga, retirada ou abstração. Indica simplesmente a sincronização perfeitamente equilibrada e a completa unificação das duas partes do corpo físico, de maneira a não haver nenhum impedimento para as forças que entram ou saem. Uma vez alcançado o controle imóvel, o iogue está apto a se retirar à vontade do corpo físico ou atrair para esse corpo, e manipular à vontade, quaisquer das sete grandes forças planetárias.

É preciso levar em conta que estamos tratando aqui das condições ideais e que nenhum aspirante pode realizar este método de yoga sem trabalhar simultaneamente com os outros métodos. Caberia estudar o paralelismo na natureza.

II. Nas três palavras “lugar, espaço de tempo e número” há também um indício do significado astrológico. Nelas devem ser reconhecidas as triplicidades universais, como também que o correto controle das correntes vitais se relacionam com carma, oportunidade e forma. Há certas palavras que, quando devidamente compreendidas, dão a chave de todo o ocultismo prático e convertem o iogue em senhor da vida. São elas:

Som	Número	Cor	Forma
Palavra	Vida	Luz	Corpo.

Devem ser reconhecidas como sujeitas à ideia de espaço e ao elemento tempo. Tenhamos em conta, a este respeito, que “o espaço é a primeira entidade” (*A Doutrina Secreta*, Volume II) e que a manifestação cíclica é a lei da vida.

Isto reconhecido, a entidade, expressando-se ciclicamente, fará sentir sua presença pela diferenciação, pela cor ou qualidade que oculta a forma e pela própria forma. Esses fatores são o somatório da expressão de qualquer entidade, Deus ou homem; o aparecimento de qualquer homem na expressão exotérica no plano físico depende da entrada e saída rítmica ou cíclica, da energia da Grande Vida na qual vive, se move e tem seu ser. É esta a base da ciência da astrologia ou das relações do planeta ou planetas com o ser humano e das relações que têm com as estrelas e os diversos signos zodiacais.

É essencial possuir algum conhecimento a esse respeito para controlar devidamente as correntes vitais, a fim de que o discípulo possa se valer do tempo propício em que o progresso pode se acelerar.

III. O processo de iluminar o homem inferior é possibilitado mediante o correto controle do prana, e este “processo iluminador” é uma ciência exata, para a qual os quatro métodos de yoga prepararam o caminho. Os fogos do corpo estão devidamente ordenados, a condição “sem movimento” pode ser alcançada em certa medida, os ares vitais da cabeça estão “em paz” e todo o homem inferior se encontra na expectativa de qualquer dos dois processos:

- a. A retirada do homem verdadeiro ou espiritual, a fim de atuar em algum plano mais elevado,
- b. ou a descida à consciência do cérebro inferior da luz, da iluminação e do conhecimento, procedentes dos planos do ego.

51. Há uma quarta etapa que transcende aquelas que dizem respeito às fases interna e externa.

Vimos como o controle das correntes vitais pode estar tanto ativo ou equilibrado externa como internamente. Este tríplice processo leva todo o homem pessoal inferior, primeiramente, a uma condição de resposta rítmica ao fator motivador interno (neste caso, o ego ou homem espiritual em seu próprio plano) e, em seguida, à total passividade ou quietude. A esta condição de espera receptiva, se podemos denominá-la assim, segue-se outra, uma forma de atividade superior, a qual literalmente é a imposição de um novo ritmo vibratório sobre a inferior; a emissão de uma nova nota que emana do homem espiritual interno e produz certos efeitos definidos nas três envolturas que constituem o eu inferior e velam a divindade que é o homem. Estas mudanças são tratadas nos dois aforismos seguintes.

O trabalho do estudante comum é, com mais frequência, preparar as envolturas para que esta quarta etapa seja possível. Ele concentra a sua atenção em conquistar:

1. A coordenação consciente dos três corpos ou envolturas.
2. O devido alinhamento desses corpos.
3. A regulação do ritmo das envolturas, para que se sincronizem entre si e com o ritmo da impressão egoica.
4. A unificação das envolturas em um todo coerente, a fim de que o homem se torne literalmente “o três em um e o um em três”.
5. A passividade ou a atitude de receptividade positiva à inspiração superior e à descida da vida e energia egoicas.

Poderá ser útil ao estudante compreender que o correto controle do prana implica no reconhecimento de que a energia é o somatório da existência e da manifestação, e que os três corpos inferiores são corpos de energia, constituindo cada um o veículo para um tipo superior de energia, sendo também transmissores de energia. As energias do homem inferior são as energias do terceiro aspecto, o aspecto Espírito Santo ou Brahma. A energia do homem espiritual é a energia do segundo aspecto, a força crística ou búdica. A finalidade da evolução na família humana é levar esta força crística ou princípio búdico, à plena manifestação no plano físico, mediante a utilização da tríplice envoltura inferior. Esta tríplice envoltura é o Santo Graal, o cálice que recebe e contém a Vida de Deus. Uma vez que o homem inferior responda adequadamente pela atenção prestada aos quatro métodos de yoga já considerados, começam a se manifestar nele dois resultados, e ele estará pronto para utilizar os outros quatro métodos restantes que o reorientarão e levarão, com o tempo, à liberação.

52. Por esse meio, aquilo que obscurece a luz vai desaparecendo gradualmente.

O primeiro resultado é o gradual desgaste ou atenuação das formas materiais que ocultam a realidade, o que não significa a dissipação das formas, mas o constante refinamento e transmutação da matéria com que essas formas são construídas, de maneira que se tornam tão purificadas e claras que a “Luz de Deus”, que até então tinham ocultado, resplandece em toda sua beleza nos três mundos. É possível demonstrar que isto é literalmente verdade no plano

físico, pois mediante o trabalho de purificação e controle das correntes vitais, a luz da cabeça se torna tão evidente, que pode ser vista por quem possui a visão supranormal como irradiações que se estendem em torno da cabeça, formando o halo tão conhecido nas imagens dos santos. O halo é um fato da natureza e não um mero símbolo. É resultado do trabalho de Raja Yoga e a demonstração física da vida e a luz do homem espiritual. Diz Vivekananda, falando tecnicamente (e é bom que os estudantes esotéricos do Ocidente dominem a técnica e a terminologia desta ciência da alma, que o Oriente guardou por tanto tempo):

“Chitta ou substância mental, pela própria natureza, possui todo o conhecimento. É composta de partículas sáttvicas, mas envolta de partículas rajásicas e tamásicas, envoltura que é eliminada mediante o pranayama”.

53. E a mente está preparada para a meditação concentrada.

A edição de Johnston dá uma bela apresentação deste aforismo, com as seguintes palavras: “Vem daí o poder da mente de se manter firme na luz”. A ideia é que, uma vez alcançada a condição de passividade e possibilitada a quarta etapa de impressão supranormal, os métodos de yoga restantes, abstração, atenção, meditação e contemplação, podem ser devidamente empreendidos. Então é possível dominar e usar a mente e empreender com segurança o processo de transmissão de conhecimento, luz e sabedoria do ego ou alma para o cérebro, por intermédio da mente.

QUINTO MÉTODO. ABSTRAÇÃO.

54. A abstração (ou pratyahara) é a subjugação dos sentidos pelo princípio pensante e o afastamento deles do que previamente era seu objeto.

Este aforismo resume o trabalho realizado para conquistar o controle da natureza psíquica e nos indica o resultado alcançado quando o pensador, por meio da mente, o princípio pensante, domina os sentidos de tal maneira que eles deixam de ter expressão própria independente.

Antes que a atenção, a meditação e a contemplação (os três últimos métodos de yoga) possam ser devidamente empreendidas, não só é preciso ter alcançado uma conduta externa correta, ter chegado à pureza interna, ter cultivado a correta atitude frente a todas as coisas e, em consequência, ter controlado as correntes vitais, como também deverá ter obtido a capacidade de subjugar as tendências exteriorizadas dos cinco sentidos. Assim é ensinada ao aspirante a correta retirada ou abstração da consciência, que se dirige para o mundo dos fenômenos, e ele deve aprender a centralizá-la na grande estação central da cabeça, de onde a energia pode ser distribuída conscientemente, à medida que ele participa da grande obra, e a partir dali pode estabelecer contato com o reino da alma e receber mensagens e impressões emanadas deste reino. Trata-se de uma etapa definida de realização e não simplesmente de uma maneira simbólica de expressar um interesse unidirecionado.

As diversas vias de percepção sensória são levadas a uma condição de passividade. A consciência do homem real deixa de irromper externamente por suas cinco vias de contato. Os cinco sentidos são dominados pelo sexto, a mente, e toda a consciência e a faculdade de percepção do aspirante se sintetizam na cabeça e se dirigem para dentro e para cima. Assim a natureza psíquica fica subjugada e o plano mental se torna o campo de atividade do homem. Este processo de retirada ou abstração avança por etapas:

1. A retirada da consciência física ou percepção por audição, tato, visão, paladar e olfato. Esses meios de percepção se tornam temporariamente adormecidos, a percepção do homem se faz puramente mental e a consciência do cérebro é tudo o que fica ativo no plano físico.

2. A retirada da consciência para a região da glândula pineal, de maneira que o ponto de cognição do homem fique centralizado na região situada entre o meio da testa e a glândula pineal.
3. A etapa seguinte é a abstração da consciência no centro coronário, no loto de mil pétalas ou sahasara, retirando intencionalmente a consciência da cabeça. Isto pode ser feito em plena consciência vigílica, uma vez aprendidas certas regras e determinado trabalho tendo sido efetuado, o que não pode ser apresentado em uma obra como essa. A maioria das pessoas deve dominar as duas primeiras etapas e aprender a controlar as vias de percepção, os cinco sentidos.
4. A abstração da consciência para o corpo astral, assim a liberando do plano físico.
5. Uma retirada ainda mais interna, para o corpo mental ou mente, de maneira que nem o físico nem o astral limitem ou confinem o homem.

Isto feito, a verdadeira meditação e contemplação se tornam possíveis.

Diz Dvivedi, em seu comentário sobre este aforismo: “A abstração consiste em assimilar totalmente os sentidos à mente ou ser controlados por seu intermédio. Eles devem ser afastados dos seus objetos, se fixar na mente e ser assimilados nela, de maneira a impedir a transformação do princípio pensante, o sentido também o seguirá e será controlado imediatamente. Não só acontecerá isto, como sempre estarão prontos a contribuir coletivamente à conquista de uma meditação absorvente sobre determinada coisa e em qualquer momento”.

O resultado da correta abstração ou retirada pode então ser brevemente descrito:

1. A síntese dos sentidos pelo sexto sentido, a mente.
2. O alinhamento do tríplice homem inferior, de maneira que os três corpos atuem como uma unidade coordenada.
3. A liberação do homem das limitações dos corpos.
4. A conseqüente capacidade da alma ou ego de impressionar e iluminar o cérebro, por meio da mente.

55. O resultado desses métodos é a total subjugação dos órgãos dos sentidos.

O Livro Primeiro deu indicações gerais sobre o objetivo da Raja Yoga e os obstáculos que a prática apresenta, ao lado dos seus benefícios. O Livro Segundo, que acabamos de estudar, trata especificamente dos obstáculos, e indica o método de corrigi-los, para depois se ocupar dos oito métodos da yoga, dos quais cinco foram explicados e considerados. Estes cinco métodos, se devidamente aplicados, levam o homem à etapa em que a sua natureza psíquica inferior é controlada e os cinco sentidos são dominados, de maneira que ele pode empreender a subjugação do sexto sentido, a mente.

O próximo livro trata dos métodos pelos quais a mente é controlada e o aspirante se converte no senhor do homem inferior. Os três métodos de yoga restantes são explicados e os resultados da yoga são apresentados detalhadamente. Os estudantes acharão útil observar o método gradual e preciso que é delineado neste maravilhoso tratado. É também valioso observar a sua brevidade e, no entanto, a sua natureza concisa e completa. É o livro de texto de uma ciência exata que, em poucas páginas, reúne todas as regras necessárias para a raça-raiz ária obter o completo controle da mente, o que será a contribuição dessa raça para o processo evolutivo.

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO TERCEIRO

Realização da União e Respectivos Resultados

1. Concentração é fixar a substância mental (chitta) em um objeto específico. Isto é dharana.
2. Concentração sustentada (dharana) é meditação (dhyana).
3. Quando chitta é absorvido no que é a realidade (ou ideia corporificada na forma) e deixa de ser consciente da separação ou do eu pessoal, isto é contemplação ou samadhi.
4. Quando concentração, meditação e contemplação formam um ato sequencial, sanyama é alcançado.
5. Como resultado de sanyama, vem a resplandecência da luz.
6. Esta iluminação é gradual; desenvolve-se etapa após etapa.
7. Estes três últimos métodos da yoga têm um efeito subjetivo mais interno que os anteriores.
8. No entanto, mesmo esses três ainda não correspondem à verdadeira meditação sem semente (ou samadhi), que não se baseia em um objeto. Ela é livre dos efeitos da natureza discriminadora de chitta (ou substância mental)
9. A sequência dos estados mentais é a seguinte: a mente reage ao que vê; segue-se o momento em que a mente é controlada. Sobrevém então outro momento em que chitta (a substância mental) responde aos dois fatores. Finalmente desaparecem, e a consciência perceptiva rege totalmente.
10. O cultivo deste hábito mental resultará na estabilidade da percepção espiritual.
11. O estabelecimento deste hábito e a sujeição da mente para afastá-la da tendência de criar formas-pensamento resultam, oportunamente, no poder da contemplação constante.
12. Quando o controle exercido pela mente e o fator controlador estão equilibrados, sobrevém a condição de concentração unidirecionada.
13. Por este processo são conhecidos os aspectos de todo objeto; então as características (ou forma), a natureza simbólica e o uso específico na condição temporal (etapa de desenvolvimento) são conhecidos e compreendidos.
14. As características de todo objeto são adquiridas, manifestas ou latentes.
15. A etapa de desenvolvimento é responsável pelas variadas modificações da versátil natureza psíquica e do princípio pensante.
16. A meditação concentrada na tríplice natureza de cada forma traz a revelação do que foi e do que será.
17. O Som (ou palavra), o que ele denota (o objeto) e a essência espiritual corporificada (a ideia), em geral são confundidos na mente do percebedor. Pela meditação concentrada nestes três aspectos, chega-se à compreensão (intuitiva) do som emitido por todas as formas de vida.
18. Quando o poder de ver as imagens-pensamento é adquirido, o conhecimento das encarnações anteriores se torna acessível.
19. Pela meditação concentrada, as imagens-pensamento nas mentes de outras pessoas ficam aparentes.
20. No entanto, como o objeto de tais pensamentos não é aparente para o percebedor, ele só vê o pensamento e não o objeto. Sua meditação exclui o tangível.
21. Pela meditação concentrada na diferença que existe entre a forma e o corpo, as propriedades do corpo que o fazem visível ao olho humano são neutralizadas (ou retiradas) e o iogue pode se tornar invisível.
22. O carma (ou efeitos) é de dois tipos: carma imediato ou carma futuro. Pela meditação perfeitamente concentrada nesses, o iogue conhece a duração da sua experiência nos três mundos. Este conhecimento também é adquirido por meio de sinais.
23. A união com os demais é obtida pela meditação concentrada em três estados do sentimento – compaixão, mansidão e desapaixonamento.
24. A meditação centrada exclusivamente no poder do elefante despertará essa força ou luz.

25. A meditação perfeitamente concentrada na luz desperta proporcionará a consciência do que é sutil, oculto ou remoto.
26. Por meio da meditação, centrada exclusivamente no sol advirá consciência (ou conhecimento) dos sete mundos.
27. O conhecimento de todas as formas lunares surge por meio da meditação concentrada na Lua.
28. A concentração na Estrela Polar proporcionará o conhecimento das órbitas dos planetas e das estrelas.
29. Pela atenção concentrada no centro denominado plexo solar se obtém o perfeito conhecimento sobre a condição do corpo.
30. Fixando a atenção no centro laríngeo, ocorre a cessação da fome e da sede.
31. Fixando a atenção no conduto ou nervo situado debaixo do centro laríngeo, alcança-se o equilíbrio.
32. É possível ver e entrar em contato com aqueles que alcançaram a autoperfeição pela concentração da luz na cabeça. Esse poder se desenvolve na meditação unidirecionada.
33. Todas as coisas podem ser conhecidas à vívida luz da intuição.
34. Pela meditação concentrada no centro do coração advém a compreensão da consciência da mente.
35. A experiência (dos pares opostos) advém da incapacidade da alma de distinguir entre o eu pessoal e o purusha (ou espírito). As formas objetivas existem para uso (e experiência) do homem espiritual. Meditando sobre isto, desponta a percepção intuitiva da natureza espiritual.
36. Como resultado dessa experiência e meditação, a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato superiores se desenvolvem, produzindo conhecimento intuitivo.
37. Esses poderes são obstáculos para o reconhecimento espiritual superior, mas atuam como poderes mágicos nos mundos objetivos.
38. Pela liberação das causas da escravidão por meio do respectivo enfraquecimento e pela compreensão do modo de transferência (retirada ou entrada), o material mental (ou chitta) pode entrar em outro corpo.
39. Pelo controle da vida ascendente (udana), há liberação da água, do caminho de espinhos e do lodo, e obtém-se o poder de ascensão.
40. Pelo domínio de samana, a chispa se converte em chama.
41. Por meio da meditação concentrada na relação existente entre o akasha e o som será desenvolvido um órgão para audição espiritual.
42. Pela meditação concentrada na relação existente entre o corpo e o akasha, a ascensão para fora da matéria (os três mundos) e a capacidade de viajar no espaço são obtidos.
43. Quando o que encobre a luz é eliminado, alcança-se o estado de ser chamado de descarnado (ou não corporalizado), liberado das modificações do princípio pensante. É o estado de iluminação.
44. A meditação concentrada nas cinco formas que todo elemento adota, produz domínio sobre todo elemento. As cinco formas são: a natureza bruta, a forma elemental, a qualidade, a pervasividade e o propósito básico.
45. Por este domínio se obtém a máxima pequenez e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a liberação de todos os obstáculos.
46. Simetria de forma, beleza de cor, a resistência e a solidez do diamante constituem a perfeição corporal.
47. O domínio sobre os sentidos é viabilizado pela meditação concentrada sobre sua natureza, seus atributos distintivos, o egoísmo, a pervasividade e o propósito útil.
48. Como resultado desta perfeição sobrevém uma rapidez de ação tal como a da mente, a percepção independente dos órgãos e o domínio sobre a substância-raiz.
49. O homem capaz de discriminar entre alma e espírito conquista a supremacia sobre todas as condições e se torna onisciente.
50. Pela atitude desapaixonada frente a esta conquista e a todos os poderes da alma, aquele que está livre das sementes da escravidão alcança o estado de unidade isolada.

51. Deve haver absoluta rejeição às seduções de todas as formas do ser, inclusive das celestiais, pois um retorno aos contatos malignos ainda é possível.
52. O conhecimento intuitivo se desenvolve pelo uso da faculdade de discriminação, quando há concentração total nos instantes e em sua sucessão contínua.
53. Deste conhecimento intuitivo nasce a capacidade de distinguir (entre todos os seres) e de conhecer seu gênero, suas qualidades e posição no espaço.
54. Este conhecimento intuitivo, o grande liberador, é onipresente e onisciente, inclui o passado, o presente e o futuro no Eterno Agora.
55. Quando as formas objetivas e a alma tiverem alcançado uma condição de igual pureza, realiza-se a Unificação, que resulta na liberação.

OS AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO TERCEIRO

Realização da União e Respectivos Resultados

1. Concentração é fixar a substância mental (chitta) em um objeto específico. Isto é dharana.

Chegamos aos Aforismos da Yoga que tratam especificamente do controle da mente e do efeito deste controle. Os quinze primeiros aforismos são dedicados ao controle da mente e como alcançá-lo, e os quarenta restantes dizem respeito aos resultados produzidos após a conquista deste controle. São enumerados vinte e três resultados, todos na linha de expansões de consciência e manifestação de faculdades psíquicas, inferiores e superiores.

O primeiro passo para este desenvolvimento é a concentração, ou a capacidade de manter a mente firme, e sem se desviar, sobre aquilo que o aspirante escolheu. Este primeiro passo é a etapa mais difícil do processo da meditação, e implica na capacidade constante e incansável de fazer a mente voltar para o “objeto” escolhido pelo aspirante para se concentrar. As etapas para a concentração são bem definidas e se relacionam como segue:

1. Escolha do “objeto” sobre o qual se concentrar.
2. Retirada da consciência mental da periferia do corpo, a fim de aquietar as vias de percepção e o contato externo (os cinco sentidos), quando a consciência então deixa de se exteriorizar.
3. Centralização da consciência, fixando-a na cabeça, no ponto entre as sobrancelhas.
4. Aplicação da mente, ou colocar a maior atenção possível no objeto escolhido para a concentração.
5. Visualização do objeto, percepção imaginativa e raciocínio lógico sobre o mesmo.
6. Expansão dos conceitos mentais formados, do específico e particular para o geral e o universal ou cósmico.
7. Propósito de alcançar o que se encontra por trás da forma considerada, ou chegar até a ideia responsável pela forma.

Este processo eleva gradualmente a consciência e permite ao aspirante chegar ao aspecto vida da manifestação, em vez do aspecto forma. No entanto, começa-se pela forma ou “objeto”. Os objetos sobre os quais é possível exercer a concentração são de quatro tipos:

1. *Objetos externos*, como imagens da deidade, quadros ou formas da natureza.
2. *Objetos internos*, como os centros do corpo etérico.
3. *Qualidades*, como as diversas virtudes, com o propósito de despertar o desejo por elas e assim construí-las dentro do conteúdo da vida pessoal.
4. *Conceitos mentais*, ou as ideias que incorporam os ideais subjacentes em todas as formas animadas, e que podem assumir a forma de símbolos ou de palavras.

Um dos Puranas expressa belamente a ideia subjacente na concentração. Diz ao aspirante, depois que utilizou os cinco primeiros métodos de yoga (expostos no Livro Segundo), “que deve colocar a substância mental em algum suporte auspicioso”. Esta localização está ilustrada na descrição da maneira como a atenção deve ser fixada sobre uma forma de Deus.

“A forma encarnada do Ser Excelso faz desvanecer todo desejo por qualquer outro suporte. Compreenda-se que isto é atenção fixa, quando a substância mental está concentrada nesta forma. E o que é esta forma encarnada de Hari, sobre a qual se deve refletir, que isto seja ouvido por ti, ó Regedor dos Homens! A atenção fixa não é possível sem algo em que fixá-la”. (Vishnu Purana, VI, 7:75-85).

Segue-se uma descrição da forma encarnada do Ser Excelso e conclui com as palavras:

“...que o iogue reflita sobre Ele; e, perdido n’Ele, que concentre a sua própria mente até que, *ó, Rei!* a atenção se fixe firme e somente n’Ele. Enquanto realiza isso ou enquanto faz, conforme sua vontade, alguma outra ação em que sua mente não se distrai, ele deve então considerar que essa atenção fixa está aperfeiçoada”. (Naradiya Purana, VI, LXVII: 54-62).

Foi o entendimento de que são necessários “objetos” para se concentrar que originou a demanda de imagens, esculturas sagradas e quadros. Todos esses objetos implicam no uso da mente concreta inferior, etapa preliminar necessária. O uso de tais objetos permite o controle da mente, de maneira que o aspirante possa fazer dela o que quiser. Os quatro tipos de objetos mencionados levam o aspirante gradualmente para dentro e o habilitam a transferir a consciência do plano físico para o reino etérico, daí para o mundo do desejo ou das emoções, e progressivamente para o mundo das ideias e conceitos mentais. Este processo, que é realizado no cérebro, leva todo o homem inferior a um estado de atenção coerente e concentrada, todos os aspectos da sua natureza se direcionando para a conquista de uma atenção fixa ou concentração de todas as faculdades mentais. A mente deixa de se dispersar e de se exteriorizar, se aquieta e “fixa plenamente a atenção”. Vivekananda traduz “dharana” como “manter a mente fixa em um pensamento durante doze segundos”.

Esta percepção clara, centralizada e tranquila de um objeto, sem que outro objeto ou pensamento penetre na consciência, é muito difícil de obter. Quando é possível mantê-la durante doze segundos, a verdadeira concentração está sendo alcançada.

2. Concentração sustentada (dharana) é meditação (dhyana).

A meditação é apenas o prolongamento da concentração; provém da facilidade com que o aspirante consegue “fixar a mente” à vontade em um objeto determinado. Está sujeita às mesmas regras e condições da concentração e a única diferença é o fator *tempo*.

Uma vez adquirida a capacidade de enfocar a mente com firmeza em um objeto, a etapa seguinte consiste em desenvolver o poder de manter a substância mental ou chitta sem se desviar do objeto ou pensamento, durante um período prolongado. Prossegue o Purana citado acima:

“Uma sucessão ininterrupta das ideias apresentadas com a única intenção de se fixar em Sua forma, sem desejar nada mais, isso, *ó Rei!* é contemplação. É obtida pelos primeiros seis métodos da yoga”.

A palavra contemplação neste caso é sinônimo de meditação. Tal meditação é ainda com semente ou com um objeto.

Diz Dvivedi, em seu comentário sobre este aforismo:

"... Dhyana consiste em fixar a mente no objeto imaginado até se fazer uno com ele. De fato, naquele momento, a mente deveria estar consciente apenas de si mesma e do objeto".

A atitude do homem se converte em atenção pura e fixa; seu corpo físico, suas emoções, o entorno, todos os sons e tudo o que vê, se perdem de vista e o cérebro se faz consciente apenas do objeto que constitui o tema ou semente da meditação, e dos pensamentos que a mente vai formulando em relação ao objeto.

3. Quando chitta é absorvido no que é a realidade (ou ideia corporificada na forma) e deixa de ser consciente da separação ou do eu pessoal, isto é contemplação ou samadhi.

A maneira mais simples de compreender este aforismo é ter em conta que toda forma ou objeto é uma vida manifestada de um tipo ou de outro. Nas primeiras etapas do processo de meditação, o estudante se dá conta da natureza da forma e da sua relação com ela. Os dois estados, em que está consciente de si mesmo e do objeto da sua meditação são condições inteiramente mentais; existem em sua mente.

A esta condição segue-se outra, em que a sua compreensão se introduz internamente no plano subjetivo e ele se dá conta da *natureza* da sua vida, que vai se expressando por meio da forma. A qualidade e as relações subjetivas absorvem a sua atenção e ele perde de vista o aspecto forma, mas ainda persiste o sentido de separatividade ou dualidade. Ainda é consciente de si mesmo e do não-eu. No entanto, possui uma similitude de qualidade e de resposta a vibrações análogas.

Nas etapas de dharana e dhyana, de concentração e meditação, a mente é o fator importante e o produtor no cérebro. Um grande Instrutor hindu, *Kecidhvaja*, expressa esta ideia nas seguintes palavras:

"A alma possui os meios. Pensar é o meio. Este é inanimado. Quando o pensamento conclui a tarefa de se liberar, fez o que tinha que fazer e cessa". (Extraído de Vishnu Purana, VI, 7:90).

A verdade do exposto acima torna muito difícil descrever e explicar o elevado estado de samadhi ou contemplação, pois as palavras ou frases só são esforços da mente para transmitir ao cérebro do eu pessoal aquilo que o habilitará a avaliar e compreender o processo.

Na contemplação o iogue perde de vista:

1. A consciência cerebral, ou o que se entende no plano físico como tempo e espaço.
2. Suas reações emocionais sobre o tema do seu processo de meditação.
3. Suas atividades mentais, de maneira que todas as "modificações" do processo pensante e as reações emocionais do seu veículo desejo-mente (kama-manas) ficam subjugadas e o iogue inconsciente delas. No entanto, ele está intensamente vivo e alerta, positivo e desperto, pois controla firmemente o cérebro e a mente e os utiliza sem que eles interfiram de maneira alguma.

Isto significa, literalmente, que a vida independente destas formas, por meio das quais atua o verdadeiro eu, está silenciada, aquietada e subjugada, e o homem real ou espiritual, desperto em seu próprio plano, pode atuar utilizando plenamente o cérebro, as envolturas e a mente do eu inferior, seu veículo ou instrumento. Portanto, ele está centrado em si mesmo ou no aspecto alma. Perdeu de vista todo sentido de separatividade ou do eu pessoal inferior, e se identificou com a *alma* da forma, objeto da sua meditação.

Sem as obstruções da substância mental nem da natureza de desejos, “entra” em um estado cujas quatro características relevantes são:

1. *Absorção na consciência da alma* e, portanto, a percepção da alma de todas as coisas. Não vê mais a forma, e a visão da realidade, velada por todas as formas, é revelada.
2. *Liberação dos três mundos* da percepção sensória, de maneira que só se conhece e estabelece contato com o que foi liberado da forma, do desejo e da substância mental concreta inferior.
3. *Compreensão da unicidade* de todas as almas subumanas, humanas e super-humanas. Esta ideia é mais ou menos expressa por *consciência grupal*, assim como consciência separada ou compreensão da própria identidade individual caracteriza a consciência nos três mundos.
4. *Iluminação* ou percepção do aspecto luz da manifestação. Pela meditação o iogue se conhece como luz, um ponto de essência ígnea. Devido à facilidade com que medita, pode enfocar a luz sobre qualquer objeto que escolha e se colocar “em relação” com a luz que o objeto oculta. Sabe então que essa luz é uma em essência com o seu próprio centro de luz e que assim são possíveis a compreensão, a comunicação e a identificação.

4. Quando concentração, meditação e contemplação formam um ato sequencial, sanyama é alcançado.

É uma ideia muito difícil de expressar, pois os idiomas ocidentais não têm o equivalente da palavra sânscrita “sanyama”. É a síntese das três etapas do processo de meditação e só é possível para o estudante que aprendeu e dominou as três etapas do controle mental e, por esta maestria, obteve determinados resultados, que são os seguintes:

1. Liberou-se dos três mundos, da mente, da emoção e da existência no plano físico, que deixam de atrair a sua atenção. Não se concentra nem fica absorvido neles.
2. É capaz de enfocar a atenção à vontade e manter a mente firme indefinidamente, enquanto atua de maneira intensiva no mundo mental, se assim decidir.
3. É capaz de se polarizar ou se centrar na consciência do ego, alma ou homem espiritual, e se conhecer como algo separado da mente, das emoções, dos desejos, sentimentos e da forma que constituem o homem inferior.
4. Aprendeu a reconhecer que o homem inferior (o conjunto de estados mentais, de emoções e de átomos físicos) é simplesmente seu instrumento para se comunicar à vontade com os três planos inferiores.
5. Adquiriu a faculdade de contemplação, a atitude de verdadeira Identificação com o reino da alma e está apto a observá-lo da mesma maneira como o homem usa os olhos para ver no plano físico.
6. É capaz de transmitir ao cérebro o que vê, por meio da mente controlada, e assim transmitir o conhecimento do eu e do seu reino ao homem no plano físico.

Isto é meditação perfeitamente concentrada e a capacidade de meditar assim recebe a denominação de “sanyama” neste aforismo. A conquista do poder de meditar é o objetivo do sistema da Raja Yoga. Por meio desta conquista o iogue aprende a diferenciar entre o objeto e

o que o objeto vela ou oculta. Aprende a atravessar todos os véus e a entrar em contato com a realidade que há por trás deles. Alcança o conhecimento prático da dualidade.

Há ainda uma consciência mais elevada do que esta, é a realização que a palavra unidade descreve, e que ele ainda não alcançou. Trata-se, porém, de uma etapa muito elevada, que produz no homem efeitos surpreendentes e o introduz em diversos tipos de fenômenos.

5. Como resultado de sanyama, vem a resplandecência da luz.

Os diversos estudiosos e tradutores empregaram vários termos neste aforismo, e será interessante considerar alguns deles, porque do estudo das distintas interpretações obteremos a plena compreensão dos termos sânscritos.

Em resumo, a ideia implica no conceito de que a natureza da alma é luz, e que a luz é a grande reveladora. O iogue, graças à prática constante da meditação, chega ao ponto em que é capaz de dirigir à vontade e em qualquer direção, a luz que irradia do seu próprio ser e iluminar qualquer tema. Nada pode ficar oculto para ele e todo o conhecimento está à sua disposição. Este poder é descrito como:

1. *Iluminação da percepção.* A luz da alma flui e o homem no plano físico, em sua consciência cerebral, fica apto a perceber o que antes era escuro e estava oculto para ele. Podemos descrever tecnicamente este processo com os seguintes e concisos termos:

- a. Meditação.
- b. Polarização na alma ou consciência egoica.
- c. Contemplação, ou a focalização da luz da alma sobre o que deve ser conhecido e investigado.
- d. A subsequente descida do conhecimento comprovado, como uma “corrente de iluminação” para o cérebro, por meio do sutratma, o fio da alma, o cordão prateado ou vínculo magnético. Este fio passa pela mente e a ilumina. Os pensamentos engendrados pela resposta automática de chitta (substância mental) ao conhecimento transmitido são então plasmados no cérebro e o homem, em consciência física, torna-se cômico do que a alma sabe. Torna-se um iluminado.

À medida que este processo se torna mais frequente e firme, ocorre uma mudança no homem físico. Ele se sincroniza cada vez mais com a alma. O fator tempo recua para um segundo plano durante a transmissão, e a iluminação do campo de conhecimento pela luz da alma e a do cérebro físico se torna um acontecimento instantâneo.

A luz na cabeça aumenta de maneira correspondente e o terceiro olho se desenvolve e passa a funcionar. Nos planos astral e mental desenvolve-se um “olho” correspondente e, desta maneira, o ego ou alma pode iluminar os três planos nos três mundos, assim como o reino da alma.

2. *Lucidez de consciência.* O homem se torna lúcido e sagaz. Toma ciência de um crescente poder em si mesmo, que o habilitará a explicar e solucionar todos os problemas, e não só isto, também a falar de maneira muito clara e assim se tornar uma das forças instrutoras do mundo. Todo conhecimento adquirido conscientemente pela própria iluminação deve ser compartilhado e transmitido com clareza aos outros. É o corolário da iluminação.

3. *Irradiação penetrante da visão luminosa.* Com isso temos um novo ângulo deste tema, e muito importante. É a definição da capacidade de “ver dentro” de uma forma; de chegar à realidade subjetiva que fez a envoltura objetiva ser o que é. Esta percepção interna é mais do que captação, simpatia e compreensão, que nada mais são do que seus efeitos. É a capacidade de

penetrar em todas as formas e chegar ao que elas velam, porque essa realidade é idêntica à realidade que há em si mesmo.

4. *Iluminação do intelecto.* A menos que a mente ou o intelecto possa captar e transmitir o que a alma sabe, os mistérios permanecem sem explicação para o cérebro físico e o conhecimento que a alma possui não será nada mais do que uma bela e inatingível visão. Porém, uma vez que o intelecto esteja iluminado, ele é capaz de transmitir e plasmar no cérebro as coisas ocultas que somente os filhos de Deus conhecem, em seu próprio plano. Daí a necessidade do método da Raja Yoga ou ciência de união por meio do controle e do desenvolvimento da mente.

6. Esta iluminação é gradual; desenvolve-se etapa após etapa.

Este tópico considera a natureza evolutiva de todo crescimento e revelação e lembra ao aspirante que nada se faz de imediato, mas somente como resultado de um esforço prolongado e constante.

Uma das coisas que todo aspirante aos mistérios deve lembrar é que esse crescimento gradual e relativamente lento é o método de todo processo natural e que o desenvolvimento da alma, afinal, nada mais é do que um dos grandes processos da natureza. Tudo que o aspirante tem a fazer é proporcionar as condições corretas. O crescimento então transcorrerá normalmente. A perseverança, a resistência paciente, a realização de um pouco a cada dia, são de mais valor para o aspirante do que a vigorosa precipitação e o esforço entusiasta da pessoa emocional e temperamental. Forçar indevidamente o próprio desenvolvimento acarreta perigos definidos e específicos, que são evitados quando o estudante se dá conta de que o caminho é longo e que a inteligente compreensão de cada etapa tem mais valor para ele do que os resultados obtidos pelo despertar prematuro da natureza psíquica. O mandado de crescer como cresce a flor encerra uma grande verdade oculta. Há outro enunciado em Ec. 7:16, que transmite este pensamento: "Não seja excessivamente justo..., por que destruir a você mesmo?"

7. Estes três últimos métodos da yoga têm um efeito subjetivo mais interno que os anteriores.

Os primeiros cinco métodos têm como objetivo principal preparar o aspirante a iogue. Observando os Mandamentos e as Regras, alcançando o equilíbrio e o controle rítmico das energias do corpo, e pelo poder de retirar a consciência e centralizá-la na cabeça, o aspirante pode aproveitar e cultivar sem perigo os poderes de concentração, meditação e contemplação.

Tendo entrado em contato com o subjetivo em si mesmo e se tornando consciente do que é interno, ele pode começar a trabalhar com os métodos do interior, interno e íntimo.

Os oito métodos da yoga só preparam o homem para o estado de consciência espiritual que transcende o pensamento, que é independente de quaisquer sementes de pensamento, que é sem forma e que só pode ser descrito (e ainda assim inadequadamente) por termos como unificação, realização, identificação, consciência nirvânica, etc.

É inútil que o neófito procure compreender, até ter desenvolvido o instrumento interno de compreensão; é inútil que o homem mundano questione e procure demonstração das coisas se, ao mesmo tempo, não estiver disposto a aprender o bê-á-bá e se aperfeiçoar na técnica (como ao estudar qualquer ciência).

Diz Johnston em seu comentário:

"... Os métodos de crescimento já descritos dizem respeito à retirada das ataduras e véus psíquicos do homem espiritual que, em troca, deve exercer este tríplice poder e assim se liberar e permanecer sobre seus pés, contemplando a vida com os olhos abertos".

8. No entanto, mesmo esses três ainda não correspondem à verdadeira meditação sem semente (ou samadhi), que não se baseia em um objeto. Ela é livre dos efeitos da natureza discriminadora de chitta (ou substância mental).

Em todas as etapas anteriores, o pensador esteve consciente de si mesmo, o conhecedor, e do campo de conhecimento. Nas primeiras etapas ele estava consciente da triplicidade, pois o instrumento de conhecimento era também reconhecido, para mais tarde ser transcendido e esquecido. Vem agora a etapa final, o objetivo de todas as práticas da yoga, em que a *unidade* é conhecida e até a dualidade é vista como uma limitação. Nada resta, salvo a consciência do eu, daquele conhecedor onisciente e onipotente que é uno com o Todo, cuja própria natureza é percepção e energia. Como já foi muito bem dito:

"Há dois tipos de percepção: a percepção das coisas vivas e a da Vida e a percepção das obras da alma e a da própria alma".

O intérprete da yoga almeja agora descrever os resultados da meditação (alguns em relação com o psiquismo superior e outros com o psiquismo inferior). Os sete aforismos seguintes se referem à natureza dos objetos vistos e ao controle da mente, à medida que o verdadeiro homem procura enfocar sobre eles o raio iluminador da sua mente.

Ao estudar estes resultados da meditação na esfera psíquica, é preciso ter em conta que os oito métodos de yoga produzem efeitos definidos sobre a natureza inferior, causando certos desenvolvimentos e experiências, que colocam o aspirante em harmonia mais consciente com os planos internos dos três mundos. Trata-se de um processo seguro e necessário, desde que seja o efeito do despertar do homem em seu próprio plano e do direcionamento do olho da alma, por intermédio da mente e do terceiro olho, para esses planos. A presença do poder psíquico inferior pode significar, porém, que a alma está adormecida (do ponto de vista do plano físico) e inapta para usar seu instrumento, e que estas experiências só resultam, pois, da atividade do plexo solar, produzindo percepção no plano astral. Este tipo de psiquismo é um *retorno* ao estado animal e à etapa infantil da raça humana, sendo indesejável e perigoso.

9. A sequência dos estados mentais é a seguinte: a mente reage ao que vê; segue-se o momento em que a mente é controlada. Sobrevém então outro momento em que chitta (a substância mental) responde aos dois fatores. Finalmente desaparecem, e a consciência perceptiva rege totalmente.

Se o estudante analisar algumas traduções dos aforismos, descobrirá que a tradução deste varia muito e que a maioria é muito ambígua. A tradução de Tatya ilustra bem este fato:

"Das duas correntes de pensamentos autorreprodutores resultantes de Vyutthana e Nirodha, respectivamente, quando a primeira está subjugada e a segunda manifestada e, no momento da manifestação, o órgão interno (chitta) está envolvido em ambas as correntes, as modificações do órgão interno são a modificação na forma de "Nirodha".

As outras traduções são ainda mais vagas, com exceção do texto de Johnston, que lança muita luz sobre o pensamento envolvido:

"Dos graus ascendentes surge o desenvolvimento do controle. Primeiro considera-se a superação da impressão mental da excitação. Segue-se a manifestação da impressão mental do controle.

Depois da ocorrência do controle, segue-se a consciência perceptiva. Isto é o desenvolvimento do controle”.

Talvez a maneira mais simples de entender esta ideia seja concebendo que o homem em seu cérebro físico, quando procura meditar, está consciente de três fatores:

1. Está consciente do objeto da sua meditação, o que estimula ou impressiona a mente e põe em atividade as “modificações do princípio pensante”, ou incita a tendência da mente de criar formas-pensamento, fazendo com que a substância mental adote as formas correspondentes ao objeto visto.
2. Em seguida ele se torna consciente da necessidade de subjugar esta tendência e então põe em ação a vontade e estabiliza e controla a substância mental, de maneira que cesse de se modificar e adquirir formas.

Graças ao esforço firme e perseverante, a natureza sequencial destes dois estados de consciência é neutralizada aos poucos e, com o tempo, eles se tornam simultâneos. O reconhecimento de um objeto e o controle imediato da substância mental responsiva ocorrem como um relâmpago. É este o estado denominado tecnicamente de “nirodha”. Lembremos que (como diz Vivekananda):

“Se há uma modificação que impele a mente a se precipitar externamente através dos sentidos e o iogue procura controlá-la, o próprio controle é uma modificação”.

A impressão da vontade sobre a mente a levará naturalmente a assumir a forma que a controla e a levará a uma modificação que, em grande parte, dependerá do grau de evolução alcançado pelo aspirante, da tendência do seu pensamento diário e da amplitude do seu contato egoico. Não é esta a verdadeira forma de contemplação e mais elevada, é uma das primeiras etapas, mas é mais elevada que a concentração e a meditação com semente, segundo se entende em geral, porque a ela se segue, inevitavelmente, a terceira etapa, que é de grande importância.

3. Em seguida, o iogue desliza repentinamente para fora do estado inferior de consciência e se dá conta de que está identificado com o percebedor, com o pensador em seu próprio plano e, como a mente está controlada e o objeto visto não suscita resposta, a verdadeira identidade está apta a perceber o que até então estivera velado.

Esclareça-se, porém, que o percebedor em seu próprio plano sempre esteve consciente do que agora é reconhecido. A diferença reside em que o instrumento, a mente, agora está sob controle e, portanto, o pensador pode imprimir no cérebro o que percebe, por meio da mente controlada. O homem, no plano físico, também percebe simultaneamente e, pela primeira vez, que a verdadeira meditação e contemplação são possíveis. De início só durará alguns breves segundos. Um lampejo de percepção intuitiva, um instante de visão e de iluminação e tudo desaparece. A mente começa de novo a se modificar e a entrar em atividade, perde de vista a visão, o momento elevado passa e a porta para o reino da alma parece se fechar repentinamente. Mas veio a certeza; num relance, a realidade foi registrada no cérebro e, assim, a garantia de uma futura realização foi reconhecida.

10. O cultivo deste hábito mental resultará na estabilidade da percepção espiritual.

O ponto de equilíbrio entre a excitação e o controle da mente pode ser alcançado com maior frequência pela repetição constante, até adquirir o hábito de estabilizar a mente. Isso feito, duas coisas acontecem:

1. O controle instantâneo da mente à vontade, produzindo:

- a. Uma mente tranquila, liberta de formas mentais.
- b. Um cérebro passivo e responsivo.

2. A descida ao cérebro físico da consciência do percebedor, a alma.

Esta descida se torna cada vez mais clara, mais informativa e menos sujeita a interrupções, à medida que transcorre o tempo, até que se estabelece uma resposta rítmica entre a alma e o homem no plano físico. A mente e o cérebro ficam completamente submetidos à alma.

Tenhamos em conta que esta condição da mente e do cérebro *é positiva*, não se trata de um estado negativo.

11. O estabelecimento deste hábito e a sujeição da mente para afastá-la da tendência de criar formas-pensamento resultam, oportunamente, no poder da contemplação constante.

Dada a clareza deste aforismo, pouco precisamos dizer para explicá-lo. É uma espécie de resumo dos anteriores.

A ideia que transmite é a de que é preciso alcançar um estado de meditação constante. Embora os períodos em que é empreendido um trabalho específico e em certas horas determinadas sejam de enorme valor, em especial durante as primeiras etapas do desenvolvimento da alma, ainda assim a condição ideal é a de se manter em um estado de realização durante todo o dia, todos os dias. A capacidade de extrair os recursos do ego à vontade, o reconhecimento constante de ser um filho de Deus encarnado no plano físico, e a capacidade de fazer descer o poder e a força da alma quando necessário, eis o que, oportunamente, todo aspirante conseguirá! Mas, primeiro, é preciso instituir o hábito do recolhimento e adquirir a capacidade de reprimir as modificações do princípio pensante de maneira instantânea, para então alcançar este desejável estado de ser.

12. Quando o controle exercido pela mente e o fator controlador estão equilibrados, sobrevém a condição de concentração unidirecionada.

É difícil explicar com clareza o termo sânscrito usado. Termos como: concentração unidirecionada, em um só propósito, fixa, sintética, perfeita, todos dão uma ideia da condição mental que estamos considerando.

O aspirante está então deliberadamente inconsciente de todos os estados mentais relacionados aos três mundos. A sua atenção está enfocada em um objeto específico, fundamentalmente na realidade ou vida subjetiva, velada pela forma do objeto. Além disso, está inconsciente de si mesmo, o pensador ou conhecedor e somente o que está sendo contemplado é percebido no verdadeiro sentido do termo. Este é o aspecto negativo.

É preciso lembrar, porém, que se trata de um estado mental muito ativo, porque a consciência percebora está ciente do objeto de uma maneira mais ampla, e lhe é revelada a totalidade de qualidades, aspectos e vibrações, assim como a energia central e essencial que trouxe aquele objeto específico à manifestação. Esta revelação provém da luz iluminadora da mente, projetada diretamente sobre o objeto. A consciência percebora se dá conta também da sua identificação com a realidade por trás da forma. É esta a verdadeira compreensão ocultista, não tanto a compreensão do objeto, mas sim a compreensão da unidade ou identificação com a vida que o objeto está velando.

Isto em si é uma condição dual, embora não no sentido aceito de maneira geral. No entanto, há um estado de consciência ainda mais elevado, quando é assimilada com clareza a unidade da vida em *todas* as formas e não simplesmente a unidade da vida em um objeto específico.

13. Por este processo são conhecidos os aspectos de todo objeto; então as características (ou forma), a natureza simbólica e o uso específico na condição temporal (etapa de desenvolvimento) são conhecidos e compreendidos.

Neste ponto devemos ter em conta que toda forma de manifestação divina tem três aspectos, de maneira que é realmente feita à imagem de Deus, com todas as potencialidades divinas. Isto é admitido no reino humano, e é igualmente válido para todas as formas. O iogue verdadeiramente concentrado capta esta tríplice natureza, vê os três aspectos tal como são e, no entanto, ao mesmo tempo, os reconhece como um todo. Em seu comentário, Johnston resume as ideias implicadas com as seguintes palavras:

"... obtemos uma dupla perspectiva deste objeto, vindo de imediato todas as suas características individuais; seu caráter essencial, espécie e gênero; o vemos em relação consigo mesmo e com o Eterno".

Curiosamente estes três aspectos englobam os três aspectos da equação tempo ou da relação do objeto com seu ambiente.

1. *Características da forma.* Com esta frase são evidenciados os aspectos tangíveis e externos da forma. Trata do aspecto matéria da ideia em manifestação. Primeiro considera e, em seguida, descarta, aquilo com que fez contato por meio dos sentidos. Referida forma é resultado do passado, e as limitações relativas à sua etapa de evolução são reconhecidas. Cada forma contém em si a evidência dos ciclos anteriores, o que pode ser observado em:

- a. seu grau de vibração,
- b. a natureza do seu ritmo,
- c. a quantidade de luz que permite manifestar,
- d. sua cor oculta.

2. *Natureza simbólica.* Um objeto nada mais é do que o símbolo de uma realidade. A diferença no desenvolvimento das formas que simbolizam ou corporificam essa realidade é a garantia de que, em data futura, todos os símbolos alcançarão a frutificação de sua missão. Um símbolo é uma ideia corporificada, a manifestação de alguma vida na existência objetiva. É o aspecto consciência, e duas grandes revelações estão latentes em todo símbolo e forma:

a. A revelação da plena consciência, ou o surgimento da resposta ao contato, que é potencial ou difere ainda em todas as formas, mas que pode se produzir e se produzirá até adquirir a máxima percepção.

b. A revelação daquilo que o aspecto da consciência (o segundo aspecto) por sua vez, está ocultando. A revelação da alma leva à manifestação da vida una. A manifestação do Filho de Deus leva ao conhecimento do Pai. O resplendor do Eu Superior, por meio do eu inferior, revela o eu divino ou espiritual. A matriz contém o diamante e quando a matriz revela a sua joia oculta e é realizado o trabalho de corte e polimento, a glória da joia será vista. Quando a planta loto chega à maturidade, aparece a flor e, no centro das pétalas, é possível ver a "Joia no Loto" (Om Mani Padme Hum).

Este aspecto simbólico é comum a todas as formas; quer o símbolo seja um átomo de substância, um mineral, uma árvore, um animal ou "a forma do Filho de Deus", a joia do primeiro aspecto

estará oculta. Dará a conhecer a sua presença por meio da qualidade da consciência em algum dos seus inúmeros estados.

3. *Uso específico nas condições temporais.* À medida que o iogue se concentra de maneira unidirecional sobre a forma ou objeto, medita sobre a sua qualidade (o aspecto subjetivo ou natureza simbólica) e contempla a vida que a forma vela, mas, comprovada pelo fator consciência, torna-se consciente da etapa de desenvolvimento *atual* e, assim, passado, presente e futuro são revelados à sua intuição.

Portanto, ficará evidente, até para o leitor descompromissado, que se a meditação se desenvolver corretamente nas três etapas mencionadas, todo conhecimento é possível para o iogue; o Eterno Agora é para ele um fato da natureza plenamente percebido e ele está apto a colaborar inteligentemente com o plano evolutivo. O serviço então se baseia na total compreensão.

14. As características de todo objeto são adquiridas, manifestas ou latentes.

Este aforismo apresenta muito da ideia contida no anterior. Em tempo e espaço todas as características têm um valor relativo. A meta é uma e a origem é uma, mas devido aos diferentes graus de vibração dos sete grandes alentos ou correntes de energia divina, toda vida contida neles difere e é característica. O grau de desenvolvimento dos sete Senhores de Raio não é o mesmo. O desenvolvimento da vida dos diversos Logos planetários, ou dos sete Espíritos ante o Trono de Deus não é uniforme e os átomos dos Seus corpos, ou as Mônadas que constituem Seus veículos, portanto, não têm desenvolvimento uniforme.

Este tema é muito vasto e só podemos abordá-lo brevemente. Seria do interesse dos estudantes buscar informações dadas nas diversas apresentações da verdade uma com relação às grandes Vidas nas quais “vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”, e que poderiam ser estudadas sob as seguintes denominações:

1. os sete Raios,
2. os sete Espíritos ante o Trono,
3. os sete Logos planetários
4. os sete grandes Senhores,
5. os sete Éons,
6. as sete Emanações,
7. os sete Prajapatis,

e outros termos menos conhecidos. Este estudo disponibilizará muita luz.

Na forma característica (levando em conta o ponto específico de desenvolvimento assim como a ausência dele), revelam-se ao conhecedor:

- a. A totalidade do que foi adquirido. Aquilo que o *passado* deu. É o acorde total que a alma daquele objeto é capaz de emitir até agora.
- b. A faixa singular de qualidades da aquisição total que a vida está manifestando por meio de determinada forma específica. É a nota *presente* no acorde adquirido que a alma do objeto optou por emitir.
- c. O que está latente e é possível. Este conhecimento será dual e revelará, primeiro, as possibilidades latentes que deverão ser desenvolvidas por meio da forma contemplada e, segundo, as possibilidades latentes, susceptíveis de desenvolvimento no ciclo mundial atual, por

meio de diversas formas. Isto abrange os desenvolvimentos *futuros*. Proporcionará ao iogue o acorde completo, uma vez finalizado o grande ciclo evolutivo.

15. A etapa de desenvolvimento é responsável pelas variadas modificações da versátil natureza psíquica e do princípio pensante.

Trata-se de uma paráfrase bastante geral da ideia em pauta, e uma espécie de resumo das intrincadas ideias do texto. Os aforismos que se seguem a esse (no Livro Terceiro) tratam dos resultados da meditação. Os anteriores se referiram aos obstáculos e às dificuldades a vencer antes de ser possível a verdadeira meditação. Este aforismo dá a chave do que deve ser superado e das diferenças entre os aspirantes ao Caminho. Uma das atividades mais úteis que o aspirante pode empreender é determinar o lugar aproximado que ocupa na escala de evolução e recapitular quais são seus recursos e suas deficiências. O conhecimento do ponto alcançado e do próximo passo a dar é essencial para haver um progresso real.

Johnston traduz este aforismo com as seguintes palavras: “A diferença de grau é a causa da diferença do desenvolvimento”. Prossegue dizendo: “A primeira etapa é o broto, a larva, o animal; a segunda etapa é a árvore em crescimento, a crisálida, o homem. A terceira é o magnífico pinheiro, a borboleta, o anjo...”

16. A meditação concentrada na tríplice natureza de cada forma traz a revelação do que foi e do que será.

O presente aforismo resume as ideias precedentes. É interessante observar como este primeiro grande resultado da meditação nos leva à origem dos verdadeiros fatos referentes à manifestação divina e ressalta os três aspectos, pelos quais toda vida se expressa (do átomo de substância a um Logos solar). A grande Lei de Causa e Efeito e todo o processo de desenvolvimento evolutivo são reconhecidos e aquilo que é, é visto como resultado do que foi. Da mesma maneira, o que será depois é reconhecido como a elaboração de causas postas em movimento no presente, e assim o ciclo de desenvolvimento é visto como um processo que existe em três etapas.

Estas três etapas, nos três mundos do desenvolvimento humano, correspondem às três dimensões. Será do interesse dos estudantes comparar as analogias entre as diversas triplicidades, levando em conta que o terceiro aspecto (substância inteligente), o aspecto Espírito Santo ou Brahma, corresponde ao passado (temos aqui um indício a respeito da natureza do mal). O segundo aspecto (consciência), o aspecto Cristo ou Vishnu, diz respeito ao presente, enquanto que somente o futuro revelará a natureza do espírito, o Pai ou aspecto mais elevado. Esta linha de pensamento se esclarecerá pela meditação concentrada, ao mesmo tempo em que se desenvolverá um sentido de proporção e dos valores corretos com relação ao ponto atual no tempo. Também se desenvolverá o reconhecimento da relação de todas as vidas entre si e a vida do aspirante se adaptará e estabilizará de tal maneira que ajustará o carma passado, e neutralizará o possível carma futuro, o processo de liberação avançando assim rapidamente.

17. O Som (ou palavra), o que ele denota (o objeto) e a essência espiritual corporificada (a ideia), em geral são confundidos na mente do percebedor. Pela meditação concentrada nestes três aspectos, chega-se à compreensão (intuitiva) do som emitido por todas as formas de vida.

Este é um dos aforismos mais importantes do livro, pois contém a chave do objetivo de todo o processo da meditação. Revela ou descobre para o percebedor ou homem espiritual, a verdadeira natureza do ser, o segundo aspecto, e a correspondência com o segundo aspecto em todas as formas de vida subumanas, ao mesmo tempo em que o põe em harmonia com o

segundo aspecto de todas as formas super-humanas. Diz respeito, portanto, ao aspecto subjetivo de toda a manifestação, e trata das forças que, em cada forma, constituem o aspecto consciência, correspondem ao princípio crístico ou búdico e que são causa direta da manifestação objetiva e da revelação do espírito por meio da forma.

É o AUM. Primeiro o alento, em seguida a palavra, e tudo o que é, surgiu.

Enquanto a grande Existência, o somatório de todas as formas e de todos os estados de consciência, continuar a emitir o AUM cósmico, persistirá o sistema solar objetivo e tangível.

Para fins de clareza do pensamento, tenhamos em conta, em conexão com este aforismo, os seguintes sinônimos:

I. <i>A Essência Espiritual.</i>	II. <i>O Som ou Palavra.</i>	III. <i>O objeto.</i>
1. Espírito.	1. Alma.	1. Corpo.
2. Pneuma.	2. Psique.	2. Forma.
3. O Pai. Shiva	3. O Filho. Vishnu.	3. O Espírito Santo. Brahma.
4. A Mônada. O Uno.	4. O Cristo cósmico.	4. O veículo da vida e da encarnação.
5. A Eterna Vontade ou Propósito	5. O Amor-Sabedoria Eterna	5. A Eterna Atividade e Inteligência.
6. O Grande Alento.	6. O AUM.	6. Os Mundos.
7. A Vida.	7. O Aspecto consciência.	7. O Aspecto atividade.
8. A Energia sintetizadora.	8. A Força atrativa.	8. A Matéria.
9. O Primeiro Aspecto.	9. O Segundo Aspecto.	9. O Terceiro Aspecto.

A mente do homem em geral confunde estes três aspectos e reconhece como realidade o externo e objetivo. É este o grande maya ou ilusão, que só pode se dissipar quando o percebedor for capaz de distinguir os três grandes aspectos em cada forma, inclusive a própria. Quando o segundo aspecto, a alma, o princípio do meio ou mediador for conhecido, também a natureza da forma será conhecida e a natureza essencial do espírito poderá ser inferida. Porém, o campo imediato do conhecimento que o iogue deve dominar é o segundo aspecto. Deve descobrir o Som ou Palavra que trouxe cada forma à manifestação e que é resultado do alento, a essência ou espírito.

"No Princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele..." (João I. 1:2.)

A Bíblia cristã dá aqui a substância de todo o ensinamento e, no significado das três letras da Palavra Sagrada, AUM, temos a chave de todo o processo cósmico. O processo da meditação, quando devida e corretamente praticado, revela o segundo aspecto ou alma, e então é possível ouvir o Som ou Verbo (a Voz do Silêncio).

Uma vez ouvido e o trabalho empreendido com constância, o reino da consciência é revelado e o iogue se põe em harmonia com o segundo aspecto da sua própria natureza e com o segundo aspecto de toda forma. É esta a base de toda a ciência da alma, e leva o homem ao conhecimento de sua própria alma ou psique, e também da psique de toda forma de vida divina. É o fundamento de toda a ciência do psiquismo, nos aspectos superior e inferior.

Quando um homem é um psíquico inferior, ele é consciente e responde ao aspecto alma das formas materiais e predomina nele o terceiro aspecto ou Brahma (o corpo), porque todo átomo de matéria tem uma alma. Isto diz respeito ao subumano.

Quando responde à correspondência superior, à realidade da qual o inferior é apenas a sombra, ele está em contato com a consciência crística e com a alma do seu ser, que é uma com a alma de todos os reinos super-humanos.

Em relação a isto, duas coisas devem ser levadas em conta. Se o homem é um psíquico inferior, está em contato com o segundo aspecto do homem inferior, o corpo astral, o princípio do meio no homem inferior, que vincula o corpo mental e o etérico. Em consequência, está em harmonia com tudo aquilo que pode fazer contato nesse plano.

Se, por outro lado, é um psíquico superior, está em harmonia com o segundo aspecto da manifestação divina, o ego ou alma em seu próprio plano, atuando como intermediária e vinculadora entre a Mônada e a personalidade, entre o espírito e o corpo.

É interessante observar que em manifestações do psiquismo inferior, que têm lugar nas sessões mediúnicas comuns de espiritismo, temos a chave desta verdade. Nessas sessões se estabelece contato com o plano astral, através deste grande centro, o plexo solar, que une os três centros superiores com os inferiores. Explica também o fato de que a materialização das flores seja uma característica em tais sessões, pois o reino vegetal é o intermediário dos três reinos subumanos, mineral, vegetal e animal. Além disso, explica o predomínio dos guias índios, pois são os cascarões e poderosas formas mentais deixadas pela segunda das três raças estritamente humanas, lemuriana, atlante e ária. Já não há mais cascarões nem formas mentais dos lemurianos, mas sim muitos cascarões atlantes, conservados devido ao uso de certas fórmulas da magia atlante.

A meditação concentrada sobre a diferença entre estes aspectos possibilitará, com o tempo, ouvir a Voz do Silêncio e fazer contato com o segundo aspecto do homem, e ele se conhecerá como “o Verbo feito carne” e também como o AUM.

Quando assim for, ouvirá a palavra de outras unidades da família humana e despertará para o som, reconhecendo-o tal como emana de todas as formas em todos os reinos da natureza. O reino da alma se abrirá ante ele e, quando isto incluir o reconhecimento do som nos quatro reinos, será levado a conhecer a si mesmo como Mestre. O conhecimento da alma e o poder de trabalhar com a alma de todas as coisas nos três mundos é a marca distintiva do Adepto.

18. Quando o poder de ver as imagens-pensamento é adquirido, o conhecimento das encarnações anteriores se torna acessível.

O significado deste aforismo é muito grande, pois proporciona a base para a recuperação do conhecimento da experiência passada. Tal base é estritamente mental e somente quem está polarizado mentalmente e com a mente sob controle pode recuperar este conhecimento, se desejar. O poder de ver imagens-pensamento só é obtido através do controle da mente, e a mente só pode ser controlada pelo homem real ou espiritual. Portanto, somente as pessoas centradas no ego estão realmente aptas a adquirir tal conhecimento. Talvez aqui se perguntem o que veem as pessoas de tipo emocional e *não* mental, que afirmam saber quem são e relatam as vidas passadas de seus amigos? Leem os registros akáshicos, mas, como seu controle mental e instrumental não são adequados, não são capazes de discriminar nem de apurar com exatidão o que estão vendo.

O registro akáshico é como uma enorme película fotográfica, onde são registrados os desejos e as experiências terrenas do nosso planeta. Quem o percebe vê reproduzidos neles:

1. As experiências de vida de todo ser humano, desde o princípio do tempo,

2. As reações às experiências de todo o reino animal,
3. O conjunto de formas-pensamento de natureza kâmica (baseadas no desejo) de todo ente humano no transcurso do tempo. É este o fundamento do grande engano dos registros. Somente o ocultista treinado sabe distinguir entre as experiências reais e os quadros astrais, criados pela imaginação e pelo desejo intenso.
4. O “Morador no Umbral” planetário, com tudo o que este termo abrange, mais o conjunto de formas que se encontram no seu ambiente.

O vedor treinado aprendeu a dissociar o que pertence à sua própria aura da aura do planeta (que na realidade é o registro akáshico), e é capaz de diferenciar entre os registros, que são:

- a. Planetários.
- b. Hierárquicos ou pertencentes ao trabalho das doze Hierarquias criadoras, à medida que concretizam o plano do Logos.
- c. As formas imaginárias, resultantes da atividade desejo-pensamento de miríades de homens animados pelo desejo de obter algum tipo de experiência.
- d. Os registros históricos das raças, nações, grupos e famílias, em suas duas grandes divisões: plano físico e plano astral. É preciso ter presente que todo ser humano pertence a uma família *física*, que constitui seu vínculo com o reino animal, e também pertence a uma família astral. Mediante essa afiliação está vinculado, no arco ascendente, com seu grupo egoico e no arco descendente com o reino vegetal.
- e. O registro astrológico, ou as formas adotadas no plano astral, sob a influência das forças planetárias, constituem dois grandes grupos:
 1. As formas ou imagens no akasha, produzidas pela afluência de força solar por meio dos planetas.
 2. As formas ou imagens produzidas pela afluência de força cósmica de algum dos signos do zodíaco, isto é, de suas constelações correspondentes.

Estes pontos foram enumerados para demonstrar a impossibilidade de que a maioria das afirmações a respeito das encarnações passadas seja verídica. Elas resultam da vívida imaginação e do pressuposto de que os lampejos de visão astral, que dão um vislumbre da película akáshica, revelam algo relativo a quem o vê. Não é assim, tal como observar pessoas e atividades de uma janela em uma grande cidade também não revela ao observador que se trata de seus parentes, amigos e atividades.

O conhecimento a que se refere o presente aforismo advém de três maneiras:

1. Pela capacidade de ver diretamente os registros, se assim desejar. Tal forma de adquirir conhecimento é empregada raramente, apenas os iniciados e adeptos a utilizam com relação aos seus discípulos consagrados.
2. Pelo conhecimento direto das atividades e relações grupais do próprio ego do homem; no entanto, só abrange o ciclo de tempo que começa quando o homem entrou no caminho probacionário. As experiências anteriores não têm mais importância vital do que teria um segundo na vida de um ancião que observa retrospectivamente a sua longa vida. O que se destaca são os eventos e acontecimentos e não as horas e segundos individuais.

3. Pela vida instintiva. Baseia-se na *memória*, nas faculdades e capacidades adquiridas e na posse das qualidades que compõem o instrumental do ego, o qual sabe que o poder de realizar isto ou aquilo nos três mundos é resultado direto de experiências passadas e sabe também que determinados efeitos só são alcançados mediante certas causas, que a meditação concentrada o leva a conhecer.

Torna-se consciente das seguintes imagens-pensamento:

1. As da sua aura, no momento da meditação,
2. As que se encontram no seu ambiente imediato,
3. As da família, grupo e raça atuais,
4. As do seu ciclo de vida atual,
5. As do seu grupo egoico.

Desta maneira, pelo processo de eliminação, gradualmente constrói seu caminho através de um grau após o outro de imagens-pensamento, até chegar ao estrato específico de impressões mentais que correspondem ao ciclo que lhe diz respeito. Não se trata, pois, de uma simples percepção de certos aspectos dos registros, mas de um processo estritamente científico, que somente o ocultista treinado conhece.

19. Pela meditação concentrada, as imagens-pensamento nas mentes de outras pessoas ficam aparentes.

É preciso lembrar que o resultado dos oito métodos da yoga é produzir um iogue ou conhecedor treinado. Ele se ocupa, portanto, das causas, não dos efeitos. Percebe o que causa a aparição do tangível, ou seja, os pensamentos que põem em movimento as forças da substância e que, com o tempo, produzem a concreção daquela substância.

O uso deste poder de ler as mentes dos demais só é permitido ao iogue nos casos em que é necessário para ele compreender as causas por trás de determinados acontecimentos, e somente para fins de desenvolver inteligentemente os planos da Hierarquia e da evolução. Tal poder é análogo ao da telepatia, mas não idêntico. A telepatia implica em sintonizar a nossa mente com a de outro, e requer que ambas estejam em harmonia. Esta faculdade de vedor treinado é antes um *ato da vontade* e manipulação de certas forças, pelas quais pode ver instantaneamente o que deseja, em qualquer aura e em qualquer momento.

O objeto de sua investigação pode estar ou não sintonizado com ele; pela intensa meditação e pelo uso da vontade, as imagens-pensamento lhe são reveladas. Este poder é perigoso e só é permitido aos discípulos treinados.

20. No entanto, como o objeto de tais pensamentos não é aparente para o percebedor, ele só vê o pensamento e não o objeto. Sua meditação exclui o tangível.

Em sua meditação, ele está “desperto” apenas à substância do pensamento, à sua própria substância mental ou chitta e à de outros.

É a atividade inerente desta substância mental ou “chitta” que causa a eventual manifestação de formas tangíveis e objetivas, no plano físico.

Tudo que *aparece* é resultado de um acontecimento subjetivo. Tudo que é, existe na mente do pensador, não como se entende normalmente, mas no sentido de que o pensamento põe em movimento determinadas correntes de força. Essas correntes vão traçando gradualmente as

formas correspondentes à ideia do pensador, formas que persistem enquanto sua mente se centra nelas e que desaparecem quando “retira a mente” delas.

Através da meditação concentrada, o que se percebe é a natureza da força ou corrente de pensamento. A forma que finalmente resultará não interessa ao vedor. Ele sabe, pela causa, qual será o efeito inevitável.

21. Pela meditação concentrada na diferença que existe entre a forma e o corpo, as propriedades do corpo que o fazem visível ao olho humano são neutralizadas (ou retiradas) e o iogue pode se tornar invisível.

Este é um dos aforismos mais difíceis para o pensador ocidental, porque implica em certos conhecimentos estranhos ao Ocidente. Primeiramente, envolve o conhecimento do corpo etérico ou vital e de suas funções como força atrativa que mantém coerente o veículo físico denso. Por este substrato etérico, o corpo físico é conhecido como um todo coerente e a sua objetividade se faz visível. Este corpo vital é a verdadeira forma do ponto de vista do ocultista e não a envoltura tangível densa.

O iogue, por meio da concentração e da meditação, adquire o poder de centrar a consciência no homem real ou espiritual e de controlar o princípio pensante. É lei oculta que “como o homem pensa, assim ele é” e também é verdade ocultamente que “ali onde o homem pensa, ali ele está”. O vedor treinado pode retirar a consciência à vontade do plano físico e centrá-la no plano mental; pode “apagar a luz” à vontade e, quando isto acontece, a visibilidade se anula e desaparece (do ponto de vista do olho humano). Também se torna intangível para o tato e inaudível para o ouvido. É este fato que demonstra a realidade da hipótese de que nada existe, a não ser energia de um tipo ou outro, e de que tal energia é tríplice. No Oriente, a natureza da energia é denominada sáttvica, rajásica e tamásica e se traduz como:

Sattva	Ritmo	Espírito	Vida.
Rajas	Mobilidade	Alma	Luz.
Tamas	Inércia	Corpo	Substância.

Todas são diferenciações em tempo e espaço da única, eterna e primordial essência-espírito. Podemos aventar que as analogias ocidentais modernas se encontram nos seguintes termos:

Energia	Espírito	Vida.
Força	Alma	Luz.
Matéria	Forma	Substância.

A característica significativa do espírito (ou energia) é o princípio-vida, aquele algo misterioso que faz com que todas as coisas existam e persistam. A característica significativa da alma (ou força) é luz. Traz à visibilidade o que existe.

A característica significativa da matéria viva é que ela “substancia”⁵ ou “se encontra por trás do corpo objetivo, proporcionando a verdadeira forma. Devemos lembrar que a base de todo ensinamento ocultista e de todos os fenômenos se encontra nas palavras:

“A matéria é o veículo de manifestação da alma neste plano de existência, e a alma, em uma volta superior da espiral, é o veículo de manifestação do espírito”. (*A Doutrina Secreta I*)

⁵ N.T. de sub+stare - debaixo + permanecer, que forma o verbo substanciar e o substantivo substância.

Quando a alma (ou força) se retira do aspecto matéria (a forma objetiva tangível), a forma deixa de ser vista, desaparece e, temporariamente, se dissipa. Atualmente o vedor pode realizá-lo pela concentração da consciência no ego, o homem espiritual ou alma e (valendo-se do princípio pensante e por um ato de vontade) retirando o corpo etérico do físico denso. É o que está contido na palavra “abstração” e implica em:

1. Reunir a vida ou forças vitais do corpo nos centros nervosos do plano físico, ao longo da coluna vertebral.
2. Dirigir essas forças pela coluna vertebral até a cabeça.
3. Concentrá-las ali e abstraí-las pelo fio ou sutratma, mediante a glândula pineal e o brahmarandra.
4. O vedor então aparece em sua verdadeira forma, o corpo etérico, que é invisível para o olho humano. À medida que a raça desenvolver a visão etérica, será necessário haver uma abstração mais profunda e o vedor então retirará também os princípios vitais e luminosos (as qualidades de sattva e de rajas) do corpo etérico, ficando em seu corpo kâmico ou astral, assim se tornando invisível também etericamente. Mas isto está ainda muito distante.

Em seu comentário, W. Q. Judge faz interessantes observações, a saber: “Indica-se aqui outra grande diferença entre esta filosofia e a ciência moderna. Atualmente as escolas postulam que se um olho sadio está em linha com os raios de luz refletidos de um objeto – tal como um corpo humano – este será visto e nenhuma ação mental da pessoa observada poderá inibir as funções do nervo óptico e da retina do observador. Os antigos hindus, porém, sustentavam que as coisas são vistas devido à diferenciação de sattva – uma das três grandes qualidades inerentes a todas as coisas – que se manifesta como luminosidade, atuando em conjunção com o olho, também manifestação de sattva em outro aspecto. Ambos devem se unir; a ausência de luminosidade, ou a desconexão da mesma do olho do vedor causará o desaparecimento. Como a qualidade de luminosidade é totalmente controlada pelo asceta, ele pode, pelo processo estabelecido, detê-la e, assim, isolar do olho do outro um elemento essencial para ver qualquer objeto.”

Este processo só é possível como resultado da meditação concentrada e direcionada e, por esta razão, é impossível para o homem que não foi submetido a uma prolongada disciplina e treinamento, que envolve a tarefa de obter o controle do princípio pensante e estabelecer o alinhamento direto que lhe permitirá atuar uma vez que o pensador, em seu próprio plano, alinhe e coordene a mente e o cérebro, pelo sutratma, fio ou cordão prateado magnético.

22. O carma (ou efeitos) é de dois tipos: carma imediato ou carma futuro. Pela meditação perfeitamente concentrada nesses, o iogue conhece a duração da sua experiência nos três mundos. Este conhecimento também é adquirido por meio de sinais.

Este aforismo pode ser esclarecido quando estudado em relação ao Aforismo 18 do Livro Terceiro. O carma ao qual faz referência corresponde basicamente à vida atual do aspirante ou vedor. Ele sabe que todo acontecimento em sua vida é efeito de uma causa prévia, iniciada por ele mesmo em uma encarnação anterior. Sabe também que cada ato da vida presente deve produzir um efeito (a ser desenvolvido em outra vida), salvo que o execute de tal maneira que:

1. O efeito seja imediato e culmine no curso da vida atual.
2. O efeito não origine carma, por ter executado o ato desinteressadamente e com total desapego. Obtém-se então o efeito desejado, nos termos da lei, mas sem consequências para o indivíduo.

Quando o vedor reencarna em uma vida, na qual lhe restam poucos efeitos a esgotar e tudo que inicia não produz carma, pode fixar uma duração à experiência da sua vida, e sabe que o dia da liberação está próximo. Pela meditação e capacidade de atuar como alma, pode chegar ao mundo das causas e saber com isso que atos deve realizar para se liberar dos poucos efeitos restantes. Dedicando uma rigorosa atenção às motivações subjacentes a todos os atos da vida atual, evitará que os efeitos o atem à roda de renascimentos. Deste modo, consciente e inteligentemente se aproximará da meta, e todo comportamento, ato e pensamento serão regidos pelo conhecimento direto, que de nenhuma maneira o encadearão.

Os referidos sinais ou prognósticos se relacionam principalmente com o mundo mental, onde mora o verdadeiro homem. Pela compreensão de três coisas:

- a. os números,
- b. as cores,
- c. as vibrações,

o vedor se dá conta de que a sua aura está livre dos efeitos que “produzem a morte”. Sabe que, falando em termos simbólicos, não há nada mais escrito nos registros que possam trazê-lo novamente aos três mundos e, portanto, “pelos sinais” vê que seu caminho está liberado.

Isto foi expresso para nós nos antigos escritos que se encontram nos arquivos dos Mestres da seguinte maneira:

“Quando a estrela de cinco pontas brilha com clareza e não se veem formas em suas pontas, o caminho está liberado.

Quando o triângulo não encerra nada mais do que luz, a senda está livre para a passagem do peregrino.

Quando na aura do peregrino as muitas formas se desvanecem e três cores são vistas, o caminho está livre de obstruções.

Quando os pensamentos não atraem formas nem refletem sombras, o fio propicia uma via direta do círculo para o centro.”

Desse ponto de repouso, não há retorno possível. O período da necessária experiência nos três mundos chegou ao fim. Nenhum carma pode atrair para a Terra o espírito liberado para fins de novas lições ou de desenvolvimento de causas anteriores. No entanto, ele pode continuar ou retomar sua obra de serviço nos três mundos, sem abandonar realmente seu verdadeiro lar nos reinos sutis e nas esferas mais elevadas de consciência.

23. A união com os demais é obtida pela meditação concentrada em três estados do sentimento – compaixão, mansidão e desapaixonamento.

Para compreender este aforismo, o estudante deverá compará-lo com o Af. 33 do Livro Primeiro. A união tratada aqui marca um passo além da conquista anterior. Nela, a natureza do aspirante está sendo treinada para uma associação harmoniosa e pacífica com todos ao seu redor. Nessa, ele é ensinado a se identificar com todos os outros eus por meio da concentração no que às vezes é chamado de “três estados de sentimento”. São eles:

- a. **Compaixão**, antítese da paixão, que é egoísta e absorvente.
- b. **Mansidão**, antítese da autocentralização, que é sempre dura e autorreferenciada.
- c. **Desapaixonamento**, antítese da cobiça e do desejo.

Esses três estados do sentimento, quando compreendidos e internalizados, põem o homem em harmonia com a alma de todos os homens.

Pela compaixão, deixa de se ocupar dos próprios interesses egoístas, penetra em seu irmão e sofre com ele; é capaz de adaptar a própria vibração de maneira a responder à necessidade do irmão e de compartilhar tudo o que se passa no coração do irmão. Assim faz pela sintonização da própria vibração, a fim de responder à natureza amorosa da própria alma e, por meio deste princípio unificador, todos os corações são abertos para ele.

Pela mansidão, a compreensão compassiva toma uma expressão prática. Suas atividades deixam de ser voltadas para si e autocentradas, dirigem-se para fora e são inspiradas pelo desejo franco e desinteressado de servir e ajudar. Este estado de sentimento recebe às vezes o nome de “misericórdia” e caracteriza todos os servidores da raça. Implica em ajuda ativa, intenção altruísta, discernimento prudente e atividade amorosa. É livre de todo desejo de recompensa e reconhecimento, o que foi belamente expresso em *A Voz do Silêncio* de H. P. Blavatsky, com as seguintes palavras:

“Que a tua Alma dê ouvidos a todo o grito de dor, como a flor de lótus abre o coração para beber o sol da manhã.

Que o sol ardente não seque uma única lágrima de dor antes que a tenhas enxugado dos olhos de quem sofre.

Que toda candente lágrima humana caia no teu coração e aí permaneça; que nunca a removas enquanto durar a dor que a produziu.

Estas lágrimas – tu de coração tão compassivo – são as correntes que irrigam os campos da caridade imortal.”

Pelo desapaixonamento, o aspirante e servidor permanece livre dos resultados cármicos da sua atividade em prol dos outros. Como sabemos, o nosso próprio desejo nos ata aos três mundos e às outras pessoas. “Atar-se a” é diferente de “unir-se com”. O primeiro está saturado de desejos e cria obrigações e efeitos; o outro está livre de desejos e produz “identificação com”, não exercendo efeitos que amarram aos três mundos. O desapaixonamento é de qualidade mais mental que os outros dois. Observemos que o desapaixonamento traz qualidade de mente inferior, a mansidão é resultado emocional da compaixão desapaixonada e envolve o princípio kâmico ou astral e a compaixão diz respeito também ao plano físico, pois é a manifestação física dos outros dois estados. É a capacidade prática de se identificar com outro, em todas as condições dos três mundos.

Esta união é resultado da unicidade egoica que desceu à plena atividade nos três mundos por meio da meditação.

24. A meditação centrada exclusivamente no poder do elefante despertará essa força ou luz.

Este aforismo provocou muitos debates e a interpretação mais comum deu a ideia de que meditar sobre o elefante proporcionará a força do elefante. Muitos estudiosos inferem destas palavras que a meditação sobre outros animais transmitirá as suas características.

Lembremos que esta obra tem caráter científico e os seguintes objetivos:

1. Treinar o aspirante para que possa penetrar nos reinos sutis.
2. Fazer com que tenha poder sobre a mente, de maneira a convertê-la em seu instrumento, a ser usada à vontade como órgão de visão nos mundos superiores e como transmissora e intermediária entre a alma e o cérebro.

3. Despertar a luz na cabeça de maneira que o aspirante possa se tornar um centro de luz irradiante que ilumine todos os problemas e, por meio dessa luz, ver a luz em todas as partes.
4. Despertar os fogos do corpo, de maneira que os centros se tornem ativos, luminosos, conectados e coordenados.
5. Estabelecer uma coordenação entre:
 - a. o ego ou alma em seu próprio plano,
 - b. o cérebro, por meio da mente,
 - c. os centros. Por um ato de vontade, todos podem ser postos em atividade uniforme.
6. Feito isto, o fogo na base da coluna vertebral, até então adormecido, despertará e ascenderá com segurança, mesclando-se, afinal, com o fogo ou luz na cabeça, para assim se extinguir, tendo "queimado toda a escória e liberado os canais" para uso da alma.
7. Desenvolver deste modo os poderes da alma, os "siddhis" superiores e inferiores, assim produzindo um servidor da raça eficiente.

Tendo em conta esses sete pontos, é interessante observar que o símbolo do centro situado na base da coluna vertebral, o centro muladhara, é o elefante. É símbolo de resistência, poder concentrado, grande força propulsora, que uma vez despertado carrega tudo o que está pela frente. Para a nossa quinta raça-raiz, é o símbolo do animal mais forte e vigoroso. É também a representação da transmutação ou sublimação da natureza animal, porque o elefante está na base da coluna vertebral e na cabeça se encontra o loto de mil pétalas que oculta Vishnu, sentado no centro. Assim a natureza animal se eleva para o céu.

A meditação sobre a "força do elefante", o poder do terceiro aspecto, faz despertar a energia da própria matéria e, portanto, de Deus, o Espírito Santo ou Brahma, unindo-a com o aspecto consciência ou segundo aspecto, a energia da alma, de Vishnu, o segundo aspecto, a força crística. Produz assim a unificação ou união perfeita entre alma e corpo, o verdadeiro objetivo da Raja Yoga.

Que os estudantes desta ciência se lembrem, porém, que estas fórmulas de meditação centralizada só são permitidas depois de aplicados os oito métodos de yoga, tratados no Livro Segundo.

25. A meditação perfeitamente concentrada na luz desperta proporcionará a consciência do que é sutil, oculto ou remoto.

Todos os ensinamentos de natureza ocultista ou mística mencionam, com frequência, o que é denominado "*Luz*". A Bíblia contém muitas passagens sobre ela, como também todos os Textos Sagrados do mundo. Muitos termos são aplicados, mas, por falta de espaço, só consideraremos os que se encontram nas diversas traduções dos "Aforismos da Yoga de Patanjali", que são:

- a. A Luz interna desperta (Johnston)
- b. A Luz na cabeça (Johnston)
- c. A Luz do conhecimento imediato (conhecimento intuitivo) (Tatya)
- d. A Luz refulgente (Vivekananda)
- e. A Luz do topo da cabeça (Vivekananda)
- f. A Luz coronal (Ganganatha Jha)
- g. A Luz da constituição luminosa (Ganganatha Jha)

- h. A Luz interna (Dvivedi)
- i. A mente plena de Luz (Dvivedi)
- j. A irradiação na cabeça (Woods)
- k. A Luz do órgão central (Rama Prasad)
- l. A Luz da atividade sensória superior (Rama Prasad).

Pelo estudo destas expressões ficará evidente que no veículo físico existe um ponto de luminosidade, o qual (uma vez feito contato com ele) verterá a luz do espírito sobre o caminho do discípulo, iluminando assim o caminho para ele, revelando a ele a solução de todos os problemas e lhe possibilitando atuar como portador de luz para outros.

Esta luz é uma espécie de irradiação interna, situa-se na cabeça, nas proximidades da glândula pineal e é produzida pela atividade da alma.

A expressão “órgão central” associada a esta luz gerou muitos debates. Alguns estudiosos a relacionam com o coração, outros com a cabeça. Tecnicamente, nenhum dos dois conceitos é exato, porque para o adepto treinado o “órgão central” é o veículo causal, o *karana sarira*, o corpo do ego, a envoltura da alma, no meio dos “três veículos periódicos”, que o divino Filho de Deus descobre e utiliza no transcurso de sua longa peregrinação e que têm analogia com os três templos que a Bíblia cristã menciona:

1. O transitório e efêmero tabernáculo no deserto, típico da alma em encarnação física, que dura uma vida.
2. O mais permanente e belo templo de Salomão, típico do veículo da alma ou corpo causal, de maior duração e que persiste durante éons, cuja beleza se revela cada vez mais no Caminho até a terceira iniciação.
3. O ainda não revelado e inconcebivelmente belo templo de Ezequiel, símbolo da envoltura do espírito, o lar do Pai, uma das “muitas mansões”, o “ovo áurico” do ocultista.

Na ciência da yoga, que deve ser aplicada e dominada no corpo físico, a expressão “órgão central” se aplica à cabeça ou ao coração, e a distinção é sobretudo de tempo. Nas primeiras etapas do desenvolvimento no Caminho, o coração é o órgão central; posteriormente, a verdadeira luz tem morada no órgão da cabeça.

Neste processo, o desenvolvimento do coração precede o da cabeça. A natureza emocional e os sentidos se desenvolvem antes da mente, como podemos observar ao estudarmos a humanidade como um todo. O centro cardíaco se abre antes do coronário. O amor deve estar desenvolvido para que o poder possa ser usado sem perigo. Portanto, a luz do amor deve estar atuando antes que a luz da vida possa ser usada conscientemente.

Quando o loto do centro cardíaco se abre e revela o amor de Deus, ocorre um desenvolvimento simultâneo na cabeça, por meio da meditação. O loto de doze pétalas na cabeça desperta (correspondência superior do centro do coração e intermediário entre o loto egoico de doze pétalas, em seu próprio plano, e o centro da cabeça). A glândula pineal passa gradualmente do estado de atrofia para plena atividade e o centro da consciência se transfere da natureza emocional para a consciência da mente iluminada, o que caracteriza a transição que o místico tem de fazer para entrar no caminho do ocultista, conservando, como sempre acontece, seu conhecimento e percepção mística, mas agregando o conhecimento intelectual e o poder consciente do ocultista e iogue treinado.

Do ponto de poder, situado na cabeça, o iogue dirige todos os seus assuntos e tarefas, projetando sobre todos os eventos, circunstâncias e problemas, a “luz interna desperta”, sendo guiado pelo amor, pela percepção interna e pela sabedoria que possui, em razão da transmutação da sua natureza amorosa, do despertar do seu centro cardíaco e da transferência dos fogos do plexo solar para o coração.

Nesta altura caberia uma pergunta muito pertinente: como realizar a conexão entre coração e cabeça, que produz a luminosidade do “órgão central” e emanação da irradiação interna? Em resumo, produz-se como segue:

1. Pela *subjugação da natureza inferior*, que transfere a atividade de toda a vida abaixo do plexo solar, e desse inclusive, para os três centros situados acima do diafragma, a cabeça, o coração e a garganta. Isto se realiza mediante a vida, o amor e o serviço, não por meio de exercícios respiratórios ou do desenvolvimento da mediunidade.

2. Pela *prática do amor*, concentrando a atenção na vida do coração e no serviço e compreendendo que o centro do coração é o reflexo da alma no homem, e que é a alma que deverá guiar as questões do coração a partir do trono ou assento entre as sobrancelhas.

3. Pelo *conhecimento da meditação*. A meditação, exemplificada no aforismo básico da yoga “energia segue o pensamento”, fomenta todas as expansões e os desenvolvimentos que o aspirante deseja. Por meio da meditação, o centro cardíaco, que no homem não evoluído é representado como um loto fechado virado para baixo, se inverte, vira para cima e se abre. No centro dele está a luz do amor. A irradiação desta luz, ao se projetar para cima, ilumina o caminho para Deus, mas não é o Caminho, salvo no sentido de que, à medida que percorremos o que o coração deseja (em sentido inferior), esse caminho nos leva ao próprio Caminho.

Talvez fique mais claro se compreendermos que parte deste caminho está dentro de nós, o que o coração nos revela. Ele nos leva à cabeça, onde encontramos o primeiro portal do Caminho propriamente dito e entramos naquela parte do caminho da vida que nos afasta da vida corporal e nos conduz à plena liberação das experiências da carne e dos três mundos.

É tudo um só caminho, mas o Caminho da Iniciação tem que ser percorrido conscientemente pelo pensador, atuando por meio do órgão central da cabeça, com inteligência fazendo o Caminho que leva através dos três mundos para a esfera ou reino da alma. Seria possível dizer que o despertar do centro do coração conscientiza o homem da fonte do centro cardíaco dentro da cabeça. Por sua vez, isto leva o homem ao loto de doze pétalas, o centro egoico nos níveis superiores do plano mental. O caminho que vai do centro do coração ao centro da cabeça, quando seguido, é o reflexo, no corpo, da construção do antahkarana no plano mental. “Assim como é em cima é embaixo”.

4. Pela *meditação perfeitamente concentrada na cabeça*. Aumenta assim, automaticamente, o estímulo e o despertar dos centros ao longo da coluna vertebral, que são cinco; desperta o sexto centro, situado entre as sobrancelhas e, com o tempo, revela ao aspirante a saída pela cúspide da cabeça, que pode ser vista como um círculo radiante de pura luz branca. Começa como um pequeno ponto e, gradualmente, em estágios, vai aumentando a gloriosa e radiante luz até revelar o Portal. Nada mais é possível dizer sobre isto.

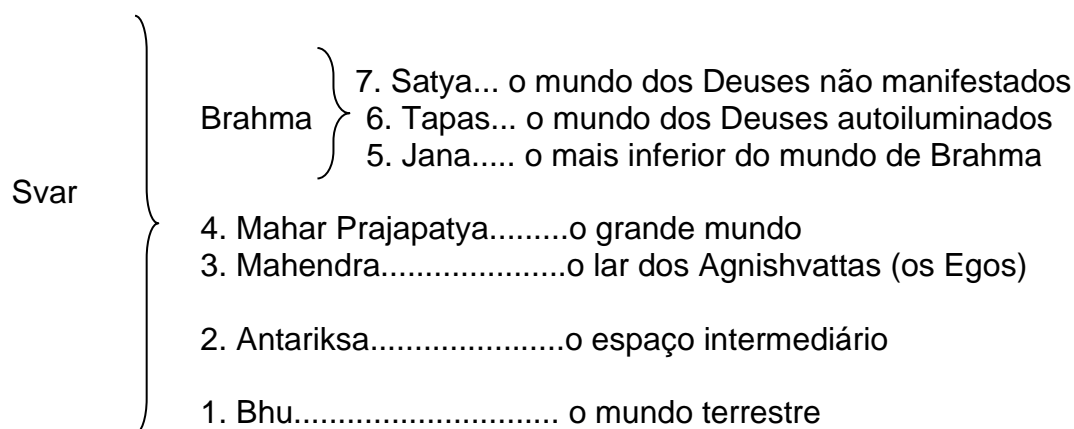
A luz da cabeça é o grande revelador, o grande purificador e o meio pelo qual o discípulo cumpre o mandado do Cristo: “Que a sua luz brilhe”. É “a senda do justo que brilha cada vez mais até o dia da perfeição”. É o que produz o halo ou círculo luminoso, visto em torno da cabeça de todos os filhos de Deus que tomaram ou estão tomando posse do seu patrimônio.

Por meio dessa luz, como assinala Patanjali neste aforismo, ficamos conscientes do sutil, ou das coisas que só podem ser conhecidas mediante o uso consciente dos nossos corpos sutis, dos quais nos valem para atuar nos planos internos, como o emocional ou astral e o mental. Hoje, a maioria de nós atua inconscientemente em referidos planos. Também por meio dessa luz nos tornamos conscientes do que está oculto ou ainda não foi revelado. Os Mistérios são revelados ao homem cuja luz está brilhando e ele se torna um conhecedor. O distante ou futuro também lhe é exposto.

26. Por meio da meditação, centrada exclusivamente no sol advirá consciência (ou conhecimento) dos sete mundos.

Este aforismo foi comentado extensamente por inúmeros escritores durante muitos séculos. Para fins de clareza, modernizaremos a afirmação e reduziremos seus termos aos do ocultismo moderno:

“Pela constante e firme meditação na causa emanante do nosso sistema solar, compreenderemos os sete estados do ser”. A diversidade de termos usados em geral confundem o estudante, portanto, será conveniente empregar apenas duas séries de termos: uma transmite a terminologia oriental ortodoxa, contida nos melhores comentários, a outra será reconhecida com mais facilidade pelo investigador ocidental. Segundo a tradução de Woods, temos o seguinte:



Esta diferenciação do mundo em sete grandes divisões é interessante, pois demonstra a exatidão da quádrupla divisão que alguns estudiosos sustentam.

Estes sete mundos correspondem à moderna divisão oculta do nosso sistema solar em sete planos que corporificam os sete estados de consciência e abrangem sete grandes tipos de seres vivos. A analogia é a seguinte:

1. Plano físico	Bhu	Mundo terrestre. Consciência física.
2. Plano astral	Antariksa	Mundo das emoções. Consciência kâmica ou de desejos.
3. Plano mental	Mahendra	Mundo da mente e da alma. Consciência mental.
4. Plano búdico	Mahar Prajapatya	Mundo crístico. Consciência intuicional ou crística.
5. Plano átmico	Jana	Consciência grupal. Mundo espiritual. Consciência planetária. Mundo do terceiro aspecto.

6. Plano monádico	Tapas	Mundo divino. Consciência de Deus.
7. Plano logoico	Tatya	Mundo do segundo aspecto. Mundo da causa emanante. Consciência absoluta. Mundo do primeiro aspecto.

É interessante observar certos comentários de Vyasa sobre esta diferenciação, pois coincidem com o pensamento teosófico moderno.

Ele descreve o plano terrestre como “sustentado respectivamente por matéria sólida, água, fogo, vento, ar e escuridão... onde nascem criaturas vivas depois de lhes ter sido atribuído um longo e doloroso período de vida, experimentando os tormentos incorridos como resultado do seu próprio carma”. Desnecessário tecer comentários.

Com relação ao segundo plano, o astral, diz-se que as estrelas (as vidas), naquele plano, são “conduzidas pelo vento, assim como o lavrador conduz as vacas em um círculo em torno da eira”, e que são “ordenadas pelo constante impulso do vento”. Temos aqui um maravilhoso panorama de como todas as vidas são conduzidas pela força dos seus desejos à roda de renascimento.

Vyasa observa que o mundo da mente está povoado por seis grupos de Deuses (os seis grupos de egos e seus seis raios, os seis sub-raios do raio sintético, o qual se infere). São os filhos da mente, os Agnishvattas (muito mencionados em *A Doutrina Secreta* e no *Tratado sobre o Fogo Cósmico*), descritos como:

1. Cumprindo seus desejos, portanto, impulsionados a encarnar pelo desejo.
2. Dotados do poder da atomização e outros poderes, portanto, aptos a criar seus veículos de manifestação.
3. Vivendo em um período mundano, portanto, em encarnação durante um período mundial.
4. Dignos de contemplar, porque os filhos de Deus são luminosos, radiantes e plenos de beleza.
5. Rejubilando-se no amor, porque amor é a característica da alma, e todos os filhos de Deus ou filhos da mente revelam o amor do Pai.
6. Possuindo corpos próprios, “que não são produto dos pais”; o “corpo não feito pelas mãos, eterno nos céus”, mencionado por São Paulo.

Em conexão com o quarto mundo, Vyasa observa que se trata do mundo da maestria, portanto o lar dos Mestres e de todas as almas liberadas, cujo “alimento é contemplação” e cujas vidas duram “mil períodos mundanos”, sendo, em consequência, imortais.

Em seguida, descreve os três planos mais elevados e as grandes existências, que são as vidas desses planos, nos quais “vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”. Correspondem aos três planos da Trindade. Os comentários de Vyasa sobre estas existências e seus diversos grupos são iluminadores. Diz ele:

1. “Suas vidas são castas”, isto é, livres de impureza ou das limitações das formas inferiores.

2. “Para cima não há nenhum impedimento para seu pensamento e nas regiões inferiores nenhum objeto fica oculto para seu pensamento”. Conhecem todas as coisas dentro do sistema solar.
3. “Não assentam as fundações para morada alguma”, portanto, não possuem corpos densos.
4. “Estão cimentados em si mesmos... e vivem enquanto houver criações”. São as grandes vidas por trás de toda existência sensível.
5. Deleitam-se praticando diversos tipos de contemplação. Os nossos mundos não são mais do que o reflexo do pensamento de Deus e também o somatório da mente de Deus.

O antigo estudioso resume com duas afirmações básicas, que o estudante deveria considerar: Diz ele:

“Esta bem fundada configuração se estende até o próprio centro do (Mundo) Ovo, sendo este um ínfimo fragmento da causa primária, como um vaga-lume no firmamento.”

Isto significa que o nosso sistema solar não é mais do que um átomo cósmico e é em si apenas uma parte de um todo esferoidal ainda maior. Declara em seguida:

“Exercendo pressão sobre a porta do sol, o iogue deveria perceber tudo isto diretamente”.

Pressão é um termo empregado com frequência ao traduzir frases que significam “refrear ou restringir as modificações do princípio pensante”, em outras palavras, perfeita meditação em uma direção. Pela meditação sobre a porta do sol, é possível alcançar pleno conhecimento. Significa, em resumo, que mediante o conhecimento do sol dentro do próprio coração e em virtude da luz que emana dele, tendo descoberto o portal do caminho, entra-se em relação com o sol que se encontra no coração do nosso sistema solar e, afinal, descobre-se o portal que admite o homem no sêtuolo caminho cósmico. Não é necessário dizer nada mais sobre isto, pois o objetivo da Raja Yoga é possibilitar que o homem descubra a luz em si mesmo e que, nessa luz, veja a luz. Habilita-o também a encontrar a porta que dá para a vida e, em consequência, a percorrer o caminho.

Só nos resta um ponto a tratar. Esotericamente, o sol é considerado tríplice:

- | | | |
|-----------------------------|----------|-------------------|
| 1. O sol físico | corpo | forma inteligente |
| 2. O coração do sol. | alma | amor |
| 3. O sol central espiritual | espírito | vida ou poder. |

No homem, o microcosmo, as correspondências são:

- | | | |
|---------------------------|----------|-------------------|
| 1. O homem físico pessoal | corpo | forma inteligente |
| 2. O ego ou Cristo | alma | amor |
| 3. A Mônada. | espírito | vida ou poder. |

27. O conhecimento de todas as formas lunares surge por meio da meditação concentrada na Lua.

Há duas traduções admissíveis para este aforismo, a que está acima e a que segue:

“O conhecimento do mundo astral chega para quem pode meditar sobre a Lua”. As duas traduções estão corretas, mas provavelmente a compreensão exata do texto sânscrito só será

obtida pela combinação de ambas. Talvez seja suficiente dar, em uma simples paráfrase, a essência do significado deste aforismo.

“A concentração centralizada sobre a mãe das formas (a Lua) revelará ao aspirante a natureza e o propósito da forma”.

Se o estudante tomar em conta que a Lua é o símbolo da matéria, e que o Sol, em seu aspecto luz, é o símbolo da alma, não terá dificuldade em determinar o significado dos dois aforismos que acabamos de considerar. Um trata da alma e dos diversos estados de consciência; o outro trata do corpo, veículo da consciência. Um diz respeito ao corpo incorruptível, não feito com as mãos, eterno nos céus; o outro trata das “mansões lunares” (como o tradutor denomina) e do lar da alma nos três mundos do esforço humano.

No entanto, é preciso lembrar com atenção que o aspecto Lua rege em todos os reinos abaixo do humano, enquanto o aspecto Sol deveria predominar no humano.

O conhecimento das mansões lunares ou das formas, proporcionaria a compreensão do corpo físico, do veículo astral ou de desejos, e da envoltura mental.

28. A concentração na Estrela Polar proporcionará o conhecimento das órbitas dos planetas e das estrelas.

Este aforismo tem pouco significado para o estudante comum, mas é de profunda utilidade para o iniciado e o discípulo juramentado. Basta dizer que é a estrutura de toda pesquisa astrológica, pois pela apreciação do seu significado resultará a compreensão de:

1. A relação do nosso sistema solar com as outras seis constelações que (com a nossa) constituem os sete centros de força, dos quais as sete grandes influências espirituais do nosso sistema são os reflexos e agentes.
2. O caminho do nosso Sol nos Céus, e os doze signos do zodíaco, pelos quais o nosso Sol transita aparentemente. Portanto, fica evidente que este aforismo é a chave do propósito do sete e do doze, sobre os quais os nossos processos criadores são construídos.
3. O significado dos doze trabalhos de Hércules, em relação ao homem, o microcosmo.
4. O propósito do nosso planeta, que o adepto aprende ao compreender a triplicidade formada por
 - a. a Estrela Polar,
 - b. o nosso planeta Terra,
 - c. a Ursa Maior.

Aqueles que possuem a chave descobrirão outros significados, mas os indicados bastam para expressar o significado profundo, embora esotérico, atribuído a estas breves palavras.

29. Pela atenção concentrada no centro denominado plexo solar se obtém o perfeito conhecimento sobre a condição do corpo.

No comentário do Af. 36, no Livro Primeiro, os diversos centros e suas qualidades foram enumerados. Nesta seção do livro agora são mencionados cinco de referidos centros, pois dizem respeito mais diretamente ao aspirante e são os que mais predominam na quinta raça ou ária. Na quarta raça estavam despertos, mas não desenvolvidos. São eles:

1. O centro na base da coluna vertebral	4 pétalas.
2. O centro plexo solar	10 pétalas.
3. O centro do coração	12 pétalas.
4. O centro da garganta	16 pétalas.
5. O centro da cabeça	1000 pétalas.

No que diz respeito ao aspirante, são os cinco de maior interesse. O centro chamado baço foi dominante nos dias da Lemúria, mas agora está relegado à categoria dos centros que funcionam plenamente e, portanto, automático, e ficou sob o umbral da consciência. O centro entre as sobrelanceiras serve de meio para projetar a luz da cabeça sobre as coisas “sutis, escuras, ocultas e remotas” e resulta do desenvolvimento do coronário e do cardíaco.

Os três centros principais são tão potentes na pessoa excessivamente subdesenvolvida que, embora suas pétalas não tenham aberto, produziram correspondências físicas ou glândulas. Sua vibração é tal que já *ressoam* nos homens e, por meio do som, atraem e, em consequência, produzem uma forma. No discípulo ou iniciado, estes três centros não só emitem sons como *formam palavras*; portanto, regem a construção das forças vitais e controlam todo o homem.

As glândulas que correspondem aos três centros são:

1. A glândula pineal e o corpo pituitário	centro da cabeça.
2. A glândula tireoides	centro da garganta.
3. O baço	centro do coração.

“Do coração brotam as fontes da vida” e a partir dele circula a corrente sanguínea da vida. Devido ao seu desenvolvimento na raça atlante e à consequente coordenação e crescimento do corpo astral ou emocional, o centro cardíaco se tornou o mais importante do corpo. Sua atividade e desenvolvimento seguiram em paralelo aos do baço, órgão da vitalidade, do prana ou força do sol físico no corpo.

Há outras glândulas que têm uma estreita relação com os diversos centros, mas o tema é tão vasto que só é possível dar algumas pistas. No entanto, não existe a mesma estreita relação entre as glândulas associadas aos centros situados abaixo do diafragma como com as que são conectadas com os centros principais, situados acima do diafragma.

O presente aforismo trata de um dos cinco centros mais importantes, pelas seguintes razões:

1. Está situado no centro do tronco, sendo, portanto, uma analogia do princípio do meio. Na época atlante os três centros principais para a raça eram:

a. O coronário	O Pai ou aspecto espiritual.
b. O plexo solar	O Filho ou aspecto alma.
c. A base da coluna vertebral	O Espírito Santo ou aspecto matéria.

A alma não estava então tão individualizada como agora. A alma animal controlava e, em consequência, alcançar o pleno contato com a “anima mundi” era o fator dominante. Com o transcurso do tempo, a alma foi se individualizando mais em cada ser humano e se tornando mais separatista, à medida que o aspecto mente (o grande fator divisor) dominava. Ao finalizar a presente raça, os três centros principais serão: o coronário, o cardíaco e o da base da coluna vertebral. Na sexta raça teremos o coronário, o cardíaco e o laríngeo.

Na raça final, a dos filhos de Deus iluminados, a sétima, teremos como centros de ação:

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| a. O centro coronário de mil pétalas | Vida ou aspecto espiritual. |
| b. O centro entre as sobrancelhas | Filho ou aspecto consciência. |
| c. O centro laríngeo | Espírito Santo ou aspecto criador. |

Através do primeiro, a Mônada verterá a vida espiritual; através do segundo, o princípio crístico, a luz do mundo, a alma, atuará, vertendo luz e vida sobre todas as coisas, e o utilizará como o grande órgão de percepção. Através do último será realizado o trabalho de criação e a palavra criadora será emitida.

Esta perspectiva geral apresenta ao estudante a visão do que há por diante. No entanto, não tem nenhum valor imediato; a maioria dos aspirantes se ocupa do plexo solar, por isso a necessidade de considerá-lo aqui.

2. O plexo solar é o órgão da natureza astral, das emoções, dos estados de ânimo, dos desejos e sentimentos e, por isso, é o mais ativo de todos. Por seu intermédio as funções inferiores do corpo se despertam – o desejo de comer, de beber, de procriar, e através deste é feito contato com os centros inferiores e se trabalha com eles. No discípulo, o centro cardíaco substitui o centro plexo solar, e no Mestre é substituído pelo coronário. No entanto, todos são expressão da vida e do amor de Deus e, em sua totalidade e perfeição, expressam a vida crística.

3. O centro plexo solar desenvolve a grande obra de transmutar todos os desejos animais inferiores em superiores. Através dele passam literalmente as forças da natureza inferior. Ele reúne as forças do corpo abaixo do diafragma e as direciona para cima.

4. No plexo solar a alma animal se funde com a alma do homem e a consciência crística é vista como potencialidade. Estabelecendo a analogia entre o estado pré-natal e a germinação do Cristo em cada ser humano, os estudantes, cuja intuição esteja desenvolvida, perceberão a analogia entre a atividade do plexo solar e sua função, e os primeiros três meses e meio do período pré-natal. Em seguida vem a denominada “aceleração” e a vida se faz sentir. Ocorre uma elevação e é possível perceber a analogia entre o processo fisiológico natural e o nascimento do Cristo na caverna do coração. Nisto reside o profundo mistério da iniciação, revelado apenas para os que percorrem o Caminho do Discipulado até o fim.

Este aforismo nos diz que o conhecimento referente ao corpo físico é alcançado pela meditação sobre este centro. A razão é a seguinte: quando o homem passa a compreender seu corpo emocional e o centro de força através do qual ele funciona no plano físico, descobre que tudo quanto ele é (física e etericamente) é resultado do desejo, de kama, e que são seus desejos que o atam à roda de renascimentos. Por esta razão o iogue enfatiza essa *discriminação* básica, pela qual o homem desenvolve a capacidade de escolher entre o real e o irreal, cultivando nele um justo sentido dos valores. Segue-se o *desapaixonamento* que, uma vez desenvolvido, produz nele aversão pela vida de percepção sensória.

Quando o aspirante é capaz de captar o papel que o desejo desempenha em sua vida, quando se dá conta de que o corpo emocional ou astral é o causador da maior parte das dificuldades da sua natureza inferior, e quando capta o aspecto técnico do processo que a energia-desejo segue, ele compreende a função do plexo solar e pode iniciar a dupla e grande tarefa de transferência e transmutação. Ele tem que transferir a energia dos centros situados abaixo do diafragma para os de acima e, nesse processo, transmutar e mudar a energia. Os centros estão situados ao longo da coluna vertebral, mas ajudará consideravelmente ao estudante captar a ideia dos lugares aproximados no corpo que são energizados e afetados por esses centros. Todos esses centros possuem órgãos no plano físico, resultado da resposta da substância densa à sua vibração.

Os Três Centros Maiores

- | | |
|--------------|--|
| 1. Coronário | cérebro, glândula pineal e corpo pituitário. |
| 2. Laríngeo | laringe, cordas vocais e o palato, glândula tireoides. |
| 3. Cardíaco | pericárdio, ventrículos, aurículos, afetando o baço. |

Os Quatro Centros Menores

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|
| 4. Plexo solar | estômago. |
| 5. Baço | baço. |
| 6. Sacro | órgãos de reprodução. |
| 7. Base da coluna vertebral | órgãos de eliminação, rins, bexiga. |

Estes órgãos físicos são resultados ou efeitos; os centros são a causa física, produzidos pela atividade dos centros etéricos.

Estes detalhes já foram dados e as informações acima foram recopiladas, devido à importância que o plexo solar tem nesta quarta ronda da quarta Hierarquia criadora (a Hierarquia das Mônadas humanas ou Espíritos), o quarto centro no homem, quer seja contando de cima ou de baixo. É possível dar outro detalhe mais técnico aqui. No processo de transmutação, o estudante deve se lembrar que:

- a. A energia da base da coluna vertebral deve ir para a cabeça.
- b. A energia do centro sacro deve ir para a garganta.
- c. A energia do plexo solar deve ir para o coração. A energia do baço diz respeito exclusivamente ao corpo físico e vai para todos os centros.

30. Fixando a atenção no centro laríngeo, ocorre a cessação da fome e da sede.

31. Fixando a atenção no conduto ou nervo situado debaixo do centro laríngeo, alcança-se o equilíbrio.

É preciso lembrar que todos os aforismos que tratam dos poderes psíquicos são susceptíveis de uma interpretação inferior e uma superior, o que é especialmente aparente neste. Pela compreensão da natureza do centro laríngeo e constante meditação sobre ele, o iogue pode evitar as pontadas de fome e de sede e se manter indefinidamente sem alimento, e dirigindo a energia àquela parte do grande nervo da laringe, situado exatamente embaixo do centro laríngeo (na cavidade da garganta), pode alcançar a imobilidade e a rigidez absolutas da forma humana. Da mesma maneira, pela concentração no plexo solar pode se dar conta com plena consciência de cada uma das partes de seu corpo físico. Isto, porém, diz respeito aos poderes ou “siddhis” inferiores, os quais não têm interesse para o estudante de Raja Yoga, que os considera efeitos secundários do desenvolvimento da alma. Sabe que resultam da aplicação correta dos oito métodos de yoga, sendo, portanto, automáticos e inevitáveis. Sabe também a que perigo o organismo físico se expõe quando o aspecto inferior ou físico é enfatizado.

O verdadeiro significado dos aforismos 30 e 31 acima, considerados em conjunto, surge da compreensão do processo transmutador e da transferência efetuada no plexo solar.

A energia do centro sacro, que alimenta os órgãos de reprodução, com o tempo é transferida para o centro laríngeo. O processo criador é realizado pelo pensamento, pelo som e pela Palavra falada. Fome e sede são os dois aspectos do desejo; a fome é positiva, masculina e tomadora; a sede é negativa, feminina e receptiva. As duas palavras são simplesmente símbolos dos dois

grandes impulsos subjacentes no impulso sexual. Quando são dominados e controlados, a energia do centro situado por trás dos órgãos envolvidos pode ser elevada à laringe, detendo a fome e a sede em sentido esotérico. Tenhamos em mente que estas duas palavras são analogias, no plano físico, dos grandes pares de opostos que o iogue procura equilibrar e que de fato equilibra, quando o plexo solar desempenha a sua função mais elevada.

No plano astral ou do desejo, este processo equilibrador deve ser feito no corpo astral do aspirante. Trata-se do grande campo de batalha tão belamente simbolizado para nós no corpo humano, com seus três centros superiores, seus pontos focais de energia inferior e o grande centro do meio, o plexo solar, que representa o plano astral e sua atividade. Por isso os dois aforismos foram unidos, pois abrangem toda uma atividade.

Depois de alcançar o equilíbrio em certa medida, o aspirante aprende a aperfeiçoar o processo equilibrador e adquire o poder de se manter firme e inamovível, mantendo um equilíbrio inabalável entre os pares de opostos. O nervo chamado de “kurma-nadi” ou “conduto da tartaruga” é a correspondência física da etapa que o aspirante alcançou. Ele se mantém ereto e inamovível diante da entrada do caminho, encontrando-se no ponto de evolução em que está apto a “escapar para cima” e atuar na cabeça.

Desde épocas primitivas a tartaruga é símbolo do lento processo criador e do longo caminho evolutivo percorrido pelo espírito, por isso o termo é adequado, ao ser aplicado ao que é considerado o inferior dos três centros maiores, aquele que representa o aspecto Criador ou Brahma da divindade, de Deus, o Espírito Santo, em Sua função de energizador da matéria ou corpo.

32. É possível ver e entrar em contato com aqueles que alcançaram a autoperfeição pela concentração da luz na cabeça. Esse poder se desenvolve na meditação unidirecionada.

Trata-se de uma paráfrase de caráter geral, mas que passa o sentido exato dos termos usados. No aforismo vinte e cinco, estudamos a natureza da luz na cabeça. Aqui apresentaremos uma breve explicação: quando o estudante está consciente da luz na cabeça e pode utilizá-la à vontade, dirigindo sua irradiação para o que procura conhecer, chega o momento em que não só pode dirigi-la para fora, para o campo do conhecimento onde atua nos três mundos, como também para dentro e para cima, para os reinos onde operam os santos de Deus, a grande “Nuvem de Testemunhas”. Assim, por esse meio, o estudante pode se tornar consciente do mundo dos Mestres, Adeptos e Iniciados, e se colocar em contato com Eles, em plena consciência vigílica, registrando tais contatos no cérebro físico.

É a razão da necessidade de se tornar consciente da própria luz, de limpar a própria lâmpada e usar, plenamente, a luz que possui. Pelo uso e cuidado, o poder da luz espiritual aumenta e desenvolve uma dupla função.

Assim o aspirante se torna uma luz ou lâmpada em um lugar escuro e ilumina o caminho para outros. Somente assim a luz interna pode se inflamar até se tornar uma chama. Este processo de iluminar terceiros e ser uma lâmpada sempre precede a maravilhosa experiência em que o místico gira a sua lâmpada e luz para outros reinos e descobre “a via de escape” para os mundos onde os Mestres trabalham e caminham.

É necessário enfatizar este ponto, porque entre os estudantes há uma forte tendência a buscar os Mestres, algum Guru ou Instrutor, que lhes “dê” a luz. Eles só podem ser encontrados por aqueles que acenderam a própria luz, limpam a própria lâmpada e, dessa maneira, se dotaram dos meios para penetrar em Seu mundo. W. Q. Judge explica muito bem a parte mais técnica desta questão:

“Temos aqui duas inferências, que em nada correspondem ao pensamento moderno. Uma, de que existe uma luz na cabeça; outra, de que existem seres divinos que podem ser vistos por quem se concentra na ‘luz da cabeça’. Afirma-se que certo nervo ou corrente psíquica, de nome Brahmarandhra-nadi, sai pelo cérebro, próximo ao topo da cabeça. Neste ponto se acumula o princípio luminoso da natureza em maior quantidade do que em qualquer outra parte do corpo, e é denominado jyotis – luz na cabeça. Como todo resultado tem de ser obtido pelo uso dos métodos corretos, os seres divinos poderão ser vistos se nos concentramos na parte do corpo que tem uma relação mais estreita com eles. É neste ponto – na extremidade do Brahmarandhra-nadi – que se estabelece a conexão entre o homem e as forças solares”.

Esta luz faz a “face brilhar”; produz o halo que circunda a cabeça dos santos e Mestres e que o clarividente vê nos aspirantes e discípulos avançados.

Dvivedi transmite o mesmo ensinamento, com as seguintes palavras:

“A luz na cabeça é descrita como a afluência acumulada de luz sáttvica que é vista no Brahmarandhra e que se supõe estar próxima da artéria coronária, da glândula pineal, ou sobre a medula oblonga⁶. Como a luz de uma lâmpada no interior das quatro paredes de uma casa mostra a aparência luminosa desde o buraco da fechadura, também a luz de sattva se mostra na coroa da cabeça. Esta luz é bastante conhecida pelos que estão familiarizados com as práticas de yoga, mesmo que só ligeiramente, e é vista ao se concentrar no ponto entre as sobrancelhas. Pela prática de sanyama (meditação) sobre esta luz, podem ser vistos de imediato, apesar dos obstáculos do espaço-tempo, os seres chamados “siddhas” – conhecidos de maneira geral nos círculos teosóficos como Mahatmas ou elevados Adeptos – que podem caminhar através do espaço de maneira invisível.

33. Todas as coisas podem ser conhecidas à vívida luz da intuição.

Há três aspectos do conhecimento associados com a luz na cabeça.

Em primeiro lugar, temos o conhecimento que o homem comum pode possuir, cuja melhor descrição talvez seja a palavra *teórico*. Faz com que o homem se dê conta de determinadas hipóteses, possibilidades e explicações. Proporciona a ele o conhecimento dos meios, modos e métodos e o habilita a dar os primeiros passos para a comprovação e realização corretas. Isto é válido para o conhecimento de que trata Patanjali. Tomando este conhecimento por base e de acordo com os requisitos da investigação ou desenvolvimento propostos, o aspirante se torna consciente da luz na cabeça.

Em segundo lugar, o aspirante usa o tipo seguinte, que é o conhecimento discriminador. Tendo feito contato com a luz, a utiliza, e o resultado é que os pares de opostos ficam evidentes, a dualidade é conhecida e coloca-se a questão da escolha. A luz de Deus se projeta sobre ambos os lados do estreito caminho do fio da navalha que o aspirante procura percorrer. De início este “nobre caminho do meio” não é tão visível como o que está a cada lado do mesmo. Somando-se o desapaixonamento ou desapego ao conhecimento discriminativo, os obstáculos diminuem, o véu que cobre a luz fica mais transparente, até chegar o momento de estabelecer contato com a terceira luz, a mais elevada.

Em terceiro lugar, temos o conhecimento iluminador que podemos descrever como “a luz da intuição”, que resulta de ter percorrido o caminho e da subjugação dos pares de opostos. É o precursor da iluminação total e da plena luz do dia. Ganganatha Jha, em seu breve comentário, aborda estes três aspectos. Diz ele:

⁶ N. do T.: Hoje mais chamada de “bulbo raquidiano”.

“A inteligência é o fator emancipador, a antecessora do conhecimento discriminador, como é a alvorada para o nascer do sol. Ao obter a percepção intuitiva, o iogue passa a conhecer todas as coisas”.

Estes lampejos de intuição, de início, são apenas vívidos clarões de iluminação, que surgem da consciência da mente e desaparecem quase instantaneamente. Mas eles acontecem com maior frequência, à medida que o hábito da meditação é cultivado, e persistem por períodos cada vez mais longos, até que a estabilidade da mente é alcançada. Gradualmente, a luz passa a brilhar em uma corrente constante, até que o aspirante caminha “na plena luz do dia”. Quando a intuição começa a atuar, o aspirante tem que aprender a utilizá-la, dirigindo a luz que está nele para todos os assuntos “escuras, sutis e remotos”, assim alargando o seu horizonte, solucionando seus problemas e aumentando a própria eficiência. Tudo o que vê e entra em contato, graças ao uso da sua luz espiritual, deve ser registrado, compreendido e adaptado para ser utilizado pelo homem no plano físico, por meio do cérebro. É aqui onde a mente racional desempenha o seu papel, interpretando, formulando e transmitindo para o cérebro o que o verdadeiro homem espiritual, em seu próprio plano, conhece, vê e compreende. Desta maneira, este conhecimento fica disponibilizado para o filho de Deus encarnado, o homem no plano físico em plena consciência vigília.

Charles Johnston expressa em seu comentário outro aspecto do mesmo conhecimento, igualmente exato e necessário. Diz ele:

“Este poder profético da intuição está por cima e por trás da assim denominada mente racional, a qual formula uma pergunta e a apresenta à intuição; esta dá uma resposta real, muitas vezes imediata, distorcida pela mente racional, mas contendo uma semente de verdade. Graças a este processo pelo qual a mente racional coloca perguntas à intuição para que as solucione, as verdades da ciência são descobertas e chegam os lampejos de achados e genialidades. Mas não é necessário que este poder superior atue subordinado à assim chamada mente racional, ele pode atuar diretamente, como plena iluminação, 'a visão e a faculdade divina'.

34. Pela meditação concentrada no centro do coração advém a compreensão da consciência da mente.

Os filhos dos homens se diferenciam do reino animal pela posse de inteligência, de mente racional. Por isso a Sabedoria Eterna, a Doutrina Secreta do mundo, muitas vezes denomina os seres humanos de “filhos da mente”. É o que lhes dá senso de individualidade, de identidade separada, e que os converte em egos.

Como nos é dito, no centro do cérebro, estabelecido na glândula pineal, temos o lar da alma; o posto avançado da vida de Deus, uma centelha do puro fogo espiritual. Este é o ponto inferior com o que a pura vida espiritual faz contato diretamente da Mônada, nosso Pai no Céu. É a extremidade do sutratma ou fio que vincula e conecta as diversas envolturas e passa da Mônada, em seu próprio e elevado plano, através do corpo egoico nos níveis superiores do plano mental até o veículo físico. Esta vida de Deus é tríplice e combina a energia do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sendo em consequência responsável pelo pleno funcionamento de todos os aspectos da natureza do homem, em todos os planos, e também dos estados de consciência. O primeiro fio deste tríplice cordão ou caminho é o doador de vida, de espírito, de energia. O segundo é responsável pela consciência ou aspecto inteligência, para que o poder do espírito responda ao contato e desenvolva resposta. O terceiro diz respeito à vida da matéria ou aspecto corpo.

O primeiro aspecto, por meio da Mônada, chega até a glândula pineal, o ponto onde reside o espírito no homem. O segundo aspecto ou consciência, por meio do ego, é o ponto de contato com o centro cardíaco, enquanto que o terceiro aspecto ou terceira parte do sutratma, se vincula

com o centro na base da coluna vertebral, fonte principal da atividade corporal ou da personalidade.

Portanto, pela concentração na luz da cabeça, obtém-se o conhecimento dos mundos espirituais e dos Espíritos puros que neles trabalham e caminham, pois ali resplandece atma ou espírito. Da mesma maneira, por meio da meditação concentrada no coração, obtém-se o conhecimento do segundo aspecto, o princípio consciente e inteligente que faz do homem um filho de Deus.

Pelo desenvolvimento e uso do centro da cabeça, a vontade entra em atividade. É a característica do espírito e expressa propósito e controle. Pelo desenvolvimento e uso do centro do coração, o aspecto amor-sabedoria é similarmente utilizado e se vê o amor de Deus atuando na vida e no trabalho do homem. Como a mente de Deus é amor e o amor de Deus é inteligência, estes dois aspectos de uma grande qualidade se põem em atividade a fim de cumprir Sua vontade e propósito. O Cristo foi o exemplo mais significativo no Ocidente, como Krishna foi na Índia, o que deve se refletir e manifestar também em cada homem.

35. A experiência (dos pares opostos) advém da incapacidade da alma de distinguir entre o eu pessoal e o purusha (ou espírito). As formas objetivas existem para uso (e experiência) do homem espiritual. Meditando sobre isso, desponta a percepção intuitiva da natureza espiritual.

Temos novamente uma tradução livre do texto original, mas que apresenta uma interpretação correta.

Vimos nos aforismos anteriores, que o estreito caminho a trilhar entre os pares de opostos (pela prática da discriminação e do desapaixionamento) é o caminho do equilíbrio e da estabilidade, o nobre caminho do meio. Este aforismo comenta esta etapa de experiência da alma, e assinala as seguintes lições:

Primeiro, que a razão pela qual enfrentamos os pares de opostos e com tanta frequência escolhemos a linha de atividade ou atitude mental que nos produz prazer ou dor, se deve a que não sabemos distinguir entre a natureza inferior e a superior, entre o eu pessoal (atuando como unidade física, emocional e mental) e o espírito divino que mora em cada um de nós. Nós nos identificamos com o aspecto forma, não com o espírito. Durante éons nos consideramos como o não-eu e nos esquecemos da nossa filiação, da nossa unidade com o Pai e da realidade de que somos o eu imanente.

Segundo, que o propósito da forma é simplesmente habilitar o eu a fazer contato com mundos que, de outra maneira, estariam fechados para ele, e desenvolver plena percepção em todos os lugares do reino do Pai, e assim se manifestar como filho de Deus plenamente consciente. Por meio da forma se ganha experiência, a consciência desperta e as faculdades e os poderes se desenvolvem.

Terceiro, à medida que este fato é captado intelectualmente, e meditado nos níveis internos, desenvolve-se a percepção da própria identificação com a natureza espiritual e a própria diferenciação da forma. Sabemos que não somos a forma, mas o morador da forma, não o eu material, mas o espiritual, não os aspectos diferenciados, mas o Uno, e é assim que o grande processo de liberação se realiza. O ser humano se converte no que é, o que realiza meditando sobre a alma inteligente, o aspecto do meio, o princípio cósmico, que vincula o Pai (espírito) com a Mãe (matéria).

Assim temos novamente a grande triplicidade manifestada:

1. O Pai ou espírito, aquele que se manifesta, cria e mora internamente.
2. O Filho, o que revela, medita e vincula o aspecto superior com o inferior.
3. O Espírito Santo, sobrepassando a Mãe, substância material inteligente que provê as formas, por meio das quais se adquire experiência e desenvolvimento.

Quem adquire experiência, encarna e alcança a divina expressão, por meio da forma, é a alma, o eu, o homem espiritual consciente, o Cristo interno. Quando, por esta experiência, alcança a maturidade, revela o Pai ou espírito e assim cumpre as palavras do Cristo, quando disse (em resposta à pergunta de Felipe: Senhor, mostra-nos o Pai), “Quem viu a Mim, viu o Pai”. (João, 14).

36. Como resultado dessa experiência e meditação, a audição, o tato, a visão, o paladar e o olfato superiores se desenvolvem, produzindo conhecimento intuitivo.

Pela meditação, o aspirante percebe as contrapartes dos cinco sentidos, tal como se encontram nos reinos mais sutis, e despertando-os e usando-os conscientemente, torna-se apto a atuar nos planos internos tão livremente como no físico. Pode então servir inteligentemente em tais reinos e cooperar com o grande esquema evolutivo.

Podemos definir os cinco sentidos como os órgãos pelos quais o homem se torna consciente do ambiente. O animal possui os mesmos cinco sentidos, mas lhes falta a faculdade pensante correlacionadora. No animal se manifestam como faculdade grupal, tal como o instinto racial no reino humano.

Cada um dos cinco sentidos tem uma conexão definida com um dos sete planos da manifestação, e tem também uma analogia em todos os planos.

<i>Plano</i>	<i>Sentido</i>
1. Físico	Audição.
2. Emocional ou astral	Tato ou sensibilidade.
3. Mental	Visão.
4. Búdico	Paladar.
5. Átmico	Olfato.

A classificação a seguir, extraída do *Tratado sobre o Fogo Cósmico*, esclarecerá os cinco diferentes aspectos dos cinco sentidos nos cinco planos; para mais informações, consulte o referido Tratado.

EVOLUÇÃO SENSÓRIA DO MICROCOSMO

<i>Plano</i>	<i>Sentido</i>	<i>Subplano</i>
Físico	1. Audição	5° gasoso
	2. Tato, sensação	4° primeiro éter
	3. Visão	3° superetérico
	4. Paladar	2° subatômico
	5. Olfato	1° atômico
Astral	1. Clariaudiência	5°
	2. Psicometria	4°

	3. Clarividência	3°	
	4. Imaginação	2°	
	5. Idealismo emocional	1°	
Mental	1. Clariaudiência superior	7°	
	2. Psicometria planetária	6°	forma
	3. Clarividência superior	5°	
	4. Discriminação	4°	
	5. Discernimento espiritual	3°	
	Resposta à vibração grupal	2°	sem forma
	Telepatia espiritual	1°	
Búdico	1. Compreensão	7°	
	2. Cura	6°	
	3. Visão divina	5°	
	4. Intuição	4°	
	5. Idealismo	3°	
Átmico	1. Beatitude	7°	
	2. Serviço ativo	6°	
	3. Realização	5°	
	4. Perfeição	4°	
	5. Conhecimento total	3°	

Na classificação a seguir, os números de um a cinco referem-se aos planos de manifestação, enumerados na tabulação anterior.

- | | | |
|----|--|-------------------------|
| a. | <i>Primeiro Sentido</i>
1. Audição física
2. Clariaudiência
3. Clariaudiência superior
4. Compreensão (de quatro sons)
5. Beatitude | <i>Audição</i> |
| b. | <i>Segundo Sentido</i>
1. Tato físico
2. Psicometria
3. Psicometria planetária
4. Cura
5. Serviço ativo | <i>Tato ou sensação</i> |
| c. | <i>Terceiro Sentido</i>
1. Visão física
2. Clarividência
3. Clarividência superior
4. Visão divina
5. Tomada de consciência | <i>Visão</i> |
| d. | <i>Quarto Sentido</i>
1. Paladar físico
2. Imaginação
3. Discriminação | <i>Paladar</i> |

4. Intuição
5. Perfeição

e. *Quinto Sentido*

Olfato

1. Olfato físico
2. Idealismo emocional
3. Discernimento espiritual
4. Idealismo
5. Conhecimento total

37. Esses poderes são obstáculos para o reconhecimento espiritual superior, mas atuam como poderes mágicos nos mundos objetivos.

Este tratado sobre o desenvolvimento espiritual sugere constantemente o fato de que os poderes psíquicos superiores ou inferiores são obstáculos para um estado espiritual mais elevado, e o homem que pode atuar livremente nos três mundos deve prescindir deles. É muito difícil que o aspirante compreenda esta lição, pois crê que o desenvolvimento da clarividência e da clariaudiência indica progresso, e que a prática da meditação começa a dar resultado. Talvez indique o contrário e inevitavelmente assim será, se o aspirante se sentir atraído ou apegado a alguma dessas faculdades psíquicas. Um antigo escritor hindu diz a respeito desses poderes:

“Uma mente, cuja substância mental começa a se ativar, valoriza muito estas faculdades, assim como o homem que nasce na miséria considera que um pequeno luxo é uma grande riqueza. Mas o iogue, cuja substância mental está concentrada, deve evitar tais faculdades, embora as possua. Quem anseia alcançar a meta final da vida, a absoluta mitigação da tríplice angústia, como pode ter afeto por estas perícias, contrárias à realização dessa meta?”

Diz Dvivedi:

“Os poderes ocultos, até agora descritos e os que serão descritos mais adiante... são obstáculos, porque distraem a mente, pelos diversos sentimentos que despertam, mas não são totalmente inúteis, pois são grandes poderes benéficos nos momentos de interrupção do samadhi”.

Seria útil para o aspirante saber o que são esses poderes, como controlá-los, sem ser controlado por eles, como empregá-los para servir ao irmão e à Hierarquia, mas deve considerá-los como instrumentos e relegá-los ao aspecto forma. Deve compreender que são qualidades ou capacidades das envolturas ou aspecto forma; do contrário eles assumirão uma importância indevida, demandarão uma atenção excessiva e se converterão em obstáculos para o desenvolvimento progressivo da alma.

38. Pela liberação das causas da escravidão por meio do respectivo enfraquecimento e pela compreensão do modo de transferência (retirada ou entrada), o material mental (ou chitta) pode entrar em outro corpo.

Toda a ciência de Raja Yoga se baseia na compreensão da natureza, propósito e função da mente. A lei básica dessa ciência se resume nas palavras: “energia segue o pensamento”, e a sequência da atividade poderia ser exposta como segue:

O pensador, em seu próprio plano, formula um pensamento que corporifica algum propósito ou desejo. A mente vibra em resposta a esta ideia, e simultaneamente produz uma reação correspondente no corpo kâmico, emocional ou de desejos. O corpo de energia, a envoltura etérica, vibra em sincronia e, desta maneira, o cérebro responde e energiza o sistema nervoso do corpo físico denso, de tal maneira que o impulso do pensador se converte em atividade no plano físico.

Há uma estreita relação entre a mente e o sistema nervoso, portanto temos uma interessante triplicidade:

1. a mente,
2. o cérebro,
3. o sistema nervoso

e, na etapa inicial do trabalho, o estudante de Raja Yoga deve atentar para essa triplicidade. Posteriormente, uma segunda triplicidade ocupará sua atenção:

1. o pensador,
2. a mente,
3. o cérebro,

mas isto ocorrerá durante a demonstração do seu trabalho.

Pelo conhecimento do método de vitalização dos nervos, o pensador pode energizar seu instrumento para entrar em atividade durante a encarnação e similarmente produzir transe, samadhi ou morte. O mesmo conhecimento básico permite ao adepto ressuscitar um corpo morto, como fez o Cristo na Palestina, ou ocupar o de um discípulo para fins de serviço, assim como o Cristo ocupou o corpo do discípulo Jesus. Segundo nos é dito, este conhecimento e sua aplicação estão sujeitos à grande Lei do Carma, de Causa e Efeito, e nem o próprio Cristo pode se afastar da lei em nenhum caso, a não ser que tenha produzido o adequado “debilitamento” da causa escravizante.

39. Pelo controle da vida ascendente (udana), há liberação da água, do caminho de espinhos e do lodo, e obtém-se o poder de ascensão.⁷

A soma total de força nervosa, que os hindus chamam de prana, compenetra todo o corpo, e é controlada pela mente, através do cérebro. É a vitalidade que põe em atividade os órgãos sensórios e produz a vida externa do homem; seu meio de distribuição é o sistema nervoso, valendo-se de grandes centros distribuidores, chamados plexos ou lotos. Os gânglios nervosos, conhecidos pela medicina ortodoxa, são reflexos ou sombras de plexos mais vitais. O estudante não se equivocará se considerar que todo o prana no corpo humano é o corpo vital ou etérico, o qual é inteiramente formado de correntes de energia, e é o substrato da substância viva, que subjaz na forma física densa.

Um dos termos aplicados a esta energia é “ares vitais”. O prana é quántuplo em manifestação, correspondendo assim aos cinco estados da mente, ao quinto princípio e às cinco modificações do princípio pensante. Prana, no sistema solar, manifesta-se como os cinco grandes estados de energia que denominamos planos, o meio para a consciência. São eles:

⁷ N. do T.: No original em inglês: “By subjugation of the upward life (the udana) there is liberation from water, the thorny path, and mire, and the power of ascension is gained”. Udana tem vários significados. Nesse contexto, seria um dos cinco ares vitais, definido como “a corrente que determina o fluxo de sangue para a cabeça”, segundo o Glossário Teosófico de Blavatsky. Nesse mesmo dicionário, em “Levitação”, lemos: A levitação e o fato de andar sobre a água podem ser executados com a ajuda dos elementais do ar e da água, respectivamente; porém, com mais frequência emprega-se para isso um outro método, que Patanjali expressa em um dos *Aforismos da Yoga*: “Pelo domínio sobre o ar vital chamado *udâna*, o iogue adquire o poder de ascensão (ou levitação), de se sustentar sobre a água sem tocá-la e sobre o lodo e de andar sobre espinhos” (III, 39). Esse mesmo dicionário também define udana como “aquela manifestação ou ar vital que nos leva para cima”.

Para mais definições, consulte também: <https://www.wisdomlib.org/> (em inglês)

1. O plano átmico ou espiritual.
2. O plano búdico ou intuicional.
3. O plano mental.
4. O plano emocional, astral ou kâmico.
5. O plano físico.

As cinco diferenciações de prana no corpo humano são:

1. *Prana*, estende-se do nariz ao coração e tem relação especial com a boca e a fala, o coração e os pulmões.
2. *Samana*, estende-se do coração ao plexo solar; concerne ao alimento e à nutrição do corpo por meio da comida e da bebida e tem relação especial com o estômago.
3. *Apana*, controla do plexo solar às plantas dos pés; concerne aos órgãos de eliminação e de geração e, portanto, tem uma relação especial com os órgãos de procriação e de eliminação.
4. *Udana*, encontra-se entre o nariz e o alto da cabeça; tem relação especial com o cérebro, o nariz e os olhos e, quando está devidamente controlado, produz a coordenação dos ares vitais e seu manejo correto.
5. *Vyana* é o termo aplicado ao somatório da energia prânica, ao se distribuir equilibradamente por todo o corpo. Seus instrumentos são os milhares de nadis ou nervos do corpo, e tem conexão peculiar e definida com os canais sanguíneos, as veias e as artérias.

Este aforismo nos diz que o domínio sobre o quarto destes ares vitais permite alcançar certos resultados definidos, e seria interessante conhecê-los. Esta maestria só é possível quando se compreende e domina o sistema de Raja Yoga, pois implica na capacidade de atuar na cabeça e controlar toda a natureza a partir deste ponto no cérebro. Quando o homem se polarizou ali, as forças nervosas ou energias encontradas no topo da cabeça entram em atividade e, mediante seu correto controle e domínio, é possível dirigir os pranas do corpo na direção correta, e o homem alcança a liberação. Por esse meio o contato com os três mundos é rompido. A linguagem usada é necessariamente simbólica e não se deve perder o significado, materializando a verdadeira significação. A levitação, o poder de caminhar sobre a água e a capacidade de anular a atração da gravidade da Terra é o significado inferior e menos importante.

1. *A liberação da água* é a maneira simbólica de expressar que a natureza astral foi controlada e que as grandes águas da ilusão já não podem mais reter a alma emancipada. As energias do plexo solar deixaram de dominar.
2. *A liberação do caminho de espinhos* se refere ao caminho da vida física, e nada expressa melhor isso do que a parábola do Cristo sobre os semeadores, segundo a qual algumas das sementes caíram entre os espinhos. Explica que os espinhos são as preocupações e as dificuldades da existência mundana, as quais sufocam a vida espiritual e ocultam o verdadeiro homem por muito tempo. O caminho de espinhos deve levar ao caminho do norte, e este, por sua vez, ao Caminho da Iniciação. Encontramos as seguintes palavras em um dos antigos livros dos Arquivos da Loja:

“Que o buscador da verdade evite se afogar e suba pela margem do rio. Que se dirija para a estrela do norte e permaneça em terreno firme, com o rosto orientado para a luz. E então, que a estrela o guie”.

3. *A liberação do lodo* se refere à natureza mista de kama-manas, desejo e mente inferior, origem do singular problema da humanidade. Trata-se de uma maneira simbólica de se referir à grande ilusão, que mantém o peregrino armadilhado durante tanto tempo. Quando o aspirante pode caminhar na luz, depois de descobrir a luz (o Shekinah) em si mesmo, no “Sanctum Sanctorum”, a ilusão se dissipa. É interessante para o estudante traçar a analogia entre as três partes do Templo de Salomão e o “Templo do Espírito Santo”, a estrutura humana.

O *átrio externo* corresponde às energias e seus correspondentes órgãos situados abaixo do diafragma. O *Lugar Sagrado* é o dos centros e órgãos situados na parte superior do corpo, da garganta ao diafragma. O *Sanctum Sanctorum* é a cabeça, onde está o trono de Deus, o Propiciatório⁸ e a glória sobrepairante.

Quando estes três aspectos da liberação forem alcançados e o homem já não estiver mais dominado pela água, pelo pântano ou pela vida do plano físico, ele obtém o “poder de ascensão” e pode ascender aos céus à vontade. O Cristo ou homem espiritual pode permanecer no monte da ascensão, depois de ter experimentado as quatro crises ou pontos de controle, do nascimento à crucificação. Desta maneira “udana” ou vida ascendente se torna o fator controlador e a vida descendente deixa de dominar.

40. Pelo controle de samana, a chispa se converte em chama.

Este aforismo é um dos mais belos do livro, e a tradução de Charles Johnston deve ser considerada: “Pelo domínio da vida que ata, sobrevém a radiação”. Outra interpretação seria: “pelo controle de samana, o AUM (a Palavra de Glória) se manifesta”. Do coração brotam as fontes de vida, e a energia vital chamada “samana” controla o coração e o alento de vida por meio dos pulmões. Quando o corpo está purificado e suas energias corretamente direcionadas e quando o ritmo foi alcançado, a vida irradiante é vista.

Isto ocorrerá literalmente e não apenas de maneira figurada, pois quando as correntes vitais são dirigidas pela alma, assentada no trono, através dos nervos e dos canais sanguíneos, apenas os átomos mais puros são construídos no corpo e o resultado será o fulgor da luz através de todo o homem. Não só a cabeça será luz radiante, de modo que o clarividente verá um halo ou círculo de cores brilhantes, como todo o corpo será irradiado pelos centros vibrantes de força elétrica distribuídos nele.

41. Por meio da meditação concentrada na relação existente entre o akasha e o som será desenvolvido um órgão para audição espiritual.

Para entender este aforismo é essencial compreender certas relações entre a matéria, os sentidos e aquele que faz as experiências.

É crença do cristão que “todas as coisas foram feitas pela palavra de Deus”. O crente oriental sustenta que o fator originador do processo da criação foi o som e ambos ensinam que esta palavra ou este som designa a segunda Pessoa da Trindade divina.

Este som ou palavra colocou a matéria do sistema solar em uma atividade característica e foi precedido pelo alento do Pai, que deu início ao movimento ou vibração original.

Portanto, primeiro o Alento (pneuma ou espírito) fez impacto sobre a substância primordial e estabeleceu uma pulsação, uma vibração, um ritmo. Em seguida, a palavra ou som fez com que

⁸ N. do T.: Também chamado de “Trono da Graça”.

a substância vibrante e pulsante se modelasse ou tomasse forma, viabilizando assim à encarnação da segunda Pessoa da Trindade cósmica, o Filho de Deus, o Macrocosmo.

Este processo deu por resultado os sete planos de manifestação, as esferas onde são possíveis sete estados de consciência. Todos caracterizam certas qualidades e se diferenciam entre si por determinadas capacidades vibratórias específicas, e cada um tem sua própria denominação.

A tabulação a seguir será útil para o estudante que levar em conta que os primeiros três planos são os da manifestação divina e os três inferiores são o reflexo do processo divino, sendo os três planos de nossa experiência normal. Essas duas triplicidades, a de Deus e a do homem são conectadas pelo plano do meio, de unificação ou união, no qual Deus e o homem se fazem um só. Na fraseologia cristã é denominado plano crístico e na terminologia oriental plano búdico.

PLANOS DIVINOS

1º plano	Logoico ou divino	Mar de Fogo	Deus, o Pai	Vontade.
2º plano	Monádico	Akasha	Deus, o Filho	Amor-Sabedoria
3º plano	Espiritual ou átmico	Éter	Deus, o Espírito Santo	Inteligência-Ativa

PLANO DE UNIÃO OU UNIFICAÇÃO

4º plano	Crístico ou búdico	Ar	União	Harmonia	Unificação.
----------	--------------------	----	-------	----------	-------------

PLANOS DO ESFORÇO HUMANO

5º plano	Mental	Fogo	Reflexo do Mar de Fogo	Vontade humana
6º plano	Emocional ou astral	Luz astral	Reflexo do Akasha	Amor e desejos humanos
7º plano	Físico	Éter	Reflexo do Éter	Atividade humana

A consciência se manifesta em todos estes planos e os sentidos, exotéricos e esotéricos, produzem contatos.

1º Plano	Fogo	Alento.		
2º Plano	Akasha	Som	Audição	Ouvido
3º Plano	Éter	Resposta vibratória	Tato	Pele
4º Plano	Ar	Visão	Vista	Olho
5º Plano	Fogo	Discriminação	Paladar	Língua
6º Plano	Luz Astral	Desejo	Olfato	Nariz
7º Plano	As contrapartes físicas de todos.			

Outro método de descrevê-los é o seguinte:

7º Plano	Físico	Olfato	Éter
6º Plano	Astral	Paladar	Luz Astral
5º Plano	Mental	Visão	Fogo
4º Plano	Búdico	Tato	Ar
3º Plano	Átmico	Audição	Éter
2º Plano	Monádico	Mente	Akasha
1º Plano	Logoico	Síntese.	

Fica claro, porém, que um dá o ponto de vista microcósmico e o outro o macrocósmico. E, como é o aspirante quem busca atuar “livremente no macrocosmo” e transcender as limitações microcósmicas, nos ocuparemos da primeira série.

Ao considerar e esclarecer este aforismo pela compreensão da natureza dos planos, seus símbolos e substâncias, ficará evidente que o homem que compreender a natureza da palavra e do segundo aspecto, chegará a tomar consciência da audição.

O aspirante também pode captá-lo misticamente ao se dar conta de que as vozes do desejo (vozes astrais ou resposta vibratória ao segundo aspecto do reflexo, os três planos inferiores) são substituídas pela Voz do Silêncio ou do Cristo interno. A palavra ou som então é conhecida e ele estabelece contato com o segundo aspecto da divindade.

1. Akasha....	A palavra....	O som....	O segundo aspecto da manifestação
2. Luz astral..	A voz do desejo..	O reflexo do segundo aspecto.	

Em todos os planos há muitos sons para se ouvir, mas no plano físico está a maior diversidade. O aspirante deve desenvolver a faculdade de distinguir entre:

1. As vozes da terra		físicas.
2. As vozes do desejo		astrais.
3. A linguagem ou pensamentos formulados pela mente		mentais.
4. A sutil e tênue voz do Cristo interno		búdica.
5. Os sons dos Deuses	As palavras criadoras	átmicas.
6. A palavra ou som	O AUM	monádica.
7. O alento		logoico.

Nestas diferenciações está expresso simbolicamente o problema da audição correta nos diversos planos e nos vários estados de consciência. Apenas o verdadeiro místico e aspirante compreenderá a natureza destas distinções.

Assim como todas as substâncias do nosso sistema solar manifestado são diferenciações do akasha, a primeira diferenciação da substância primordial, todas estas distinções do som são diferenciações do som uno; todos são divinos em tempo e espaço. Mas todos têm que ser ouvidos de maneira correta e, oportunamente, todos formarão o AUM, a Palavra de Glória, o Verbo Macrocósmico e levarão a ele.

No entanto, para o estudante de Raja Yoga, três vozes ou sons principais lhe dizem respeito temporariamente:

1. A linguagem da Terra, a fim de utilizá-la corretamente.
2. A Voz do Silêncio, a fim de ouvi-la. É a voz do seu próprio Deus interno, o Cristo.
3. O AUM, a Palavra do Pai, expressa pelo Filho que, uma vez ouvida, o colocará em contato com a Palavra de Deus, encarnado em toda a natureza.

Quando a linguagem for corretamente utilizada e quando os sons da Terra puderem se calar, a Voz do Silêncio será ouvida. Observe-se que a clariaudiência é a percepção da voz da grande ilusão e proporciona ao homem a capacidade de ouvir no plano astral. Isto, em seu devido lugar, quando estiver controlado de cima por meio do conhecimento, abre o ouvido para determinados aspectos da expressão divina nos três mundos. Este aforismo não se refere à audição divina. Charles Johnston, em seu comentário, abrange belamente este fundamento, da seguinte maneira: “A transmissão de uma palavra por via telepática é a maneira mais simples e primitiva

de “audição divina” do homem espiritual; à medida que esta capacidade se desenvolve e por meio da meditação perfeitamente concentrada, o homem espiritual passa a dominá-la de forma mais completa, adquire a capacidade de ouvir e distinguir claramente a linguagem dos grandes Companheiros, que o aconselham e confortam em seu caminho. Talvez lhe falem em pensamentos sem palavras ou em palavras e frases perfeitamente definidas”.

42. Pela meditação concentrada na relação existente entre o corpo e o akasha, a ascensão para fora da matéria (os três mundos) e a capacidade de viajar no espaço são obtidos.

O akasha está em todas as partes, nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Tudo é uma só substância, e no corpo humano se encontram as correspondências das diversas diferenciações.

Quando um homem conhece a si mesmo e está consciente da relação que existe entre as energias que atuam através dos sete centros e dos sete estados da matéria e da consciência, fica liberado e livre e pode fazer contato à vontade, sem limitação de tempo, com todos estes estados. Há uma relação entre cada um dos sete estados de matéria e um ou outro dos centros; cada centro é a porta para determinado plano das esferas planetárias. Quando o discípulo desenvolveu em sua vida, com correta realização, os distintos métodos da yoga tratados nos livros anteriores, podem ser confiadas a ele determinadas chaves e conhecimentos, palavras e fórmulas que, pela meditação concentrada, lhe darão a liberdade que outorgam os céus e o direito de transpor certas entradas no Reino de Deus.

43. Quando o que encobre a luz é eliminado, alcança-se o estado de ser chamado de descarnado (ou não corporalizado), liberado das modificações do princípio pensante. É o estado de iluminação.

Mais uma vez, trata-se de uma tradução livre, na qual se conserva o verdadeiro sentido dos termos arcaicos, em vez da exatidão acadêmica. A razão ficará clara se transcrevermos algumas traduções bem conhecidas que, embora exatas, demonstram a inevitável ambiguidade quando os termos sânscritos são traduzidos literalmente:

“Uma flutuação não ajustada externamente constitui o grande Descarnado; como resultado há uma diminuição do manto em favor da luminosidade”. Woods.

“A modificação externa (do órgão interno)... é descuidadamente (chamada) de grande (modificação) não corpórea; daí (resulta) a destruição do obscurecimento da iluminação (do intelecto)”. Tatya.

Vivekananda expressa este aforismo nos seguintes termos:

“Aplicando sanyama às modificações reais da mente, que são externas, denominadas de grande estado de incorporeidade, advém o desaparecimento do manto sobre a luz”.

É possível ver assim as grandes dificuldades sob as quais os tradutores trabalham; por isso demos uma franca paráfrase desta passagem.

Este aforismo procura expressar duas ideias: uma se refere ao véu ou manto que impede a iluminação da mente, a outra ao estado de realização que o homem alcança quando se liberou desse véu. O que encobre a luz (o “alqueire”⁹ a que o Cristo se referiu no Novo Testamento) são as envolturas ou corpos cambiantes, flutuantes. Uma vez que sejam transmutados e transcendidos, a luz de Deus (o segundo aspecto divino) pode inundar o homem inferior, e ele

⁹ N. do T.: alqueire, no Novo Testamento significa “cesta para medir grãos”.

então conhece a si mesmo tal como é. A iluminação é vertida e o homem conhece a si mesmo como algo diferente das formas mediante as quais atua. Deixa de estar centrado ou polarizado em suas formas, encontra-se em uma condição destituída de corporificação. Sua consciência é a do homem fora da encarnação, do homem verdadeiro em seu próprio plano, do real pensador descarnado. São Paulo, como vários pensadores assinalaram, teve um vislumbre deste estado de ser. Referiu-se a ele com as seguintes palavras:

“Conheço um homem em Cristo há mais de quatorze anos (não posso dizer se no corpo ou fora dele, Deus sabe); ele foi arrebatado ao terceiro céu. E conheci o tal homem... que foi arrebatado ao paraíso, onde ouviu palavras inefáveis, que não é dado ao homem expressar”. (I Cor. XII)

Podemos entender este “terceiro céu” de duas maneiras: primeiro, como representação do plano mental, onde está o verdadeiro lar do homem espiritual, o pensador; em seguida, como um estado mais específico, como o terceiro e mais elevado dos três níveis abstratos do plano mental.

44. A meditação concentrada nas cinco formas que todo elemento adota produz domínio sobre todo elemento. As cinco formas são: a natureza bruta, a forma elemental, a qualidade, a pervasividade e o propósito básico.

Devemos lembrar que esta referência é dual, uma ao macrocosmo e outra ao microcosmo. Pode se referir aos cinco planos da evolução monádica ou às cinco formas que todo elemento adota em cada um e em todos os planos, mantendo em mente que assim é com relação à captação da mente e às modificações do princípio pensante, pois a mente é o quinto princípio e o homem é a estrela de cinco pontas e, portanto, (como homem) só pode alcançar uma iluminação quántupla. No entanto, há duas formas superiores e dois outros modos de percepção, a saber, a compreensão intuicional e a espiritual. Mas este aforismo não se refere a elas. O centro coronário em si é dual, e se compõe do centro entre as sobrancelhas e do chacra superior, o loto de mil pétalas.

O estudo e o entendimento deste aforismo resultarão em um ocultista branco totalmente preparado para todo tipo de trabalho mágico. Os estudantes devem lembrar que isto não se refere aos elementos como os conhecemos, mas à substância elemental, da qual todas as formas grosseiras são feitas. De acordo com a Sabedoria Eterna existem cinco graus de substância, possuidoras de certas qualidades. Estes cinco graus de substância formam os cinco planos da evolução monádica. Compõem as cinco esferas vibratórias nas quais residem o homem e o super-homem. Cada um destes cinco planos tem uma qualidade destacada, das quais os cinco sentidos físicos são sua correspondência:

<i>Plano</i>	<i>Natureza</i>	<i>Sentido</i>	<i>Centro</i>
Terra	Física	Olfato	Base da coluna vertebral
Astral	Emocional	Paladar	Plexo solar
Manásico	Mental	Visão	Cabeça
Búdico	Intuicional	Tato	Coração
Átmico	Espiritual	Som	Garganta

Como foi assinalado no *Tratado sobre o Fogo Cósmico*, os sentidos e suas correspondências dependem do grau de evolução do homem, como afirmou H. P. Blavastky ao enumerar os princípios.

Este aforismo, portanto, aplica-se tanto ao domínio de cada plano como ao dos elementos que o compõem. Refere-se ao domínio e ao uso de todas as envolturas sutis, por meio das quais o homem se põe em contato com um plano ou um grau de vibração característico.

Diz Ganganatha Jha, em seu competente comentário: “As qualidades específicas, o som e o restante pertencentes à terra, em conjunto com as propriedades da forma e tudo mais, denominam-se ‘brutas’. É esta a primeira forma dos elementos. A segunda forma é a respectiva característica genérica: para a terra é o formato, para a água, viscosidade, para o fogo, calor, para o ar, velocidade e para o akasha, onipresença. As formas específicas destas características genéricas são o som e o restante”. Sua tradução é semelhante às outras. A exceção é a tradução de Johnston, que é a seguinte:

“Domínio sobre os elementos a partir do sanyama com referência ao grosseiro, ao caráter, à sutilidade, à concomitância e à utilidade”.

1. *Rudeza, natureza bruta.*

O som e os outros sentidos, tal como se manifestam no plano físico. Tenhamos em mente que este plano é o resumo grosseiro de todos os outros. Espírito é matéria em seu ponto mais baixo.

2. *Caráter, forma elemental.*

A natureza das características específicas dos elementos.

3. *Sutilidade ou qualidade.*

A substância atômica básica de todo elemento. O que produz seu efeito fenomênico. É o que está por trás de toda percepção sensória e dos cinco sentidos. Uma outra palavra para esta forma “sutil” é tanmatra.

4. *Concomitância ou pervasividade.*

É a natureza onipenetrante de todo elemento, o inerente. É o somatório dos três gunas: tamas, raja e sattva. Todo elemento, de acordo com o lugar que ocupa no esquema manifestado, caracteriza-se por inércia, atividade ou ritmo. É inerente à substância. Só difere o grau de vibração. Há uma correspondência para cada elemento em cada plano.

5. *Utilidade ou propósito básico.*

É o uso correto de cada elemento, na grande obra da evolução. Literalmente, é o poder oculto em cada átomo de substância, que o impulsiona adiante (através de todos os reinos da natureza) para a autoexpressão e o habilita a realizar seu trabalho em tempo e espaço e avançar para a realização final.

Quando, pela meditação concentrada nas cinco formas distintivas de todo elemento, o conhecedor chegar a conhecer todas as qualidades, características e natureza dos mesmos, pode então colaborar inteligentemente no plano e se tornar um mago branco. Para a maioria só é possível chegar a três das formas e a isto se refere “Luz no Caminho” com as palavras: “Interroga a terra, o ar e a água sobre os segredos que contêm para ti. O desenvolvimento do sentido interno o habilitará a fazê-lo”.

45. Por esse domínio se obtém a máxima pequenez¹⁰ e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a liberação de todos os obstáculos.

Ao final de cada um destes três livros sobre Raja Yoga, temos um aforismo que resume os resultados e apresenta uma visão do que o aspirante consciencioso e inteligente tem a possibilidade de alcançar, que são:

¹⁰ N. do T.: No original em inglês a palavra é “minuteness”. No Glossário Teosófico de HPB temos “Animan (Sâns.) – “Pequenez”, “sutilidade”. – Um dos oito *siddhis* ou poderes ocultos mais elevados. O poder da pessoa de se reduzir a um grau extremo de pequenez ou de se assemelhar ao átomo.

“Assim a realização se estende do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e de annu (o átomo ou partícula) até atma (ou espírito) o conhecimento se aperfeiçoa”. (Livro I. Af. 40).

“O resultado desses métodos é a total subjugação dos órgãos dos sentidos”. (Livro II. Af. 55).

“Por esse domínio se obtém a máxima pequenez e os outros siddhis (ou poderes), assim como a perfeição corporal e a liberação de todos os obstáculos”. (Livro III. Af. 45).

Pelo exposto, vê-se que temos primeiramente a obtenção da visão e a compreensão interna de Deus; em seguida, a completa subjugação da natureza inferior e o controle dos sentidos e seus órgãos, de maneira que a compreensão se torna um fato na experiência no plano físico, e depois vem a manifestação de referido controle pela demonstração de certos poderes.

O Livro Quarto dedica-se totalmente à grande consumação resultante dos três anteriores, produzindo:

1. Cessação da dor e do trabalho árduo. (Af. 30).
2. Obtenção do conhecimento infinito. (Af. 31).
3. Entrada na eternidade. (Af. 33).
4. Retorno da consciência ao seu centro. (Af. 34).

Em conexão com o aforismo em consideração, os oito siddhis ou poderes psíquicos são muitas vezes denominados de as oito perfeições, e com os outros dois completam os dez estados de perfeição no que diz respeito ao homem inferior. São eles:

1. *Máxima pequenez... anima.*

É o poder que o iogue possui de se tornar tão pequeno como o átomo, de se identificar com a menor parte do universo, sabendo que o eu contido naquele átomo é um com ele próprio. Isto se deve a que a anima mundi, a alma do mundo, está universalmente disseminada por todos os aspectos da vida divina.

2. *Magnitude... mahima.*

É o poder de expandir a própria consciência e assim penetrar no todo maior, como também na parte menor.

3. *Gravidade... garima.*

Diz respeito ao peso e à massa e se refere à lei de gravidade, que é um aspecto da Lei de Atração.

4. *Leveza...laghima.*

É o poder subjacente ao fenômeno de levitação. É a capacidade do adepto de anular a força de atração do planeta e abandonar a terra. É o oposto do terceiro “siddhi”.

5. *Conquista do objetivo... prapti.*

É a capacidade do iogue de alcançar sua meta, de estender sua realização a qualquer localidade, de chegar a todo ou a qualquer lugar que desejar. Observe-se que isto terá aplicação em todos os planos dos três mundos, como têm, na realidade, todos os siddhis.

6. *Vontade irresistível... prakamya.*

Às vezes descrito como soberania, é a irresistível força impulsionadora que todo adepto possui para levar seus planos à frutificação, realizar seus desejos e concluir seus impulsos. Esta

qualidade é a característica distintiva do mago negro e do branco. Manifesta-se necessariamente com maior força no plano dos três mundos que reflete o aspecto vontade da divindade, o plano mental. Todos os elementos obedecem a esta força da vontade, conforme usada pelo iogue.

7. *Poder criador... isatva*. Diz respeito ao poder do adepto de manipular os elementos em suas cinco formas, de produzir com eles realidades objetivas e, assim, criar no plano físico.

8. *O poder de comando... vasitva*.

O mago, à medida que controla as forças elementais da natureza, utiliza este poder, base da mantra yoga, a yoga do som ou do verbo criador. O poder criador, o sétimo siddhi, diz respeito aos elementos e respectiva vitalização, de maneira que se tornam “causas efetivas”; este oitavo siddhi diz respeito ao poder da Palavra de impulsionar as forças construtoras da natureza à atividade coerente, a fim de produzir formas.

Quando estes oito poderes estão ativos, trazem como resultado o nono, a perfeição corporal, pois o adepto pode construir um veículo adaptado às suas necessidades, pode fazer com ele o que quiser e, por meio dele, alcançar seu objetivo. Finalmente, o décimo poder será visto em plena manifestação, pois nenhuma forma entorpece nem obsta a frutificação da vontade do iogue, estando liberado da forma e suas qualidades.

46. Simetria de forma, beleza de cor, a resistência e a solidez do diamante constituem a perfeição corporal.

Embora muitos estudiosos deem a este aforismo uma interpretação puramente física, ele encerra um conceito muito mais amplo. Ele nos expõe, em termos cuidadosamente escolhidos (dos quais a linguagem moderna não é mais que uma paráfrase, pois carece de expressão para transmitir plenamente a ideia), a condição do terceiro aspecto ou forma, através do qual se manifesta o segundo aspecto ou aspecto crístico. Este terceiro aspecto é tríplice em si, no entanto forma um todo coerente, por isso o uso de quatro termos para expressar este eu pessoal inferior. O ocultista nunca se ocupa do veículo físico denso. Considera o corpo etérico como a verdadeira forma; o denso nada mais é do que o material usado para preencher essa forma. O corpo etérico é a verdadeira forma substancial, a estrutura, a armação, sobre a qual o corpo denso se amolda necessariamente. A forma deve ser simétrica e construída exatamente de acordo com o número e o modelo, cuja distinção básica será a exatidão geométrica das suas muitas unidades. O corpo emocional ou astral, como é bem sabido, caracteriza-se por seu colorido e, de acordo com a etapa de desenvolvimento, as cores serão belas, claras e translúcidas, ou feias, escuras e opacas. O corpo astral de um adepto é de beleza radiante, sem nenhuma cor de baixa vibração. O aspecto mais elevado do eu pessoal, o corpo mental, vibrará em harmonia com o aspecto mais elevado do espírito, que é vontade, poder ou força – qualquer uma dessas palavras bastará. Força, beleza e forma, reflexos de poder, amor e atividade, são as características do corpo de manifestação de todo filho de Deus que tenha entrado em Seu reino. Em seguida, a quarta expressão transmite a ideia de unidade, a coerência dos três, de maneira que atuam como um todo e não de maneira independente e separada. Portanto, o homem é o Três em Um e o Um em Três, como seu Pai nos Céus; pois é “feito à imagem de Deus”.

Os tradutores usam duas palavras para expressar esta ideia de força compacta e coerente, a saber, diamante e raio. O ser humano que tomou a iniciação planetária mais elevada recebe a denominação de “alma diamantina” – o homem capaz de transmitir perfeitamente a pura luz branca e também refletir todas as cores do arco-íris, as sete cores da escala cromática. Sua personalidade é conhecida pela mesma denominação, pois ela se tornou transmissora da luz interna irradiante.

O termo “raio” também é bastante expressivo, porque dá a ideia de força elétrica. Tudo que podemos conhecer de Deus ou do homem é a qualidade da sua energia, segundo se manifesta como força e atividade, por isso *A Doutrina Secreta* atribui o termo *fogo elétrico* ao aspecto mais elevado da divindade.

47. O domínio sobre os sentidos é viabilizado pela meditação concentrada sobre sua natureza, seus atributos distintivos, o egoísmo, a pervasividade e o propósito útil.

O Af. 44 tratou extensamente da objetividade e da natureza das cinco formas que todo elemento adota. O presente aforismo trata do que é subjetivo e do mecanismo sutil por meio do qual se estabelece contato com as formas, aplicando-lhes propósitos específicos. Estamos tratando aqui dos indriyas ou sentidos, que os filósofos hindus dividem em dez, em vez de cinco. Eles classificam os cinco sentidos em dois grupos; em um incluem o que chamamos de órgãos dos sentidos, como o olho, o nariz, etc. e, no outro, as faculdades que fazem com que o olho veja e o nariz perceba o cheiro.

Portanto, quando o estudante considera os sentidos, estuda-os em cinco vinculações e também em relação às respectivas contrapartes nos planos astral e mental. As cinco divisões são:

1. *A natureza.* Estuda cada sentido em sua dupla condição, a de instrumento externo e a capacidade interna do referido instrumento de responder a determinados impactos vibratórios. Sabe, por exemplo, porque o órgão do sentido chamado olho, vibra aos impactos que a condição da visão produz, mas não responde aos impactos que produzem o odor. Ele assim discrimina entre os sentidos e aprende a seguir o impulso vibratório até a fonte de origem, por uma das cinco linhas possíveis de abordagem, o que faz de maneira inteligente e não às cegas.

2. *Os atributos distintivos.* Em seguida, estuda a qualidade dos sentidos, priorizando não tanto o sentido específico em questão (o que foi tratado acima), mas o atributo característico do sentido e aquilo para o qual ele dá a chave no macrocosmo.

3. *Egoísmo.* Refere-se à faculdade de expressar o “eu” que caracteriza o ser humano e, assim, produz o sexto sentido, a mente, como intérprete e sintetizadora dos outros cinco. É a capacidade do ser humano de dizer: “eu vejo, eu cheiro”, coisa que o animal é incapaz de fazer.

4. *Pervasividade.* Todos os sentidos têm uma capacidade infinita de se expandir e, quando cada sentido é seguido e utilizado conscientemente, pode guiar o homem em três direções principais:

- a. Para o centro de todas as coisas, de volta ao coração de Deus,
- b. Para a estreita comunicação com o semelhante, colocando-o em sintonia com ele, quando assim desejar.
- c. Para fazer contato com todas as formas.

Para o homem comum só existe o que ele pode ouvir, tocar, ver, saborear e cheirar, os únicos cinco modos pelos quais pode conhecer. São as únicas cinco respostas possíveis para ele, à medida que faz contato com qualquer tipo de vibração. E, no nosso sistema solar, não existe nada mais do que energia vibratória, Deus em movimento ativo. Esses cinco métodos o colocam em relação com os cinco elementos, mas quando o aspirante se dá conta disso, infinitas possibilidades se abrem para ele e começam a aparecer. Posteriormente, para o homem avançado, abre-se outra série de vibrações, mais elevadas, quando ele é capaz de usar a mente não apenas como unificadora dos cinco sentidos, mas também como um sexto sentido. É este o objetivo de toda a prática de Raja Yoga. Por meio da mente, conhece-se o reino da alma, da mesma maneira como o mundo objetivo foi contactado por meio dos sentidos.

5. *Propósito útil.* Quando a relação dos cinco sentidos com os cinco elementos é compreendida e a Lei de Vibração é estudada e dominada, o adepto está apto a orientar todos os poderes da sua natureza para propósitos úteis. Não só ele entra em comunicação com todas as partes do nosso sistema planetário, como também pode usar de maneira discriminadora e sábia todas as partes da própria natureza que são afins ou correspondências da natureza de Deus, segundo se manifestam no macrocosmo.

48. Como resultado desta perfeição sobrevém uma rapidez de ação tal como a da mente, a percepção independente dos órgãos e o domínio sobre a substância-raiz.

Consideramos os diversos resultados do processo da meditação quando é empreendido até a perfeição e agora estamos chegando ao ponto culminante. O vedor chegou à consumação do processo de alinhamento. O eu pessoal tríptico foi purificado, ajustado e controlado. Os três corpos estão vibrando em sintonia com a nota do ego ou Eu Superior que, por sua vez, está em processo de se sincronizar com a Mônada ou eu divino, o espírito em seu próprio plano. O grande “Filho da Mente”, o pensador nos níveis superiores do plano mental, é agora o fator dominante; o resultado deste domínio é tríptico e cada efeito se manifesta em todos os planos, mas principalmente em um. Os resultados são:

1. *Rapidez de ação tal como a da mente.* Usamos com frequência a expressão “rápido como o pensamento” quando queremos dar ideia de máxima rapidez. No iogue, os atos no plano físico são tão sincronizados com seus processos mentais, suas decisões são tão instantâneas e seus fins são alcançados tão rapidamente que a sua vida no plano físico se caracteriza por uma atividade surpreendente e de resultados estupendos. Dele se pode dizer o mesmo que do Criador: “Deus meditou, visualizou, falou, e os mundos foram feitos”.

2. *Percepção independente dos órgãos.* O adepto não depende dos órgãos dos sentidos nem do sexto sentido, a mente, para adquirir conhecimento.

Nele a intuição se desenvolveu ao ponto de se tornar um instrumento passível de ser usado e a captação direta de todo conhecimento, independente da faculdade de raciocínio ou mente racional é seu privilégio e direito. Já não é mais necessário usar a mente para apreender a realidade, nem os sentidos como meio de contato; ele empregará os seis, mas de maneira diferente. A mente será utilizada para transmitir ao cérebro os desejos, planos e propósitos do Mestre Uno, o Cristo interno; os cinco sentidos serão transmissores dos distintos tipos de energia aos objetivos escolhidos e aqui se abre um vasto campo de estudo para o investigador interessado. O olho é um dos transmissores de energia mais potentes e foi este conhecimento que, no passado, deu origem à crença sobre o mau-olhado. Há muito a se descobrir com relação à visão e este estudo incluirá não só a visão física, como o desenvolvimento do terceiro olho, a clarividência, a visão espiritual perfeita, e assim sucessivamente até o inconcebível mistério que encerram os termos: “o Olho que tudo vê” e “o Olho de Shiva”.

As mãos são fatores potentes em todo trabalho mágico de cura e o uso do sentido do tato é uma ciência esotérica. A sublimação do sentido da audição e seu uso para ouvir a Voz do Silêncio ou a música das esferas é uma seção dos ensinamentos ocultos de tipo mais profundo, e os adeptos que se especializaram nas ciências da visão e do som estão entre os mais eruditos e avançados na Hierarquia.

Os outros sentidos também são susceptíveis de profundos desenvolvimentos, mas estão singularmente ocultos nos mistérios da iniciação e não é possível dizer nada mais sobre eles. Os três sentidos, audição, tato e visão são as três características das três raças humanas e dos três planos dos nossos três mundos.

1. Audição	Lemuriana	Plano físico	Ouvido	Resposta ao som.
2. Tato	Atlante	Plano astral	Pele	Resposta ao toque ou vibração.
3. Visão	Ária.	Corpo mental	Olho	Resposta à visão.

Esse terceiro sentido exerce efeito principalmente sobre a nossa raça, daí as palavras do profeta: “Onde não há visão os povos perecem”. O desenvolvimento da visão e a conquista da percepção espiritual constituem o grande objetivo da nossa raça, como o objetivo de todo o trabalho da Raja Yoga. O místico chamará de “iluminação”, o ocultista de “visão pura”, mas são uma e a mesma coisa.

Os outros dois sentidos ainda estão *velados*; o verdadeiro significado aparecerá no transcurso da sexta e sétima raças, que se seguirão à nossa, e sua verdadeira relação é com o plano búdico ou intuicional e o átmico ou espiritual, respectivamente.

3. *Domínio sobre a substância-raiz*. Referida substância-raiz é o pradhana, às vezes denominado de raiz de tudo, substância primordial e matéria-raiz. Rama Prasad, em sua tradução e comentário, diz o seguinte: “Domínio sobre o pradhana significa o poder de controlar todas as modificações de Prakriti. Estas três realizações... são alcançadas pela conquista da aparência substantiva dos cinco instrumentos de sensação”.

É interessante observar que essas três realizações demonstram:

- A incapacidade da matéria e da forma de manter o iogue cativo.
- A impotência da substância de impedir que o iogue tome conhecimento de qualquer aspecto da manifestação que ele queira.
- A incapacidade da matéria de resistir à vontade do iogue.

Esses três fatores explicam por que o adepto pode criar à vontade e porque o fato de ser livre das limitações da matéria constituem a base de toda a magia branca.

Concluindo, devemos observar que essa capacidade é em si mesma relativa, porque o adepto está liberado das limitações dos três mundos do esforço humano. O Mestre tem perfeita liberdade de ação nos três mundos e também no plano búdico, enquanto que o Cristo e aqueles que alcançaram uma iniciação similar, têm esta liberdade nos cinco mundos da evolução humana.

49. O homem capaz de discriminar entre alma e espírito conquista a supremacia sobre todas as condições e se torna onisciente.

A condição do homem capaz desse feito foi muito bem descrita no comentário de Charles Johnston sobre este aforismo e podemos ver a beleza do seu pensamento ao analisar as suas palavras:

“O homem espiritual está preso na rede das suas emoções, desejos, medos, ambições, paixões e obstruído pelas formas mentais da separatividade e do materialismo. Quando essas redes se rompem e referidos obstáculos são totalmente superados, o homem espiritual surge forte, poderoso e sábio no seu próprio e amplo mundo. Ele usa os poderes divinos com alcance e energias divinas, atuando junto com os divinos Companheiros. A ele é dito: “És agora um discípulo capaz de permanecer, ouvir, ver e falar. Venceste o desejo e alcançaste o autoconhecimento, viste a tua alma em florescimento e a reconheceste, e ouviste a Voz do Silêncio”.

Em nenhuma outra parte a maravilhosa síntese dos ensinamentos é tão evidente como neste aforismo, porque o ponto alcançado é de uma ordem mais elevada que a mencionada no Livro II, Af. 45, e é uma condição intermediária entre a mencionada nesse último e a do Livro IV, Afs. 30 a 34.

No Livro I, Af. 4, vimos que o verdadeiro homem está armadilhado nas redes da natureza psíquica, e a luz que há nele está velada e oculta. Ao aprender a discriminar entre o verdadeiro eu e o eu pessoal inferior, desenreda-se e vê a luz nele, sendo assim liberado. Tendo alcançado a liberação, desenvolvido os poderes da alma e conquistado a maestria, abrem-se diante dele experiências e conhecimentos ainda mais vastos e amplos. Começa a expandir sua consciência do planetário para o solar, e a consciência grupal pode se desenvolver em consciência de Deus. O primeiro passo para isso está exposto no aforismo que estamos considerando agora. O Livro Quarto também trata desse passo e dá indicações mais extensas. As regras para esta expansão não são dadas porque dizem respeito ao desenvolvimento do Mestre e ao desenvolvimento do Cristo até alcançar o estado superior de ser que Lhe é possível; mas o Livro Quarto se ocupa das etapas preparatórias e aponta outras possibilidades. Aqui são mencionados os primeiros requisitos básicos: a discriminação entre alma ou Cristo interno e o aspecto Espírito ou Pai. A atividade inteligente foi demonstrada, com base no desenvolvimento da natureza amorosa. Então será possível desenvolver o espírito ou aspecto vontade sem perigo e entregar o poder nas mãos do Cristo.

Três palavras servirão para projetar luz sobre esse processo de desenvolvimento.

O primeiro grande entendimento que o aspirante deve alcançar é o da *onipresença*, ele deve ser plenamente consciente da sua unidade com tudo e da unicidade da sua alma com as demais almas. Deve descobrir a Deus em seu próprio coração e em toda forma de vida. Em seguida, como iniciado, alcança a *onisciência*, isto é, o conhecimento todo-inclusivo, e as Aulas do Conhecimento e da Sabedoria lhe entregam seus segredos. Torna-se um Cristo, um conhecedor de todas as coisas, ele sabe o que há no coração do Pai e no coração dos homens. Finalmente, com o tempo, alcança a *onipotência* ou poder oniabrangente, quando as chaves do Céu serão entregues ao Filho do Homem e todo poder será seu.

50. Pela atitude desapaixonada frente a esta conquista e a todos os poderes da alma, aquele que está livre das sementes da escravidão alcança o estado de unidade isolada.

A unidade isolada referida aqui é a total separação de todos os aspectos da forma e a conquista da Unidade espiritual. Significa distanciar-se da consciência material e viver na consciência espiritual. É harmonia com o espírito e desarmonia com a matéria. Implica em identificação com o Pai nos Céus e a verdadeira compreensão das palavras do Mestre de Mestres: “Eu e Meu Pai somos Um”. Um adequado senso de valores foi estabelecido e os poderes desenvolvidos e as percepções alcançadas são vistas como contendo neles próprios “as sementes da escravidão”. Portanto, o verdadeiro iogue não se ocupa deles. À vontade e em serviço, ele perceberá a necessidade; à vontade e em serviço empregará os poderes ocultos, mas, em si mesmo, permanece desapegado e livre de todas as limitações cármicas.

51. Deve haver absoluta rejeição às seduições de todas as formas do ser, inclusive das celestiais, pois um retorno aos contatos malignos ainda é possível.

A tradução de Rama Prasad é iluminadora e digna de menção. Diz ele:

“Quando as deidades que presidem convidam, não deve haver apego nem sorriso de satisfação, pois o contato com o indesejável ainda é possível”.

A interpretação de Dvivedi nos dá outro ponto de vista:

“Deve haver total desligamento de qualquer prazer ou orgulho nos chamados das potestades de distintos lugares, pois há a possibilidade de que o mal se repita”.

O iogue ou discípulo atingiu seu objetivo. Liberou-se (por meio do desapaixonamento e da discriminação) dos entraves da forma, e está livre e emancipado. Mas deve se manter em guarda, porque “quem pensa que está firmemente de pé deve ter cuidado para não cair”. A vida da forma sempre convida, e as seduições da grande ilusão estão sempre presentes. A alma emancipada deve afastar seus olhos do chamado das “deidades que presidem” (as vidas que, nos três mundos, formam a totalidade da vida dos planos) e fixá-los nos aspectos mais espirituais que constituem a vida do próprio Deus.

Até o reino da alma, e a “Voz dos Deuses” como é chamada, contém em estado latente as sementes do apego; portanto; afastando-se de tudo que adquiriu e abandonando todo pensamento das perfeições alcançadas e poderes desenvolvidos, o Filho de Deus, o Cristo em manifestação, avança novamente para uma meta mais elevada. Em cada etapa do caminho enuncia-se o preceito: “Esquecendo-te das coisas que ficaram para trás, segue adiante”. (Fil. 3:13). Cada nova iniciação marca simplesmente o começo de um novo ciclo de esforço.

Os estudiosos deste aforismo assinalam que há quatro classes de chelas ou discípulos. São eles:

1. Aqueles cuja luz está começando a brilhar. São denominados “cumpridores das práticas” e são aqueles que estão entrando no Caminho. São os probacionários, os aspirantes.
2. Aqueles cuja intuição está despertando e manifestam o desenvolvimento correspondente do poder psíquico. É uma etapa muito perigosa, porque os discípulos ficam susceptíveis à sedução das possibilidades de adquirir o poder que a faculdade psíquica propicia. Tendem a se iludir e a crer que o poder psíquico é uma indicação de crescimento e desenvolvimento espiritual. Mas não é.
3. Os discípulos que superaram todas as seduições dos sentidos e não se deixam enganar pelo aspecto forma nos três mundos. Venceram os sentidos e triunfaram sobre a natureza-forma.
4. Aqueles que transcenderam todo o exposto acima e se mantêm firmes na verdadeira consciência espiritual. São os iluminados, aqueles que progrediram através das sete etapas da iluminação. Consulte o Livro II, Af. 27.

Ao reler o Af. 26 deste Livro Terceiro e o comentário, o estudante obterá alguma ideia do caráter dos mundos da forma e das deidades que os presidem, cujas vozes procuram seduzir o aspirante do caminho e levá-lo ao reino da ilusão. Ele também achará interessante estabelecer o contraste e comparar os quatro primeiros tipos de espíritos enumerados nesse aforismo com os quatro tipos de discípulos. Tudo que existe nos três mundos é um reflexo do que há nas regiões celestiais, e compreender o aforismo hermético “assim como é em cima, é embaixo” será de grande interesse. Esse reflexo é o que constitui o mal; este aspecto inverso da realidade constitui a grande ilusão, da qual não se ocupam os filhos de Deus. É o mal no que diz respeito a eles, mas em nenhum outro sentido. As formas de vida nestes mundos e as vidas que animam as formas são boas e corretas em si e estão seguindo seu próprio caminho de evolução. No entanto, seu objetivo imediato e estado de consciência não estão sincronizados com os do discípulo em evolução e, por isso, não deve haver intercâmbio entre eles.

52. O conhecimento intuitivo se desenvolve pelo uso da faculdade de discriminação, quando há concentração total nos instantes e em sua sucessão contínua.

Já foi dito que o entendimento completo da Lei dos Ciclos levaria o homem a um elevado grau de iniciação. Esta Lei de Periodicidade é subjacente a todos os processos da natureza; estudá-

la conduziria o homem do mundo dos efeitos objetivos para o das causas subjetivas. Também foi dito que o tempo é simplesmente uma sucessão de estados de consciência, o que é válido para um átomo, um homem e um Deus. Esta verdade subjaz nos grandes sistemas da ciência mental e da *Christian Science* do Ocidente, e em muitas filosofias orientais. Este aforismo dá a chave para a relação entre matéria e mente ou entre substância e a alma que a anima, o qual se compreenderá ao considerar as palavras de um estudioso hindu, que diz:

“Assim como o átomo é uma substância na qual o diminuto alcança seu limite, da mesma maneira um instante é uma fração de tempo em que o diminuto alcança seu limite. Ou: um instante é aquele lapso de tempo que um átomo leva para abandonar a posição que ocupa no espaço e chegar ao ponto seguinte. A sucessão de instantes é a continuidade da sua exterioridade”.

Quando nos dermos conta de que um átomo e um instante são uma e a mesma coisa, e que por trás deles está o Realizador ou Conhecedor de ambos, teremos então a chave de todos os estados de consciência e da natureza da energia. Também teremos alcançado a verdadeira compreensão do Eterno Agora e a exata apreciação do significado de passado, presente e futuro. E isso, como nos é dito, pode ser obtido pela meditação concentrada no tempo e suas unidades.

Será oportuno assinalar que os diferentes tipos de concentração tratados neste Livro Terceiro não se aplicam ou não são apropriados para todos os tipos de aspirantes. Os homens pertencem a sete tipos principais, com características e naturezas distintas e qualidades específicas que os predispõem a determinados e definidos aspectos do Caminho de Retorno. Alguns se inclinam pelas matemáticas e têm tendência para a geometria divina e para os conceitos de espaço e tempo, e seguirão judiciosamente o método de desenvolver o conhecimento intuitivo de que trata este aforismo. Para outros isso seria muito difícil e sabiamente se voltariam para outros tipos de meditação concentrada.

53. Desse conhecimento intuitivo nasce a capacidade de distinguir (entre todos os seres) e de conhecer seu gênero, suas qualidades e posição no espaço.

A dificuldade deste aforismo será removida com uma paráfrase livre.

“O desenvolvimento da intuição revelará o conhecimento exato das fontes da vida manifestada, das suas características ou qualidades, e do lugar que ela ocupa dentro do todo”.

Do princípio ao fim, *Os Aforismos da Yoga* expressam que as triplicidades divinas se encontram em todas as partes, e que toda forma que anima uma vida (e nada mais há em manifestação) deve ser reconhecida como:

1. *Vida*. A vida de Deus emana da sua fonte em sete correntes, emanções ou “alentos” e toda forma no mundo objetivo é expressão de uma vida surgida do alento de uma ou outra dessas correntes. O desenvolvimento da intuição possibilita que o vedor conheça a natureza da vida que é o átomo. É a isso que a palavra “gênero” se refere. O ocultista moderno preferiria a palavra “raio” e o cristão “pneuma” ou espírito, mas a ideia é a mesma.

2. *Consciência* ou alma. Todas estas formas vivas de vida divina são conscientes, embora os estados de consciência não sejam os mesmos, variam da vida do átomo de substância, tão limitada e circunscrita como possa estar, até a vida de um Logos solar. O estado de reação consciente de todas as formas ao ambiente, ao exotérico e ao não visto, produz as diversas características, além das diferenças produzidas pelo:

- a. raio,
- b. plano de manifestação,

- c. grau de vibração,
- d. ponto de desenvolvimento

e essas características formam a *qualidade* a que este aforismo faz referência. É o aspecto subjetivo, em contraposição ao objetivo e ao essencial.

3. *Forma* ou *corpo*. É o aspecto exotérico que emerge do subjetivo, como resultado do impulso espiritual. A *localização no espaço* é a parte no corpo do Homem celestial em que todo átomo ou forma tem seu lugar. É preciso lembrar que para o estudante ocultista “o espaço é uma entidade” (*Doutrina Secreta* I; 583) e esta entidade é a mesma que o Cristo cósmico, o “corpo do Cristo”, que São Paulo menciona em ICo, 12.

Este aforismo, portanto, esclarece que o iogue liberado, que desenvolveu a intuição, está apto a conhecer tudo sobre todas as formas de vida, o que envolve o conhecimento de:

1. <i>Gênero</i>	2. <i>Qualidade</i>	3. <i>Lugar no Espaço</i>
Raio	Caráter	Lugar no corpo do Homem Celestial
Espírito	Alma	Corpo
Aspecto Vida	Consciência	Forma
Essência	Natureza subjetiva	Forma objetiva

A este conhecedor podemos aplicar as palavras do Instrutor, cujas obras se encontram nos arquivos da Loja:

“Ele, que permanece diante da Chispa, vê tanto a chama como a fumaça.
Para ele, a sombra oculta o reflexo, e contudo vê a luz.
Para ele, o tangível demonstra meramente o intangível, e ambos revelam o espírito, enquanto que a forma, a cor e o número pronunciam em voz alta a palavra Deus”.

54. Este conhecimento intuitivo, o grande liberador, é onipresente e onisciente, inclui o passado, o presente e o futuro no Eterno Agora.

A única parte deste aforismo que não está clara ainda para o leitor superficial é o significado das palavras Eterno Agora. Não é possível compreendê-las até ter desenvolvido a consciência da alma. Dizer que o tempo é uma sucessão de estados de consciência e que o presente se perde instantaneamente no passado e se funde no futuro, à medida que é vivenciado, é de pouca utilidade para o estudante comum. Dizer que chega um momento em que a vista se perde na visão, quando o somatório das esperanças da vida se cumprem em um momento de realização e que isto persiste para sempre, e indicar um estado de consciência em que não há sequência de acontecimentos nem sucessão de realizações, é falar em linguagem misteriosa. No entanto, assim é e assim será. Quando o aspirante alcança a sua meta, conhece o verdadeiro significado da sua imortalidade e a verdadeira natureza da sua liberação. Espaço e tempo se tornam para ele termos sem sentido. Vê que a única e verdadeira Realidade é a grande força central de vida, permanecendo imutável e inamovível no centro das formas temporárias, cambiantes e evanescentes.

“Eu sou”, diz a unidade humana, e se considera como o eu e se identifica com a forma cambiante. Tempo e espaço são para ele as verdadeiras realidades. “Eu sou Aquele”, diz o aspirante, e procura se conhecer como realmente é, uma palavra viva, parte de uma frase cósmica. Para ele o espaço deixa de existir e conhece a si mesmo como onipresente. “Eu sou Aquele Eu sou”, diz a alma liberada, o homem livre, o Cristo. Nem tempo nem espaço existem para ele e onisciência e onipresença são suas qualidades características.

Ao comentar este aforismo, Charles Johnston cita São Columba e diz:

“Existem aqueles, embora poucos, para os quais a graça divina propiciou ver com toda clareza e nitidez em um mesmo instante, como sob um raio de sol, toda a esfera do mundo, incluindo o oceano e o firmamento que o rodeiam, e a parte mais interna de sua mente se expande maravilhosamente.”

Caberia citar o breve comentário de Dvivedi, pois está bem expresso e transmite concisamente o estado de consciência alcançado:

“No Af. 33 deste Livro Terceiro já descrevemos a natureza do taroka-jnana, o conhecimento que libera das ataduras do mundo. Tal conhecimento discriminador descrito resulta em taraka, o conhecimento que é o fim e objetivo da yoga. Diz respeito a todos os objetos desde o pradhana (espírito-matéria, A.A.B.) até os bhutas (elementos, formas, A.A.B.), e também a todas as condições desses objetos. Além disso, produz o conhecimento de todas as coisas simultaneamente e é bastante independente das regras comuns do conhecimento. Portanto, é o conhecimento mais elevado que o iogue pode desejar, e um indicador seguro de Kaivalya (estado de absoluta unicidade, A.A.B.), que é seu resultado e será descrito no próximo aforismo.

55. Quando as formas objetivas e a alma tiverem alcançado uma condição de igual pureza, realiza-se a Unificação, que resulta na liberação.

Purificou-se aquilo que a luz da alma oculta e, assim, a luz de Deus aflui. O que era um impedimento e um obstáculo para a plena expressão da divindade em manifestação foi tratado de tal forma que agora serve de meio adequado de expressão e serviço. A alma pode agora atuar livre e inteligentemente nos três mundos, porque foi alcançada a unidade perfeita entre o homem inferior e o superior.

A alma e seus veículos formam uma unidade e estão unificados. Foi alcançado o completo alinhamento dos corpos e o Filho de Deus pode atuar livremente na Terra. Assim o grande objetivo foi alcançado e, aplicados os oito métodos da yoga, a alma pode se manifestar por meio do tríplice homem inferior e, por sua vez, constituir um meio de expressão para o espírito. Elevou-se da matéria a um estado em que sua vibração pode se sincronizar com a da alma; o resultado é que, pela primeira vez, o espírito pode fazer sentir sua presença, porque “a matéria é o veículo para a manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo para a manifestação do espírito em uma volta superior da espiral. Estes três são uma trindade sintetizada pela vida que os compenetra a todos”. Para o homem que realizou isso não há mais renascimento. Está livre e emancipado e pode dizer com plena compreensão consciente do significado das palavras:

“Minha vida (a vida física inferior) está oculta com Cristo (a vida da alma) em Deus (o espírito)”.
(Col. III. 3.)

AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO QUARTO

Iluminação

1. Os siddhis (ou poderes) superiores e inferiores são obtidos pela encarnação ou pelas drogas, palavras de poder, desejo intenso ou pela meditação.
2. A transferência da consciência de um veículo inferior para um superior é parte do grande processo criador e evolutivo.
3. As práticas e métodos não são a verdadeira causa da transferência da consciência, porém servem para eliminar obstáculos, tal como o agricultor prepara a terra para a semeadura.
4. A consciência do “eu sou” é responsável pela criação dos órgãos mediante os quais se desfruta do senso de individualidade.
5. A consciência é uma só, no entanto produz as variadas formas dos muitos.
6. Entre as formas que a consciência assume, somente aquela que resulta da meditação está livre do carma latente.
7. As atividades da alma liberada são livres dos pares de opostos. As das outras pessoas são de três tipos.
8. Desses três tipos de carma emergem as formas necessárias para a frutificação dos efeitos.
9. Há uma identidade de relação entre a memória e o efeito que a causa produz, mesmo quando separados por espécie, tempo e lugar.
10. Como o desejo de viver é eterno, as formas criadas pela mente carecem de princípio conhecido.
11. Estas formas são criadas e mantidas unidas pelo desejo, a causa básica; a personalidade, o resultado efetivo; a vitalidade mental ou a vontade de viver, e o suporte da vida ou objeto dirigidos para o exterior – quando esses deixam de atrair, também as formas deixam de existir.
12. O passado e o presente existem na realidade. A forma assumida no conceito do tempo presente é resultado de características desenvolvidas, contendo latentes as sementes da qualidade futura.
13. As características, latentes ou ativas, participam da natureza dos três gunas (qualidades da matéria).
14. A manifestação da forma objetiva se deve ao unidirecionamento da causa produtora de efeitos (a unificação das modificações de chitta ou substância mental).
15. Estas duas, consciência e forma, são distintas e separadas; embora as formas possam ser similares, a consciência pode atuar em diferentes níveis do ser.
16. As inúmeras modificações da mente uma produzem as diversas formas que, para subsistir, dependem desses inúmeros impulsos da mente.
17. Essas formas são conhecidas ou não, de acordo com as qualidades latentes na consciência percebora.
18. O Senhor da mente, o percebedor, está sempre consciente da substância mental em atividade constante, a causa produtora de efeitos.
19. Como a mente pode ser vista ou conhecida, fica claro que ela não é a fonte de iluminação.
20. Também não pode conhecer dois objetos simultaneamente, a si mesma e ao que é externo a si mesma.
21. Se o conhecimento da mente (chitta) for postulado por uma mente mais distante, deve-se inferir um número infinito de conhecedores, e a sequência de reações da memória tenderia a uma confusão infinita.
22. Quando a inteligência espiritual, que permanece só e livre dos objetos, se reflete na substância mental, obtém-se a percepção consciente do eu.

23. Assim a substância mental, refletindo tanto o conhecedor como o conhecível, se torna onisciente.
24. Também a substância mental, refletindo, como faz, uma infinidade de impressões da mente, torna-se o instrumento do Eu e atua como agente unificador.
25. O estado de unidade isolada (retirado na verdadeira natureza do Eu) é a recompensa do homem capaz de discriminar entre a substância mental e o Eu, ou homem espiritual.
26. A mente então tende à discriminação e à crescente iluminação quanto à verdadeira natureza do Eu uno.
27. No entanto, pela força do hábito, a mente refletirá outras impressões mentais e perceberá os objetos de percepção sensória.
28. Esses reflexos têm o caráter de obstáculos, e o método de vencê-los é o mesmo.
29. O homem que desenvolve o desapego até mesmo em sua aspiração à iluminação e à unidade isolada, oportunamente se torna consciente da nuvem sobrepairante do conhecimento espiritual.
30. Quando esta etapa é alcançada, os obstáculos e o carma são superados.
31. Quando, pela remoção dos obstáculos e purificação das envolturas, a totalidade do conhecimento se torna acessível, nada mais resta ao homem por fazer.
32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria), pela natureza inerente dos três gunas, chegam ao fim, pois cumpriram o seu propósito.
33. O tempo, sequência das modificações da mente, também chega ao fim, dando lugar ao Eterno Agora.
34. O estado de unidade isolada se torna possível quando as três qualidades da matéria (os três gunas ou potências da natureza) deixam de exercer controle sobre o Eu. A consciência espiritual pura se retira no Uno.

AFORISMOS DA YOGA DE PATANJALI

LIVRO QUARTO

Iluminação

1. Os siddhis (ou poderes) superiores e inferiores são obtidos pela encarnação ou pelas drogas, palavras de poder, desejo intenso ou pela meditação.

Chegamos ao Livro Quarto, no qual os poderes e os resultados obtidos pela prática da Raja Yoga levam ao reconhecimento grupal e se vê que produzem consciência universal e não meramente autoconsciência. Caberia aqui uma advertência sobre o uso da frase “consciência cósmica” por ser falsa e enganosa, pois até mesmo o adepto mais elevado (observemos cuidadosamente este termo) só é dotado de consciência solar e não tem nenhum contato com o que está fora do nosso sistema solar. Os Logoi planetários (os sete Espíritos ante o Trono) e os Senhores do Carma (as “quatro rodas” de Ezequiel), têm uma consciência para além do nosso sistema solar. As existências menores poderão percebê-la como uma possibilidade, mas ainda não é parte da sua experiência.

Os poderes adquiridos são de dois grupos principais, denominados:

- a. Poderes psíquicos inferiores, os siddhis inferiores.
- b. Poderes espirituais, ou siddhis superiores.

Os poderes inferiores resultam da sintonia estabelecida entre a consciência da alma animal no homem e a “anima mundi” ou alma do mundo, aspecto subjetivo de todas as formas nos três mundos, de todos os corpos nos quatro reinos da natureza. Os poderes superiores resultam do desenvolvimento da consciência de grupo, do segundo aspecto da divindade. Não só incluem os poderes inferiores, como põem o homem em relação com as existências e formas de vida que se encontram nos reinos espirituais ou, como diria o ocultista, nos dois planos que estão além dos três mundos, e que abrangem toda a escala da evolução do homem, a humana e a super-humana.

A meta do verdadeiro aspirante é o desenvolvimento dos poderes superiores, os quais podemos descrever com os termos: conhecimento direto, percepção intuitiva, insight espiritual, visão pura, conquista da sabedoria. São diferentes dos poderes inferiores porque os anulam. Estão corretamente descritos para nós no Livro III, Af. 37, que diz:

“Esses poderes são obstáculos para o reconhecimento espiritual superior, mas atuam como poderes mágicos nos mundos objetivos”.

Os poderes superiores são inclusivos e se caracterizam pela exatidão e infalibilidade quando devidamente aplicados. Seu efeito é tão instantâneo como um lampejo de luz. Os poderes inferiores são falíveis e são limitados em seu efeito porque o elemento tempo está presente em seu sentido sequencial; são parte da grande ilusão e constituem uma limitação para o verdadeiro aspirante.

O aforismo que estamos estudando aqui oferece cinco métodos de desenvolvimento dos poderes psíquicos, e é interessante observar que nesta descrição temos um exemplo do fato que *Os Aforismos da Yoga* ainda podem servir de manual de estudo e ensinamento para aspirantes tão avançados como os Mestres de Sabedoria. Esses cinco métodos são susceptíveis de aplicação

nos cinco planos da evolução humana, e incluem os dois superiores em que atuam os iniciados nos Mistérios.

1. Encarnação	Método do plano físico.
2. Drogas	Liberação da consciência astral.
3. Palavras de poder	Criação por meio da palavra, ou método do plano mental.
4. Desejo intenso	Sublimação da aspiração ou método do plano búdico, a esfera do amor espiritual.
5. Meditação	Método do plano átmico, a esfera da vontade espiritual.

Segundo esta enumeração, podemos observar que assim como o desejo intenso de tipo espiritual é uma sublimação do desejo astral ou emocional, da mesma maneira a meditação, como praticada pelos iniciados, é a sublimação de todos os processos mentais. Portanto, os dois últimos métodos, dados como resultantes do desenvolvimento dos siddhis ou poderes, são os únicos que os iniciados praticam, sendo a síntese e a sublimação das realizações alcançadas nos planos astral e mental.

Devemos observar que (para o buscador da verdade) a encarnação, o desejo intenso e a meditação são os três métodos permitidos e os únicos que devem ser praticados; as drogas e as palavras de poder ou encantamentos mânticos são ferramentas de magia negra e dizem respeito aos poderes inferiores.

A seguinte pergunta poderia ser colocada aqui: não é verdade que palavras de poder e uso do incenso são partes integrantes das cerimônias de iniciação e, portanto, usados pelos iniciados e aspirantes? Certamente que sim, mas não no sentido que se dá aqui, isto é, com o propósito de desenvolver poderes psíquicos. Os Mestres e Seus discípulos empregam palavras de poder para se pôr em contato com existências não humanas, para invocar a ajuda dos anjos e manipular as forças construtoras da natureza; usam ervas e incenso com fins de purificação, para eliminar entidades indesejáveis e permitir que aquelas que estão em um degrau superior da escala da evolução façam sentir sua presença, o que é muito diferente de empregá-los para se tornarem psíquicos.

Cabe notar que a primeira causa a produzir o desenvolvimento dos poderes da alma, sejam superiores ou inferiores, é a grande roda do renascimento, o que deve ser sempre levado em conta. Nem todos nós estamos na etapa em que o desenvolvimento dos poderes da alma é possível. O aspecto alma ainda está adormecido para muitos, porque ainda não chegaram à plena experiência e desenvolvimento da natureza inferior. Os quarenta anos de perambulação pelo deserto com o Tabernáculo e a conquista de Canaã tiveram que preceder o regime legal dos reis e a construção do Templo de Salomão. É necessário o transcurso de vidas para que o corpo ou aspecto Mãe esteja tão aperfeiçoado que o Cristo-Menino possa se formar no vaso preparado. Também é preciso lembrar que a posse de poderes psíquicos inferiores é, em muitos casos, sintoma de um grau evolutivo inferior e que há uma estreita associação de seu possuidor com a natureza animal. Isto deve ser transcendido para que os poderes superiores possam florescer.

É desnecessário assinalar que o uso de álcool e drogas, como também a prática da magia sexual, podem liberar e liberam a consciência astral, mas isto é astralismo puro e simples, com o qual o verdadeiro estudante de Raja Yoga não tem nada a fazer, pois é parte do desenvolvimento do caminho da esquerda. A obtenção dos poderes da alma, por meio do desejo intenso (ou fervente aspiração) e pela meditação, foi tratada nos livros anteriores e não é necessário ampliar este tema aqui.

2. A transferência da consciência de um veículo inferior para um superior é parte do grande processo criador e evolutivo.

Trata-se de uma tradução muito livre, mas que interpreta com clareza a verdade que deve ser captada. A evolução da consciência, e o efeito que exerce sobre os veículos nos quais a entidade consciente atua, é o somatório dos processos da natureza e, do ponto de vista da unidade humana inteligente, três palavras cobrem o processo e o resultado. São elas: transferência, transmutação e transformação.

Uma das leis básicas do desenvolvimento ocultista e da expansão espiritual está contida nas palavras: “Como o homem pensa, assim ele é”. Poderíamos agregar o notório enunciado oriental de que “energia segue o pensamento”. À medida que o homem muda seus desejos, muda a si mesmo; à medida que traslada a consciência de um objetivo para outro, transforma a si mesmo; isto também é verdade em todos os reinos e em todos os estados, superiores ou inferiores.

O efeito da transferência do nosso estado de pensamento consciente, de um objetivo inferior para um superior, produz uma afluência de energia de qualidade vibratória equivalente à do objetivo superior, o que provoca uma mudança ou mutação nas vestiduras da entidade pensante, que se transmutam e são levadas à condição em que se tornam adequadas ao pensamento ou desejo do homem. Levadas à culminação, produz-se uma transformação, e as palavras de São Paulo ficam claras: “Sede transformados pela renovação da vossa mente”.

Mudem a linha de pensamento e vocês mudarão a sua natureza. Desejem o que é verdadeiro e correto, puro e sagrado, e a sua consciência dessas coisas fará do antigo veículo um novo, ou um homem novo, um “instrumento apto para ser utilizado”.

A transferência, a transmutação e a conseqüente transformação, são alcançadas por um dos dois métodos a seguir:

1. Um método lento de vidas, experiências e encarnações físicas que se repetem até que, com o tempo, a força de impulsão do processo evolutivo conduz o homem, etapa após etapa, pela escada ascendente da evolução.
2. Um processo mais rápido, no qual, mediante o sistema descrito por Patanjali e ensinado por todos os guardiões dos mistérios da religião, o homem assume a si mesmo e, observando as regras e leis estabelecidas, chega, por esforço próprio, a um estado de desenvolvimento espiritual. Observemos que esses processos levam o homem à iniciação denominada Transfiguração.

3. As práticas e métodos não são a verdadeira causa da transferência da consciência, porém servem para eliminar obstáculos, tal como o agricultor prepara a terra para a semeadura.

Este é um dos aforismos mais simples e claros, de maneira que requer pouco comentário.

As práticas se referem principalmente a:

1. Os métodos de eliminar os obstáculos. (Consulte o Livro I, Af. 29 a 39), o que, como dito anteriormente, efetua-se por:
 - a. Firme dedicação a um princípio.
 - b. Simpatia para todos os seres.
 - c. Regulação do prana ou alento de vida.

- d. Estabilidade da mente.
- e. Meditação sobre a luz.
- f. Purificação da natureza inferior.
- g. Compreensão do estado de sonho.
- h. Caminho da devoção.

2. A maneira de eliminar as obstruções (Consulte o Livro II, Af. 2 a 33). As obstruções são eliminadas por:

- a. Uma atitude mental oposta.
- b. Meditação.
- c. Cultivo do pensamento correto.

Referem-se mais especificamente à preparação, durante a vida, para o verdadeiro treinamento da prática da yoga que, quando praticada, leva a natureza inferior a tal condição que os métodos mais drásticos podem produzir efeitos rápidos.

Os métodos se referem aos oito sistemas de yoga ou união, enumerados como segue: mandamentos, regras, postura ou atitude, correto controle da força vital, abstração, atenção, meditação e contemplação. (Consulte o Livro II, Af. 29 a 54 e o Livro III, Af. 1 a 12).

Observemos, assim, que podemos relacionar as práticas mais especificamente com a etapa da vida do aspirante que se encontra no caminho de provação, o caminho de purificação, enquanto que os métodos se relacionam com as etapas finais desse caminho e com o caminho do discipulado. Seguidas as práticas e os métodos, produzem-se certas mudanças nas formas que o homem real ou espiritual ocupa, embora eles não sejam a principal causa da transferência da consciência para o aspecto alma, afastando-a do aspecto corpo. Esta grande mudança resulta de certas causas estranhas à natureza do corpo, tais como: a origem divina do homem, o fato de que o Cristo ou a consciência da alma está latente nas formas e o impulso do processo evolutivo que conduz a vida de Deus existente em todas as formas para uma expressão mais plena. É preciso lembrar que assim como a Vida Una em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser passa para uma realização superior, da mesma maneira as células e átomos do Seu corpo são influenciados, estimulados e se desenvolvem de maneira correspondente.

4. A consciência do “eu sou” é responsável pela criação dos órgãos mediante os quais se desfruta do senso de individualidade.

Temos aqui a chave da própria manifestação e da razão de todas as aparências. Enquanto a consciência de qualquer dada entidade (solar, planetária ou humana) se orientar para o exterior, para os objetos de desejo, para a existência sensível, para a experiência individual e para a vida de percepção e deleite sensorial, serão criados veículos ou órgãos mediante os quais o desejo possa ser gratificado, a existência material possa ser desfrutada e os objetos percebidos. É esta a grande ilusão, que mantém a consciência na miragem. Enquanto a miragem exercer poder, a Lei do Renascimento trará novamente a consciência orientada para o exterior à manifestação no plano da matéria. A vontade de ser e o desejo de existir trazem à luz tanto o Cristo cósmico, que atua no plano material por meio do sistema solar, como o Cristo individual, que atua por intermédio da forma humana.

Nas etapas iniciais, a consciência “eu sou” cria formas de matéria inadequadas para a plena expressão dos poderes divinos. À medida que a evolução avança, as formas se tornam cada vez mais adequadas, até que os “órgãos” criados permitem ao homem espiritual desfrutar do senso de individualidade. Atingida esta etapa, acontece a grande e plena tomada de consciência do que é a ilusão. A consciência desperta para o fato de que na forma e na percepção sensória, e

na tendência de se exteriorizar, não há contentamento nem prazer reais. Inicia-se então um novo esforço, caracterizado pela retirada gradual dessa tendência para o exterior e pela abstração do espírito para fora da forma.

5. A consciência é uma só, no entanto produz as variadas formas dos muitos.

Patanjali aqui apresenta a fórmula básica que serve para explicar não só o propósito e a razão da própria manifestação como, em uma curta frase, cobre o estado de ser de Deus, do homem e do átomo. Por trás de todas as formas está a Vida una; dentro de cada átomo (solar, planetário, humano e elemental) há uma existência sensível; por trás da natureza objetiva, somatório de todas as formas, em todos os reinos da natureza, temos a realidade subjetiva, que é essencialmente um todo unificado ou unidade, que produz os muitos diversificados.

O homogêneo é a causa do heterogêneo, a unidade produz diversidade, o Uno é responsável pelos muitos, o que o estudante poderá apreciar mais inteligentemente seguindo a regra de ouro, que revela o mistério da criação e estudando a si mesmo. O microcosmo revela a natureza do macrocosmo.

Ele descobrirá que o homem real ou espiritual, o pensador ou a Vida una, em seu diminuto sistema, é responsável pela criação dos seus corpos, mental, emocional e físico, seus três aspectos inferiores, a “sombra” da Trindade, assim como seu espírito, alma e corpo são reflexos dos três aspectos divinos, Pai, Filho e Espírito Santo. Descobrirá que é responsável pela formação de todos os órgãos do seu corpo e por todas as células que os compõem e, à medida que aprofundar cada vez mais o seu problema, perceberá que sua consciência e vida se compenetraram, sendo ele, portanto, responsável pelas incontáveis miríades de diminutas vidas infinitesimais, e a causa de se agruparem em órgãos e formas, e também a razão pela qual tais formas se mantêm em existência. Gradualmente, surge dele uma verdadeira compreensão do significado das palavras: “Feito à imagem de Deus”. Sua “consciência é uma só e, no entanto, produziu as variadas formas dos muitos”, dentro do seu pequeno cosmo e o que é verdade sobre ele é também para seu grande protótipo, o Homem celestial, o Logos planetário, e igualmente para o protótipo do Seu protótipo, o grande Homem dos Céus, o Logos solar, Deus manifestado por meio do sistema solar.

6. Entre as formas que a consciência assume, somente aquela que resulta da meditação está livre do carma latente.

As formas são resultado do desejo. A meditação correta é um processo puramente mental, no qual o desejo não tem lugar. As formas são resultado de um impulso ou tendência para a externalidade. A meditação é resultado da tendência para a internalidade, da capacidade de abstrair a consciência da forma e da substância e centralizá-la em si mesma.

A forma é um efeito produzido pela natureza amor ou desejo do ser consciente; a meditação é produtora de efeitos e tem relação com a vontade ou aspecto vida do homem espiritual.

O desejo produz efeitos, e os órgãos da consciência sensorial ficam inevitavelmente regidos pela lei de causa e efeito, ou carma, que governa a relação consciência-forma. O processo de meditação, compreendido e praticado corretamente, requer a retirada da consciência do homem espiritual de todas as formas nos três mundos, e a abstração de todas as percepções e tendências sensoriais. Assim, no momento de meditação pura, está livre do aspecto carma que se refere à produção de efeitos. Temporariamente, está tão absorto que seu pensamento, em perfeita concentração e sem qualquer relação com os três mundos, não produz vibrações voltadas para o exterior, não tem referência com nenhuma forma e não afeta nenhuma substância. Quando esta meditação concentrada se torna um hábito e é a atitude diária e normal

da sua vida, o homem se libera da lei do carma. Ele então se dá conta dos efeitos que ainda devem ser eliminados, aprende a evitar a criação de novos efeitos, a não iniciar nenhuma ação que possa “criar órgãos” nos três mundos. Passa a residir no plano da mente, persiste na meditação, cria por um ato de vontade e não pela impotência ante o desejo. É uma “alma livre”, o senhor e um homem liberado.

7. As atividades da alma liberada são livres dos pares de opostos. As das outras pessoas são de três tipos.

Este aforismo apresenta o ensinamento sobre a lei do carma de maneira estritamente oriental, o que confunde bastante o estudante ocidental. Uma análise do significado dessas palavras e o estudo do comentário do grande instrutor Vyasa poderão ajudar a esclarecer o significado. Também é preciso ter em conta que neste Livro Quarto estamos tratando das excelsas etapas de consciência alcançadas por aqueles que praticaram os oito métodos da Yoga e experimentaram os efeitos da meditação, detalhados no Livro Terceiro. O iogue é então um homem liberado, liberto das condições da forma e concentrado em sua consciência para além dos limites dos três mundos do esforço humano. Alcançou a região do pensamento puro e está apto a manter a consciência desimpedida e destituída de desejo. Em consequência, embora formule ideias e possa praticar potentes meditações, dirigir e controlar as “modificações do princípio pensante”, não cria condições que possam atraí-lo de volta ao vórtice da existência no plano inferior. Está liberado do carma, não dá origem a nada, nem efeito algum pode até-lo à roda do renascimento.

Vyasa, em seu comentário, assinala que o carma (ou ação) é de quatro tipos, expressando-os para nós da seguinte maneira:

1. Atividade de tipo maligno, perverso e depravado. Denomina-se negra. A ação deste tipo é produto da mais profunda ignorância, da mais densa materialidade ou da escolha deliberada. Se é resultado da ignorância, o desenvolvimento do conhecimento traz, gradualmente, um estado de consciência no qual não se conhecerá mais este tipo de carma. Quando a densa materialidade produz o que chamamos de ação errada, o desenvolvimento gradual da consciência espiritual transformará a escuridão em luz e novamente o carma é anulado. No entanto, quando é resultado de escolha deliberada ou de preferência pela ação errada, apesar do conhecimento, e em desafio à voz da natureza espiritual, este tipo de carma leva ao que o ocultista oriental chama de “avitchi”, ou a oitava esfera, termo sinônimo da frase “alma perdida” do cristianismo. Mas tais casos são raríssimos e se relacionam com o caminho da esquerda e a prática da magia negra. Embora esta condição implique no corte do princípio mais elevado (o do espírito puro das suas duas expressões, a alma e o corpo, ou dos seis princípios inferiores), a vida em si permanece e, depois da destruição da alma em “avitchi”, lhe será oferecido um novo ciclo de *vir a ser*.

2. O tipo de atividade que não é totalmente boa nem má, descrita como preta e branca. Refere-se à atividade cármica do homem comum, regido pelos pares de opostos, e cuja experiência de vida se caracteriza pela oscilação entre o benévolo, inofensivo e resultado do amor, e o cruel, nocivo e resultado do ódio. Diz Vyasa:

“A preta e branca é produzida por meios externos, pois nela o veículo das ações se desenvolve para causar dor ou atuar com bondade para com os outros”.

Fica assim evidente que o progresso da unidade humana e seu histórico dependem da atitude em relação aos demais e do efeito produzido neles. Desta maneira também se produz o retorno à consciência grupal, e assim o carma é gerado ou anulado. Assim também a oscilação do pêndulo entre estes pares de opostos se ajusta gradualmente até alcançar o ponto de equilíbrio

e o homem atuar corretamente, mas porque a lei do amor ou da alma o dirige de cima, e não porque o desejo bom ou mau o atrai em um ou outro sentido.

3. O tipo de atividade denominada branca. É o tipo do pensamento ativo e do trabalho, praticados pelo aspirante e pelo discípulo. Caracteriza a etapa do Caminho que precede a liberação. Vyasa a explica da seguinte maneira:

“A branca é daqueles que recorrem aos métodos do progresso para o bem, do estudo e da meditação. Depende apenas da mente e não de meios externos; portanto, não é causada por ferir outras pessoas”.

Ficará claro agora que esses três tipos de carma se relacionam diretamente com:

- a. O plano da materialidade o plano físico.
- b. O plano dos pares de opostos..... o plano astral.
- c. O plano do pensamento unidirecionado..... o plano mental.

Aqueles de carma branco são os que, tendo progredido no equilíbrio dos pares de opostos, estão agora dedicados ao processo da própria emancipação inteligente e conscientes dos três mundos, o que fazem por meio de:

- a. Estudo ou desenvolvimento mental, considerando a lei da evolução e compreendendo a natureza da consciência e sua relação com a matéria, por um lado, e com o espírito, por outro.
- b. Meditação ou controle da mente, portanto, pela criação do mecanismo pelo qual a alma controla os veículos inferiores e possibilita a revelação do reino da alma.
- c. Inofensividade. Nenhuma palavra, pensamento ou ação ofende qualquer forma por meio da qual a vida de Deus se expressa.

4. O último tipo de carma é descrito como nem branco nem negro. Não gera carma de nenhum tipo, não há efeitos causados pelo iogue que possam servir para retê-lo no aspecto forma da manifestação. Atuando, como faz, do ponto de vista do desapego, sem nada desejar para si, seu carma é nulo e seus atos não produzem efeitos sobre ele.

8. Desses três tipos de carma emergem as formas necessárias para a frutificação dos efeitos.

Em toda vida que vem à manifestação física estão latentes os germes ou sementes que devem frutificar e referidas sementes latentes são a causa eficiente do surgimento da forma. Essas sementes foram semeadas em algum momento e devem frutificar. São as causas ou skandas que produzem os corpos nos quais os efeitos atuarão. São os desejos, impulsos e obrigações que retêm o homem na grande roda, que sempre gira e o conduz à existência no plano físico, para que, nos termos da lei, frutifiquem todas as sementes que ele será capaz de manejar em determinada vida. São os germes subjetivos que produzem a forma na qual frutificam, amadurecem e alcançam a culminação. Se as sementes cármicas são negras, o homem será excessivamente egoísta, materialista e inclinado ao caminho da esquerda; se branco-pretas, proporcionarão uma forma adequada para o cumprimento das suas obrigações, dívidas, deveres e interesses e a satisfação de seus desejos. Quando são brancas tendem a construir o último corpo a ser destruído, o corpo causal, o Templo de Salomão, o karana sarira do ocultista. Este corpo, na liberação final, é também destruído, e nada então separa o homem do seu Pai nos Céus nem o mantém vinculado ao plano material inferior.

9. Há uma identidade de relação entre a memória e o efeito que a causa produz, mesmo quando separados por espécie, tempo e lugar.

Uma paráfrase deste aforismo poderia esclarecê-lo, e seria expressa da seguinte maneira: Não importa em que raça, não importa em que continente, passado ou presente, tenha passado a vida, e não importa o quanto aquela vida pode estar distante, nem quantos milênios tenham decorrido, a memória permanece com o ego ou alma. No devido tempo, sob os ajustes adequados, toda causa iniciada inevitavelmente se manifestará em efeitos, os quais aparecerão e atuarão em alguma vida. Nada o impedirá, nada o deterá. Charles Johnston o expressa em seu comentário, com as seguintes palavras:

“De maneira semelhante, o mesmo poder seletivo e que tudo guia, que é um raio do Eu Superior, reúne em diferentes nascimentos, épocas e lugares, as imagens mentais concordantes que podem ser agrupadas na estrutura de uma só vida ou um só evento. Por meio deste agrupamento, produzem-se condições corporais visíveis ou circunstâncias externas, mediante as quais a alma aprende e treina. Tal como as imagens mentais dinâmicas do desejo amadurecem nas circunstâncias e condições corporais, também as forças mais dinâmicas da aspiração, em que a alma chega ao Eterno, frutificam em um mundo mais sutil, construindo a vestidura do homem espiritual”.

10. Como o desejo de viver é eterno, as formas criadas pela mente carecem de princípio conhecido.

Outra frase que podemos usar com relação às palavras “desejo de viver” é “vontade de adquirir experiência”. Inerente às vidas animadoras autoconscientes do nosso sistema (as existências humanas e super-humanas) há este desejo de ser, este anseio de vir a ser, este impulso de entrar em contato com o desconhecido e o distante. Para nós é impossível compreender a explicação deste impulso, por ser cósmico e por depender do ponto de vista evolutivo dessa grande Vida em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, no corpo da Qual cada forma é só uma célula ou átomo. Tudo que o homem pode fazer é construir o mecanismo que possibilitará tal compreensão, e desenvolver os poderes que o habilitarão a estabelecer contato e, assim, estar em relação com o que há dentro e fora dele. Quando isto se torna possível, ele desperta para a compreensão de que os desejos que o direcionam e impelem à ação, os anseios que o obrigam a iniciar variadas atividades, não só são algo pessoal e real, como parte da atividade do todo, do qual ele é uma parte diminuta. Descobre que a corrente de imagens mentais, impelidas pelo desejo, que ocupam sua atenção e constituem o poder motivador da sua vida, são formuladas por ele mesmo, mas são também parte da corrente de imagens mentais cósmicas que surgem da Mente Universal, como resultado da atividade deste Pensador cósmico que funciona como a Vida do nosso sistema solar.

Assim, a verdade e os ensinamentos que foram formulados nos três livros anteriores são elevados da esfera do pessoal e do individual e se tornam mais amplos, extensos e generalizados. Para o ser humano, as imagens mentais, que são o resultado do desejo e da atividade do pensamento, não têm começo conhecido. Elas o circundam por todos os lados; o fluxo da sua atividade exerce impacto contínuo sobre ele, extraíndo a resposta que testemunha a existência do desejo que abriga em si.

Em consequência, deve iniciar duas novas atividades. Primeiro, transmutar e transcender os desejos e anseios de percepção sensória que existem dentro de si e, segundo, empreender a tarefa de se isolar e se proteger da atração e influência das grandes correntes de imagens mentais que existem eternamente. Só assim poderá conquistar “a condição de Unidade Isolada”, como descreve o Livro III, Af. 50.

11. Estas formas são criadas e mantidas unidas pelo desejo, a causa básica; a personalidade, o resultado efetivo; a vitalidade mental ou a vontade de viver, e o suporte da vida ou objeto dirigidos para o exterior – quando esses deixam de atrair, também as formas deixam de existir.

Esse aforismo expressa uma lei da natureza e é tão claro que basta uma ligeira explicação. Contudo, será conveniente analisarmos brevemente os ensinamentos contidos.

Aprendemos que quatro fatores contribuem para a existência das imagens mentais ou formas que vêm à existência como resultado da natureza de desejos:

1. A causa básica.....desejo.
2. O efeito ou resultado.....personalidade.
3. A vontade de vivervitalidade mental.
4. A vida dirigida para o exterior.....o objeto.

Quando a causa, o desejo, produziu seu efeito, a personalidade ou aspecto forma do homem, a forma persistirá enquanto existir a vontade de viver. Essa forma se mantém em manifestação devido à vitalidade mental. Isto foi demonstrado repetidas vezes nos anais da medicina, pois foi comprovado que enquanto persistir a determinação de viver, assim será a provável duração da vida no plano físico. Mas, desde o momento em que tal vontade desaparece, ou o interesse do morador do corpo deixa de estar centrado na manifestação da personalidade, produz-se a morte e ocorre a desintegração da imagem mental, o corpo.

É interessante observar o significado oculto das palavras: “o suporte da vida ou objeto dirigido para o exterior”, porque corrobora o ensinamento ocultista de que a corrente da vida desce da causa originadora e descobre seu objeto ou manifestação final no corpo vital ou etérico, que é a verdadeira substância de todas as formas e que é o suporte ou estrutura do veículo físico denso.

É possível dividir muito bem esses quatro fatores em dois grupos ou pares de opostos, a causa e o efeito, a vontade de ser e a forma ou objeto propriamente dito.

Durante um longo período no processo evolutivo, o objeto ou existência-forma é o único interesse do morador interno, e a vida exteriorizada se torna o único centro de atração.

Porém, à medida que a roda vai girando e se passa de uma experiência para outra, a natureza de desejos é saciada e satisfeita e, pouco a pouco, a criação de imagens mentais e a produção dos seus efeitos chegam ao fim. Em consequência, a forma deixa de existir, a manifestação objetiva não é mais procurada e tem lugar a liberação de maya ou ilusão.

12. O passado e o presente existem na realidade. A forma assumida no conceito do tempo presente é resultado de características desenvolvidas e contém latentes as sementes da qualidade futura.

Este aforismo formula para nós os três aspectos do Eterno Agora e observamos que o que somos hoje é produto do passado e o que seremos no futuro depende das sementes, sejam latentes ou ocultas ou semeadas na vida atual. O que foi semeado no passado existe, e nada pode impedir ou deter a frutificação dessas sementes. Elas têm que dar fruto na vida presente ou permanecer ocultas até que um solo mais favorável e uma condição mais adequada possam fazê-las germinar, desenvolver, crescer e florescer à plena luz do dia. Não há nada oculto ou velado que não seja revelado, nem nada secreto que não se torne conhecido. A semeadura de novas sementes e a implementação de atividades que darão frutos em data posterior, porém, é outra coisa e algo totalmente sob o controle do homem. Pela prática do desapaixionamento e do

desapego e pelo controle tenaz da natureza de desejos, é possível para o homem se reorientar, de modo que a sua atenção deixe de ser atraída externamente pela corrente de imagens mentais, mas se retire e se centralize de maneira unidirecionada na Realidade.

O primeiro esforço é o controle do veículo do pensamento, a mente, e a conquista das modificações do princípio pensante; em seguida, o exercício de usar este mecanismo e sua aplicação nas direções corretas, a fim de alcançar o conhecimento do reino da alma, em vez de resultados no reino da matéria. Assim também se produz a liberação.

13. As características, latentes ou ativas, participam da natureza dos três gunas (qualidades da matéria).

As características são, na realidade, as qualidades, capacidades e faculdades que o homem manifesta ou é capaz de manifestar (dadas as condições adequadas). Como vimos, resultam ou são os efeitos de toda a sua experiência passada, acumulada durante todo o ciclo de vidas até o presente. O produto dos contatos, expansões e desenvolvimentos que o orientaram, da aurora da sua individualidade até o ciclo de vida presente, originou o que ele é e o que tem na atualidade. É preciso ter em conta que todos esses fatores, que se resumem no termo geral de “características”, dizem respeito à forma e à sua resposta à vida espiritual imanente.

Produzem-se com a mesma rapidez com que o Morador Interno espiritual é capaz de plasmar a sua marca sobre a substância dessas formas, submetendo-as à sua vontade e controle. A forma tem determinadas atividades vibratórias próprias, inerentes à própria natureza. Identificando-se com a forma e utilizando-a, o Morador Interno desenvolve duas séries de características. Uma série se manifesta no eu inferior e se refere à adaptabilidade da forma à influência interna e ao ambiente externo. A outra se refere às tendências, impulsos e desejos que tendem a exercer efeito permanente sobre o corpo do Eu Superior ou causal. Portanto, essas características, em ambos os casos, referem-se ao ritmo ou gunas da matéria.

Seria possível dizer que tudo o que somos é produto do passado, mostrando-se como características da forma da personalidade. O que seremos na próxima encarnação é decidido pela capacidade do homem real de exercer influência sobre o eu pessoal, submetê-lo ao cumprimento de fins superiores e elevar seu grau de vibração. Uma coisa é o homem quando vem à encarnação e outra quando sai dela, porque é então o produto do passado, além do realizado na vida presente; o adquirido sob o grande impulso evolutivo o levou, inevitavelmente, a uma condição sáttvica ou rítmica harmoniosa e o afastou da condição tamásica de inércia, de imobilidade. Isto é alcançado pela imposição das características da atividade, o guna intermediário, o que controla predominantemente a atividade externa e impulsiona o homem para a experiência sensória.

14. A manifestação da forma objetiva se deve ao unidirecionamento da causa produtora de efeitos (a unificação das modificações de chitta ou substância mental).

O impulso para a involução ou a apropriação de uma forma é tão dominante e o resultado do pensamento egoico é tão unidirecionado que a manifestação objetiva é inevitável. A substância mental ou chitta (no grande processo de apropriação de forma) é tão unificada e o desejo de adquirir experiência por meio de contatos no plano físico é tão dominante, que as muitas modificações da mente se dirigem para o mesmo objetivo.

Quando a condição se inverte e o homem no plano físico efetua a própria liberação, o método é o mesmo: unidirecionamento e unificação. O *Antigo Comentário* esclarece este ponto em certas frases relacionadas ao simbolismo da estrela de cinco pontas, como segue:

“A imersão é para baixo, para a matéria. O ponto desce, precipita-se através da esfera aquosa e penetra no inerte, imóvel, escuro, silente e remoto. O ponto de fogo e de pedra se unem, alcançando-se a harmonia e a união no caminho descendente.

O voo é para cima, para o espírito. O ponto sobe, elevando os dois que estão atrás, e os três e os quatro se estendem até aquilo que está por trás do véu. A água não consegue extinguir o ponto de fogo; desta maneira, fogo encontra fogo e se misturam. Alcança-se a harmonia e a união no arco ascendente. Assim o Sol se deslocará para o norte”.

15. Estas duas, consciência e forma, são distintas e separadas; embora as formas possam ser similares, a consciência pode atuar em diferentes níveis do ser.

Este aforismo não deve ser considerado separadamente do próximo, o qual afirma o fato da Mente una ou da Vida una como a potente causa de todas as mentes e vidas menores diferenciadas, o que deve estar sempre entendido. Há três ideias principais implícitas neste aforismo.

Primeiro, que há duas linhas principais de evolução, a que diz respeito à matéria e à forma e a que diz respeito à alma, ao aspecto consciência, o pensador em manifestação. Para cada um deles, o caminho de progresso difere e cada um segue seu curso. Como já foi observado, a alma se identifica com o aspecto forma durante um longo período de tempo e empreende o “Caminho da Morte”, o que de fato é o caminho da escuridão para o pensador. Posteriormente, pelo esforço tenaz, cessa esta identificação; a alma se torna consciente de si mesma e da sua própria trajetória ou dharma e segue então o caminho de luz e vida. Contudo, é preciso ter sempre em mente que para os dois aspectos seu próprio caminho é o correto e que os impulsos ocultos no veículo físico ou no corpo astral não são errados em si. Eles se tornaram errados, de certo ângulo, quando desviados do uso correto e compreender isso foi o que levou o discípulo, no Livro de Jó, a exclamar: “Perverti o que era correto”. As duas linhas de desenvolvimento são separadas e distintas, o que todo aspirante deve aprender.

Com isso entendido, o aspirante procura ajudar a evolução das suas formas de duas maneiras: primeiro, pela recusa de se identificar com elas e, segundo, estimulando-as.

Ao absorver a força espiritual, ele também compreenderá a etapa de evolução em que se encontram seus irmãos e deixará de criticá-los, pois o que para ele seria uma ação errada, para os outros seria a atividade natural da forma, durante o ciclo em que forma e alma estão identificadas e são consideradas uma e a mesma coisa.

A segunda linha principal de pensamento implícita no aforismo 15 é mais difícil de expressar. Ela aviva, dá cor e veracidade à controvérsia de muitos pensadores, de que as coisas só existem e têm forma e atividade na medida em que a mente do pensador as formula. Em outras palavras, pelas modificações do nosso próprio princípio pensante construímos o nosso próprio mundo e criamos o nosso próprio ambiente. A dedução, portanto, é que (dada uma substância básica espírito-matéria) a entretecemos em formas, por nossos próprios impulsos mentais. Outros percebem o que nós vemos, porque algumas das modificações de suas mentes são análogas às nossas e suas reações e impulsos são similares em alguns aspectos. No entanto, duas pessoas não veem um objeto exatamente da mesma maneira. As “coisas” ou formas de matéria existem de fato; foram criadas ou estão em processo de criação e, para elas, alguma mente ou várias mentes são responsáveis. Surge então a questão de quem é responsável pelas formas-pensamento que nos circundam. O comentário e a tradução de Dvivedi inclinam-se mais para esta segunda linha de pensamento do que a paráfrase do Tibetano; seria proveitoso estudá-los, porque quando várias mentes abordam um problema, ele pode ser apreciado em sua magnitude, evitam-se as superficialidades e as vãs conclusões e a aproximação à verdade se torna possível. O ponto de vista sintético está mais perto da verdade que o especializado. Diz Dvivedi:

“Embora as coisas sejam similares, a causa da mente e das coisas é distinta, devido às diferenças das mentes”.

As considerações acima estabelecem, de maneira indireta, a existência de coisas como objetos externos à mente. Os Vijnanavadi Budas, ao sustentarem que as coisas são apenas reflexos do nosso princípio pensante, objetariam essa posição. A objeção não resistiria à análise, porque a existência de coisas separadas do princípio pensante é incontestável. Embora haja, de fato, completa similitude entre objetos do mesmo tipo, ainda assim a maneira como os objetos afetam a mente e a maneira como a mente é afetada por eles são inteiramente distintas. Portanto, os objetos existem fora do princípio pensante. Embora os objetos sejam similares, não se apresentam a diferentes mentes sob a mesma luz, o que mostra que são separados da mente. Muitas vezes também ouvimos mais de uma pessoa dizer que viu o mesmo objeto como outras viram, o que comprovaria que, embora o objeto seja um só, os conhecedores são muitos. Esta circunstância demonstra a diferença entre o objeto e a mente. Da mesma maneira, aquele que vê e o que é visto, ou seja, a mente e o objeto ou o instrumento de conhecimento e o objeto de conhecimento, não podem ser um e o mesmo, pois então todo conhecimento distintivo seria uma impossibilidade, o que é um absurdo. A tentativa de solucionar esta dificuldade dizendo-se que o eterno Vasana da forma dos objetos externos é a causa de todo o nosso conhecimento distintivo é inútil, pois o que se exauriu por si mesmo não pode se converter em causa. Portanto, a existência objetiva deve ser aceita como independente do sujeito. Também não cabe imaginar como uma só substância (a saber, Prakriti) poderia produzir, neste caso, toda a multiplicidade de diferenças da nossa experiência, porque os três gunas e suas diversas combinações, em diferentes graus, o justificam suficientemente. No caso dos iogues devidamente iluminados, é natural que, o conhecimento tendo produzido neles o supremo Vairagya, não se ocupem dos gunas, os quais também assumem um estado de equilíbrio e não produzem nenhum efeito.

A terceira linha de pensamento trata mais especificamente do aspecto compreensão, ou da condição de percepção consciente do pensador imanente e, portanto, tem um valor prático imediato para o estudante da Raja Yoga. Implica em certas perguntas que podem ser formuladas da seguinte maneira:

1. Em que nível de ser ou de compreensão atuo? (porque a ideia é idêntica para o estudante ocultista).
2. Identifico-me com a forma ou com a alma?
3. Que caminho estou seguindo, o superior da alma ou o inferior da matéria?
4. Estou em um período de transição, em que a minha compreensão está se transferindo da consciência inferior para a superior?
5. Embora esteja no corpo, ele é meramente um instrumento e estou desperto em outro plano de percepção?

Essas e outras perguntas similares são de profundo valor para o aspirante, se forem formuladas com sinceridade e respondidas honestamente, como diante da presença de Deus e do Mestre.

16. As inúmeras modificações da mente una produzem as diversas formas que, para subsistir, dependem desses inúmeros impulsos da mente.

Com estas palavras, todo o conceito passa da esfera do particular para o reino do universal. Elas nos colocam frente aos impulsos cósmicos e solares e evidenciam a insignificância e pequenez do nosso problema individual. Toda forma em manifestação é resultado do pensamento de Deus;

todo veículo objetivo, por meio do qual fluem os impulsos vitais do universo, é produzido e mantido em manifestação objetiva pela afluência constante de correntes mentais que emanam de um só e maravilhoso pensador cósmico. Seus métodos misteriosos, Seu plano oculto e secreto, o grande propósito para o qual trabalha neste sistema solar, não são ainda evidentes para o homem. Mas, quando o homem puder pensar em termos mais amplos, desenvolver o poder de visualizar o passado como um todo e unificar o conhecimento que possui sobre a vida de Deus, à medida que se expressa pelos reinos da natureza, e quando aumentar o entendimento sobre a natureza da consciência, então a vontade de Deus, baseada em uma atividade amorosa, lhe será evidente.

A chave do como e do porquê reside na compreensão do homem de suas próprias atividades mentais. A apreciação da grande forma-pensamento de Deus, de um sistema solar e sua sustentação, aumentará no homem, à medida que compreender as próprias formas-pensamento e a maneira de construir e criar seu próprio ambiente e caracterizar a própria vida. O homem constrói seus próprios mundos pelo poder dos seus processos mentais e pelas modificações do fragmento do princípio mental universal do qual se apropriou para uso próprio.

Lembre-mos que o Logos solar, Deus, é o somatório de todos os estados de consciência ou percepção. O homem – a humanidade como um todo ou a unidade individual – é parte dessa totalidade. As inúmeras mentes, da mente do átomo (reconhecido pela ciência) à mente do próprio Deus, passando por todos os graus de pensadores e etapas de percepção, são responsáveis por todas as formas que se encontram no nosso sistema. À medida que trabalhamos, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do microcosmo ao macrocosmo, evidencia-se um estado de consciência em gradual expansão e um constante aumento da percepção. Nesta escala de desenvolvimento, temos três tipos predominantes de formas, resultados da mente:

1. A forma do átomo, o verdadeiro microcosmo.
2. A forma do homem, o macrocosmo para todos os reinos subumanos.
3. A forma de Deus, um sistema solar, o macrocosmo para o homem e para todas as etapas super-humanas.

Todas essas formas e as formas intermediárias dependem de alguma vida, dotada de capacidade de pensar e também do impulso mental para modificar e influir a substância sensória e com ela construir as formas.

17. Essas formas são conhecidas ou não, de acordo com as qualidades latentes na consciência percebida.

Este aforismo foi traduzido por Charles Johnston da seguinte maneira:

“Um objeto é percebido ou não, segundo a mente esteja ou não matizada pela cor do objeto”.

Vemos o que nós somos e nos damos conta em outras formas daquilo que está desenvolvido em nós mesmos. Deixamos de ver aspectos da vida porque referidos aspectos ainda estão latentes e não desenvolvidos em nós. Para ilustrar: deixamos de ver o divino em nosso irmão porque ainda não fizemos contato com o divino em nós e o desconhecemos; o aspecto forma e suas limitações estão desenvolvidos em nós e a alma está tão oculta que só nos damos conta da forma do nosso irmão, deixando de ver a sua alma. Ao estabelecermos contato com a nossa própria alma e vivermos sob a sua luz, vemos a alma do nosso irmão, percebemos a sua luz, o que muda toda a nossa perspectiva em relação a ele.

Temos nisso a chave das nossas limitações, e temos também a promessa do nosso bom êxito. A faculdade latente, quando desenvolvida, revelará para nós um novo mundo; os poderes ocultos da alma, quando plenamente expressos, nos tornarão conscientes de um novo mundo e nos revelarão um plano de vida e um reino de ser que até agora nos foi negado, porque não o vimos. Por isso a necessidade de que todo investigador dos mistérios da existência aplique todo o seu instrumental nesta busca; por isso, também, a necessidade de implementar este processo de desenvolvimento da alma e desenvolver as faculdades potenciais, para que a verdade seja percebida em toda a plenitude.

18. O Senhor da mente, o percebedor, está sempre consciente da substância mental em atividade constante, a causa produtora de efeitos.

Neste aforismo temos uma afirmação que é a chave para a prática eficaz e sem perigo da meditação. Quem medita é a alma, o Ego, e seu trabalho é uma atividade positiva, não um estado ou condição negativa. Grande parte do trabalho que se realiza como meditação é perigoso ou inútil, porque quem procura controlar é o homem no plano físico, cujo esforço está concentrado em alcançar a quietude do cérebro. Ele procura aquietar as células cerebrais e torná-las negativas, passivas e receptivas. No entanto, a verdadeira meditação diz respeito à alma e à mente; a receptividade do cérebro é uma reação automática à condição superior. Portanto, na Raja Yoga, o contato com o verdadeiro homem, o Ego, e o poder de “aquietar as modificações do princípio pensante”, devem preceder toda atividade e resposta do cérebro. O Senhor da Mente está sempre desperto, sempre ciente da tendência da mente a responder às correntes de força, produzidas pelo pensamento ou pelo desejo. Em consequência, vigia toda emanção de força que surge dele, e controla todo pensamento e impulso, de modo que só se originem as correntes de energia e os impulsos alinhados com o propósito que constantemente mantém em vista e no cumprimento do plano grupal.

Nunca se deve esquecer que todos os egos trabalham em formação grupal e sob o controle direto dos Pensadores que encarnam o divino pensamento logoico. Portanto, o trabalho que cada aspirante procura realizar consiste em pôr a consciência do cérebro em linha com o pensamento que lhe chega por conduto da sua própria consciência-alma e, na consumação disto, o plano divino vai se manifestando gradualmente no plano físico.

À medida que cada filho de Deus conduzir a substância mental ativa da qual é responsável a uma condição capaz de responder ao pensamento divino, então o plano das eras será levado a termo. Ninguém deve se desesperar por sua aparente incompetência ou pequenez, porque a cada um de nós foi confiada uma parte do plano e devemos desempenhá-la; sem a nossa colaboração, há demora e confusão. Às vezes, quando uma ínfima parte de um grande mecanismo não funciona corretamente, surgem grandes dificuldades. Com frequência, são necessários muitos ajustes antes que toda a máquina possa funcionar e realizar seu trabalho com bom resultado e, no reino da colaboração humana, há possibilidades de situações análogas.

A substância mental em atividade constante pode responder à vibração inferior que emana do tríptico homem inferior, e aos impulsos mais elevados que surgem da alma, como intermediária entre espírito e matéria. A alma está sempre consciente desta condição; o homem, no plano físico, está cego a ela, ou apenas despertando para esta dupla possibilidade. A tarefa do aspirante à união consiste em transferir a substância mental, gradualmente e cada vez mais, aos impulsos superiores, afastando-a da vibração inferior, até que a resposta ao superior se converta em uma condição estável e a atividade vibratória do homem inferior se desvaneça e desapareça.

19. Como a mente pode ser vista ou conhecida, fica claro que ela não é a fonte de iluminação.

Este aforismo e os dois seguintes nos dão uma abordagem tipicamente oriental a um problema muito difícil, e para as mentes ocidentais não é fácil captar este método de raciocínio. Nas seis escolas da filosofia hindu, todo o problema relacionado com a origem da criação e a natureza da mente é dissecado, debatido e coberto de maneira tão completa que praticamente todas as nossas escolas modernas podem ser vistas como desdobramentos ou consequências lógicas das diversas posições hindus. A chave da diversidade de pareceres sobre estes dois pontos talvez esteja nos seis tipos em que se classificam todos os seres humanos, porque o sétimo é somente a síntese de todos eles, sendo incluyente e não excluyente.

Nos *Aforismos da Yoga*, a mente é relegada à posição de instrumento, de intermediário, de placa sensível que registra o que afluí a ela de cima ou o que a afeta de baixo. Não tem personalidade própria; não tem vida nem luz própria, exceto a inerente a toda substância e, portanto, existente nos átomos que constituem a substância mental. Esses últimos, encontrando-se na mesma linha evolucionária que o resto da natureza inferior, aumentam a onda de forças materiais que procuram manter a alma prisioneira e são a grande ilusão.

Portanto, a mente pode ser conhecida em duas direções: Primeiro, pode ser conhecida, reconhecida e vista pelo pensador, a alma em seu próprio plano. Segundo, pode ser vista e conhecida como veículo do homem no plano físico. Durante um longo tempo, o homem se tornou aquilo com que se identificou, excluindo-se o verdadeiro homem espiritual, que só pode ser conhecido, contatado e obedecido quando a mente está relegada ao lugar que lhe cabe como instrumento de conhecimento.

Uma analogia com o plano físico nos ajudaria a entender isso. O olho é um de nossos principais órgãos, por meio do qual adquirimos conhecimento, o meio pelo qual vemos. No entanto, não cometemos o erro de considerar o olho em si como fonte de luz nem o que traz revelação, o conhecemos como instrumento que responde a certas vibrações luminosas, por meio das quais determinadas informações relativas ao plano físico são transmitidas ao nosso cérebro, a grande placa receptora do plano físico.

Para a alma, a mente atua também como o olho ou como uma janela mediante a qual chegam as informações, mas em si mesma não é a fonte de luz nem de iluminação.

É interessante observar que quando o cérebro e a mente se coordenaram (como ocorreu pela primeira vez nos dias da Lemúria), o sentido da visão se desenvolveu concomitantemente. À medida que a evolução avança, uma coordenação superior ocorre e a alma e a mente se unificam. Então o órgão da visão sutil (o terceiro olho) começa a atuar, e em vez de mente, cérebro e dois olhos, uma outra triplicidade assume: alma, mente e terceiro olho. Em consequência, o cérebro não é a fonte de iluminação, mas se torna cômico da luz da alma e o que esta revela no reino da alma. O terceiro olho se desenvolve simultaneamente e admite o seu possuidor nos segredos dos reinos mais sutis dos três mundos, de maneira que o cérebro recebe iluminação, informações e conhecimentos das duas direções: da alma, por meio da mente, e dos planos mais sutis dos três mundos, por meio do terceiro olho. Devemos lembrar, nesta altura, que o terceiro olho revela, principalmente, a luz que se encontra no coração de todas as formas de manifestação divina.

20. Também não pode conhecer dois objetos simultaneamente, a si mesma e ao que é externo a si mesma.

Nenhuma das envolturas, por meio das quais a alma atua, possui conhecimento de si mesma; são apenas canais através dos quais se obtém conhecimento e se atravessa a experiência da

vida. A mente não se conhece a si mesma, porque isso suporia autoconsciência; portanto, carecendo de consciência individual, é incapaz de dizer: “Isto sou eu, eu mesma, e isto é externo a mim e, em consequência, o não-eu”. É simplesmente outro sentido, por meio do qual obtemos informações e um outro campo de conhecimento é revelado. Não é mais que um instrumento, como dito antes, capaz de uma dupla função: registrar contatos de uma das duas direções e transmitir tal conhecimento para o cérebro a partir da alma, ou para a alma a partir do homem inferior. Isto merece uma reflexão e a tendência do nosso esforço é levar esse instrumento a uma tal condição que possa ser usado com o maior proveito possível. É isso que os três últimos métodos da yoga procuram fazer. Como já foi considerado acima, é desnecessário ampliar aqui.

21. Se o conhecimento da mente (chitta) for postulado por uma mente mais distante, deve-se inferir um número infinito de conhecedores, e a sequência de reações da memória tenderia a uma confusão infinita.

Uma das explicações a respeito das funções da mente se refere à sua capacidade de se afastar de si mesma e se ver como algo separado, convertendo-se assim em uma confusão de partes separadas, distanciadas umas das outras, e conduzindo (já que a ideia é levada a uma conclusão lógica) a uma situação caótica. Tudo isto provém da recusa dos pensadores ortodoxos das linhas filosóficas e mentais de admitir a possibilidade da existência de uma entidade desapegada e separada da mente, que só procura utilizá-la como meio de adquirir conhecimento. O problema surgiu, em grande parte, do fato de que o pensador não pode ser *conhecido* até que a mente tenha se desenvolvido; pode ser percebido e sentido pelo místico e pelo devoto, mas o conhecimento dele (no significado corrente do termo) não é possível, até que o instrumento do conhecimento, a mente, esteja desenvolvida. É neste ponto que o conhecimento do Oriente chega e esclarece o trabalho que os cientistas da ciência mental e da ciência cristã realizaram de maneira tão maravilhosa. Enfatizaram o fato da mente, individual e universal, e grande é a nossa dívida com eles. A natureza da mente, seu propósito, controle, problemas e processos são hoje temas de debate geral, o que há cem anos não ocorria. Mas, com tudo isso, há muita confusão devido à nossa tendência moderna de endeusar a mente e vê-la como o único fator importante. A ciência oriental vem em nossa ajuda, e nos diz que, por trás da mente, está o pensador, por trás da percepção, o percebedor e, por trás do objeto observado, o observador. Este percebedor, pensador e observador é o ego imortal e inextinguível, a alma em contemplação.

22. Quando a inteligência espiritual, que permanece só e livre dos objetos, se reflete na substância mental, obtém-se a percepção consciente do eu.

Conhecemos esta inteligência espiritual, o homem real, o Filho de Deus, eterno nos Céus, por muitos e variados nomes, segundo as escolas de pensamento. A lista de sinônimos dada a seguir é útil para o estudante, porque apresenta uma visão mais ampla e uma compreensão inclusiva, revelando o fato de que os Filhos de Deus, revelados ou não, se encontram em todo lugar.

A inteligência espiritual	O Regedor interno	O Verbo feito carne.
A Alma	O segundo aspecto.	O AUM.
A Entidade autoconsciente	A segunda Pessoa.	O Pensador.
O Cristo	Deus em encarnação.	O Observador, Percebedor.
O Eu	O Filho da Mente.	O construtor da Forma.
O Eu superior	O divino Manasaputra.	A Força.
O Filho de Deus	O Agnishvattva	O Morador do corpo.

Esses e muitos outros termos estão disseminados pelos Textos Sagrados e literaturas do mundo. No entanto, em nenhum outro livro como no *Bhagavad Gita* a natureza da alma, tanto macrocósmica (o Cristo cósmico) como microcósmica (o individual) é retratada de maneira tão

maravilhosa. Os três livros: o *Bhagavad Gita*, o *Novo Testamento* e *Os Aforismos da Yoga* contêm um quadro completo da alma e seu desenvolvimento.

23. Assim a substância mental, refletindo tanto o conhecedor como o conhecível, se torna onisciente.

Este aforismo é uma espécie de resumo e ressalta o fato de que a mente, estando aquietada e passiva durante a prática da concentração e meditação, torna-se o refletor “do que está acima e do que está embaixo”. É a transmissora do conhecimento do eu para o cérebro físico do homem em encarnação, e a transmissora de tudo o que o eu conhece e percebe. O campo de conhecimento é visto e conhecido. O conhecedor é também percebido e a “percepção de todos os objetos” se torna possível. Portanto, é literalmente verdade que para o iogue nada permanece oculto nem desconhecido. Para ele é possível haver informação sobre todos os temas, porque possui um instrumento que pode usar para verificar o que a alma sabe com relação ao Reino de Deus, o reino da verdade espiritual. Ele também pode entrar em comunicação com a alma e transmitir a ela o que o homem conhece em encarnação física, de maneira que o conhecedor, o campo do conhecimento e o próprio conhecimento entram em conjunção, e o meio para esta união é a mente.

É esta uma grande etapa no caminho de retorno e, embora em seu devido tempo a intuição substitua a mente e a percepção espiritual direta tome o lugar da percepção mental, ainda assim esta etapa é avançada e importante, e abre a porta para a iluminação direta. Nada mais agora deve obstruir a descida da força e da sabedoria espiritual ao cérebro, porque todo o tríplice homem inferior foi purificado e dominado e os corpos físico, emocional e mental constituem simplesmente um canal para a luz divina e o veículo pelo qual a vida e o amor de Deus podem se manifestar.

24. Também a substância mental, refletindo, como faz, uma infinidade de impressões da mente, torna-se o instrumento do Eu e atua como agente unificador.

Nada mais resta ao homem espiritual fazer em relação a este eu inferior purificado, a não ser aprender a utilizar seu instrumento, a mente, por meio da qual os outros dois corpos são dirigidos, controlados e utilizados. Este instrumento foi descoberto, desenvolvido e dominado, pela aplicação dos oito métodos de yoga, e agora deve ser posto em atividade e empregado, de três maneiras:

1. Como veículo para a vida da alma.
2. No serviço da Hierarquia.
3. Em cooperação com o plano da evolução.

No Livro I, Af. 41, encontramos as seguintes palavras: “Aquele que tem seus vrittis (modificações da substância mental) inteiramente sob controle chega a um estado de identificação e similitude com o que compreende. Conhecedor, conhecimento e campo de conhecimento se tornam um só, como o cristal toma para si as cores do que reflete”. Isto nos dá uma ideia do que acontece com o homem que dominou seu instrumento. Ele registra em seu cérebro, por meio da mente, o que é verdadeiro e real. Passa a se dar conta da natureza do ideal, e dedica todo seu poder para concretizar tal ideal na manifestação objetiva; percebe a visão do reino de Deus, tal como será no futuro, e entrega tudo o que tem e é, a fim de que tal visão seja percebida por todos; conhece o plano, porque lhe foi revelado no “lugar secreto no Monte de Deus” e, no plano físico, colabora inteligentemente com o Plano. Ouve a Voz do Silêncio e obedece aos seus mandados, trabalhando constantemente na tarefa de viver espiritualmente em um mundo dedicado a coisas materiais. Tudo isto é possível para o homem que aquietou a versátil natureza psíquica e dominou a soberana ciência da Raja Yoga.

Na literatura oculta dos adeptos, as seguintes estâncias resumem o estado do homem que chegou à realização, aquele que é senhor e não servo; é conquistador e não escravo:

“O quíntuplo penetrou na paz, no entanto caminha pela nossa esfera. O que é denso e escuro agora brilha com luz clara e pura, e o resplendor flui dos sete lotos sagrados. Ilumina o mundo e irradia nos lugares mais profundos com fogo divino”.

“O que até agora estava na inquietude, indômito como o oceano, agitado como mar tormentoso, mantém-se quieto e pacificado. As águas da vida inferior estão límpidas e em condições de serem oferecidas aos sedentos que, tateando, clamam para saciar a sede”.

“O que matou e velou o Real durante muitos e prolongados éons é morto e, com sua morte, termina a vida separada. O Uno é visto. Ouve-se a Voz. Conhece-se o Real, percebe-se a Visão. O fogo de Deus se lança para cima e se converte em chama”.

“O lugar mais escuro recebe luz. É a aurora na Terra. Das alturas, o alvorecer emite seus brilhantes raios sobre o próprio inferno, e tudo é luz e vida”.

Então, diante do iogue liberado, coloca-se uma escolha. Ele enfrenta um problema espiritual, cuja natureza está descrita no fragmento a seguir, extraído de um antigo catecismo oculto:

“O que vês, liberto? Muitos que sofrem, Mestre, que choram e imploram auxílio.

E o que farás, homem de paz? Voltarei para o lugar de onde vim.

E de onde vens, divino Peregrino? Das maiores profundezas da escuridão, e daí para cima, para a luz.

E aonde vais, Viajante no caminho para o alto? De volta às profundezas da escuridão, para longe da luz do dia.

E por que este passo, Filho divino? Para reunir os que tropeçam na escuridão e iluminar seus passos no caminho.

E quando termina teu serviço, Salvador de homens? Não sei, só sei que enquanto houver alguém que sofra, ficarei para trás e servirei.”

25. O estado de unidade isolada (retirado na verdadeira natureza do Eu) é a recompensa do homem capaz de discriminar entre a substância mental e o Eu, ou homem espiritual.

Esse estado de unidade isolada deve ser considerado como resultado da obtenção de um estado mental específico, não como uma reação separatista.

Todo o trabalho de meditação, todos os momentos de reflexão, todas as práticas de sustentação, todas as horas de reorientação para a nossa própria e verdadeira natureza, são meios que empregamos para afastar a mente das reações e tendências inferiores e construir o hábito de reconhecer constantemente a própria natureza divina. Uma vez internalizado, tais exercícios deixam de ser necessários e tomamos posse do nosso patrimônio. O isolamento mencionado é o desprendimento do eu do campo do conhecimento, e implica no repúdio do eu às experiências sensoriais externas e na estabilidade do ser espiritual.

O homem se torna consciente de si mesmo como conhecedor e deixa de se interessar fundamentalmente pelo campo do conhecimento, como nas primeiras etapas de seu desenvolvimento; também não se ocupa do próprio conhecimento, como fez durante a etapa de desenvolvimento mental, quer seja como homem evoluído ou como discípulo. É capaz de discriminar entre os três e daí em diante não se identifica mais com o campo do conhecimento –

a vida dos três mundos por meio dos seus três veículos e os cinco sentidos mais a mente – nem com o conhecimento obtido, nem com a experiência vivenciada. Conhece o eu. Identifica-se com o verdadeiro conhecedor e, assim, vê as coisas como são, dissociando-se totalmente do mundo da percepção sensória.

E isso faz enquanto atua na terra como ser humano. Participa da experiência terrena; se envolve nas atividades humanas; caminha entre os homens; come, dorme, trabalha e vive. Todavia, o tempo todo “está no mundo, mas não é do mundo” e dele se pode dizer o que foi dito do Cristo:

“Aquele que, sendo a imagem de Deus, não considerou usurpação ser igual a Deus.

Abdicou de toda distinção, assumiu a forma de servidor, e se fez à semelhança dos homens.

E encontrando-se na condição de homem, humilhou-se e se fez obediente até a morte, até morrer na cruz”. (Fil. II: 6, 7, 8.)

Congregou-se com a alma de todos, mas isolado, separado de tudo que diz respeito à forma ou natureza material. Os três aforismos seguintes devem ser considerados como um todo, pois dão uma imagem do crescimento gradual da natureza espiritual do homem que alcançou o estado de desapego discriminador e, pelo total desapaixonamento, sabe o que significa a “unidade isolada”.

26, 27, 28. A mente então tende à discriminação e à crescente iluminação quanto à verdadeira natureza do Eu uno. No entanto, pela força do hábito, a mente refletirá outras impressões mentais e perceberá os objetos de percepção sensória. Esses reflexos têm o caráter de obstáculos, e o método de vencê-los é o mesmo.

Estabelecidos a tendência e o ritmo corretos, é só uma questão de firme perseverança, bom senso e resistência. A não ser que se exerça a máxima vigilância, os antigos hábitos mentais se reafirmarão com facilidade. Até a iniciação final, o aspirante deve “vigiar e orar”.

As regras que regem a vitória, as práticas que trazem o êxito, são as mesmas tanto para o experimentado e avançado guerreiro e iniciado como para o mais humilde neófito. No Livro Segundo estão expostos detalhadamente os métodos pelos quais é possível superar e neutralizar as dificuldades e os obstáculos. É preciso haver uma rigorosa adesão a esses métodos e estilos de vida disciplinada, do momento de entrar no caminho de provação, até o sublime momento de tomar a última grande iniciação e o homem liberado surgir à plena luz do dia. Implica em paciência, na capacidade de prosseguir apesar dos fracassos, em perseverar embora o êxito possa estar muito longe. Paulo, o grande iniciado, bem o sabia, por isso a sua recomendação aos discípulos que procurou ajudar: “permanecei, pois... e tendo feito tudo, permanecei”. São Tiago nos dá a mesma ideia ao dizer: “Por certo consideramos benditos aqueles que persistem”.

Seguir adiante quando chegou ao esgotamento; dar outro passo, quando toda a força parece ter sido perdida; manter-se firme, quando parece não haver mais que derrota pela frente; a decisão de resistir ao que vier, quando a resistência parece ter chegado ao limite, eis a característica inconfundível dos discípulos de todos os graus. Para eles é endereçado o toque de clarim de São Paulo:

“Ficai, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da retidão; os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz; acima de tudo, tende sempre na mão o escudo da fé, e assim podereis apagar as flechas inflamadas do maligno.

Tomai o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus". (Ef. VI; 14 a 17).

Igualmente claro ressoa o mandado de Krishna a Arjuna:

"Tendo considerado teu dever, não vaciles, porque nada há melhor para um guerreiro do que a batalha correta. E tal batalha veio a ti por tua própria nota; a própria porta do céu se abrirá; felizes os guerreiros... que encontram uma luta como esta... Portanto, levanta-te, decidido a combater. Sendo para ti o mesmo tanto a boa como a má sorte, o ganho ou a perda, dispõe-te a combater". (Gita II; 31 a 37).

29. O homem que desenvolve o desapego até mesmo em sua aspiração à iluminação e à unidade isolada, oportunamente se torna consciente da nuvem sobrepairante do conhecimento espiritual.

Para o neófito é difícil ser impessoal quando se trata do próprio desenvolvimento espiritual. No entanto, o próprio ardor da sua aspiração pode atuar como obstáculo. Uma das primeiras coisas que deve aprender é seguir pelo caminho, ajustando-se às regras, observando as práticas, empregando os meios e cumprindo com firmeza a lei e, ao mesmo tempo, ocupar-se da visão e do serviço e não de si mesmo. É muito fácil ser vítima de elevados desejos e ocupar-se tão intensamente das reações e emoções do homem inferior que aspira, que as redes da versátil natureza psíquica o enredam novamente.

É preciso desenvolver o desapego por todas as formas de percepção sensória, tanto superiores como inferiores.

Muitas pessoas, quando passam do caminho do sentimento e da abordagem devocional do coração (linha mística) para o controle intelectual – a abordagem por meio da cabeça, o método ocultista – se queixam de não mais experimentar os momentos de alegria e beatitude durante a meditação. O sistema lhes parece árido, seco e pouco satisfatório. Mas alegria e paz são registros da natureza emocional e de nenhuma maneira afetam a realidade. Do ponto de vista da alma é irrelevante que seu reflexo, o homem em encarnação, esteja contente ou não, bem-ditoso ou triste, satisfeito ou aborrecido. Só uma coisa importa: estabelecer contato com a alma, alcançar a união (consciente e inteligente) com o Uno. Esta união pode ser efetuada na consciência do plano físico e se manifestar como um sentimento de paz e alegria, mas deve se manifestar como crescente capacidade para servir à raça e servi-la de maneira mais eficiente. Os sentimentos do discípulo são insignificantes, importante é a sua compreensão e utilidade como canal para a força espiritual. É preciso lembrar que no caminho não contam as virtudes nem os vícios (exceto na medida que nos livramos dos pares de opostos). Tudo que conta é o que nos impulsiona para frente no caminho que "brilha cada vez mais até que o dia esteja conosco". Quando um homem é capaz de afastar os olhos de tudo que diz respeito ao físico, emocional e mental e elevá-los e dirigi-los para longe de si mesmo, será consciente da "nuvem sobrepairante de conhecimento espiritual" ou "a nuvem das coisas cognoscíveis", como foi traduzido.

Temos nisso, esotérica e simbolicamente, a indicação de que ante o iniciado (avançado como está) há um progresso ainda maior e outro véu a penetrar. Chegou à grande unificação e consubstanciou alma e corpo. Encontra-se (com respeito aos três mundos) na etapa chamada "unidade isolada", mas outra união é possível, a da alma com o espírito. O Mestre deve se converter em Cristo e, para isso, deve alcançar a nuvem de conhecimento espiritual, penetrá-la e utilizá-la. É desnecessário procurar considerar o que está do outro lado do véu e que oculta o Pai. Segundo o *Novo Testamento*, quando o Pai se comunicou com Cristo, a voz foi emitida de uma nuvem. (Consulte Mateus XVII).

30. Quando esta etapa é alcançada, os obstáculos e o carma são superados.

Os dois versículos que acabamos de estudar conduziram o aspirante do adepto para a etapa do Cristo.

Tudo o que obstruía, velava ou impedia a plena expressão da Vida divina foi superado; todas as barreiras foram derrubadas e os obstáculos removidos. A roda dos renascimentos serviu ao seu propósito e a unidade espiritual, que havia penetrado na forma, levando consigo poderes potenciais e possibilidades latentes, os desenvolveu em toda a plenitude, desabrochando totalmente a flor da alma. A lei de causa e efeito, tal como atua nos três mundos, deixou de controlar a alma liberada; o carma individual foi esgotado e, embora possa ainda estar sujeito ao carma grupal (planetário ou solar), ele próprio nada tem a esgotar nem inicia nada que possa servir para atá-lo aos três mundos com as cadeias do desejo. O próximo aforismo resume para nós a sua condição.

31. Quando, pela remoção dos obstáculos e purificação das envolturas, a totalidade do conhecimento se torna acessível, nada mais resta ao homem por fazer.

O trabalho dual foi realizado. Os obstáculos, que são resultado da ignorância, da cegueira, do ambiente e da atividade, foram eliminados; a rudeza das envolturas foi corrigida e, devido a isso, e mediante a aplicação dos métodos de yoga, todo o conhecimento fica acessível. O iogue está agora cômico da sua onipresença essencial e de que a sua alma é una com todas as almas e, portanto, parte da unidade essencial, da vida onipenetrante, do imutável e ilimitado princípio que é a causa de toda manifestação. É também onisciente porque todo o conhecimento lhe pertence e todas as vias do conhecimento estão abertas para ele. Permanece liberado do campo do conhecimento, mas pode atuar nele; pode utilizar os instrumentos do conhecimento e comprovar tudo que quiser saber, mas ele próprio está centrado na consciência do conhecedor. Nem o espaço nem o tempo podem retê-lo, nem a forma material pode aprisioná-lo; chega para ele a grande consumação, expressa por Patanjali nos três aforismos finais.

32. As modificações da substância mental (ou qualidades da matéria), pela natureza inerente dos três gunas, chegam ao fim, pois cumpriram o seu propósito.

33. O tempo, sequência das modificações da mente, também chega ao fim, dando lugar ao Eterno Agora.

34. O estado de unidade isolada se torna possível quando as três qualidades da matéria (os três gunas ou potências da natureza) deixam de exercer controle sobre o Eu. A consciência espiritual pura se retira no Uno.